UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA FÍSICA

DANIELLE ALBINO

O Rural em Osasco

(Versão Corrigida)

São Paulo
2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA FÍSICA

DANIELLE ALBINO

O Rural em Osasco

(Versão Corrigida)

De acordo
[Assinatura]

São Paulo

2014

DANIELLE ALBINO

O RURAL EM OSASCO

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de Mestre em
Geografia Física.

Orientadora: Prof. Dra. Sidneide Manfredini

São Paulo

2014

ALBINO, Danielle. **O Rural em Osasco**. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Geografia Física.

Banca Examinadora

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

Prof. Dr.

Instituição:

Julgamento:

Assinatura:

APROVADO EM: ____/____/____

**Dedico esta pesquisa a minha avó, cuja saudade inspirou o tema,
ao recordar seus cuidados com o pequeno quintal caipira
e o café fresquinho que encerrava nossa empreitada.**

AGRADECIMENTOS

Esta nota se inicia com meu agradecimento a Deus, fonte primeira de toda inspiração. Posso afirmar que este estudo foi escrito por muitas mãos, surgiu com o enlace de lembranças e com a partilha de conhecimentos de numerosos sujeitos, razão pela qual deveríamos substituir o termo ‘colaborador’ por ‘amigo’ e ‘participação’ por ‘encontro’, elas traduzem de maneira mais fiel o ambiente agradável de realização desta pesquisa. Deixo aqui meu profundo agradecimento a todas as pessoas que acreditaram neste projeto e, sob muitas formas, viabilizaram sua realização.

Eu agradeço ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq) pelo financiamento do estudo. E aos grupos que me receberam oportunizando valiosas experiências de vida: Centro de Atenção à Terceira Idade (CATI), Casa do Violeiro do Brasil e Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria.

Eu agradeço a todos que compartilharam comigo suas histórias e testemunhos de vida: Alaíde Pereira Xavier Feitosa, Boris Melnik, Catharina Andrade Benaglia, Cléria de Souza Viriato, Ione Augusto Viriato, Diovanda Martins de Oliveira, Josete Amélia da Silva, Júlia Zanolim, Lourdes Leme de Andrade, Lourdes Raimundo da Silva, Maria Agostine Fernandes, Maria Aparecida de Freitas, Maria Conceição Pereira Martins, Maria Prado Venitelli, Renato Angelo Pereira, Vicente Napoleão de Oliveira, Vrejhi Sanazar, Josias Nascimento de Jesus (Josias da Juco), Francisco Assis de Oliveira (Mineiro), Nilo Barbosa de Oliveira (Bragantino), Daniel Barbosa de Andrade, Marcos Aurélio Libanori, Alberto José Pereira de Camargo, Regina Márcia Tavares Vasques, Célia Aranha e Hagop Koukdjian Neto.

Eu agradeço a todos que mediaram meu acesso a diversos recursos de pesquisa: Edileusa Silva Malfeti (Museu Dimitri Sensaud de Lavaud), Thiago Mendes (Biblioteca da Fundação Instituto Tecnológico de Osasco), Adriana Tchobanian (Biblioteca Municipal Monteiro Lobato), Adriana Damasio e Cupertino Santos (Nova Acrópole), Maria Ivete U. dos S. Vasconcelos (CATI), Antônio Caldeira e João Luche (Casa do Violeiro do Brasil).

Eu dedico um agradecimento especial à Laura Leal (Câmara Municipal de Osasco), Nulri Souza (Centro de Documentação Histórica de Osasco) e Bruno Maricato Villela (Departamento de Uso do Solo) pelo valoroso empenho e colaboração com a contínua busca de informações.

Eu agradeço a Aline Brito e Daiane de Melo Silva pelo trabalho com a transcrição de áudios, assim como a Bruno Rodrigues do Prado e Marcos Pinheiro pela colaboração com capítulos específicos desta pesquisa.

Eu agradeço a Adriana Pereira Lima, Alexandre Henrique da Silva dos Santos, Keli Cristina de Lima Bechtold, Angélica Simone, Valdenira Silva Santos, Irmã Teresa Angélica do Coração de Maria, Guilherme de Franco, Rogério Dickie e Danilo R. Sousa pelas inúmeras contribuições de vida e de pesquisa.

Eu agradeço a Magno Vitor Togniolo, Maria Regina Dias Leite Togniolo e Magno Santo Togniolo pela presença amiga e incentivadora.

Eu agradeço aos meus pais Valdir Albino e Márcia Regina Paes Albino por me encorajarem ao longo da pesquisa, ao meu irmão Danilo Albino, à minha cunhada Yurie Lacerda, à minha sobrinha Luíza Ferrace e à minha tia Vanda Albino pelo apoio e interesse tão habituais. E agradeço ao meu pequeno Kiko por ser um fiel companheiro, atravessando madrugadas com seu carinho incondicional ao meu lado.

Eu agradeço aos professores Sônia Furian e Sidnei Raimundo pelas valorosas orientações na qualificação da pesquisa e agradeço à professora Ecléa Bosi que despertou em mim o encantamento pela história de vida.

E finalmente eu agradeço às professoras Sidneide Manfredini e Rita de Cássia Silva Barbeta que acreditaram no caminho que eu desejava trilhar e ampararam cada passo do meu percurso, ensinando, estimulando e acreditando na construção de uma perspectiva que pretendia equilibrar-se entre os atributos físicos e humanos da realidade viva.

Estrada que era vermelha de terra
que o progresso trouxe o asfalto cobriu
Estrada que hoje chama rodovia,
Estrada onde um dia meu sonho seguiu,
Estrada que antes era boiadeira,
Estrada de poeira, de sol, chuva e frio
Estrada ainda resta um pequeno pedaço
A poeira do laço que ainda não saiu

Poeira da Estrada

Composição: Rick / João Paulo

RESUMO

As tradições urbanas têm participação antiga no município de Osasco/SP. Sabe-se que a geomorfologia local, marcada pela dinâmica das planícies aluviais, limitou a exploração agrícola das terras, assim como desfavoreceu os processos de ocupação. Sua proximidade com a cidade de São Paulo também promoveu formas de uso do solo profundamente vinculadas às necessidades da capital, de modo que a região se configurou muito mais como uma área periférica à expansão urbana paulistana do que como uma extensão rural dela, assumindo claras funções industriais e suburbanas. O cotidiano local, entretanto, ainda hoje abriga traços de uma cultura rural que não podem ser ignorados, mesmo que as estatísticas oficiais não tenham confirmado a presença de expressivas atividades agrícolas no seu passado. Em linhas gerais, esta pesquisa (financiada pela CNPq) se propôs a investigar a origem desta suposta ruralidade ainda atuante no município, apesar da sua intensa urbanização. A questão da identidade cultural revelou enorme complexidade nessa área: a ampliação do parque industrial na década de 1940 transformou o então subdistrito paulistano num grande pólo de atração populacional, de forma que inúmeros migrantes vivenciaram a transição de uma realidade rural e agrícola para um cotidiano urbano e industrial. Obstante a ampla diversidade cultural que passou a interagir naquele espaço, as identidades rurais e urbanas permaneceram como importantes referenciais para a cultura local, não sendo interpretadas como dualidade de oposição, mas como aspectos complementares daquele cotidiano. Como resultados desta pesquisa compreendemos que: a) os traços culturais verificados no território osasquense poderiam ser considerados rurais na medida em que foram vivenciados pelos migrantes em suas terras de origem e posteriormente reproduzidos no município de destino; b) a persistência de alguns caracteres deve-se à iniciativa de vetores intelectuais que resgataram tradições dentro de uma perspectiva essencialmente cultural, mas que foram assumidas pelos moradores locais como manifestações legítimas de cultura e religiosidade; c) o termo rusticidade utilizado por Antônio Cândido refinou a análise na medida em que desassociou a concepção de cultura rural da ideia de localização rural, ou seja, reafirmava a possibilidade de sua reprodução em contextos de intensa urbanização, tal como verificamos no município. Neste sentido, o fato de não ter existido um passado agrícola expressivo na região não desqualificava a persistência destes elementos da cultura rústica ainda atuantes no cotidiano do município.

Palavras-chaves: cultura rústica, identidade cultural, memória social, história de vida.

ABSTRACT

Urban traditions have old participation in Osasco/SP. It is known that local geomorphology, marked by dynamics of floodplains, limited agricultural farm land, as well as disadvantaged the processes of occupancy. Its proximity to city of São Paulo also promoted using soil deeply linked to needs of capital, so that region is configured much like a peripheral area of São Paulo's urban sprawl than an extension of it, assuming clear industrial and suburban duties. However the local daily life still shelter traces of a rural culture that cannot be ignored, even though official statistics have not confirmed significant agricultural activities in its past. In general, this research (funded by CNPq) set out to investigate the source of this supposed rurality still active in county, despite its intense urbanization. The question of cultural identity revealed enormous complexity in this area: industrial expansion in 1940s transformed the old subdistrict of São Paulo into a large center of population attraction, because of this, many migrants experienced the transition from a rural and agricultural reality to an urban and industrial daily life. Despite the wide cultural diversity that starts interacting in that space, rural and urban identities remained as important references to local culture, not being understood as duality of opposition but as complementary aspects of that daily. As a result of this research, we realized that: a) cultural traits recorded in osasquense territory could be considered rural as they were experienced by migrants in their lands of origin and later reproduced in city of destination; b) persistence of some characters is due to initiatives of intellectual vectors which rescued some traditions within an essentially cultural perspective, but they were assumed by local residents as legitimate expressions of culture and religiosity; c) term rusticity used by Antônio Cândido refined our analysis insofar as unlinked the conception of rural culture from the idea of rural location, in other words, reaffirmed the possibility of its reproduction in contexts of intense urbanization, such as we find in city. In this sense, the fact of there was not a significant agricultural past in the region, does not disqualified the persistence of these elements of rustic culture still actives in city daily life.

Keyword: rustic culture, cultural identity, social memory, history of life.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Foto 01. Demonstração de utilização do lenço para colheita do algodão	35
Foto 02. Fases de crescimento do algodão	35
Foto 03. Fotografia aérea da região central de Osasco (1939/1940)	44
Foto 04. Lago artificial no Parque Glauco Vilas Boas - bairro Jardim Três Montanhas	79
Foto 05. Cavalo em frente ao posto de saúde localizado no bairro Cidade das Flores	97
Foto 06. Cavalos no terreno adquirido em 2008 para o novo campus da Unifesp.	97
Foto 07. Porcos às margens do Rodoanel	98
Foto 08. Bois criados às margens da linha ferroviária.	98
Foto 09. Criação de cavalos às margens do Rodoanel Mário Covas em Osasco.	100
Foto 10. Área de pastoreio dos animais.	100
Foto 11. Ponto de largada da corrida de cavalos e sinalização da saída no poste.	104
Foto 12. Foto do primeiro desfile na cidade após a emancipação (1963)	105
Foto 13. Desfile do Clube dos Cavaleiros Hirant Sanazar (2013).	105
Foto 14. Instalações da Cerâmica Industrial (1915)	107
Foto 15. Transporte de jardineira do início do século XX	109
Foto 16. Grupo Escolar (1906)	111
Foto 17. Grupo Escolar (1932)	111
Foto 18. Retorno dos grupos cavaleiros para as cocheiras após o desfile cívico-militar	112
Foto 19. Cultura material da primeira jornada da Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria (1994)	128
Foto 20. Cultura material da última jornada da Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria (2014)	128

LISTA DE FIGURAS

Figura 01. Localização das propriedades rurais em 1900 e dos bairros em 1990 (sem escala)	15
Figura 02. Hidrografia e hipsometria do município de Osasco.	45
Figura 03. Localização dos aldeamentos e principais núcleos caipiras	66
Figura 04. Osasco em relação ao cinturão caipira (vermelho) e cinturão de chácaras (amarelo)	69
Figura 05. Bairro do Centro (à esquerda) e loteamento no bairro Cidade das Flores (à direita)	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 - Evolução populacional no município de Osasco entre 1920 e 2010.	51
Tabela 02 - Naturalidade da população osasquense (2010)	67
Tabela 03 - Naturalidade da população osasquense por região (2010)	68

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 - Chácaras, sítios e fazendas ao redor do centro (século XIX)	58
Mapa 02 - Vetores de expansão do sítio urbano de Osasco	73
Mapa 03 - Expansão urbana de Osasco (1899-2004).	75

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABAS: Associação Brasileira do Artista Sertanejo
ATO: Associação dos Tropeiros de Osasco e Região
CAO: Comunidade Armênia de Osasco
CATI: Centro de Atenção à Terceira Idade
CDHO: Centro de Documentação Histórica de Osasco
CPMO: Centro de Pesquisa Mokiti Okada
CPTM: Companhia Paulista de Trens Metropolitanos
EMPLASA: Empresa Brasileira de Planejamento Metropolitano
ESALQ: Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz
FEI: Fundação Educacional Inaciana Pe. Sabóia de Medeiros
IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGC: Instituto Geográfico e Cartográfico
JUCO: Juventude Cívica de Osasco
PAE: Programa de Aperfeiçoamento de Ensino
PNL: Programação Neurolinguística
PUC: Pontifícia Universidade Católica
RMSP: Região Metropolitana de São Paulo
SESC: Serviço Social do Comércio
UBS: Unidade Básica de Saúde
USP: Universidade de São Paulo
UNIFESP: Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
I. MÉTODO DE TRABALHO	19
1. IMERSÃO EM PAISAGENS PRETÉRITAS	19
2. NARRATIVAS BIOGRÁFICAS.....	23
3. INFLUÊNCIAS DAS ABORDAGENS BIOGRÁFICAS.....	26
3.1. História Oral (com orientação temática).....	28
3.2. História de Vida.....	29
3.3. Entrevista Convencional.....	33
4. OUTRAS INFLUÊNCIAS.....	34
5. O MÉTODO SE CONSTRÓI JUNTO COM A PESQUISA.....	39
6. FONTES DE CONSULTA.....	41
II. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA	43
1. DIFERENÇAS FUNDAMENTAIS ENTRE O RURAL E O URBANO....	46
2. DELIMITANDO O RURAL EM OSASCO.....	49
3. REALIDADES: EM TRANSIÇÃO <i>versus</i> SOBREPOSTAS.....	54
III.PRIMEIRA FASE: ENTRE O RURAL E O URBANO.....	57
1. CINTURÃO DAS CHÁCARAS.....	57
2. CINTURÃO CAIPIRA.....	63
3. VAZIOS DEMOGRÁFICOS.....	69
4. CONGLOMERADO DE SUBÚRBIO HETEROGÊNEOS.....	75
5. CARACTERIZAÇÃO DAS ATIVIDADES.....	78
5.1. Extrativismo.....	78
5.1.1.Elementos extrativistas no cotidiano atual.....	81
5.2. Agricultura.....	82
5.2.1.Elementos agrícolas no cotidiano atual.....	85
5.3. Pecuária.....	88
5.3.1.Elementos pecuários no cotidiano atual.....	95
6. APONTAMENTOS ICONOGRÁFICOS.....	107

IV.SEGUNDA FASE: INTENSIFICAÇÃO DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS.....	113
1. O SUJEITO MIGRANTE.....	113
2. CONVENCIONALIZAÇÃO: MODELAGEM CULTURAL.....	117
2.1. Renovação linguística.....	118
2.2. Celebrações festivas.....	119
3. MANIFESTAÇÕES CULTURAIS LIGADAS AO MUNDO RURAL.....	123
4. IDENTIDADE CULTURAL.....	134
 CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	146
 APÊNDICES.....	151
 ANEXOS.....	267

INTRODUÇÃO

Os estímulos originais deste estudo apoiaram-se em questões propostas no contexto de duas disciplinas acadêmicas. A primeira indagação surgiu durante as aulas de Pedologia, disciplina obrigatória no curso de bacharelado em Geografia (USP), onde eu participava como estagiária no Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE). Buscando reconhecer seu quadro discente, as professoras doutoras Sidneide Manfredini e Sônia Furian, propuseram aos alunos uma atividade na qual eles deveriam descrever quais contatos mantiveram com o solo ao longo da vida. O resultado deste levantamento nos surpreendeu com uma aparente redução no reconhecimento do solo como elemento integrante da paisagem urbana, pois os relatos descreviam experiências escolares, deslocamentos para áreas rurais ou manipulação de vasos e canteiros. O segundo estímulo surgiu nas aulas de Cultura e Memória Social, disciplina do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (USP), quando a professora doutora Ecléa Bosi abordou a curiosa persistência da cultura caipira nos municípios periféricos à cidade de São Paulo.

A reunião dessas ideias engendrou uma pergunta-chave: de que forma a cultura caipira (modo de vida típico do homem paulista no campo) se reproduzia nestes locais, se os elementos físicos da paisagem e as relações sócio-econômicas já não guardavam mais correspondência com o mundo rural? Este questionamento tornou-se especialmente inquietante para mim: sou descendente de duas famílias italianas que imigraram para o Brasil nos anos de 1892 e 1897, trabalharam nas fazendas cafeeiras do interior paulista e finalmente se estabeleceram na região de Osasco/SP. Sempre observei uma presença marcante de elementos rurais no repertório de lembranças familiares, retratados até mesmo na infância dos meus pais, na década de 1950, tais como: a árvore da fazenda sob a qual minha mãe ouvia música ou o descanso da boiada no campo de futebol que manteve meu pai preso por horas

em cima de um placar de pontos. Essa mesma geração também experimentou as intensas transformações provocadas pela consolidação da realidade urbana e foi rapidamente integrada às atividades industriais que floresceram na cidade entre as décadas de 1940 e 1960.

A inauguração de quatro grandes indústrias¹ na década de 1940, somadas aos empreendimentos fabris mais antigos da região, transformou o então subdistrito paulistano num grande pólo de atração populacional. A expansão urbana, entretanto, não foi planejada: as necessidades das famílias migradas resultaram numa ocupação desordenada das antigas fazendas locais, então loteadas e transformadas em bairros (figura 01). As áreas mais próximas ao centro foram valorizadas pela disputa imobiliária e o subdistrito entrou num processo crescente de perda das suas características rurais (ou pelo menos destes predicados não-urbanos).

Algumas práticas, entretanto, sobreviveram no cotidiano familiar como prováveis remanescentes dessas experiências pretéritas adquiridas no ambiente rural: a manutenção de um quintal caipira, o cultivo de árvores frutíferas e plantas medicinais, assim como o uso de remédios caseiros. A recente perda de minha avó paterna acompanhou uma sensível redução nessas práticas, o que também me levou a indagar sobre a transferência dos costumes entre as gerações e, num contexto maior, se isso se reproduzia no município como um todo.

A presença de associações, eventos e festividades vinculados à cultura rural, assim como o ligeiro sotaque na fala dos moradores locais, instigou questionamentos sobre a atuação destes elementos em um espaço restritamente urbano-industrial. Neste sentido, o trabalho de Antônio Cândido, “Parceiros do Rio Bonito”, seria fundamental para caracterizar os supostos remanescentes de uma cultura tradicional.

¹ Eternit do Brasil Cimento Amianto (1941), Cobrasma (1944), Indústria Elétrica Brown Boveri (1945) e Indústria de Artefatos de Ferro-CIMAF (1946).

antecederam ao exame de qualificação, entretanto, eu não havia conseguido sequer comprovar a existência de empreendimentos agrícolas expressivos no passado da região. Os dados contradiziam insistentemente as hipóteses iniciais sobre aquele sítio geográfico: os vazios demográficos pareciam predominar frente aos espaços habitados e a ideia de um cotidiano rural agrícola cedia espaço ao pulsar de elementos essencialmente não-urbanos. Neste cenário, outra pergunta-chave reorientou a pesquisa: o que efetivamente existiu naquele território antes da realidade urbano-industrial ter avançado sobre ele?

De acordo com Osasco (2013) “o município, a vila ou o distrito de Osasco não apresentavam, em nenhum momento de sua história, vocação para outra natureza de ocupação que não fosse o urbano industrial”. Numerosas bibliografias locais corroboram esta ideia, anunciando a participação antiga das tradições urbanas na região. Em relação aos habitantes do núcleo de povoamento central, por exemplo, Oliveira e Negrelli (1992, p.22) afirmam:

Os imigrantes que vieram habitar o Km 16 no fim do século passado tinham tradição urbana e, a par de desenvolverem técnicas agrícolas, iniciaram um processo artesanal, e a seguir manufatureiro, comercial e de prestação de serviços, o que favoreceu a fixação de mais e mais pessoas neste ponto central. A transformação da atividade manufatureira em industrial e, conseqüentemente, a necessidade de um maior contingente de trabalhadores, também contribuíram para caracterizar Osasco como bairro industrial.

Outros bairros apresentaram características proletárias desde a sua origem, o que demonstra como as relações modernas de trabalho têm raízes antigas na região (OSASCO, 2013). Sobre o bairro de Presidente Altino, por exemplo, Penteado e Petrone (1958, p.103) mencionam: “não se registrou ali a fase de transição. Ora agropastoril, ora comercial, verificada noutras áreas da própria Região de São Paulo”. O texto que Nilo Odalia redigiu como apresentação para o estudo publicado por Oliveira e Negrelli (1992, p.05) também ressalta essa particularidade local:

A importância de Osasco, no contexto da sociedade e economia paulistas e mesmo brasileiras, suas peculiaridades como cidade industrial, suas origens puramente urbanas e industriais, sem nenhuma tradição ligada à terra e à exploração agrícola, que parece sempre foram atividades marginais e pouca influência exerceram sobre o pensamento e a atividade empresarial de seu fundador, Antonio Agu, atrairá, tenho certeza, num futuro não longínquo, a atenção de sociólogos e historiadores.

Todas essas informações nos convidaram a interpretar o sítio geográfico em estudo muito mais como uma área periférica da expansão urbana paulistana do que propriamente como uma extensão rural. Havia, entretanto, uma aparente vinculação entre o cotidiano local e um modo de vida rural que não podia ser ignorado, mesmo que a realidade agrícola não se confirmasse nas estatísticas oficiais.

O fato é que iniciamos a coleta de dados sem uma hipótese clara que orientasse a investigação, o que ampliou nossa receptividade em relação aos conteúdos que emergiam espontaneamente nos depoimentos de histórias de vidas. Isso certamente favoreceu a representatividade deste estudo, limitando a influência de quaisquer inclinações pessoais que pudessem comprometer o resultado final.

De acordo com Coelho, Moreti e Messias (2004, p.89-96), o período que antecedeu a década de 1940 constituiu um tempo de forte dualidade identitária, em que os moradores locais se reconheciam essencialmente a partir de duas categorias: rural e urbana. Os anos que sucederam a essa fase abrigaram processos de grande diversificação cultural, intimamente vinculados à intensificação dos fluxos migratórios. Neste sentido, os autores afirmam:

Osasco nasceu como parte integrante da Região Metropolitana de São Paulo, mas, diferentemente do centro, as relações estabelecidas entre os primeiros habitantes são marcadas por laços afetivos, criando uma bruma de solidariedade que atenua as contradições inerentes às relações capitalistas. Esse foi o estágio embrionário de uma identidade cuja dualidade entre elementos rurais e urbanos esteve sincronizada numa relação dialética. Curiosamente, esse traço reverbera entre antigos e novos moradores que, a partir de suas experiências e expectativas, o re-elaboram. Longe dos registros oficiais, os sinais dessa re-elaboração estão no cotidiano e na memória da população. (COELHO, MORETI e MESSIAS, 2004, p.14)

As transformações desencadeadas na década de 1940 viriam a consolidar a realidade urbano-industrial no município. Na década de 1960, o slogan “Osasco: cidade trabalho” ganhou enorme expressão local, integrando o brasão de armas do município ao lado de duas rodas dentadas e dois martelos que simbolizavam seu caráter industrial. No ano de 2007, entretanto, o município receberia um curioso título identitário, sendo reconhecido junto à Assembléia Legislativa de São Paulo como “Osasco: capital da viola”. Este instrumento musical é muito popular no interior do país, sendo também conhecido como viola caipira ou viola cabocla.

Uma observação superficial desses fatos nos causaria estranhamento, pois trata-se da sobreposição de um ícone urbano por outro essencialmente rural, estabelecidos em contextos territoriais aparentemente contraditórios: na década de 1960, quando surgiu o primeiro emblema, apesar da elevada expressão econômica alcançada pelas indústrias locais, os relatos descrevem amplas extensões de terras devolutas e um estágio de urbanização incipiente no município; por outro lado na primeira década do século XXI, quando surgiu o segundo emblema, já não existia mais sequer a zona rural no município, extinta oficialmente em 1978. Qualquer esforço de análise através do determinismo ambiental encontraria aqui o seu limite teórico, já que o espírito humano não parecia corresponder às ‘vocações’ impostas pelo sítio geográfico. Isso reforçou nossas indagações quanto à identidade cultural do povo osasquense. Desvendar essa aparente contradição tornou-se o objetivo geral desta pesquisa.

I. MÉTODO DE TRABALHO

1. IMERSÃO EM PAISAGENS PRETÉRITAS

Os estudos da paisagem deveriam envolver sempre a experiência da imersão: a abordagem indireta através de recursos cartográficos, estatísticos ou iconográficos promove uma apreensão limitada do seu significado, pois cada paisagem se apresenta como resultado de uma elaboração cultural (SANDEVILLE JUNIOR, 2004).

Diante disso, como poderíamos experimentar essa imersão se o objeto de nossa atenção estava hospedado em paisagens pretéritas? Os testemunhos materiais herdados pela paisagem contemporânea, tais como estruturas industriais desativadas ou feições de relevo antropogênicas, por exemplo, não representavam essa possibilidade, já que o seu isolamento do cenário original nos inspira a mesma ausência de contexto que a exposição de peças em um museu pode sugerir ao visitante.

Optamos, então, por um recurso que mantém conexão viva com esse passado e corresponde a um importante conceito articulador da percepção: a memória. Nossa escolha se baseou na perspectiva apresentada por Bosi (1979, p.43), de que quando um indivíduo se dispõe a compartilhar suas lembranças, ele “tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam”. O trecho abaixo reforça essa visão:

A ação humana se produz neste lugar de interseção no presente, onde o passado é espaço de experiência e o futuro horizonte de expectativas, este é o lugar vivo da cultura. Neste lugar, a experiência humana incorpora vivências próprias e a de outros que lhe foram transmitidas. O passado então pode se condensar ou expandir-se de acordo com a forma como estas experiências são incorporadas. (SILVA et al., 2008, p.08).

A construção de narrativas biográficas apresentou-se como recurso metodológico ideal para os nossos propósitos. Evidentemente, estes depoimentos não podem ser confundidos com a história da cidade, mas eles podem e devem ser reconhecidos como uma narrativa possível dessa história (ALBERTI, 2005, p.17). Assim, iniciamos a busca por voluntários e

estabelecemos dois critérios para sua participação na pesquisa: (a) possuir mais de 60 anos de idade; (b) não apresentar quadros clínicos que tivessem resultado em prejuízo cognitivo global, gradativo ou crônico.

Se levarmos em conta a necessidade de investigarmos períodos que antecederam à fase de consolidação da realidade urbano-industrial, processada entre as décadas 1940 e 1960, alguns participantes mostravam-se demasiadamente jovens para isso, já que o recorte etário apresentado autorizava a participação de pessoas nascidas até o ano de 1953. A opção por manter essa determinação, entretanto, apoiou-se no entendimento de que todos os indivíduos possuem um repertório de lembranças familiares que perpassam suas próprias gerações e que ampliam naturalmente o intervalo de abordagem². Isso nos permitiria não apenas acessar períodos anteriores, como também verificar a transferência das lembranças através do tempo, ao que Pollak (1992, p.201) se refere como “memória quase que herdada”.

Neste sentido, quando as lembranças estão próximas à contemporaneidade do depoente, sua narrativa emerge repleta de vivências pessoais, mas quando as lembranças se distanciam do tempo presente, as contribuições da memória coletiva aparentemente passam a predominar na fala dos participantes. O trecho abaixo nos ajuda a compreender este conceito:

(...) A memória coletiva, propriamente dita, é o trabalho que um determinado grupo social realiza, articulando e localizando as lembranças em quadros sociais comuns. O resultado desse trabalho é uma espécie de acervo de lembranças compartilhadas, que são o conteúdo da memória coletiva. (SCHMIDT e MAHFOUD, 1993, 291-293)

Na fase de desenvolvimento da metodologia, por exemplo, ainda no contexto das aulas de Cultura e Memória Social, realizamos a título de ensaio uma entrevista coletiva com alguns membros de minha família. Solicitamos que as participantes³ descrevessem um fato memorável vivenciado na cidade, sendo eleito como tema de interesse comum: a reconstrução

² Durante o seu depoimento, por exemplo, a senhora Catharina Andrade Benaglia (nascida em 1924) mobilizou lembranças que retratavam as vivências do seu pai na região de Osasco por volta de 1900.

³ Participantes: avó materna (84 anos de idade); tia paterna (67 anos de idade); mãe (56 anos de idade).

da igreja matriz. Sabemos que o antigo templo estava impregnado pela memória popular e a sua reconstrução se configurou como um verdadeiro marco de transformação, tornando-se representativo das mudanças no estilo de vida, ritmos e valores daquela comunidade. De uma forma geral, os relatos associavam elementos positivos (procissões, quermesses, convívio social) ao prédio antigo e mantinham elementos negativos (quermesse seletiva, comunidade enfraquecida) vinculados à nova estrutura.

A demolição da antiga matriz e a construção da nova, qualificada pelas participantes como ‘moderna’, inspirou enorme rejeição na população que habitualmente a descreve como uma igreja feia. Isso provavelmente decorre do fato de que “não há percepção que não esteja impregnada de lembranças” (BERGSON, 2010, p.30).

Para o filósofo Henri Bergson, esse "universo das lembranças não se constitui do mesmo modo que o universo das percepções e das ideias” (BOSI, 1979, p.08). Sua obra descreve a percepção como um espaço raso e pontual, vinculado à exterioridade da matéria, enquanto a memória compõe um espaço profundo e cumulativo filiado à subjetividade do espírito. Isso não significa que tais conceitos estejam funcionalmente desconectados, pois as lembranças possuem a capacidade de influenciar a percepção, assim como as percepções são recursos formativos das lembranças (BOSI, 1979, p.08-10).

Outro fato curioso observado durante essa experiência foi a pouca idade que minha mãe possuía na época da reconstrução. Esse fato nos levou a refletir sobre a possibilidade de que ela estivesse reproduzindo em seus depoimentos algumas opiniões perpetuadas pela memória do seu grupo familiar. O trecho abaixo ressalta essa possibilidade de mescla entre o que realmente foi vivenciado e o que foi apreendido enquanto memória coletiva:

“São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não [...] É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada”. (POLLAK, 1992, p.201)

Essa perspectiva seria marcante na obra do sociólogo Maurice Halbwachs, que aponta o quadro sócio-cultural em que o sujeito está inserido como forte condicionante da sua memória (BOSI, 1979, p.17). As lembranças se mantêm em estado latente no indivíduo e quando ele é chamado a deliberar sobre qualquer assunto, sua consciência realiza uma seleção dos fatos que poderão compor a narrativa. A memória vai se estruturar em torno das preocupações do momento e a pessoa vai manifestar sua representação da forma como ela quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p.205).

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material diferente é descartado, o desagradável alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito, e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (BOSI, 1979, p.28).

Halbwachs ressalta que certos acontecimentos são re-elaborados pelo grupo que os testemunhou, reforçando ou minimizando a importância dos fatos lembrados. De acordo com Bosi (1979, p.28), quando este trabalho de modelagem dos fatos não ocorre, existe uma tendência de predomínio da percepção imediata, descrita por Bergson, entretanto, quando o trabalho de modelagem se faz presente, a tendência é que a percepção imediata ceda espaço para as representações e ideias dominantes no grupo. Ainda segundo Bosi (1979, p.17), “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.”

2. NARRATIVAS BIOGRÁFICAS

A natureza dinâmica da memória nos incentivou a construir os depoimentos num intervalo de tempo que excedia o restrito período da entrevista, permitindo ao participante refletir e reelaborar seus testemunhos, excluindo ou acrescentando elementos à narrativa original. Neste sentido, esclarecemos que suas lembranças poderiam ser alteradas em qualquer fase da pesquisa. Esta resolução expandiu a atividade de rememoração para um período muito maior do que permitiram os encontros oficiais, resultando em numerosas conversas telefônicas e reuniões informais, sem gravação de áudio.

Quando adotamos a memória como recurso de investigação, estávamos conscientes de que não seríamos contemplados com uma sucessão linear de fatos, mas com narrativas impregnadas do cotidiano e do aspecto descontínuo do tempo. De acordo com Bosi (2003, p.13) “estes aspectos são abrangidos pelo que chamavam na Idade Média de ‘crônica’ (não esquecer a raiz *chronos* = tempo) anedótica, tecida de pequenos sucessos, de episódios breves da família, de cenas de rua vividas por anônimos”. Os gregos, entretanto, personificavam o tempo a partir de dois conceitos: *Chronos* indicava seu movimento linear, assegurando aos homens o conforto das rotinas, ao passo que *Kairos* anunciava seu movimento transformador, simbolizando o tempo das significativas oportunidades, sempre indeterminado. Neste sentido, reconhecemos clara predominância de *Kairos* nos depoimentos, já que os fatos rememorados pelos participantes demonstravam notável crucialidade ao encadeamento de suas trajetórias de vida, constituindo elementos definidores para o curso dos destinos relatados.

As narrativas biográficas resultavam, portanto, num material de difícil compreensão e análise, em função das contínuas progressões e regressões da memória sobre as temáticas abordadas. Neste sentido, optamos por editar a composição: reorganizamos a sequência das informações e reunimos os assuntos relacionados dentro de um mesmo parágrafo, excluimos

as repetições e assuntos desconectados com a proposta do trabalho⁴, assim como assinalamos as questões que exigiam maiores esclarecimentos. Todas as alterações foram validadas pelos participantes em novos encontros, nos quais realizamos a leitura do depoimento já reorganizado. Quando eles finalmente manifestavam satisfação com o material produzido e declinavam da necessidade de novos ajustes, nós solicitávamos a autorização de uso da entrevista através de uma carta de cessão (apêndice A).

Notamos que a transcrição inicial dos depoimentos, sendo realizada de forma integral, causou desconforto para alguns participantes, provocando certo estranhamento quanto à manutenção da linguagem coloquial e ao receio de que eventuais erros gramaticais ou de pronúncia ganhassem visibilidade. Por esse motivo, além de editarmos a ordem de exposição dos temas, optamos também pela sua edição gramatical, estabelecendo concordâncias de gênero e número. Seguem exemplos destas edições:

Transcrição Integral⁵: Eu nasci lá no Jardim de Abril, era a Estrada do Bussocaba, o nome da rua, não era rua... era Estrada do Bussocaba, eu nasci no dia 24, não./ no dia 13 de./ já tô errando tudo (risos) no dia 13 de novembro de 1924, era uma casinha de barro, de pau-a-pique que meu pai não./ precisava baixar a cabeça para entrar na porta, porque ele tem./ ele tinha dois metros de altura, meu pai, e a casinha baixinha, coberta de sapê. Nasci no dia 13, né? de novembro de 24.

Texto Editado: Eu nasci no Jardim de Abril, [na] Estrada do Bussocaba, era uma casinha de barro, de pau-a-pique que meu pai precisava baixar a cabeça para entrar na porta, porque ele tinha dois metros de altura e a casinha [era] baixinha, coberta de sapê. Eu nasci no dia 13 de novembro de 1924.

É importante destacar que, inúmeras vezes, os participantes concluíram suas ideias com gestos ou as mantiveram subentendidas no contexto do discurso. Em função disso, todas as adições realizadas no texto original foram demarcadas por colchetes, assim como os esclarecimentos e intervenções realizados pela pesquisadora. O trecho abaixo ilustra este procedimento:

⁴ Por exemplo, detalhes da vida privada revelados em contextos de intensa mobilização emocional.

⁵ Os trechos assinalados com ponto e barra representam interrupções de fala.

Transcrição Integral: Desde a minha infância até a minha adolescência, a gente não tinha muito luxo, essas coisas assim, muito consumismo, é, a própria... acho que a própria fase assim da formação acho que da cidade, né? ela não era voltada tanto, não estimulava tanto, e também nem televisão tinha muito, né? quem tinha televisão naquela época eram as pessoas que tinha muito... (a participante fez o sinal do dinheiro com as mãos).

Texto Editado: Desde a minha infância até a minha adolescência, a gente não tinha muito luxo, muito consumismo, a própria fase da formação da cidade, eu acho, ela não era voltada tanto, não estimulava tanto... [o consumo] e também nem televisão tinha, quem tinha televisão naquela época eram as pessoas que tinham muito [dinheiro].

Estas numerosas intervenções realizadas na transposição do discurso oral para a linguagem escrita são organizadas na obra de Meihy (2005, p.195-203) a partir de três momentos distintos: transcrição (registro integral dos sons), textualização (eliminação das perguntas e erros gramaticais) e transcriação (restituição ao texto dos elementos não verbais). Todas essas intervenções enriquecem a percepção do leitor, são realizadas com o intuito de registrar a atmosfera que envolvia o diálogo no momento em que determinados assuntos foram abordados e resultam num ato criativo que Corrêa (2009, p.50) descreve como “teatralização do que foi dito, tentando recuperar o momento do encontro”.

3. INFLUÊNCIAS DAS ABORDAGENS BIOGRÁFICAS

Sabe-se que a memória se organiza em torno de estímulos oferecidos pelo momento presente, de forma que seu caráter livre e espontâneo torna-se excepcional (HALBWACHS, 1956⁶ apud BOSI, 1979, p.17). Neste sentido, a presença do pesquisador oferece, por si só, um estímulo muito específico à manifestação das lembranças, assim sendo, a maneira como ele provoca a emergência dos conteúdos pode ampliar ou minimizar sua interferência na construção dos relatos.

Os referenciais bibliográficos divergem na maneira como intitulam e classificam as diversas modalidades de coleta dos relatos orais, de modo que optamos por assumir os parâmetros descritos por Silva et. al. (2007, p.28) como orientação para esta pesquisa. Tais autores utilizam o termo ‘abordagens biográficas’ para denominar o conjunto destas modalidades, dentre as quais apresentam História Oral, História de Vida, Biografia e Autobiografia. No que diz respeito aos documentos gerados por cada uma delas, Queiroz (1987, p.06) afirma serem todos muito semelhantes, mas ressalta a necessidade de distinção entre eles, pois encerram diferenças significativas de coleta e finalidades.

Neste estudo aplicamos os pressupostos da História Oral (com orientação temática) e História de Vida, além de entrevistas convencionais para atendimento de algumas necessidades específicas da pesquisa. A principal distinção entre os relatos de História Oral⁷ e os relatos de Histórias de Vida reside no grau de interferência que o pesquisador realiza durante o diálogo com o informante. No primeiro caso, quando o narrador se afasta do tema estudado, o pesquisador pode interromper suas digressões e trazê-lo de volta para o assunto de interesse. De outra forma, na construção das histórias de vida, o pesquisador promove interferências mínimas, de modo que o narrador é quem decide o que deseja relatar. (QUEIROZ, 1987, p.07).

⁶ HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Paris: PUF, 1956.

⁷ Descritos na obra de Queiroz (1987, p. 07) sob a nomenclatura de depoimentos orais.

Como procedimento nesta pesquisa, deliberamos como sendo oportuno credenciar à sensibilidade da pesquisadora a decisão de intervir mais ou menos em cada uma das entrevistas, segundo a necessidade de encaminhamento dos diálogos. Desta forma, as entrevistas de histórias de vida não contaram com uma isenção completa da pesquisadora, mas constituíram a classe em que sua intervenção foi menos pronunciada.

É importante esclarecer que consideramos inapropriada a manutenção do silêncio pelos pesquisadores durante longos períodos de tempo em quaisquer modalidades de entrevista. Por um lado, porque todo diálogo promove expectativas de interação nos participantes, por outro lado, porque o silêncio prolongado pode ser interpretado como desinteresse por parte deles. Cumpre lembrar que a intervenção do pesquisador nos depoimentos não se restringe às palavras com as quais ele interage e que são captadas pelo gravador, mas também ocorre pela sua expressão facial que revela sinais de aprovação, reprovação, interesse ou desatenção em relação aos temas abordados.

Compreendemos, desta forma, que seja possível administrar a interferência do pesquisador nos depoimentos, mas é impossível anular sua presença, na medida em que os relatos são construídos socialmente para ele. O cuidado essencial que deve sempre ser observado reside no sentido do pesquisador evitar orientações de fala, sugerindo temas no decorrer do diálogo, o que descaracterizaria o relato enquanto História de Vida, reaproximando-o dos pressupostos da História Oral (com orientação temática). Assim sendo, nossa pesquisa buscou assegurar a maior espontaneidade possível às lembranças dos participantes, mas depois que as recordações emergiam naturalmente, não nos furtamos ao direito de solicitar maiores ou menores esclarecimentos em relação aos temas abordados.

Neste sentido, temos uma sensível variação no grau de intervenção que pode assim ser organizado: nos registros denominados como entrevista convencional, a pesquisadora participou de forma atuante e intensa, provocando todos os encaminhamentos necessários ao

atendimento de suas dúvidas; nos registros denominados como História Oral (com orientação temática) a intervenção da pesquisadora se concentrou na oferta do tema gerador, o que norteou a fala dos participantes; e nos registros denominados História de Vida, os relatos apresentaram larga liberdade narrativa por parte do depoente.

Apesar de toda essa discussão acerca das interferências promovidas pelo pesquisador, a diferença mais significativa entre o que denominamos relatos de História Oral (com orientação temática) e relatos de História de Vida repousou na formação de um vínculo de maior proximidade e confiança entre a pesquisadora e os participantes na segunda modalidade. De acordo com Silva et al. (2007, p.28) na abordagem da História de Vida “há uma produção de sentido tanto para o pesquisador quanto para o sujeito”. Os subcapítulos a seguir aprofundam o entendimento quanto às condições de aplicação de cada uma das modalidades adotadas.

3.1. História Oral (com orientação temática)

As entrevistas preliminares⁸ desta pesquisa foram construídas no período que antecedeu ao exame de qualificação, momento em que a investigação era conduzida sob outro enfoque. O projeto original previa a reconstituição de paisagens pretéritas, de tal forma que os participantes foram orientados a descrever suas lembranças no contexto daquele espaço geográfico circunscrito. A questão geradora foi assim oferecida: “eu gostaria que você me contasse como vivenciou as transformações da cidade através das várias fases de sua vida”.

Esta dinâmica correspondia aos parâmetros propostos pela História Oral (com orientação temática), modalidade na qual o participante compõe seu relato, realizando os recortes que lhe são mais adequados dentro de uma orientação temática inicial.

A predominância de indivíduos naturais de outros municípios, entretanto, ofereceu uma primeira limitação para essa proposta, pois os relatos não testemunhavam as

⁸ O projeto de pesquisa submetido ao exame de qualificação continha três depoimentos, aqui referenciados como ‘entrevistas preliminares’, sendo: (entrevista 01) Maria Conceição Pereira Martins; (entrevista 02) Cléria de Souza Viriato e Ione Augusto Viriato; (entrevista 03) Catharina Andrade Benaglia.

transformações nas paisagens de Osasco, mas representavam uma perspectiva da cidade, interpretada sob o filtro da história pessoal de cada um dos participantes, fortemente marcada por suas vivências em outras localidades. Hellpach (1967, p.237) demonstra essa relação quando afirma que “muito freqüentemente o homem comum adquire uma completa e consciente experiência da pátria só na terra estrangeira, e muitíssimas vezes é precisamente a paisagem natal que ocupa o primeiro lugar naquela experiência”.

Além dessa restrição, tal abordagem aparentava imprimir algumas orientações ao discurso dos participantes: todas as entrevistas preliminares, por exemplo, foram introduzidas com elementos descritivos e posteriormente convertidas em narrativas, nas quais os participantes associavam vivências e testemunhos aos lugares inicialmente apresentados.

3.2. História de Vida

O desenvolvimento da pesquisa paulatinamente revelou que os pressupostos da abordagem biográfica História de Vida eram mais adequados aos nossos propósitos. Assim sendo, as entrevistas que sucederam ao exame de qualificação adotaram, em sua maioria, essa nova perspectiva: solicitamos aos participantes que relatassem a própria história, sem pleitear qualquer orientação temática. A Teoria da Gestalt ressalta os benefícios oferecidos por abordagens mais amplas, afirmando que somente “através da percepção da totalidade é que a razão pode decodificar e assimilar uma imagem ou um conceito” (MARIN, 2008, p.207). Desta forma, supomos ter incentivado a espontaneidade das recordações e alcançado um correto dimensionamento do município no contexto de cada história pessoal, evitando superestimar esse período de vida em detrimento de outros.

É preciso ponderar que ainda provocávamos alguma orientação temática na fala dos participantes no momento em que oferecíamos o convite para a pesquisa, pois criávamos um

foco de atenção ao anunciar os objetivos da mesma. Esse direcionamento, entretanto, era profundamente mais sutil do que a estimulação empregada na modalidade anterior.

Os esforços empreendidos para encorajar idosos a integrar este estudo se mantiveram restritos à rede de interações sociais da pesquisadora (núcleo familiar, comunidade religiosa, vizinhança, etc) até a validação do método realizada pelo exame de qualificação. A necessidade de assegurarmos qualidade na construção dos depoimentos nos incentivou a iniciar tais procedimentos junto aos participantes com quem tínhamos maior facilidade de acesso, de forma que eventuais complementos de informações ou ajustes de metodologia pudessem ser solicitados sem maiores constrangimentos.

Após a validação do método, entramos em contato com o Centro de Atenção à Terceira Idade (CATI), com o intuito de acessar um público mais heterogêneo. Este equipamento público é administrado pela Secretaria de Assistência e Promoção Social do município e tem como objetivo oferecer atividades que permitam à população idosa manter-se socialmente ativa. De acordo com a psicóloga responsável, Rita de Cássia Silva Barbeta⁹ (informação verbal)¹⁰, a interação social evita situações de isolamento e consequente asilamento.

O contato inicial solicitava apenas autorização para abordarmos os frequentadores com o intuito de convidá-los para participar da pesquisa. O crescente interesse da referida psicóloga, entretanto, resultou numa proposta de integração entre as atividades da pesquisa e a rotina do grupo de acompanhamento psicológico coordenado por ela há mais de 20 anos¹¹. Dentre as atividades do grupo, tivemos a oportunidade de conhecer duas experiências realizadas sob orientação de uma estratégia denominada técnica das reminiscências: (a) na ocasião do aniversário de cinquenta anos da cidade, em 2012, o grupo retratou sua

⁹ Exerce a função de psicóloga no CATI, possui título de mestre em Gerontologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) e, atualmente, integra o corpo docente no curso de administração no Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana 'Pe. Sabóia de Medeiros' (FEI).

¹⁰ Informação fornecida em reunião realizada no CATI em março de 2013.

¹¹ Este grupo reúne idosos semanalmente para discutir aspectos do envelhecimento.

participação nas indústrias locais através de uma linha do tempo que integrava fatos de relevância histórica e biográfica; (b) em outra ocasião, suas histórias de vida foram abordadas com o intuito de estabelecerem projeções pessoais para o futuro, o que foi denominado Projeto de Vida.

É importante notar que existe uma diferença entre o trabalho de reminiscências e o trabalho com a História Oral: o primeiro intenciona a comunicação entre os participantes e não guarda compromisso com o registro, enquanto o segundo recorre às memórias como fonte primária de informação, gerando um registro histórico como produto final (SOUZA, 1999, p.20). Essa diferença, entretanto, não impediu que ocorresse uma associação de propósitos na promoção dessa iniciativa, favorecendo um enlace de benefícios que reuniu as expectativas da pesquisadora, da psicóloga e dos participantes.

A motivação original intencionava promover tais atividades no contexto de um Grupo Focal como estratégia para mobilizar as lembranças. Esta técnica se caracterizava pela mediação contínua de um coordenador sobre os assuntos abordados, utilizando um plano norteador (BACKES et al., 2011, p.440) ou roteiro de debates (NETO; MOREIRA; SUCENA, 2002, p.10). Por tratar-se de uma técnica de entrevista coletiva, nosso intuito seria observar a forma pela qual as memórias se construía socialmente. Optamos então por um grupo heterogêneo com apenas 10 membros, pretendendo alcançar maior profundidade na apreciação dos temas, mesmo que isso representasse uma menor diversidade de opiniões. Se por um lado, esta estratégia realmente incitou o debate, por outro lado, causou uma notável rejeição do grupo às atividades propostas, pois seus membros estavam largamente habituados às reuniões semanais marcadas pela liberdade de fala, ou seja, pela ausência de orientações temáticas.

A perda de espontaneidade que a minha presença provocou nos idosos durante os encontros iniciais despertou nossa atenção sobre a influência do vínculo entre o pesquisador e

o pesquisado, o que estimulou nova alteração de método: refutamos a abordagem do grupo focal e inauguramos uma fase de adaptação na qual eu passei a interagir como membro participante do grupo e não como moderadora durante os encontros. Este enfoque se prolongou por três meses (abril, maio e junho de 2013), resultando numa crescente aquisição de confiança e integração com os participantes. Assim, nos afastamos da abordagem inicial (História Oral, com orientação temática), abandonamos a proposta de um Grupo Focal e assumimos largamente os pressupostos da abordagem biográfica denominada História de Vida, passando a incentivar os laços de envolvimento pessoal.

De uma forma geral, o meu trabalho como pesquisadora se apoiou na compilação de memórias, mais ou menos preservadas e organizadas. Dispor-se a elaborar uma investigação científica com base em elementos tão repletos de emotividade, aparentemente, abrigava alguns riscos, mas é preciso lembrar que o próprio sentimento humano se desenvolve a partir de um lastro cultural, podendo ser ele mesmo objeto de análise. Entendemos que integrar a emoção humana na investigação científica não a torna mais ou menos parcial do que ignorar esse vínculo.

O trabalho realizado junto ao público do CATI abrangeu um período de 09 meses¹² de atividades. A proximidade gerada a partir desse convívio regular nos permitiu conhecer o perfil de cada participante e favoreceu largamente a interpretação dos seus relatos. O fortalecimento do vínculo entre pesquisador e pesquisado ampliou nosso acesso e sensibilidade aos conteúdos emocionais que integravam suas lembranças, assim como favoreceu nossa familiaridade em relação aos gestos e à entonação de voz dos participantes.

A construção dos depoimentos de história de vida foi iniciada no período de férias da psicóloga, de forma que eu pude me reunir individualmente com os participantes para iniciar os registros. De acordo com Souza (1999, p.18), inúmeros profissionais, principalmente da

¹² Início das atividades autorizado em 05/02/13 e reunião de encerramento realizada em 12/11/13.

psicologia clínica, atribuem um caráter terapêutico a essas atividades, o que obrigaria a presença de um profissional habilitado, de outra forma, quando o objetivo é promover a comunicação entre gerações, tais atividades são consideradas apenas instrumentais e podem ser conduzidas por qualquer pessoa após treinamento adequado. Essa perspectiva nos libertou de preocupações quanto à realização das entrevistas na ausência da psicóloga, entretanto, não podemos ignorar a intensa mobilização emocional que o procedimento provocou em alguns participantes. Por este motivo, consideramos conveniente realizar tais atividades sob o amparo de uma estrutura de acompanhamento. É preciso lembrar que na ausência da psicóloga, outros profissionais vinculados ao CATI se mantiveram acessíveis para nos oferecer apoio em circunstâncias de necessidade como, por exemplo, a assistente social e a coordenadora do equipamento.

3.3. Entrevista convencional

Quando a pesquisa avançou com a análise dos dados, sentimos a necessidade de obter algumas informações específicas que não dispunham de referencial bibliográfico adequado, por isso inauguramos o diálogo com pessoas vinculadas a determinados grupos e/ou atividades, tais como: Clube dos Cavaleiros (atuante na década de 1960), Clube de Cavaleiros Hirant Sanazar (atuante desde 2010), Casa dos Violeiros do Brasil, Selaria Bridle e Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria.

Estes diálogos foram conduzidos na forma de uma entrevista convencional, onde solicitamos a apreciação de determinados temas. Inúmeros testemunhos e experiências pessoais também se apresentaram ao longo destes depoimentos, entretanto, consideramos importante mencionar que tais relatos não foram construídos dentro dos pressupostos do método engendrado pelas entrevistas de história de vida, caracterizadas na sessão anterior.

4. OUTRAS INFLUÊNCIAS

Além da abordagem metodológica, outros aspectos influenciaram na construção dos depoimentos, dentre os quais, o **cenário** de realização dos encontros. Parte das entrevistas, por exemplo, foi realizada na residência dos participantes, onde a familiaridade do espaço lhes proporcionava maior conforto, assim como constituía um ambiente de imersão propício à mobilização das lembranças, já que objetos, fotografias e documentos mantinham-se acessíveis e incitavam novas recordações. Esta dinâmica também se verificou, em menor escala, com as entrevistas concedidas nas dependências do espaço profissional dos depoentes.

Duas entrevistas deram-se no contexto de um espaço público, sendo obtidas durante exposição indígena¹³ realizada nas instalações de um shopping local. Embora existisse uma atmosfera de valorização das identidades culturais motivada pela própria temática da exposição, a situação de trânsito e comércio que o local inspirava provocou inúmeras interrupções de fala. Notamos que o envolvimento emocional destes participantes se manteve estável, predominando uma narrativa objetiva dos fatos ao invés da introspecção natural a que o procedimento normalmente conduz. Observamos também que tais depoimentos foram os mais concisos de toda a pesquisa, provavelmente em função deste cenário.

Outro cenário de entrevistas se abrigou nas instalações do CATI. Embora tais encontros se processassem no contexto de um espaço formal, o longo período de preparo e mobilização para essa atividade colaborou na construção de uma atmosfera adequada aos depoimentos. A continuidade temporal da atividade também permitiu que elementos da cultura material fossem trazidos pelos participantes com o intuito de serem compartilhados com a pesquisadora e com o grupo. O senhor Vicente Napoleão de Oliveira, por exemplo, relatou aos colegas suas experiências na colheita, demonstrando como era amarrado o lenço que abrigava o algodão (foto 01), assim como as suas fases de crescimento (foto 02).

¹³ Exposição e comercialização de produtos indígenas, fotos e danças, realizada entre 15/04/13 e 27/04/13, integrando a programação da 7ª Semana dos Povos Indígenas de Osasco, cujo lema foi: “Resgatando a cultura Pankararé: lutas e conquistas”.

Foto 01: Demonstração de utilização do lenço para colheita do algodão.

Autoria: Danielle Albino (data: 27/05/2013)

Foto 02: Fases de crescimento do algodão.

Autoria: Danielle Albino (data: 27/05/2013)

Outro aspecto que influenciou o produto final das entrevistas foi o grau de **envolvimento pessoal** dos participantes com a pesquisa. Notamos que cada um dos depoentes atribuiu um significado pessoal e uma destinação específica para o material que estávamos produzindo: alguns o compreenderam como uma recordação de vida para a próxima geração, outros como um recurso para expressar aos familiares alguns conteúdos que não conseguiam expressar pessoalmente e ainda outros o significaram apenas como um ato de colaboração com a pesquisadora, atribuindo reduzida importância pessoal. Curiosamente, essa última postura normalmente se modificava após a leitura do material produzido, momento em que os conteúdos emocionais frequentemente emergiam com maior intensidade.

Esse grau de envolvimento pessoal repercutiu numa maior ou menor necessidade de precisão dos dados informados e de revisão dos depoimentos. Relembrando a ideia de Pollak (1992, p.205), de que a pessoa vai manifestar sua representação sob a forma como ela quer ser percebida pelos outros, notamos que alguns trechos foram extraídos ou modificados nos relatos depois que os participantes definiram sua motivação pessoal para o material produzido e estabeleceram quais pessoas do seu círculo de relações sociais teriam acesso ao mesmo.

Outro aspecto que instigou nossa reflexão refere-se ao momento em que os participantes do CATI foram comunicados sobre o início das novas atividades: o primeiro questionamento levantado por eles junto à psicóloga Rita de Cássia Silva Barbeta foi a minha naturalidade; aparentemente o fato de eu ser ou não ser osasquense imprimia uma **marca de identidade** e qualificava as intenções do meu estudo frente ao grupo. Essa busca constante por similaridades entre as suas narrativas e o meu cotidiano foi um comportamento recorrente em todos os depoimentos, o que se revelou principalmente em três circunstâncias: rede de relações sociais, referências espaciais pretéritas e desconstrução-reconstrução de paisagens.

A primeira perspectiva aponta para o reconhecimento da **rede de relações sociais**. Notamos um esforço dos participantes em descrever conexões genealógicas ou relações sociais com meus familiares: relações de parentesco tão extensas ou distantes que mal podiam ser compreendidas e que, muitas vezes, se resumiam aos laços de compadrio. A existência de uma rua com o nome do meu bisavô paterno (Rua Vitório Tafarello) e de um ginásio de esportes com o nome de meu primo de segundo grau (Ives Tafarello) constituiu referencial suficiente de identidade para muitos participantes, pois eles puderam reconhecer qual família eu integrava.

A segunda perspectiva aponta para o posicionamento de **referências espaciais pretéritas**. Notamos um esforço de contínua descrição do que existe atualmente nos lugares mencionados durante as narrativas. Neste sentido, os participantes situaram numerosas localidades, dentre as quais citamos a título de exemplo: uma triparia localizada na atual loja de materiais de construção e um casarão mal assombrado na atual rua do fórum da cidade. É curiosa também a manutenção de referências espaciais que deixaram de existir, mas que permanecem tão funcionais na fala dos moradores locais que dispensam explicações de posicionamento. Isso se aplica, por exemplo, com a fábrica do Granada, a cerâmica Hervy e o frigorífico Wilson. Nem todas essas referências foram registradas nos depoimentos desta pesquisa, mas são rotineiras nas conversas coloquiais entre os munícipes.

A terceira perspectiva aponta para uma dinâmica de **desconstrução e reconstrução das paisagens**. Notamos que a reação imediata dos participantes ao serem esclarecidos quanto ao objetivo da pesquisa era descrever o que não existia na cidade em ‘sua época’, relatando a ausência dos elementos da infra-estrutura urbana como a pavimentação das ruas, luz elétrica e água encanada. Os participantes iniciavam seus discursos desconstruindo a minha percepção da cidade, para então reconstruí-la com as imagens mentais da ‘sua época’. Em algum sentido isso evidencia que as narrativas não eram apenas influenciadas pela presença da pesquisadora,

mas eram construídas para ela. Se por um lado isso tornava meu trânsito pela configuração dessas paisagens pretéritas mais confortável, por outro lado, poderia significar que os participantes estivessem elaborando sua narrativa na direção daquilo que eles imaginavam que eu desejava ouvir. Em relação a isso, Schmidt e Mahfoud (1993, p.295-296), afirmam que “o narrador não é indiferente ao pesquisador como representante de um outro grupo e, portanto, sua narrativa é, inclusive, um diálogo com este grupo que o pesquisador representa”. Esta tendência se mostrou mais acentuada nas entrevistas preliminares do que naquelas que foram construídas sob a modalidade da história de vida, provavelmente como reflexo da orientação temática promovida pela primeira abordagem.

A quantidade de depoimentos não foi rigidamente determinada, mas obedeceu às necessidades de informação da pesquisa, totalizando um conjunto de 22 narrativas com a participação de 24 colaboradores. Essa diferença se deve à realização de uma entrevista coletiva (entrevista 16) e à integração das lembranças de uma acompanhante ao depoimento de sua mãe (entrevista 03).

O impulso de participação que as reminiscências causam nos acompanhantes dos sujeitos entrevistados é notável. O encontro realizado com as senhoras Cléria de Souza Viriato e Ione Augusto Viriato (respectivamente mãe e filha) exemplifica este comportamento, pois ao final do encontro tínhamos um material de excelente qualidade construído por ambas, entrevistada e acompanhante, quando a dinâmica original da técnica previa apenas uma explanação individual. Outro aspecto relevante é que as lembranças dos acompanhantes mantêm um grau de individualidade, compondo quadros singulares que se cruzam em diversos momentos com a linha de exposição do entrevistado, podendo gerar complementaridade ou conflito de informações. Quando atentamos para esta dinâmica, conseguimos evidenciar a construção social da memória.

5. O MÉTODO SE CONSTRÓI JUNTO COM A PESQUISA

Como o leitor pode identificar nas páginas anteriores, a opção metodológica da pesquisa foi reorientada inúmeras vezes, de forma que sua configuração final tornou-se condizente com a necessidade de aquisição de dados imposta pelo próprio tema abordado.

Essa dinâmica, entretanto, nos obrigou a abandonar ideias interessantes, que não puderam ser adotadas em função da pequena disponibilidade de tempo para sua operacionalização. Por este motivo, optamos por registrar aqui a proposta de uma abordagem possível, de forma que futuras pesquisas possam se apropriar dessa ideia e desenvolver nossa sugestão.

Uma das intenções originais desta pesquisa previa a definição de parâmetros que nos orientassem durante a análise dos depoimentos, com o intuito de confirmar ou rechaçar a presença de elementos da cultura caipira na fala dos participantes. O estudo de referência que nos conduziu pela cultura caipira foi elaborado por Antônio Cândido, sendo denominado “Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e as transformações de seus meios de vida.”.

A complexidade e riqueza desta obra, entretanto, nos levou a considerá-la como uma fonte inesgotável de reflexões sobre esta temática. Por este motivo, lançamos uma proposta de organização dos elementos apresentados em sua exposição como forma de melhor visualizarmos os aspectos abordados, sugerindo a organização dos temas a partir de três esferas: epistemológica, produtiva e cultural.

De acordo com Toledo (2000)¹⁴ apud Alves e Marques (2005, p.328), o saber deve ser analisado sob três domínios: *corpus* que consiste no repertório de conhecimentos de um povo; *práxis* que consiste no conjunto de práticas de um povo; e *kosmos* que consiste no sistema de crenças de um povo. Acreditamos que a elaboração de um quadro de indicadores, extraídos da

¹⁴ TOLEDO, V.M. Indigenous knowledge of soil: an ethecological conceptualization. In: BARRERA BASSOLS, N.; ZINCK J.A. **Ethnopedology in a worldwide perspective**. Enschede, International Institute for Aerospace and Earth Sciences, 2000.

obra de Cândido (1998), poderia favorecer a caracterização cultural em trabalhos vindouros, não constituindo em si uma orientação objetiva e estanque de categorização, mas um recurso extra para dispor este olhar sobre tal realidade.

A composição adequada desta proposta, entretanto, exigia uma dedicação que excedia o tempo disponível para integrar este estudo, razão pela qual descrevemos essa ideia como proposição de continuidade para a pesquisa.

6. FONTES DE CONSULTA

Esta explanação inicial pretendeu avaliar e justificar as escolhas metodológicas desta pesquisa. Os relatos correspondem, portanto, à seguinte distribuição:

APÊNDICE B: História Oral (com orientação temática)

Entrevista 01: Alaíde Pereira Xavier Feitosa

Entrevista 02: Catharina Andrade Benaglia

Entrevista 03: Cléria de Souza Viriato e Ione Augusto Viriato

Entrevista 04: Maria Conceição Pereira Martins

Entrevista 05: Renato Angelo Pereira

APÊNDICE C: História de Vida

Entrevista 06: Boris Melnik

Entrevista 07: Diovanda Martins de Oliveira

Entrevista 08: Josete Amélia da Silva

Entrevista 09: Júlia Zanfolim

Entrevista 10: Lourdes Leme de Andrade

Entrevista 11: Lourdes Raimundo da Silva

Entrevista 12: Maria Agostine Fernandes

Entrevista 13: Maria Aparecida de Freitas

Entrevista 14: Maria Prado Venitelli

Entrevista 15: Vicente Napoleão de Oliveira.

APÊNDICE D: Entrevista convencional

Entrevista 16: Alberto José Pereira de Camargo e Regina Márcia Tavares Vasques

Entrevista 17: Daniel Barbosa de Andrade

Entrevista 18: Francisco Assis de Oliveira

Entrevista 19: Josias Nascimento de Jesus

Entrevista 20: Marcos Aurélio Libanori

Entrevista 21: Nilo Barbosa de Oliveira

Entrevista 22: Vrejhi Sanazar

É importante mencionarmos a enorme quantidade de diálogos informais dos quais participamos, o que nos permitiu trabalhar com um volume de dados muito maior do que aqueles que ficaram registrados nos depoimentos orais presentes nesta pesquisa. Estas contribuições foram identificadas ao longo do texto como informações verbais ou informações pessoais.

Cumpre também destacarmos a pronunciada participação da iniciativa particular na manutenção de acervos e difusão de informações históricas relacionadas ao cotidiano local. Dentre os cidadãos que abrigam este comportamento espontâneo e contribuíram com esta pesquisa temos Laura Conceição de Souza Leal, que produz artigos e publicações autônomas sobre a histórica local, Hagop Koulkdjian Neto que disponibiliza um acervo digital¹⁵ de imagens e textos de interesse histórico, além de Lucas Pavão (PAVÃO, 2010) e Marino Cafundó de Moraes (MORAES, 2000) que empreenderam produções autobiográficas.

As páginas a seguir reúnem as reflexões construídas na interface entre todos os registros (bibliográficos, documentais, cartográficos, iconográficos e depoimentos orais) consultados ao longo desta pesquisa. Se esta composição final encontrar ressonância nas impressões daqueles que vivenciaram o cotidiano desse sítio geográfico, então estaremos convencidos de ter cumprido com o nosso intuito ao adotar esta metodologia.

¹⁵ Disponível em: <www.hagopgaragem.com> (acesso em: 25/06/14)

II. CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

O município de Osasco possui 64,954 km² de área e integra a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), localizando-se à 18 km de distância da capital. Segundo os dados do censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, o município possui 666.740 habitantes e densidade demográfica de 10.411,79 hab./km².

Localiza-se entre 23°29'10"S de latitude e 46°47'39"W de longitude, com altitude média de 760m. Segundo a classificação climática de Köppen, é uma região de clima temperado úmido, com inverno seco e verão quente (classe: Cwa), possui temperatura anual média de 20°C e índice pluviométrico médio de 1.429 mm¹⁶.

O Rio Tietê atravessa o município no sentido leste-oeste e constitui o principal corpo hídrico da região. O seu percurso original apresentava meandros nessa área como resposta às baixas declividades locais. A fotografia aérea obtida em 1939/1940 (foto 3) nos permite observá-los na parte superior da imagem.

O relevo local (figura 02) apresenta três feições: a) as várzeas constituem o principal elemento geomorfológico da região, sendo mais extensas na confluência entre os rios Tietê e Pinheiros e na jusante da ilha fluvial de São João, as inundações provocavam a acumulação periódica de areias e argilas holocênicas, dinâmica que seria interrompida com as obras de retificação desses rios; b) os terraços fluviais se sobrelevam às várzeas e abrigam sedimentos mais antigos, pois deixaram de acolher as inundações mais recentes; c) em direção aos extremos norte e sul elevam-se as colinas de modesta altitude, ladeando as várzeas e em contato com os terraços fluviais. (PENTEADO e PETRONE, 1958, p.92-94).

¹⁶ Disponível em: <www.cpa.unicamp.br/outras-informacoes/clima_muni_390.html> (acesso em: 05/05/13)

Foto 3: Fotografia aérea da região central de Osasco (1939/1940)

Autoria: Instituto Geográfico e Cartográfico (IGC/USP)

Fonte: www.camaraosasco.sp.gov.br/osasco/fotos/imagens5/402.jpg

As amplas planícies aluviais integravam um eficiente sistema de dissipação de energia, absorvendo os excedentes hídricos dos períodos chuvosos. A água então ficava retida, o que aparece em inúmeros relatos sob a descrição de brejos e áreas alagadiças. Em relação a isso, a inspeção sanitária realizada em 1939 afirma:

Embora apresente algumas elevações de terreno, Osasco pode ser considerado quase um descampado, cujas condições são relativamente saudáveis, com exceção das zonas ribeirinhas ao Tietê por ocasião das enchentes. Por estas ocasiões o rio transborda e forma inúmeras lagoas. Ao voltar a seu leito normal estas lagoas permanecem e, se o sol não as vem evaporar, logo tornam-se verdadeiros focos de mosquitos, pois a nula declividade desta zona não permite uma drenagem natural das mesmas. (OLIVEIRA e NEGRELLI, 1992, p.59)

Se, por um lado, tais características físicas do sítio geográfico desfavoreceram a exploração agrícola e dificultaram a ocupação demográfica das terras osasquenses, por outro lado, sua proximidade em relação à capital configurava uma situação geográfica interessante, na medida em que abrigava significativas potencialidades logísticas.

Figura 02. Hidrografia e hipsometria do município de Osasco.

Fonte: www.camaraosasco.sp.gov.br/osasco/mapas/mapa9.jpg

1. DIFERENÇAS FUNDAMENTAIS ENTRE O RURAL E O URBANO

O acelerado avanço dos processos de urbanização sobre os espaços rurais, intensificado a partir da II Guerra Mundial, despertou na comunidade científica indagações sobre um iminente desaparecimento do modo de vida rural e reforçou “proposições que assinalavam as particularidades da organização social rural em relação aos sistemas globais, bem como as diferenças entre o rural e o urbano” (SILVA e ROCHA, 2011, p.12).

No ano de 1929, Sorokin, Zimmerman e Galpin, haviam publicado um importante trabalho que enfatizava os contrastes entre tais formações sócio-espaciais. O artigo intitulado "Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano" propunha nove elementos de investigação: diferenças ocupacionais; diferenças ambientais; diferenças no tamanho das comunidades; diferenças na densidade populacional; diferenças na homogeneidade e na heterogeneidade das populações; diferenças na diferenciação, estratificação e complexidade social; diferenças na mobilidade social; diferenças na direção da migração; e diferenças no sistema de integração social (MARTINS, 1981, p.198-224). Essa obra se tornou uma importante referência para estudos conduzidos pela perspectiva dicotômica, entretanto, a ideia de um *continuum* existente entre espaços rurais e urbanos também deve ser atribuída a esses autores (REIS, 2006, p.04).

A concepção original do *continuum* descrevia uma polarização marcada pelos contrastes, por isso anunciava realidades antagônicas. Em 1947, entretanto, essa perspectiva foi retomada por Redfield, através de uma abordagem que enfatizava a intensidade das relações, no sentido de “evidenciar uma maior relação entre os espaços opostos, diluindo ainda mais as diferenças verificadas pelos clássicos nas primeiras décadas do século XX” (REIS, 2006, p.04).

Neste mesmo sentido, Smith (1947, p.04) ¹⁷ apud Rios (1979, p.87), ressalta a inexistência de “um grau definitivo de urbanização ou ruralização, e sim um fluxo de características em que o rural e o urbano, em vez de constituírem simples partes de uma dicotomia, tendem a situar-se ao longo de uma escala [...]”. Isso não significa que as peculiaridades do espaço rural desaparecessem num contexto de interações acentuadas, pelo contrário, ele “mantém particularidades históricas, sociais, culturais e ecológicas, que o recortam como uma realidade própria, da qual fazem parte, inclusive, as próprias formas de inserção na sociedade que o engloba.” (MARQUES, 2002, p.32)

Não podemos ignorar uma terceira abordagem que introduz a questão das descontinuidades existentes na paisagem. De acordo com ela, devemos optar por uma ou outra perspectiva conforme as características do quadro regional estudado: nos espaços onde a industrialização e a urbanização são intensas, por exemplo, a presença do *continuum* se torna mais notória, de outra forma, nos espaços “onde a população permanece no campo e a urbanização e industrialização são incipientes, a dicotomia baseada na conceituação tradicional provavelmente é a mais adequada para explicar as relações entre os espaços rural e urbano” (SILVA e ROCHA, 2011, p.16).

As três vias apresentadas são imprescindíveis ao entendimento e se mantêm atualmente em uso pelas ciências sociais na tentativa de explicação das relações rural-urbanas. Porém, atualmente esse debate encontra-se revestido por novas complexidades. (SILVA e ROCHA, 2011, p.17)

Tais complexidades envolvem a própria diferenciação no significado que os conceitos de rural e urbano expressam tradicionalmente. De acordo com Izique (2012, p.203), essa transformação tornou-se mais evidente a partir da década de 1980, quando as estatísticas passaram a registrar um crescimento no total da população ocupada nas zonas rurais, ao mesmo tempo em que atestavam uma queda de sua participação no setor agrícola.

¹⁷ SMITH Thomas Lynn. **The Sociology of Rural Life**. New York: Harper & Brothers, 1947.

A superação da concepção de rural como mero espaço da atividade agrícola ou como área residual das cidades delimitadas administrativamente é um exemplo dessa nova ordem reflexiva sobre o rural. Adicionalmente, as considerações sobre o urbano passaram a operar com significados diferenciados, para além do sentido limitado de centro administrativo ou de aglomeração populacional. (SILVA e ROCHA, 2011, p.18)

Considerando o conjunto desses apontamentos teóricos, optamos por enfatizar a descrição dos processos ao longo desta pesquisa, relativizando a importância que usualmente é atribuída aos critérios classificatórios, os quais poderiam limitar nosso olhar frente às particularidades apresentadas pela área em estudo. Além disso, os espaços tornam-se cada vez mais homogêneos, o que Claval (1999, p.50) denomina uniformização do mundo promovida pela técnica, contexto em que as representações de mundo ganham maior importância. Cumpre lembrar que ambos, rural e urbano, podem coexistir na dimensão cultural de um determinado grupo (Sidnei Raimundo, informação verbal¹⁸).

¹⁸ Conversa realizada durante a defesa desta dissertação (18/08/14) - ideias acrescentadas na fase de revisão.

2. DELIMITANDO O RURAL EM OSASCO

O município de Osasco manteve, após a sua emancipação política em 1962, a mesma configuração territorial que possuía quando ainda era um subdistrito de São Paulo. As divisas referentes aos perímetros rural e urbano do novo município foram instituídas pelo decreto nº 42, publicado em 28 de dezembro de 1962, e receberam duas atualizações desde então:

16/11/1966: o decreto-lei nº 88 estabeleceu a criação de uma zona de expansão urbana.

21/12/1978: o decreto-lei nº 1516 converteu todo o território municipal em zona urbana.

Os critérios aplicados em diversos países para identificar áreas rurais e urbanas demonstram a predominância de alguns elementos, geralmente aplicados de forma combinada: definição político-administrativa ou legal, tamanho populacional, ocupação da população e densidade demográfica (GIRARDI, 2008, p.10). A definição oficial brasileira apóia-se exclusivamente na localização dos domicílios: para o IBGE, são urbanas as sedes municipais (cidades) e as sedes distritais (vilas), cujos perímetros são definidos por lei municipal. Os critérios utilizados pelo município de Osasco para a delimitação destes perímetros, entretanto, não puderam ser confirmados através de nenhum órgão oficial.

Sabe-se que a criação do novo governo foi laboriosa em numerosos aspectos, pois diante da autonomia recém-conquistada pelo município, o governo paulistano reduziu rapidamente sua participação na vida da cidade: o recolhimento de móveis e equipamentos, a retirada de caminhões da coleta de lixo e a intenção de remanejar os professores da rede pública de ensino teriam causado perturbações em algumas atividades cotidianas, além disso, ao recusar o repasse do cadastro imobiliário que orientava o recolhimento da receita municipal, ele teria acentuado drasticamente as dificuldades operacionais do novo município (OSASCO, 2013). Segundo Nulri Souza (informação pessoal¹⁹), funcionária do Centro de Documentação Histórica de Osasco (CDHO), “é lugar comum na bibliografia sobre a história

¹⁹ Informação fornecida em 18/12/13 às 14h39 via email.

de Osasco essa ideia de que São Paulo se recusou a mandar para a cidade o registro de imóveis, no entanto, eu nunca encontrei um documento mais consistente que afirmasse isso”.

Sabe-se que a primeira administração local solicitou a realização de um levantamento aerofotogramétrico através do projeto de lei nº 34, protocolado em 09 abril de 1962 (anexo A), com o objetivo de elaborar a planta geográfica do novo município. Esse levantamento poderia ter servido como subsídio para a demarcação dos limites entre o perímetro urbano e o perímetro rural, oficializado através de memorial descritivo no decreto nº 42/62 (anexo B).

De acordo com o Departamento de Cadastro e Geoprocessamento²⁰, entretanto, não há materiais disponíveis nos arquivos municipais que nos permitam comprovar a realização de um levantamento aerofotogramétrico no ano de 1962. A enorme restrição financeira pela qual passou o jovem município, provavelmente tenha sido um fator de impedimento à realização deste projeto, efetivamente consumado apenas em 1966. Ainda assim, de acordo com o mesmo departamento²¹, a primeira planta do município (anexo C) viria a ser elaborada a partir de plantas anteriores à emancipação política, compondo a primeira proposta de ordenamento do uso do solo no ano de 1967.

Essa atmosfera de disposições urgentes que caracterizou a fase inicial da administração local talvez possa justificar a ausência de um arquivo histórico organizado que possibilitasse a identificação dos critérios aplicados na delimitação dos perímetros municipais em 1962. De acordo com Laura Leal (informação verbal²²), funcionária da Câmara Municipal de Osasco, o limite dos loteamentos então já existentes, poderia ter sido adotado como referência para o primeiro zoneamento, mas a escassez de documentos provoca hesitações sobre o que realmente aconteceu nesse período.

²⁰ Informação fornecida em 11/12/13 às 11h30 via email.

²¹ Informação fornecida em 09/04/14 às 10h57 via email.

²² Conversa telefônica realizada em 20/12/13.

Toda essa reflexão deve ser encarada com cautela, pois são apenas elucubrações tomadas perante informações esparsas e, por vezes, contraditórias às quais tivemos acesso, ainda assim faz-se necessário um levantamento historiográfico detalhado para concluir tais suposições. Infelizmente não localizamos nenhum material cartográfico que demarcasse graficamente o limite entre o perímetro rural e o perímetro urbano na época. De acordo com o Departamento de Cadastro e Geoprocessamento²³, mesmo que esse mapeamento tivesse sido providenciado nos anos imediatos, não teria sido preservado nos arquivos municipais.

De qualquer forma, quando lançamos um olhar sobre a evolução histórica deste município, nos deparamos com uma realidade tão heterogênea em termos sociais e econômicos, que torna-se precária a utilização de conceitos como ‘rural’ e ‘urbano’ enquanto categorias rígidas. A coexistência de atividades com naturezas distintas, funcionalmente vinculadas ou não, foi um elemento constante no desenvolvimento econômico local.

Neste sentido, Langenbuch (1968, p. BG4), questiona os dados do recenseamento realizado em 1960, no qual a população rural apresenta números muito superiores aos da população urbana²⁴. Os dados censitários apresentados abaixo dimensionam o crescimento populacional no município de Osasco ao longo do tempo (tabela 01).

Tabela 01 - Evolução populacional no município de Osasco entre 1920 e 2010.

	1920 ¹	1930 ¹	1940 ²	1950 ²	1960 ²	1970 ³	1980 ³	1991 ³	2000 ³	2010 ³
Urbana	-	-	-	-	36.086	283.073	474.544	568.225	652.593	666.740
Rural	-	-	-	-	79.994	0	0	0	0	0
Total	4.128	11.528	15.128	43.427	116.080	283.073	474.544	568.225	652.593	666.740

Fontes: ¹Câmara Municipal de Osasco (2011) - ²Langenbuch (1968) - ³IBGE (Sidra, tab.202)

²³ Informação fornecida através de conversa telefônica em 12/07/2013.

²⁴ Em relação à década de 1960, a tese de Langenbuch (1968) apresenta um total de 116.240 habitantes em Osasco (p.G94), entretanto, indica a presença de 79.994 habitantes na zona rural (p.BG3) e 36.083 habitantes na zona urbana (p.G74), o que somaria 116.077. Esta breve nota intenciona registrar esta pequena inconsistência nos dados estatísticos apresentados.

O autor ainda reclama a ausência de uma distinção nos recenseamentos entre “população rural agrícola” e “população rural não-agrícola”, valorizando o aspecto funcional em suas análises. Isso significa que os resultados do censo poderiam estar abrigando sob a categoria de ‘população rural’, uma parcela significativa de habitantes que já exerciam atividades econômicas desvinculadas do campo, ou seja, a sua presença nessas áreas indicaria, para o autor, muito mais a existência de núcleos suburbanos nascentes do que uma população efetivamente rural. O trecho abaixo descreve essa associação:

Não é exagero afirmar-se que a metrópole em certo sentido depende de seus arredores rurais. Assim é que os arredores rurais da cidade [de São Paulo] podem ser rotulados de ‘subúrbio’ visando distingui-los das áreas rurais sitas a maior distancia, e que já não encerram mais as relações funcionais e a estrutura que caracterizam aqueles. (LANGENBUCH, 1968, p.H28)

O recenseamento de 1970, de outra forma, não registra mais a presença da população rural no município de Osasco, embora ainda existisse oficialmente em seu território um perímetro rural, que viria a ser extinto apenas em 1978. Essa informação reforça a hipótese de que as funções suburbanas predominassem na zona rural osasquense, mas não deve anular a perspectiva de que existia uma população ainda vinculada às funções agrícolas no município.

Langenbuch (1968, p. BG4), por exemplo, apresenta uma crítica às publicações realizadas pelo Departamento de Estatística do Estado, ressaltando que a agricultura em Osasco, apesar de pouco expressiva, não deveria ter sido omitida nos levantamentos realizados por tal departamento. Os relatos obtidos ao longo desta pesquisa também testemunham tais atividades, apontando não apenas para o exercício do autoconsumo, como também para uma dinâmica econômica de abastecimento local. A atividade mencionada abaixo foi exercida na segunda metade da década de 1960:

[Nessa época], meu pai plantou milho e mandioca ali no City Bussocaba, aonde é o parque [Chico Mendes] hoje, [porque] antes era uma chácara. [Eu] não sei como foi que ele arrumou, se ele dava alguma coisa para alguém, [mas eu] sei que ele plantou milho e mandioca [e o] meu irmão ia com uma carrocinha lá no bairro vendendo. (**entrevista 15** - Vicente Napoleão de Oliveira)

Não podemos deixar de mencionar também a presença de propriedades cuja posse sugeria interesses essencialmente especulativos, aguardando a valorização imobiliária para revenda ou abertura de loteamentos. Esta realidade encontrou ressonância no depoimento concedido pela senhora Maria Agostine Fernandes (**entrevista 12**), cujo relato descreve o trabalho como caseira de uma chácara em um dos bairros periféricos de Osasco, chamado Novo Osasco, no ano de 1973, e sua posterior saída com o loteamento da propriedade na década de 1990.

[Então] apareceu o sindicato [e] o dono da chácara vendeu para esse sindicato. Tinha que vender porque eram 16.000 metros, era grandona, então não tinha utilidade de nada, a gente estava morando lá para ninguém invadir, era só para não invadirem, senão invadiam. Era um lugar assim bem retirado, tinham poucas casas. Na época tinha [muita chácara], eu fui morar lá em 1973.

A ausência da sua população rural notificada pelo censo de 1970, provavelmente, tenha legitimado a conversão de todo o território osasquense em zona urbana. De qualquer forma, é preciso lembrar que essa mudança, anunciada pelo decreto-lei nº 1516/78, encerraria grandes benefícios administrativos em termos fiscais e tributários. Sabe-se que a existência de várias zonas de ocupação diversifica as regras fundiárias e torna sua fiscalização mais complexa, além disso, a receita municipal originada pelo arrecadamento de impostos é maior na zona urbana, o que torna essa conversão muito vantajosa para a administração local.

3. REALIDADES: EM TRANSIÇÃO *versus* SOBREPOSTAS

Desde o início da colonização portuguesa, as cidades brasileiras exerceram funções secundárias em relação aos círculos rurais. Dentre os fatos históricos que estimularam o crescimento de alguns centros urbanos, temos a vinda da corte portuguesa (em 1808) e a proclamação da independência (em 1922). A Lei Eusébio de Queiroz, promulgada em 1850, também contribuiu neste sentido, pois liberou capitais até então vinculados ao tráfico negreiro para investimentos de natureza urbana (HOLANDA, 1995, p.15). A situação, entretanto, persistiu praticamente inalterada até o final do século, quando a abolição da escravatura, decretada em 1888, finalmente sinalizou um profundo “marco divisório entre duas épocas” (HOLANDA, 1995, p.73).

De acordo com Holanda (1995, p.82), quando a posição privilegiada dos proprietários rurais começou a declinar a partir da primeira metade do século XIX, eles passaram a assumir ocupações de natureza urbana com elevado prestígio, tais como “a atividade política, a burocracia e as profissões liberais”. Neste sentido, o autor ainda afirma:

É bem compreensível que semelhantes ocupações venham a caber, em primeiro lugar, à gente principal do país, toda ela constituída de lavradores e donos de engenhos. E que, transportada de súbito para as cidades, essa gente carregue consigo a mentalidade, os preconceitos e, tanto quanto possível, o teor de vida que tinham sido atributos específicos de sua primitiva condição. (HOLANDA, 1995, p.82)

Na visão de Toledo²⁵ (1983, p.13) apud Manzoni (2007, p.87), a função residencial, exercida pelas chácaras e sítios no entorno da cidade de São Paulo, demonstra que as áreas urbanizadas ainda “não tinham força para sobrepor-se às áreas rurais, nem sequer distinguindo-se delas”. Toledo (1983, p.13) afirma que “apesar do nome, essas propriedades [...] não tinham preponderantemente funções agrárias; eram, antes, moradias desafogadas e implantadas em meio a pomares e denso arvoredo. Uma forma de viver, nem urbana, nem

²⁵ TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: três cidades em um século**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

rural, ou conciliadora de ambas”. Esse modelo correspondia justamente à propriedade das famílias mais abastadas (MANZONI, 2007, p.87).

O modo de vida urbano, entretanto, foi assumido como sinônimo de progresso e “muito cedo definiu-se a cidade associada ao moderno” (DAMIANI, 2000, p.22). Em conformidade com este pensamento, algumas intervenções se organizaram sob a ordem de motivações equivocadas. No início do século XX, por exemplo, algumas teorias começaram a ser discutidas no Brasil, interpretando determinados agrupamentos humanos como obstáculos ao progresso, razão pela qual surgiram iniciativas sanitaristas dedicadas ao aprimoramento dessa população (SCHWARCZ²⁶, 1995 apud PARK, 1999, p.143).

Seria necessário tirar o cheiro da terra e dos excrementos que acompanha o habitante do campo, limpando e arejando suas residências, organizando os espaços, regularizando relações, abrindo caminho da casa do camponês até a casa do futuro operário. Segundo Moléon, relator do Conselho de Salubridade de 1921, na França, um povo amigo da limpeza logo se tornaria amigo da ordem e da disciplina. (PARK, 1999, p.145)

De uma forma geral, isso demonstra como os modos de vida rural e urbano passaram a ser caracterizados através de noções valorativas e dicotômicas, usualmente embutidas em conceitos como ‘tradicional’ e ‘moderno’.

É preciso lembrar, entretanto, que as ideologias modernizantes não repercutem com a mesma força frente às variadas tradições culturais com as quais interagem (VELHO, 1995, p.232). Por isso, torna-se imprudente de nossa parte dispor de um olhar estático sobre as realidades rurais e urbanas, aprisionando seus modos de vida em parâmetros objetivos e inertes. Em relação a isso, Linhares (2005, p.15), propôs em sua dissertação uma “perspectiva de análise, na qual, continuidade e mudança, ou tradição e modernidade não sejam tidas como aspectos excludentes e sim como aspectos complementares de um mesmo processo social.”

²⁶ SCHWARCZ, M. K. L. Nomeando as diferenças: a construção da idéia de raça no Brasil. **O Brasil na virada do Século: o debate dos cientistas sociais**, Rio de Janeiro: Relume-Dumará, p. 177-191, 1995.

De acordo com Coelho, Moreti e Messias (2004, p.89-96), a identidade cultural do povo osasquense manteve-se, por muito tempo, dividida entre traços essencialmente rurais e urbanos, o que foi diversificado apenas com a intensificação dos processos migratórios na década de 1940. Optamos assim, por adotar essa orientação em nossa abordagem: consideramos, como primeira fase deste estudo, todo o período que antecede a década de 1940 e, como segunda fase de enfoque, todo o período que procede este recorte temporal.

III.PRIMEIRA FASE: ENTRE O RURAL E O URBANO

1. CINTURÃO DAS CHÁCARAS

O Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas, promulgado em 1808, favoreceu a ampliação da presença estrangeira no território nacional (GASPAR, 2009). Em função disso, muitos viajantes percorreram os arredores da cidade de São Paulo durante todo o século XIX, deixando valiosos registros sobre o seu cotidiano.

Os relatos de viagem produzidos por Aires de Casal²⁷, Saint-Hillaire²⁸ e Zaluar²⁹, por exemplo, descreviam uma acentuada presença de chácaras no entorno da cidade (LANGENBUCH, 1968, p.N3). Em função do arranjo espacial concêntrico dessas propriedades, tal faixa de terra ficou conhecida como “cinturão das chácaras”. O material cartográfico (mapa 01), produzido por Matos (1958, p.74-75), registra sua distribuição entre os anos de 1769 e 1900. Sobre isso Langenbuch (1968, p.N5-N6) afirma:

Analizando-se a localização destas propriedades, constata-se que esquematicamente formam um bloco relativamente compacto que circunda a cidade, estendendo-se até os atuais bairros da: Ponte Grande, Pari, Brás, Moóca, Cambuci, Vila Mariana, Jardim Paulista, Vila América, Santa Cecília, Barra Funda e Bom Retiro. (LANGENBUCH, 1968, p.N5-N6)

Dentre os elementos que servem à sua caracterização, temos “o caráter residencial das chácaras, sua beleza paisagística e a relativa importância das árvores frutíferas” (LANGENBUCH, 1968, p.N3). O predomínio da função residencial foi revelado pelas ocupações profissionais essencialmente urbanas dos seus proprietários, identificados em diversas obras (LANGENBUCH, 1968, p.N3). A presença dos pomares também anunciava uma finalidade de abastecimento das chácaras, embora sua exploração comercial não fosse completamente ignorada (LANGENBUCH, 1968, p.N4).

²⁷ AIRES DE CASAL, Manuel. **Corografia Brasilica**. , v. 1, p.164

²⁸ SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à Província de São Paulo**. p.202

²⁹ ZALUAR, Augusto-Emílio. **Peregrinação pela Província de São Paulo**. p.123

Mapa 01: Chácaras, sítios e fazendas ao redor do centro (século XIX)

Fonte: MATOS, Odilon Nogueira de. São Paulo no século XIX. In: AZEVEDO, Aroldo de. **A cidade de São Paulo:** estudos de Geografia Urbana, v. 2. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

Sabe-se que numerosas experiências agrícolas foram promovidas na região de Osasco, mas a baixa fertilidade dos solos locais impediu que elas alcançassem elevada expressão econômica, já que não toleravam, por exemplo, os investimentos necessários para a produção de café ou cana-de-açúcar (OSASCO, 2013). De outra forma, os registros históricos indicam uma presença acentuada de árvores frutíferas na região. Na Vila Osasco, por exemplo, que foi o núcleo original de povoamento, verificava-se o cultivo de:

[...] frutas de todas as espécies com cerca de 30 mil pés, entre elas: peras, maçãs, ameixas, laranjas, cidras, limões, bananas, jabuticabas, etc. Havia abundantes plantações de aspargos que eram vendidos no mercado de São Paulo, arrozais e uma cultura de amoreiras com cerca de 20 mil pés. (OLIVEIRA & NEGRELLI, 1992, p.19)

Cumprе mencionar que a lembrança destes pomares surgiu espontaneamente no depoimento de vários participantes. Isso revelou não apenas sua expressividade naquele cenário, como também a sua persistência na paisagem local, integrando memórias referentes às décadas de 1920, 1960 e 1970.

Vamos analisar mais de perto estes depoimentos:

Eu ia sempre com ele [o pai] carregar lenha, naquela estrada que sai do viaduto, de Osasco até a Baronesa, eu pegava ameixa com as mãos, a coisa mais linda do mundo, lá devia chamar Rua das Ameixeiras porque eram ameixas dessas amarelinhas de lado a lado, eu ia com meu pai na carroça pegando aquelas ameixas. (**entrevista 02** - Catharina Andrade Benaglia)

De acordo com a senhora Catharina Andrade Benaglia, essas lembranças correspondem ao cotidiano de 1929. O percurso descrito refere-se ao Sítio da Baronesa (cerca de 50 alqueires). Essas terras foram utilizadas pela baronesa Francisca de Paula Souza como casa de veraneio após a morte do seu esposo, o Barão de Limeira (Vicente de Souza Queiroz³⁰), em 1872, e posteriormente vendidas por seus herdeiros a um grupo de italianos (OSASCO, 2013).

³⁰Cumprе lembrar que estes são os pais de Luiz Vicente de Souza Queiroz, patrono da escola de agricultura vinculada a esta universidade: Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP).

E tinha o Ponte Preta que era um campo de futebol, tinha o campinho e o restante era o peral, meus irmãos iam jogar lá e pegavam pêras para vender para o pessoal da rua. (**entrevista 03** - Ione Augusto Viriato)

De acordo com a senhora Ione Augusto Viriato, essas lembranças correspondem ao cotidiano da sua infância, na década de 1960. O local descrito refere-se ao entorno do Museu Dimitri Sensaud de Lavaud, cujas instalações ocupam a antiga casa de veraneio de Giovanni Brícola, um banqueiro que adquiriu aquelas terras como forma de investimento, na última década do século XIX (OSASCO, 2013).

Podemos observar que em ambos os relatos, as árvores frutíferas estão localizadas em áreas que abrigavam propriedades com função residencial (embora secundárias), que pertenciam a famílias abastadas, reproduzindo cenário semelhante ao cinturão das chácaras.

Na época tinha [muita chácara], eu fui morar lá em 1973. Que eu lembro tinha mais fruta: tinha pé de jaca, tinha pé de manga, tinha pé de abacate, [tinha pé de] laranja, [mas] só dava... assim, plantaram e abandonaram, ninguém cuidava. (**entrevista 12** - Maria Agostine Fernandes)

Este relato descreve o bairro do Novo Osasco, que abrigava no passado parte do sítio Bussocaba e do sítio de Ernesto Kramer (OSASCO, 2013). De acordo com Oliveira e Negrelli (1992, p.29), eram famosas as frutas estrangeiras cultivadas por Emílio Kramer, então premiadas nas exposições. Não conseguimos identificar se a divergência dos nomes representa um equívoco nas citações ou elas se referem a dois membros de uma mesma família. De qualquer forma, estas informações nos permitem observar que, as frutas presentes nas recordações da senhora Maria Agostine Fernandes, já não correspondem às espécies européias comumente associadas às chácaras do cinturão.

Embora as funções residenciais tenham predominado frente às funções agrícolas e embora os pomares também tenham assumido relativa importância na paisagem local, a espacialização, promovida por Matos (1958, p.74-75), não integrou Osasco ao cinturão das

chácaras. Buscaremos destacar a seguir algumas particularidades da região que possivelmente justificam sua desvinculação deste cenário:

a) Nomenclatura das Propriedades

Langenbuch (1968, p.N6) identifica uma possível alteração na função das propriedades localizadas na porção externa ao cinturão das chácaras, sobretudo nos quadrantes oeste, norte e nordeste. Essa constatação se apoiou na variação da nomenclatura aplicada às propriedades, reduzindo-se a presença de chácaras (termo que revela uma finalidade residencial) e acentuando-se a presença de sítios e fazendas (termos que revelam uma finalidade econômica associada às atividades agropecuárias).

Essa afirmação nos reportou a lembrança da composição gráfica (figura 01), disponibilizada pela Câmara Municipal de Osasco, referente à organização espacial do atual município no ano de 1900. Notamos que as propriedades intituladas como sítios e fazendas predominavam nesta região, o que demonstra correspondência com as informações supracitadas.

Sabemos que as atividades agropecuárias, entretanto, exerceram uma participação pouco expressiva na região de Osasco, de forma que inúmeras propriedades funcionavam efetivamente como casas secundárias, assumindo funções de veraneio, conforme observamos no capítulo anterior.

Sobre essa frágil correspondência entre o título da propriedade e sua função predominante, Langenbuch (1968, p.N6), ainda pondera: “é obvio que não há uma exata correspondência entre o termo ‘chácara’ e sua importante função residencial, nem entre os do sítio e fazenda e a função predominantemente agropecuária. As próprias designações dos estabelecimentos parecem em alguns casos não serem muito precisas”.

b) Residências Secundárias

Dentre os elementos que atendiam à caracterização das propriedades no cinturão das chácaras temos o seu caráter residencial. O levantamento histórico, entretanto, aponta para um predomínio de propriedades com regime de ocupação temporária na região de Osasco, já que se tratavam essencialmente de residências secundárias. Ainda assim, os contextos de ocupação eram muito heterogêneos. Se tomarmos o Sítio da Baronesa e o Sítio da Campesina como exemplos, podemos reconhecer vinculações funcionais muito distintas: a primeira propriedade servia aos propósitos recreativos, conforme vimos anteriormente, enquanto a segunda desempenhava, de fato, uma função residencial, ainda que sazonal. Os proprietários do Sítio Campesina residiam na cidade de Faxina (atual Itapeva/SP), onde dedicavam-se à criação de gado. No período de corte (geralmente no mês de março), o gado era transportado para os frigoríficos localizados na região de Osasco e a família se mudava para o sítio, então utilizado como residência secundária (OSASCO, 2013).

c) Dinâmica Temporal

É importante atentarmos também para a variação temporal na dinâmica de transformação do espaço que resultou no loteamento dessas propriedades. De acordo com Langenbuch (1968, p.E6), o maior impulso evolutivo da cidade de São Paulo ocorreu na última década do século XIX. Este autor ainda afirma: “[...] constatamos que pouco falta para que o ‘cinturão das chácaras’ seja inteiramente absorvido pela cidade”. A região da Santa Ifigênia³¹, por exemplo, assistiu ao fim das antigas chácaras a partir de 1872 (BASTOS e SALLES, 2008, p.05), um processo que se iniciaria em Osasco em meados século XX. Essa diferença temporal na dinâmica de transformação do espaço reforça a exclusão dessa região em relação ao cinturão de chácaras.

³¹ Langenbuch (1968, p.N87) menciona que no estudo de José Jacintho Ribeiro, denominado “Cronologia Paulista” (1899, p.383), o atual município de Osasco aparece, em 1852, como integrante da freguesia paulistana de Santa Ifigênia e de acordo com Osasco (2013) integraria, em 1895, o Distrito Paulistano da Consolação.

2. CINTURÃO CAIPIRA

Sabemos que nunca ocorreu a implantação de aldeamentos no sítio geográfico que compreende o atual município de Osasco, entretanto, não há como confirmar ou rechaçar a presença de aldeias. Segundo as orientações de Azevedo (1959, p.26)³² apud Petrone (1995, p.105), o termo aldeamento sugere uma criação intencional de aglomerados, ao passo que as aldeias guardam a perspectiva de uma origem espontânea.

Brito (2009, p.43) afirma em sua tese de doutoramento que “no século XVI, Osasco e regiões próximas eram habitadas pelos indígenas do grupo lingüístico tupi-guarani”. Essa idéia de ocupação, entretanto, encontra-se relativizada em sua dissertação de mestrado, onde aparece o termo ‘circulação’ ao invés de ‘habitação’: “os habitantes que circulavam por estas áreas, onde hoje encontra-se Osasco e outros municípios, eram índios do grupo lingüístico-cultural guarani” (BRITO, 1996, p.63).

As inúmeras toponímias locais (ex: Quitaúna, Piratininga, Bussocaba, etc.) reforçam a perspectiva de uma presença indígena na região, mas também não permitem quaisquer conclusões sobre uma ocupação permanente, intermitente ou apenas uma situação de trânsito dos grupos indígenas através deste espaço.

Sabemos que, no século XVII, houve um enorme desconforto gerado pela proximidade dos aldeamentos jesuítas de Barueri³³ e Carapicuíba³⁴, com as terras pertencentes ao bandeirante Antônio Raposo Tavares, situadas na porção sudoeste de Osasco, então conhecida como Vila Quitaúna. O trecho abaixo demonstra o impacto dessa proximidade espacial entre grupos com propósitos diferenciados:

Finalmente o ataque aos aldeamentos vizinhos a Quitaúna ocorreu com o aval da Câmara Paulista e sob o comando de Raposo Tavares, em julho do ano de 1633. Gozando de uma influência razoável sobre os administradores lusos, a Companhia de Jesus conseguiu reverter o processo e a posse dos

³² AZEVEDO, Aroldo. Aldeias e aldeamentos de índios. **Boletim Paulista de Geografia**, n.33, São Paulo, out.1959.

³³ Data de fundação: 11 de novembro de 1560.

³⁴ Data de fundação: 12 de outubro de 1580.

aldeamentos foi garantida aos jesuítas. (COELHO, MORETI e MESSIAS, 2004, p.21)

Isso nos permite concluir que mesmo os grupos jesuítas enfrentaram dificuldades para assegurar a integridade de suas atividades na região, sobrevivendo à investida dos bandeirantes em seus aldeamentos. Neste contexto, a região de Osasco certamente constituía um ambiente hostil à manutenção de aldeias desde o século XVII, pois quaisquer grupos espontaneamente reunidos estariam continuamente expostos ao assédio dos grupos jesuítas, motivados pelos propósitos de assimilação cultural, e dos grupos bandeirantes, comprometidos com as atividades de aprisionamento.

Os laços entre as tradições indígenas e a vida rural sempre foram muito estreitos em todo o estado de São Paulo, havendo uma vinculação genética entre a cultura indígena e a cultura caipira. Darcy Ribeiro dedica um capítulo do seu livro, “O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil”, a esse tema, apresentando a livre miscigenação entre portugueses e indígenas como elemento central na constituição da cultura caipira.

De acordo com Petrone (1995, p.103), o termo ‘aldeia’ nem sempre esteve associado à etnia indígena: ele era utilizado pelo colono português para “indicar uma forma particular de habitat rural concentrado; corresponde ao *villaggio* italiano, *village* francês, *dorf* alemão” e sua transposição de significado para a taba indígena ocorreu em terras brasileiras.

A aldeia indígena é [...] dentro da psicologia do colono, a não-cidade, não apenas porque é expressão de vida rural, mas sobretudo porque está longe de fornecer condições de prestígio que só a cidade, mesmo que modestíssimo embrião de aglomerado urbano, pode oferecer. (PETRONE, 1995, p.104)

A cultura caipira abriga, portanto, elementos de ambas as matrizes culturais. No regime de trabalho indígena, por exemplo, as tarefas domésticas e o plantio correspondem às atividades femininas, ao passo que o roçado, a caça e a guerra correspondem às responsabilidades masculinas. Estas atividades exigem vigorosos esforços, mas não são regulares, por este motivo, os homens mantêm-se em descanso no intervalo entre um evento e

outro, assegurando sua reserva de energia para quando for solicitada. O modo de vida caipira guarda algumas semelhanças com esse cotidiano: longos períodos de descanso e lazer também são apreciados, pois as atividades de intensa atuação (como o plantio e a colheita) são igualmente esporádicas (RIBEIRO, 2006, p.329-368). Estes hábitos deram aos antigos paulistas a equivocada reputação de gente preguiçosa, perspectiva acentuada pela apreciação do ócio preconizada pela matriz portuguesa. De acordo com Holanda (1995, p.38):

Um fato que não se pode deixar de tomar em consideração no exame da psicologia destes povos é a invencível repulsa que sempre lhes inspirou toda moral fundada no culto ao trabalho [...] Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente e até mais nobilitante, a um bom português, ou a um espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia. [...] E assim, enquanto povos protestantes preconizam e exaltam o esforço manual, as nações ibéricas colocam-se ainda largamente no ponto de vista da Antiguidade clássica. O que entre elas predomina é a concepção antiga de que o ócio importa mais do que o negócio e de que a atividade produtora é, em si, menos valiosa que a contemplação e o amor.

Se por um lado não podemos comprovar a ocupação do território osasquense por grupos indígenas, por outro lado, podemos refletir sobre a presença da cultura caipira. A porção externa do cinturão das chácaras paulistanas, descrita no capítulo anterior, manteve-se circundada por outra faixa concêntrica de terras, então habitada por uma população culturalmente caipira.

De acordo com Petrone (1995, p.13-16), as formas atuais de organização do espaço não podem ser dissociadas de suas configurações pretéritas. Neste sentido, sua obra retrata a vinculação genética entre os extintos aldeamentos indígenas e estes povoados do cinturão caipira. Quase todos os aldeamentos paulistas que integraram este contexto estão localizados no Planalto Paulistano³⁵, sendo: Barueri, Carapicuíba, Embú, Guarulhos, Itapecerica, Pinheiros e São Miguel. A figura 03 apresenta essa distribuição espacial, assim como também localiza os principais núcleos caipiras.

³⁵ “[...] quanto à distribuição, convém insistir no fato de que a esmagadora maioria surgiu Serra-Acima, dado que, conforme se viu, na marinha localizou-se tão só o de Peruíbe. [...] Os aldeamentos de Escada, Itaquaquecetuba e São José constituem, sob esse aspecto, um outro grupo, ficando isolado o de Queluz.” (PETRONE, 1995, p.126)

Figura 03: Localização dos aldeamentos e principais núcleos caipiras

Fonte: PETRONE (1995, p.377)

Neste cenário, o processo de difusão cultural mostrava-se perfeitamente exequível diante das facilidades de comunicação e trocas oportunizadas pela proximidade espacial que o território osasquense possuía com os aldeamentos vizinhos. Os relatos da senhora Catharina Andrade Benaglia (**entrevista 02**) reforçam esta hipótese ao descrever o costumeiro deslocamento do pai para dois antigos aldeamentos: Carapicuíba e Itapecerica.

O meu pai trabalhava de carro de boi, ele ia buscar lenha em Itapecerica da Serra para levar no mercado municipal da cidade, eu não sei o que eles faziam com a lenha, [mas] eles compravam. [...] Ele levava lenha de Itapecerica da Serra para o mercado municipal da cidade, que ficava na Rua da Cantareira com a [Rua] 25 de Março.

O segundo excerto é ainda mais representativo, pois relata a inauguração das capelas em Osasco com a Festa da Santa Cruz, uma manifestação tradicional caipira, considerada típica na Aldeia de Carapicuíba.

Na rua [em] que eu nasci tem aquela capelinha de Santo Expedito, foi o meu pai quem inaugurou. Ele tocava viola desde criança, então ele inaugurou com uma festa de Santa Cruz, no dia 03 de maio de 1941, para juntar fundos para fazer a capelinha que estava só no começo. Depois fizeram a capela de São José, que tem no morro, e fizeram a capelinha da Santa Cruz, no fim da rua que sai do viaduto, tem a capelinha até hoje lá, ali também foi meu pai que inaugurou com dança de Santa Cruz. [...] Quando o meu pai era vivo com a minha mãe, eles cantavam, tantos violeiros vinham aqui, aqueles que cantavam na rádio. [...] [Ele cantava] moda de viola, cantava música para dançar também, a mulherada dançava “prá chuchu”. Ele tocava viola desde os 08 anos, ele ganhou oito violas de presente, a primeira quem deu foi o avô dele. A gente [também] ia na aldeia [de Carapicuíba], o meu pai era festeiro da aldeia, eu ia quando eu era ‘pequeninha’. (entrevista 02 - Catharina Andrade Benaglia)

De acordo com Fusco Neto³⁶, fundador da Associação Brasileira dos Artistas Sertanejos, eles constituíram a primeira dupla sertaneja de Osasco, município que recebeu recentemente o título de capital da viola. A importância dessa difusão cultural pode ser melhor dimensionada ao localizarmos no livro escrito pelo primeiro prefeito local, Hirant Sanazar, uma referência à importância deste casal na vida cultural da cidade:

Em parte do cenário de então a figura lendária de ‘Mimi’, o carreiro do italiano, que transportava com suas parselhas de bois os toros dessa rotundas árvores, fazendo o longo e interminável percurso de Osasco até Taboão da Serra, enfrentando dificuldades incriveis. ‘Mimi e Nha Tonica’, essa linda união de amor, foram denominados pela Casa dos Violeiros do Brasil, ‘o pai da viola’ e a ‘cantadora fiel’, cujas cantorias do folclore brasileiro atravessavam as madrugadas. (SANAZAR, s/d, p.17)

A intensa migração de pessoas vindas do interior paulista, na década de 1940, reforçaria ainda mais este processo de difusão cultural. As tabelas 02 e 03 nos permitem visualizar a distribuição da população local a partir de sua naturalidade:

Tabela 02 – Naturalidade de população osasquense (2010)

Naturalidade	Habitantes	%
Naturais do município	374238	56,13
Naturais de São Paulo	135272	20,29
Não naturais de São Paulo	157230	23,58
Total	666740	100,00

Fonte: IBGE (2010)

³⁶ Disponível em: < www.youtube.com/watch?v=ruuLLWa5hTA > (acesso em: 03/06/14).

Tabela 03 – Naturalidade de população osasquense por região (2010)

Naturalidade	Total	%
Centro-Oeste	2.720	0,41
Nordeste	106.714	16,01
Sul	14582	2,19
Sudeste	532.172	79,82
Norte	1.160	0,17
Brasil (sem especificação)	6.625	0,99
País estrangeiro	2.767	0,42

Fonte: IBGE (2010)

Todas as observações aqui expostas revelam um cenário de grande complexidade. A ausência da região de Osasco na obra de Petrone (1995), sobre o cinturão caipira, limitou drasticamente a interpretação da sua identidade cultural por este prisma de observação, mas isso não nos permite ignorar completamente sua influência, já que a difusão cultural esteve presente nos processos regionais.

3. VAZIOS DEMOGRÁFICOS

Os capítulos anteriores demonstraram que, no final do século XIX, os arredores da cidade de São Paulo foram circundados por duas faixas concêntricas: o Cinturão de Chácaras (Matos, 1958) e o Cinturão Caipira (Petrone, 1995). A região que compreende o atual município de Osasco não foi mencionada em nenhum desses estudos, mas sua localização geográfica lhe empresta um caráter de transição entre essas duas faixas concêntricas (figura 04). O reconhecimento desta situação geográfica intermediária nos ofereceu um caminho possível para compreendermos porque as lembranças dos antigos moradores locais abrigam imagens intimamente associadas a cada um desses cinturões.

Figura 04: Osasco em relação ao cinturão caipira (vermelho) e ao cinturão das chácaras (amarelo).

Fonte: Google Earth - data: 10/05/2013.

Sabe-se que a expansão urbana de São Paulo ocorreu sobre as terras do cinturão das chácaras, enquanto a expansão suburbana predominou no cinturão caipira (LANGENBUCH, 1968, p.N86). Interessa-nos refletir, entretanto, que ambos processos aviltaram as áreas de várzeas e baixos terraços. Essa perspectiva é essencial para compreendermos como a dinâmica ocupacional se processou no sítio geográfico osasquense, já que tais feições de

relevo se sobressaem na geomorfologia local. O excerto abaixo demonstra essa associação entre as condições geomorfológicas e a ocupação espacial:

Segundo Benedito Lima de Toledo³⁷, os mapas produzidos no final do XIX sempre dão a impressão de estar inacabados, construídos desse modo porque a área mais próxima ao centro [de São Paulo] já estava loteada e arruada, de onde saíam longos caminhos que deram origem a outros loteamentos, deixando entre si largos espaços vazios. Verificando os mapas desse período, notamos que, as lacunas territoriais mencionadas por Toledo, são compostas por terrenos baixos e alagadiços, chácaras e sítios, alguns dos quais continuaram sendo utilizados para cultivo até os anos 20. (MANZONI, 2007, p.88)

Esse cenário evidentemente se fez presente na região de Osasco, onde os terrenos alagadiços instigavam a presença de discontinuidades ao longo das áreas edificadas. O trecho abaixo descreve essa dinâmica:

Como é fácil compreender (notadamente para os que conhecem o que se passa na cidade de São Paulo), nem todos os elementos topográficos da região em estudo foram igualmente ocupados pelo “habitat”. Mereceram as preferências as áreas enxutas – colinas e terraços fluviais, ao passo que as várzeas aparecem, em largos trechos, inteiramente desabitadas, e os trechos ocupados correspondem à atração exercida pela “E.F.Sorocabana”, notadamente nos primeiros tempos do povoamento original. (PENTEADO & PETRONE, 1958, p.95)

O Rio Tietê constitui o principal corpo hídrico da região e atravessa o município no sentido leste-oeste. A baixa declividade do relevo local favoreceu sua navegabilidade e condicionou o curso original meândrico³⁸ de suas águas nesta região. Se por um lado, o sistema fluvial constituiu um importante canal viário, por outro lado, a travessia por terrenos brejeiros sempre representou uma difícil empreitada. Sabe-se, por exemplo, que os antigos tropeiros cruzavam as várzeas no sentido perpendicular ao rio, como estratégia para evitar o atolamento dos seus animais (LANGENBUCH, 1968, p.E28). Isso também nos permite compreender porque não existiram estações de pouso nessa área.

³⁷ TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: três cidades em um século**. São Paulo: Duas Cidades, p.68, 1983.

³⁸ As obras de retificação do leito seriam realizadas entre as décadas de 1950 e 1960.

Tal particularidade do meio físico imprimiu, portanto, uma acentuada perspectiva de trânsito sobre a área: Osasco participava de uma importante rota de passagem já no século XVII, quando era percorrida por grupos bandeirantes (PRIMEIRA HORA, 27/07/91) e sustentou esse atributo ainda no século XIX, integrando a trajetória das caravanas boiadeiras e imigrantes que rumavam para o oeste (BRITO, 1996).

As periódicas inundações das planícies aluviais dificultavam a ocupação definitiva das terras locais. Os primeiros esforços no sentido de reduzir sua umidade foram empreendidos por um imigrante italiano chamado Antônio Agú que introduziu, no final do século XIX, o cultivo de eucaliptos em sua fazenda. De acordo com a Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas³⁹, os eucaliptos utilizam a água disponível na camada superficial do solo, pois suas raízes não ultrapassam 2,5 metros de profundidade. Portanto, se levarmos em consideração as enormes restrições causadas pelo alagamento constante de uma porção da sua fazenda, esta iniciativa mostrava-se bastante promissora.

A senhora Catharina Andrade Benaglia recorda que a extração destes eucaliptos ocorreu em meados da década de 1940, mas novas disposições para extinguir os pontos de alagamento voltariam a ser implantadas nos anos posteriores. De acordo com o senhor Boris Melnik, a indústria local também participou desse processo, assumindo por incumbência alguns procedimentos de aterro.

[Meu pai], seu Domingos, seu João Brás e meu tio João Andrade cortaram os eucaliptos, [eram] cinco pessoas, [mas] eu lembro desses três, foi em 1945 ou 1946, eu não tenho certeza. (**entrevista 02** - Catharina Andrade Benaglia)

A [avenida] João Batista, por exemplo, quem endireitou foi a Cobrasma [com] aquela areia refugo de fundição, uma areia preta, parece carvão. A areia para fundição vem limpa, ela passa pela fundição, eles re-circulam aquela areia três ou quatro vezes, depois ela se torna inútil, então a Cobrasma pegava aquela areia e despejava na [avenida] João Batista para aterrar o brejo, toneladas e mais toneladas. [...] Eu acho que essa época começou logo depois da II Guerra Mundial e se estendeu até os anos 1960. (**entrevista 06** - Boris Melnik)

³⁹ Disponível em: www.abraflor.org.br/duvidas/mitos.asp#1 (acesso em: 20/02/14)

Essa dinâmica seria alterada, na década de 1950, com as obras de retificação do Rio Tietê. De acordo com Penteado e Petrone (1958, p.95), “esse quadro natural foi profundamente alterado por influência do homem, o qual, retificando os cursos de água, tornou as várzeas praticamente enxutas e modificou o próprio regime do Tietê e do Pinheiros”.

A distribuição espacial das propriedades instaladas no centro do município, entretanto, ainda guarda a herança destes numerosos pontos de alagamento que orientaram sua ocupação inicial, quando integravam a antiga Fazenda Osasco, de Antônio Agú. O material gráfico (mapa 02), disponibilizado por Penteado e Petrone (1958, p.91), demonstra os vetores dessa expansão. Segundo Osasco (2013), esse bairro conservou um padrão de ocupação bastante irregular, já que a definição dos lotes era calculada a partir das casas edificadas⁴⁰. Isso aconteceu porque as casas foram erigidas no intervalo entre os pontos de alagamento presentes no bairro, o que resultou numa distribuição assimétrica das propriedades em comparação à regularidade típica dos loteamentos (figura 05).

⁴⁰ No procedimento habitual, os proprietários planejam suas obras dentro de lotes previamente definidos.

Mapa 02: Vetores de expansão do sítio urbano de Osasco

Fonte: Penteado e Petrone (1958, p.91)

Figura 05. Bairro do Centro (à esquerda) e loteamento no bairro Cidade das Flores (à direita)

Fonte: Google Maps (100 metros de altitude) - data: 10/05/2013.

4. CONGLOMERADO DE SUBÚRBIOS HETEROGÊNEOS

As transformações urbanas verificadas na cidade de São Paulo até a primeira década do século XX, não corresponderam ao fenômeno da expansão metropolitana, mas estabeleceram “importantes e decisivas diretrizes (eixos e pólos) que condicionaram este processo” (LANGENBUCH, 1968, p.E3). Neste sentido, a construção de uma estação ferroviária nas terras centrais do atual município de Osasco, no ano de 1895, atuou como importante veio condutor desta expansão. O mapa produzido por Maria Inês Zampolim Coelho (mapa 03), por exemplo, demonstra que a expansão urbana osasquense irradiou a partir da porção sudeste do seu território.

Sabe-se que as terras percorridas pelas ferrovias sofriam intensa valorização, especialmente quando abrigavam estações, pois determinavam “um ponto constante de carga e descarga, tanto de passageiros como de mercadorias” (LEAL, 2010, p.57). Quando o entorno da linha férrea também congregava terrenos planos e baratos, além de cursos fluviais, ele compunha um trinômio que, para Langenbuch (1968, p.F20), instigava aguçado interesse nos grupos industriais, sendo este o caso de Osasco.

O primeiro núcleo de ocupação oficial situou-se na Vila Osasco (1895), o segundo núcleo estabeleceu-se em Presidente Altino (1915) e o terceiro fixou-se em Quitaúna (1922). Cumpre observar que estes núcleos originais acompanharam o percurso da Estrada de Ferro Sorocabana, de forma que, em pouco tempo, tais aglomerados já contavam com estações ferroviárias, sendo fundadas respectivamente em 1895, 1920 e 1929⁴¹. De acordo com Penteado e Petrone (1958, p.100), “a ferrovia comandava, a esse tempo, a estrutura de tais aglomerados, embora algumas fábricas já comesçassem a exercer sua influência”. Ainda segundo estes autores, houve um declínio na expansão de Osasco entre as décadas de 1920 e

⁴¹ Entre os anos de 1939 e 1948, a estação ferroviária de Quitaúna foi denominada como Duque de Caxias, em homenagem ao aquartelamento militar que lhe é adjacente.

1930, em comparação com o período anterior, de forma que a única grande atividade a se instalar nesse período foram os armazéns reguladores de café (1928).

Mapa 03: Expansão urbana de Osasco (1899-2004).

Fonte: COELHO, MORETI e MESSIAS (2004, p.109).

Foi [...] particularmente após a Segunda Guerra Mundial, que se registrou um crescimento realmente notável e se efetivou a ocupação da área em estudo. Novas e numerosas indústrias ali se instalaram: a ‘Fábrica de Postes Cavan’, a ‘Eternit do Brasil’, a ‘Fábrica de Cimento e Amianto’ e outras menores. O povoamento intensificou-se por tal forma que deixou de existir solução de continuidade entre os três núcleos primitivos, unidos num só conjunto, desde Presidente Altino, até Duque de Caxias. (PENTEADO e PETRONE, 1958, p.100-101)

A progressiva instalação de unidades fabris (anexo D), a partir da década de 1940, atuou como importante elemento de atração populacional para a região, mas a mobilidade inaugurada pela estação ferroviária também incentivou fluxos migratórios de natureza pendular. A atuação desses dois processos resultou num claro predomínio das funções industriais e residenciais frente às demais, descritas por Langenbuch (1968), como secundárias e localizadas.

Havia significativa ausência de vínculos funcionais entre os subúrbios industrializados e os subúrbios de cunho rural, mas segundo Langenbuch (1968), isso não impediu que todos esses aglomerados passassem “paulatinamente a adquirir vinculações de cunho suburbano com a metrópole”. Os depoimentos obtidos nesta pesquisa reforça essa perspectiva, pois mesmo nos períodos mais recentes, neles predominam duas razões para o estabelecimento das famílias nesta região: facilidades para aquisição de terras baratas (função suburbana) e oportunidades de ingresso no mercado de trabalho (função industrial).

A dinâmica do povoamento local resultou na formação de um conglomerado de subúrbios com marcante heterogeneidade genética, dentre as quais Langenbuch (1968) destaca: subúrbio estação (Osasco), subúrbio rodoviário (Baronesa-Helena Maria), subúrbio loteamento (Vila dos Remédios), subúrbio com função ferroviária (Presidente Altino), subúrbio com função militar (Quitaúna) e subúrbio com função integrada (Cidade de Deus).

Sabe-se também que a presença do Rio Tietê atuou como um importante limite natural, dificultando o acesso e a ocupação das terras localizadas na porção norte do território. Essa particularidade do meio físico restringiu o contato entre os vilarejos (PRIMEIRA

HORA, 27/07/91) e manteve inúmeras comunidades em condição de relativo isolamento, mesmo no século XX. A travessia do rio se realizou com o serviço de balsas e barcos até a década 1940, mas o trânsito entre as duas porções ganhou novo estímulo com a construção de pontes, o que não implicou na sua imediata integração: a ponte pênsil no Jardim Piratininga, a ponte de madeira no Jardim Rochdale e a ponte de tambor na Vila São José (OSASCO, 2013).

5. CARACTERIZAÇÃO DAS ATIVIDADES

As reflexões aqui apresentadas nos permitem visualizar a existência de uma correlação estreita entre a situação geográfica do território osasquense e os atributos funcionais que caracterizaram seus aglomerados originais. Se, por um lado, o predomínio de uma realidade brejeira dificultou a ocupação demográfica e desfavoreceu cultivos agrícolas de maior valor econômico, por outro lado, a proximidade em relação à capital agregou funções diferenciadas a essa área, quase sempre vinculadas à dinâmica da expansão metropolitana.

Os capítulos a seguir descrevem algumas atividades locais atreladas ao primeiro setor da economia (extrativismo, agricultura e pecuária) que operaram no passado local, assim como discutem os possíveis vínculos existentes entre essa realidade pretérita e determinados elementos presentes no cotidiano atual.

5.1. EXTRATIVISMO

As atividades extrativistas foram largamente praticadas no espaço geográfico osasquense. Este aproveitamento dos recursos naturais sempre demonstrou íntima vinculação com as demandas da capital e da indústria local, mesmo quando estas ainda eram incipientes, no final do século XIX.

No que diz respeito aos recursos minerais, a extração de argila constituiu o maior destaque, sendo empregada na fabricação de tijolos e telhas. A necessidade ampliada destes produtos, provocada pela expansão urbana de São Paulo, favoreceu a instalação de numerosas olarias nos seus arredores, havendo em Osasco muitos portos de extração, em função da excelente qualidade das suas argilas aplicadas para este fim⁴². (BANDEIRA JUNIOR apud OSASCO, 2013)

⁴² As argilas com propriedades não-expansivas são consideradas mais adequadas à fabricação de tijolos.

As cavas da extração realizada no Sítio Paiva Ramos, no início do século XX, por exemplo, ainda permanecem impressas na paisagem atual (foto 04), tendo sido reaproveitadas para a criação de dois lagos artificiais (OSASCO, 2013). Esta forma residual de relevo testemunha a larga dispersão da atividade na época, já que os bairros localizados ao norte do Rio Tietê (onde se localizava este sítio), mantiveram-se em relativo isolamento durante muito tempo.

Foto 04: Lago artificial no Parque Glauco Vilas Boas - bairro Jardim Três Montanhas.

Autoria: Danielle Albino (data: 18/05/2014)

De acordo com Oliveira e Negrelli (1992, p.30), no corpo da escritura que atesta a aquisição de terras pelo italiano Antonio Agú, em 1887, consta o forno de uma olaria. Este empreendimento costuma figurar na bibliografia local como a primeira indústria da região, especialmente porque no ano de 1890, suas instalações foram ampliadas para comportar a produção de tubos e cerâmicas (OSASCO, 2013; BRITO, 1996), originando mais tarde a Companhia Cerâmica Industrial ou Hervy.

É importante lembrarmos que a necessidade de alimentar os fornos desses empreendimentos locais gerava uma expressiva demanda por madeira, entretanto, não encontramos evidências de um extrativismo vegetal relevante na região. O depoimento abaixo, por exemplo, descreve a comercialização local de madeiras extraídas em Itapecerica da Serra:

O meu pai trabalhava de carro de boi, ele ia buscar lenha em Itapecerica da Serra para levar no mercado municipal da cidade, eu não sei o que eles faziam com a lenha, [mas] eles compravam. E ele vendia lenha para todo mundo: [para o] doutor Eurico, [para] a Baronesa, [para a] família Carneiro, para toda aquela gente de lá. (**entrevista 02** - Catharina Andrade Benaglia)

No que diz respeito ao extrativismo animal, temos o registro de uma comunidade de pescadores que se fixou onde se situa hoje o bairro Vila dos Remédios. Os relatos de Pavão (2010) descrevem o cotidiano da sua família engajada nesta atividade, o desaparecimento dos peixes e a alteração na rotina de trabalho do seu pai:

Quando me conheci por gente, era ele pescador e ajudava os camaradas no trabalho da terra. Depois o rio Tietê, devido ao crescimento do esgoto da cidade de São Paulo, não mais serviu para a pescaria, pois morreu todo o peixe. Então, dedicou-se a vender verduras e frutas da chácara, ao mesmo tempo que fazia o serviço de limpeza pública de Osasco. (PAVÃO, 2010, p.30)

Se considerarmos a história de vida deste senhor, podemos afirmar que a mencionada redução dos peixes se processou na região antes de 1925, ano de seu falecimento. Neste período, o frigorífico já atuava na região há mais de dez anos, assim como inúmeras outras empresas que direcionavam seu esgoto para o rio Tietê. Este desaparecimento dos peixes mencionado por Pavão pode ser compreendido como uma redução nos cardumes, deixando de justificar a permanência daquela comunidade dedicada exclusivamente a tal atividade, mas isso não implicou no desaparecimento da pesca esportiva, apenas da pesca profissional.

Neste sentido, o relatório de inspeção sanitária descreve o seguinte quadro para o ano de 1939: “quanto ao consumo de peixe, eventualmente é feito pelo que possa ser fornecido pelo rio Tietê, sendo a pesca, para os moradores, um motivo de esporte domingueiro” (OLIVEIRA e NEGRELLI, 1992, p.57). Neste mesmo sentido, o depoimento do senhor Nilo Barbosa de Oliveira menciona atividades de pesca, ainda na década de 1970: “Quando eu cheguei aqui o pessoal ainda pescava no rio Bussocaba, você acredita? Eu lembro que o cara jogou a tarrafa perto do Jardim de Abril e pegou cascudo.”

5.1.1. ELEMENTOS EXTRATIVISTAS NO COTIDIANO ATUAL

Em consulta ao Atlas de Uso e Ocupação do Solo do Município de Osasco, produzido pela Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano S/A (Emplasa), no ano de 2006, identificamos 0,04 Km² do território local, destinado à atividade mineradora. Este mesmo atlas, entretanto, esclarece terem sido incluídas nesta classe “áreas de mineração desativadas que ainda apresentam características de exploração mineral”. O contato com diversos setores da prefeitura não nos permitiu confirmar a persistência destas atividades extrativistas na economia do município.

5.2. AGRICULTURA

A periódica inundação das amplas planícies aluviais presentes na região de Osasco sustentava uma marcante realidade brejeira nestas terras, o que dificultava sobremaneira seu povoamento. Qualquer esforço no sentido de caracterizar suas atividades agrícolas, portanto, deve ser precedido por uma reflexão acerca das condições de fertilidade do solo local. Sabe-se que o solo continuamente encharcado tende a elevar sua acidez natural, isso implica em uma enorme restrição quanto aos cultivos adaptáveis a esses terrenos.

Os esforços de drenagem eram pouco usuais no final do século XIX, além disso, exigiam um investimento financeiro que as regiões vizinhas não solicitavam para viabilizar a mesma produção. Neste sentido, o empenho de Antonio Agú foi meritório ao inaugurar em suas terras o cultivo de eucaliptos como forma de intervir na umidade do solo. Essa disposição também foi promovida pelo doutor Jaguaribe, proprietário do Sítio Bussocaba, no início do século XX. Tais iniciativas imprimiram na paisagem e na lembrança dos moradores mais antigos o famoso ‘calipal’, forma pela qual era popularmente conhecida esta vegetação introduzida (COELHO, MORETI e MESSIAS, 2004, p.39).

Esse contexto resultou no rechaço das terras osasquenses em relação ao seu entorno, razão pela qual elas nunca assumiram uma dinâmica produtiva como a que se processou, por exemplo, nas terras do cinturão verde⁴³. Isso não significa que as experiências agrícolas foram inexistentes no território osasquense, mas que elas foram pouco expressivas quando comparadas às terras circunvizinhas que abasteciam a capital.

De acordo com o histórico disponível no site do IBGE (BRASIL, 2013), Antônio Agú desejava estruturar um centro agrícola em sua propriedade, por isso incentivou a vinda de inúmeras famílias italianas que procederam com a instalação de chácaras para produção de uva e limão. Sabe-se que outras experiências agrícolas também foram realizadas em suas

⁴³ No início do século XX, as áreas do cinturão caipira passaram a abrigar atividades hortifrutigranjeiras, substituindo a agricultura de subsistência por uma produção com caráter comercial definido.

terras como, por exemplo, o plantio de amoras, pereiras e outras árvores frutíferas (OSASCO, 2013). Cumpre mencionar que para Antonio Agú os investimentos realizados nos pomares não eram motivados pela lógica do autoconsumo ou do lazer, como ocorria no cinturão das chácaras, mas abrigavam interesses comerciais.

Os esforços agropecuários locais, entretanto, revelavam um comportamento empreendedor que, de alguma forma, entrevia e originava o futuro industrial da região, já que os proprietários costumavam atuar em setores diferenciados da economia. Antonio Agú, por exemplo, associou em suas terras o cultivo de uvas e a operação de uma fábrica de vinhos. Em três anos, os empreendimentos de Antônio Agú:

[...] passaram de 30 para 130 mil os pés de vinhas, árvores frutíferas, nove casas de tijolos com seis cômodos cada, uma casa grande de moradia, cem cabeças de gado (sendo 60 de gado vacuum e 40 de cavalar), casa de máquina da fábrica de papel, olaria de tijolos e telhas (com três amassadores e três grandes fornos), cinco ranchos e cinco casinhas para operários. (OSASCO, 2013)

De acordo com Osasco (2013)⁴⁴, “as indústrias que trabalhavam com produtos cultivados tinham mais simpatia dos congressistas da época do que as de bens de consumo. Isto fez com que a indústria agrícola tivesse subsídios fiscais antes de qualquer outro ramo industrial”. Essa informação nos leva a refletir a possibilidade de que algumas atividades agropecuárias tenham persistido essencialmente como alternativa para obtenção de recursos financeiros, enquanto o interesse empresarial se voltava efetivamente para os processos produtivos agro-industriais.

No século XIX, as propriedades localizadas ao norte do Rio Tietê possuíam em média 80 alqueires, havendo algumas com maior dimensão como a Fazenda do Mutinga e o Sítio Paiva Ramos, com 180 alqueires cada. Não encontramos registros quanto ao tamanho médio das propriedades localizadas ao sul do Rio Tietê. Sabe-se apenas que, no século XIX, o Sítio Jaguaribe também possuía cerca de 180 alqueires, enquanto os primeiros moradores da Vila

⁴⁴ Disponível em: www.camaraosasco.sp.gov.br/osasco/historia/index4.htm (acesso em: 24/02/2014)

Yara (bairro de Osasco) ocuparam pequenos sítios com 02 alqueires cada na década de 1920 (OSASCO, 2013).

Em 1929, o Sítio Jaguaribe sofreu seu primeiro desmembramento com a venda de algumas chácaras. Existem indícios de que um dos novos proprietários realizou o plantio de limão e pagou pelo serviço com a doação de 12 mil metros (0,5 alqueire) ao plantador, o que demonstra a continuidade no processo de fracionamento das terras (OSASCO, 2013). Quanto aos moradores da Vila Yara, tem-se notícia de que planejavam desenvolver atividade agrícola e criação de animais, porém as terras improdutivas inviabilizaram seus projetos, de forma que eles se voltaram para o trabalho no Frigorífico Wilson.

Conforme mencionado no capítulo anterior, a ocupação urbana na década de 1930, era maior na porção sudeste do território osasquense. É evidente que as habitações humanas não se restringiam a esses espaços, embora estivessem concentradas nele. De forma geral, essa dispersão das propriedades em amplos espaços não habitados, carentes de uma rede de abastecimento ou comércio, estimulava atividades de auto-suficiência, como a autoconstrução e o autoconsumo.

O cultivo de subsistência mantinha, portanto, um caráter econômico marginal, pois representava valioso recurso em termos de segurança alimentar para a população. Além disso, ele conservava uma natureza complementar, já que os relatos demonstram sua prática em famílias cujos membros já atuavam até mesmo nas ocupações de natureza industrial. O depoimento do senhor Boris Melnik torna-se representativo desse hábito, pois mesmo possuindo experiências e interesses claramente urbanos, ele também manifestou o exercício dessa atividade na década de 1960:

Quando eu construí a casa aqui em Osasco, eu criava pato, galinha, porque o quintal era imenso, terrenos vazios, então a gente ocupou terrenos vazios e criava. A gente plantou milho, tinha abacate, tinha manga, tinha ameixa, tinha um monte de coisa, [mas] foi preciso derrubar porque o meu filho cismou de construir [uma] casa no terreno. (**entrevista 06** - Boris Melnik)

5.2.1. ELEMENTOS AGRÍCOLAS NO COTIDIANO ATUAL

O perímetro rural no município de Osasco deixou de existir no ano de 1978, com a publicação do decreto-lei nº 1516, mas o cotidiano local abriga ainda hoje elementos habitualmente associados ao espaço rural, alguns motivados por programas governamentais e outros mantidos por iniciativas espontâneas.

A atividade agrícola, por exemplo, se faz presente nas faixas de terras ociosas ao longo das linhas de transmissão de energia elétrica, onde são cultivadas hortaliças. Esta iniciativa foi criada em 2007 e resultou de uma parceria entre a empresa AES Eletropaulo, que disponibiliza o espaço físico; o Centro de Pesquisa Mokiti Okada (CPMO)⁴⁵ que oferece a assistência técnica aos participantes; e a prefeitura de Osasco, em conjunto com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome⁴⁶, que fornecem sementes, insumos, água, ferramentas e um galpão de armazenamento. As seis hortas estão distribuídas entre os seguintes bairros: Vila Canaã, Padroeira, Rochdale e Parque Mazzei.

A Unidade Básica de Saúde (UBS) Francisco Dias da Silva, situada no Jardim Quitaúna, também promoveu atividades de horta e jardinagem junto aos moradores do bairro, trabalhando “conhecimentos sobre educação ambiental e alimentar, agroecologia, cidadania, jardinagem e agricultura urbana”⁴⁷. De acordo com as informações obtidas na UBS⁴⁸, essa atividade manteve-se ativa por um mais de um ano e foi encerrada no início de 2012, porque a parcela do terreno onde estavam implantadas as hortas foi reorientada pela prefeitura para outra finalidade.

Estas iniciativas aparentemente oportunizam a transmissão de hábitos culturais, entretanto, sua associação genética e funcional às políticas de promoção social não as caracterizam como práticas remanescentes, já que não revelam um comportamento

⁴⁵ Disponível em: <www.cpmo.org.br/agricultura_urbana.php> (acesso em 13/08/2013)

⁴⁶ Disponível em: <www.osasco.sp.gov.br/InternaNot.aspx?id=3553> (acesso em 13/08/2013)

⁴⁷ Disponível em: <www.osasco.sp.gov.br/InternaNot.aspx?id=3206> (acesso em 13/08/2013)

⁴⁸ Informação fornecida em 28/04/14 às 10h14 via conversa telefônica.

espontâneo. O regaste de atividades agropecuárias promovido pelas instituições pode até mesmo, em alguns casos, provocar certa resistência junto à população que efetivamente vivenciou o cotidiano rural. O depoimento da psicóloga Rita de Cássia Silva Barbeto, que atua no Centro de Atenção à Terceira Idade (CATI), nos instiga a refletir sobre a influência da percepção humana na manutenção ou no desaparecimento das práticas tradicionais.

Quando veio a administração de 1993, eles reorganizaram e mandaram para as unidades o que eles chamaram de equipe técnica: professores de educação física, psicólogos e assistentes sociais. Eu nunca tinha trabalhado com idosos, então a gente foi para o SESC (que a gente tinha como referência), para compreender e tentar discutir com eles uma proposta dentro daquilo que a gente imaginava que pudesse ser a vontade do idoso, na forma que a gente entendia a velhice. O que a gente teve como retorno em relação ao Projeto da Horta foi exatamente esse discurso: ‘Você está louca? A gente se matou, se acabou na vida trabalhando na roça, agora que a gente está bem, você quer colocar a gente na roça de novo?’. Plantar era a coisa que eles menos queriam porque relembra um período de vida que para eles foi sofrido, então por que oferecer isso para esse velho? (Rita de Cássia Silva Barbeto, informação verbal⁴⁹)

Essa perspectiva nos remete à idéia de Hellpach (1967, p.237-276), para quem a experiência concreta da natureza pode inibir sua atuação sobre os indivíduos enquanto impressão paisagística. Neste sentido, a interpretação bucólica que as atividades rurais poderiam ter despertado nos frequentadores daquele equipamento público foi rescindida pela recordação de experiências extenuantes vivenciadas por eles no meio rural, o que comprometia diretamente o êxito da intenção terapêutica inicialmente associada àquela atividade. O trecho abaixo demonstra o pensamento deste autor:

O montanhês pode gozar os estímulos da planície infinita somente num estado de repouso contemplativo, mas caminhar na planície cansa-o a tal ponto, que as sensações do esforço que disso derivam impedem-lhe de sentir concretamente a natureza como “paisagem”. (HELLPACH, 1967, p.253)

⁴⁹ Informação fornecida em reunião realizada no CATI em junho de 2013

Se por um lado não encontramos práticas agrícolas espontâneas a partir de organizações coletivas, por outro lado, ela freqüentemente aparece em nível pessoal. O depoimento da senhora Lourdes Raimundo da Silva, por exemplo, descreve seus conhecimentos sobre o plantio e manipulação de remédios caseiros como herança familiar.

Eu tenho remédio plantado no quintal, eu tenho poejo, hortelã miúdo, hortelã do norte, carqueja [e] manjerição, tenho uma folha gorda que é boa para quem tem gastrite [...] No interior você sempre acha uma pessoa que sabe, não é todo mundo que acredita em benzimento e remédio caseiro, [mas] eu tenho uma coisa com aquele meu pé de feijão, [porque] abaixo de Deus, eu tenho uma fé nesse feijão. [...] Quem me ensinou todos esses remédios foi a minha avó Odócia, que é a mãe da minha mãe, e também a mãe do meu pai [que] sabia usar muito remédio porque tinha índio na família, a minha família é toda misturada. (**entrevista 11** - Lourdes Raimundo da Silva)

5.3. PECUÁRIA

Se por um lado, a atividade agrícola apresentou pouca relevância no território osasquense, por outro lado, a pecuária alcançou maior expressividade, não apenas pela criação dos animais, mas pela presença de inúmeras estruturas de abate, processamento e distribuição que movimentaram intensamente o cotidiano local.

Em reposta às necessidades de abastecimento da capital, fixaram-se em Osasco alguns estabelecimentos, considerados demasiadamente repulsivos (LANGENBUCH, 1968), para serem mantidos no cenário da cidade de São Paulo, tais como os frigoríficos. A lei paulistana 3028 (publicada em 30/12/1926) menciona: “artigo 12 - as triparias só poderão ser montadas e funcionar em logares apropriados, onde a população não seja densa e houver zona de protecção capaz de garantir a inocuidade da industria, sendo ouvida préviamente a Directoria do Serviço de Carnes” (*sic*).

A forte rejeição pública comumente provocada pelos antigos matadouros viria a ser amenizada apenas com a transferência de suas operações para dentro de instalações industriais. Na inspeção sanitária realizada em 1922, por exemplo, o matadouro da Companhia Continental aparece no capítulo sobre higiene industrial da seguinte forma:

Nesse frigorífico o processo da matança ainda é feito por meio de macetas, indo, muitas vezes, a rês morrer por ocasião da sangria que se procede logo após. A água destinada à lavagem da carne e para as casas dos operários é retirada de um poço e levada, por meio de uma bomba, para uma caixa situada no alto do edifício do matadouro e para as casas dos operários. A água para a lavagem do matadouro é retirado do rio Pinheiros e para lá conduzida por meio de bombas. Os esgotos estão canalizados para o rio Tietê. (OLIVEIRA e NEGRELLI, 1992, p.54)

A região de Osasco integrava, desde o século XVI, a rota de trânsito dos grupos que se dirigiam para o litoral, de forma que as tropas estiveram sempre muito presentes na paisagem local. A instalação da Continental Products Company, em 1914, que viria a ser adquirida pela Wilson do Brasil S/A, em 1934, reorientou o destino dos animais para suas instalações.

Segundo Marchi (1939, p.53) ⁵⁰ apud Oliveira e Negrelli (1992, p.25), este frigorífico abatia entre 800 e 1.000 cabeças de gado por dia, o que nos oferece uma dimensão aproximada do trânsito desses animais na região na década de 1930. A circulação das boiadas seria proibida apenas, em 1950, através da lei municipal paulistana 3869 (publicada em 11/04/50, folha 26), que impedia a condução das tropas pelas ruas de Osasco até Carapicuíba e orientava o desembarque em Duque de Caxias (nome atribuído à estação ferroviária de Quitaúna entre os anos de 1939 e 1948).

Sabe-se que tais rebanhos eram tradicionalmente guiados por grupos tropeiros, mas os vagões ferroviários também serviram ao transporte destes animais. De acordo com Valdir Albino (informação verbal⁵¹), seu pai coordenava a lavagem dos vagões em Amador Bueno, tratava-se de um trabalho árduo quando os vagões eram utilizados para este propósito, pois recebiam excremento animal ao longo de toda a viagem.

Além do frigorífico, outras estruturas relacionadas ao mercado de carnes atuavam em Osasco, sendo: a) um matadouro localizado na divisa entre os municípios de Osasco e Carapicuíba, cuja menção nos relatos surge sob diversas nomenclaturas, sendo as mais comuns: matadouro do Km 21, Matadouro Nacional ou Matadouro de Carapicuíba; b) um ponto de distribuição⁵² nas proximidades do aquartelamento militar Duque de Caxias, no bairro de Quitaúna; c) uma triparia no bairro do Km 18. Como podemos notar, estes estabelecimentos também acompanhavam a linha ferroviária, estando sediados em locais onde existem atualmente algumas estações da CPTM, sendo respectivamente: General Miguel Costa, Quitaúna e Comandante Sampaio. O depoimento abaixo descreve alguns pontos de distribuição:

⁵⁰ MARCHI, Sac. Giuseppe. **Cenni storici su Osasco**. 2.ed. Pinerolo: Parrocchia di Osasco, 1939.

⁵¹ Recordação espontânea manifestada por Valdir Albino durante a entrevista com o senhor Francisco Assis de Oliveira, sendo assim registrada: “o meu avô tinha a concessão de lavar os carros de boi em Amador Bueno, não sei se o senhor está lembrado, ele que lavava os carros que trazia os bois para cá”. As demais informações foram obtidas em conversa informal no mesmo dia 18.05.14, porém sem o registro de áudio.

⁵² Não pudemos identificar se tratava-se apenas de um açougue e qual vínculo possuía com o quartel.

Tinha um frigorífico lá em Quitaúna, depois mais tarde, quando a situação estava um pouquinho melhor, meu pai ia buscar carne lá em Quitaúna, a gente ia à pé, aqui por dentro, cortando, porque lá era mais barata a carne. [O frigorífico] Wilson já era para [o outro lado], [mas em Quitaúna] era melhor, porque lá no frigorífico Wilson eles vendiam essa parte de salsicha e lingüiça, [aliás] não tinha esse negócio de Sadia, Perdigão, era só Wilson. E tinha esse frigorífico aqui que era do quartel, ele era dentro do quartel, a gente comprava mais barato, falavam que era o frigorífico do 21, eles abasteciam o quartel e o quartel vendia para a gente, tinha dia certo para comprar e tinha que ir cedinho lá, eles também tinham um período para atender. (**entrevista 04** - Maria Conceição Pereira Martins)

Nesse período, havia também a presença de carrocinhas que transitavam pelos bairros mais afastados da linha ferroviária distribuindo produtos de origem vegetal e animal, além da iniciativa particular de moradores que adquiriam produtos nos matadouros ou frigoríficos e revendiam nos bairros. Havia também a manutenção de rebanhos menores que sustentavam um consumo localizado. O depoimento abaixo reforça esse panorama:

Na época, vinha [também] uma carroça de Cajamar [e] passava na rua duas vezes por semana: na quarta-feira com legumes, frutas [e] verduras; no sábado, com verduras, frutas, [mas também] com carne de porco, essas coisas. A gente comprava mistura assim, para não [ter que] ir ao Mercado da Lapa, [porque] naquele tempo a condução passava de hora em hora, [mas] eu com três filhos pequenos, não tinha como [ir]. Eu não cheguei a plantar, mas o meu vizinho da frente plantava aonde eu tenho o terreno [hoje]. Esse homem [se] chamava seu Mário, ele tinha vaca, tirava leite e vendia para as pessoas da vila, eu não podia comprar um litro, mas eu comprava meio litro de leite, na rua [também] passava a carrocinha do leite. (**entrevista 14** - Maria Prado Venitelli)

A produtividade econômica das atividades agrícolas está normalmente atrelada à exploração de extensas áreas, por isso a persistência de tais iniciativas teria sido desfavorecida no cenário local, onde a disponibilidade de terras devolutas tornava-se progressivamente menor. A criação de animais, pelo contrário, não era tão exigente em termos de área, mantendo-se viável mesmo no contexto da expansão urbana. A pastagem constitui uma alternativa para solos pouco férteis, além disso, ela demanda pouco trabalho, podendo ser compatibilizada com outras atividades como, por exemplo, um emprego urbano. Isso explica porque ela permaneceu ativa por mais tempo do que as atividades de lavoura. O depoimento abaixo reforça essa perspectiva:

[Então] o meu pai viu um terreno no Novo Osasco [e] gostou, porque lá ainda dava para ele plantar. No [Jardim] Cipava ainda tinha pasto, porque [eu lembro de] um senhor [que] tinha vacas e tirava leite, mas para plantar não [dava], porque já era tudo loteado, o Jardim Ipê [também] era mais habitado, isso foi em 1965. (**entrevista 15** - Vicente Napoleão de Oliveira)

A pecuária colaborava com a segurança alimentar dos moradores locais, pois os animais, engordados com restos alimentícios, produziam justamente a parte mais cara da nutrição humana: a proteína. O depoimento abaixo abriga essa perspectiva:

Quando o Império Nazista caiu, todo mundo passou a fugir por onde e para onde podia fugir, às vezes nem sabia para onde queria ir, mas queria fugir porque era uma vida sofrida. Nós também começamos a procurar um jeito de fugir, aí apareceu essa oportunidade no Brasil. Meu pai viajava muito e conhecia o mundo, ele falou: ‘vamos [para o] Brasil porque lá tem bastante carne para comer’ (risos), ele já sabia que tinha bastante gado. (**entrevista 06** - Boris Melnik)

De outra forma, sendo uma atividade fácil e rentável, a criação de animais representava também uma alternativa de ganhos financeiros para as famílias, consubstanciados pela venda dos produtos (carne, leite ou derivados) e da prestação de serviços (carretos).

a) Criação de Suínos

A comercialização de suínos manteve-se ligada às famílias mais abastadas da região. Dentre os grandes empreendedores deste ramo de atividade, temos o senhor Antônio Menk que atuava na compra e venda de suínos (OSASCO, 2013). A bibliografia menciona a existência de um entreposto de venda de porcos no bairro do Km 18 (OSASCO, 2013) e uma feira de suínos conhecida como “chiqueirão” na rua André Rovai, localizada no bairro do Bonfim (OLIVEIRA e NEGRELLI, 1992, p.32).

De acordo com a publicação italiana produzida por Marchi (1939, p.53)⁵³ apud Oliveira e Negrelli (1992, p.25), Osasco parecia “destinada a se transformar no maior

⁵³ MARCHI, Sac. Giuseppe. **Cenni storici su Osasco**. 2.ed. Pinerolo: Parrocchia di Osasco, 1939.

mercado de suínos de todo o Brasil”. Na inspeção sanitária realizada em 1922, os chiqueiros são citados no capítulo que identifica as causas prejudiciais à saúde pública:

Osasco é o ponto de desembarque quase que diário de grande número de porcos. Não são poucos os chiqueiros existentes, sendo que o maior deles se acha situado junto à estrada que conduz ao Tietê. Suas condições higiênicas são péssimas e não são poucas as poças de águas paradas que neles existem. (OLIVEIRA e NEGRELLI, 1992, p.51)

No ano de 1924, foi criado um posto de fiscalização e inspeção de suínos na estação de Osasco, através da lei municipal paulistana 2722 (publicada em 12/06/1924, folha 01), e no ano de 1926, a lei 3028 (publicada em 30/12/1926), submeteria a fiscalização das pocilgas osasquenses à recém-criada Diretoria de Serviço de Carnes (artigo 75).

Essas tropas de animais, geralmente, exprimiam a riqueza dos seus proprietários. Se considerarmos que os rebanhos exigiam investimentos na sua aquisição, eles representavam uma forma de capital acumulado. O depoimento da senhora Maria Agostine Fernandes (**entrevista 12**) reforça a perspectiva de um investimento ao invés de uma reserva de consumo mesmo nas décadas mais recentes: “O meu marido trabalhava sempre por perto, ele também estava criando porquinhos para vender no Natal, leitõezinhos.”

b) Criação de Bovinos

O depoimento da senhora Catharina Andrade Benaglia traz uma perspectiva curiosa sobre a participação destes animais na construção do cenário urbano-industrial nascente. O trecho abaixo descreve a aplicação do carro de boi para transportar as máquinas da indústria de papel e cartonagem, instalada em 1892⁵⁴:

⁵⁴ A fundação da fábrica no ano de 1892 revela uma aparente discordância com o relato que decorre após o ano de 1900. De acordo com LEAL (2010, p.52), entretanto, ocorreu a substituição da “força a vapor pela hidráulica” por volta do ano 1902, o que nos levar a associar com uma possível substituição da máquina em operação.

O meu pai foi o homem que carregou a primeira máquina para fazer a fábrica de papelão na rua da Carteira,⁵⁵ precisaram usar os bois dele. Mas a máquina era muito pesada [e] os bois, ao invés de ir de frente, precisaram [vir] de ‘afasto’, (eu) não sei como, porque nesse tempo eu não existia, eu sei que o meu pai contava isso: com esses doze bois ainda precisaram ir de ‘afasto’. Tem muita gente conhecida minha que trabalhou na fábrica de papelão. Eu sei que o meu pai fez muito serviço, ele trabalhava muito: [ele era] pai dos violeiros e pai dos carreiros de Osasco. (**entrevista 02** - Catharina Andrade Benaglia)

A criação de animais bovinos se apresentava, na escala dos bairros, como fonte complementar de renda (promovida pela demanda de abastecimento das localidades mais isoladas) e, numa escala mais restrita, no contexto de investimentos vultuosos.

Neste sentido, o depoimento da senhora Lourdes Raimundo da Silva menciona a criação de gado realizada pelo comerciante Fuad Auad nas proximidades da sua residência na década de 1960. Essa informação reforça nossa impressão inicial de que os empresários locais tradicionalmente orientavam seus recursos para investimentos em variados setores da economia. Fuad Auada, por exemplo, foi proprietário do primeiro supermercado de Osasco, possuiu uma loja de calçados, chapéus, bolsas e tecidos, além de ter atuado na extração de areia, tornando-se um dos maiores revendedores do estado (OSASCO, 2013).

Quando eu mudei, ali era tudo ‘feitar’ de gado, era um campo que só tem gado, então chama-se ‘feitar’. Tinha aquele gado branco, parece que o nome daqueles bois é gado Santa Gertrudes, [tinha] cada boi grande, [a gente] estendia a roupa no varal, (mas) eles passavam com o chifre e tiravam (risos). De tanto que o gado passava ali, ficava aquele ‘trio’, então você usava aquele ‘trio’ do gado [para andar], não tinha rua, era aquele ‘trio’, esses lugares chamam-se caatinga. O dono desse gado era um turco, todo mundo ainda trata [ele como] ‘Fuado’. (**entrevista 11** - Lourdes Raimundo da Silva)

c) Criação de Equinos

A criação de cavalos guarda algumas particularidades no contexto regional e merece atenção especial frente às demais atividades pecuárias. Ela foi introduzida a partir de iniciativas particulares, mas ganhou relevante expressão identitária com a eleição do primeiro prefeito local, em 1962: a figura marcante de Hirant Sanazar percorrendo os bairros sobre o

⁵⁵ Adamas S/A.

seu cavalo é um relato freqüente na lembrança dos antigos moradores. A criação do Clube dos Cavaleiros de Osasco, contemporânea à emancipação política do município, também colaborou neste sentido. Essa abordagem cultural será melhor apreciada na segunda parte desta pesquisa.

Outro aspecto relevante quanto à criação de cavalos é que tais animais foram empregados na fase de consolidação da realidade urbana, adquirindo vinculações funcionais como o abastecimento local e a coleta de lixo⁵⁶. Além disso, eles asseguravam a conexão entre os bairros mais distantes e a linha férrea. O depoimento abaixo assinala a possibilidade de que os animais tenham sido utilizados para alcançar a estação ferroviária e a partir dela, regiões mais distantes, à semelhança do que atualmente se verifica com a manutenção de bicicletários junto às estações de trem:

Eu vim morar no Jardim Cipava no dia 08 de setembro de 1960 e a minha casa foi a primeira da região, depois começaram a povoar aqui, acolá, agora está cheio. Isso aqui não tinha estrada, não tinha nada: a [avenida] Antônio C. Costa, por exemplo, era uma passagem de carroça, tinha bastante carroça. Na estação de Osasco tinha um estacionamento para carroças e bebedouro para os cavalos. Osasco era praticamente uma cidade rural. (**entrevista 06** - Boris Melnik)

Além disso, nas imediações do centro de Osasco, havia um ponto de carroceiros que para ali se dirigiam à espera de serviços de transporte. Os relatos do senhor Francisco Assis de Oliveira (**entrevista 18**) relembram essa atividade: “tinha um ponto de carroceiros numa travessa da João Batista, ali no mercado de Osasco, que fazia transporte, cobrança, essas coisas com carroça [e os carroceiros] ficavam todos encostados na guia”.

Conforme mencionamos anteriormente, na fronteira entre os municípios de Osasco e Carapicuíba localizava-se o antigo matadouro municipal. Parte dos tropeiros que guiava as

⁵⁶ Encontramos alguns relatos sobre a retirada dos caminhões responsáveis pela coleta de lixo promovido pela prefeitura paulistana após a emancipação política do município, entretanto, inúmeros outros relatos mencionam a utilização de carroças puxadas por cavalos e mulas nesta função. Isso provocou uma aparente contradição de informações, mas supomos que os caminhões atuavam nos bairros centrais, enquanto as carroças eram utilizadas nos bairros mais periféricos. A inspeção sanitária realizada em 1939 ainda acusava a ausência de coleta de lixo na região de Osasco.

boiadas para essa região começou a instalar-se numa área localizada atrás dos quartéis. A presença de antigas cocheiras no bairro de Quitaúna atravessou o tempo, de forma que cerca de 200 animais foram desalojados desta área no mês de dezembro de 2013.

O bairro de Quitaúna fica localizado na antiga Fazenda Carapicuíba, para quem conhece um pouco da história do nosso município, era nessa Fazenda Carapicuíba que existia o matadouro nacional. O matadouro nacional descarregava as boiadas aqui para abastecer toda a [cidade de] São Paulo. Daí que se iniciou as nossas tradições tropeiras de vir à cavalo, a pessoas vinham trazendo a boiada, tocando essa boiada à cavalo até exatamente aquela área. Nisso foi passando alguns anos, as tradições foram mudando, as coisas foram mudando e essas pessoas que tinham cavalo, que faziam esse trabalho na época, começaram a se alojar justamente neste local, que fica próximo ao quartel de Quitaúna. (Associação dos Tropeiros de Osasco e Região, informação verbal⁵⁷)

Embora houvesse uma quantidade expressiva de animais nestas cocheiras, não havia uma organização coletiva que administrasse seus cuidados, derivando de uma iniciativa espontânea dos donos de cavalos. Essa área merece uma atenção especial, pois é uma referência espacial presente em todos os relatos associados à criação de cavalos no município.

5.3.1. ELEMENTOS PECUÁRIOS NO COTIDIANO ATUAL

A criação de animais sempre foi usual no território de Osasco, como demonstra o trecho extraído do livro publicado pelo primeiro prefeito, Hirant Sanazar. Em relação aos fatores que influenciaram o resultado do primeiro plebiscito sobre a emancipação política municipal, ele afirma:

Analisando as razões, dessa decisão negativa, constatou-se que prevaleceram na decisão popular os boatos, intrigas e mentiras, como aqueles que diziam que o salário mínimo seria reduzido, os impostos se aumentariam, os ônibus não adentrariam a Vila Yara, **que haveria proibição de criar animais**, além de que amedrontavam a população de que as obras de alvenaria que não constassem com planta aprovada, seriam derrubadas, os imóveis seriam desvalorizados, rebaixamento de “status” de Capital para Interior, entre outros. (SANAZAR, s/d, p.79, grifo nosso)

⁵⁷ Disponível em: www.youtube.com/watch?v=f2X-hTt0on0#t=131 (acesso em 18/12/13)

Essa iniciativa, aparentemente, persistiu no território osasquense como uma prática muito mais espontânea do que as atividades de cultivo, podendo ser reconhecida a partir de disposições particulares e coletivas.

a) Iniciativas particulares

As iniciativas particulares demonstraram estar apoiadas basicamente em dois tipos de motivações: pessoais ou práticas. O relato da senhora Maria Agostine Fernandes (**entrevista 12**), por exemplo, descreve a criação de galinhas e patos através de um propósito pessoal. A iniciativa aparece como prática remanescente do seu núcleo familiar, motivada por sentimentos nostálgicos de herança e continuidade:

Só que o quintal é pequeno, não dá para plantar nada, até uma mina de água que eu tenho, o meu sonho é ainda criar umas galinhas, uns patos, eu gosto. De vez em quando que eu compro verdura, que eu lavo [a] verdura, a gente sempre tira aquelas folhas velhas, [então] eu lembro dos meus bichinhos porque eu jogava para eles. Às vezes sobra comida assim, [ao invés de] colocar no lixo, [a gente] pode dar para os bichinhos de casa. Porque desde quando [eu] nasci, a gente morava na roça e a minha mãe tinha, nós sempre tivemos a nossa criação. Meu pai foi trabalhar com um tio da minha mãe que tinha o sítio, mas ele tinha a vaquinha dele, tinha o animal para ir para cidade, para trabalhar na roça, trabalhar no arado, então ele sempre tinha os [animais] dele, os porquinhos...

Em relação às iniciativas particulares sustentadas por motivações práticas, notamos que a criação de animais ainda reproduz as mesmas finalidades descritas pela população pioneira: transporte de passageiros e/ou de carga. É assim que, mesmo nos dias atuais, as terras públicas devolutas são convertidas em campos de pastoreio.

No curto intervalo desta pesquisa, momento em que os olhos se mantiveram direcionados para essa perspectiva, testemunhamos a presença freqüente destes animais em pequenas praças (foto 05), no terreno adquirido em 2008, para construção do novo campus da Universidade Federal de São Paulo - Unifesp (foto 06), nas terras marginais ao Rodoanel (foto 07) e à linha ferroviária (foto 08).

Foto 05: Cavalo em frente ao posto de saúde localizado no bairro Cidade das Flores.

Autoria: Danielle Albino (data: 16/11/2013)

Foto 06: Cavalos no terreno adquirido em 2008 para o novo campus da Unifesp.

Autoria: Danielle Albino (data: 22/12/2013)

Foto 07: Porcos às margens do Rodoanel

Autoria: Danielle Albino (data: 09/11/2013)

Foto 08: Bois criados às margens da linha ferroviária.

Autoria: Danielle Albino (data: 07/09/2013)

É preciso ressaltar, entretanto, que todos estes registros representam um testemunho restrito da presença atual dos animais no território osasquense, pois correspondem apenas aos espaços de circulação cotidiana da pesquisadora. Os relatos revelam, entretanto, que essa presença se reproduz em outras áreas do município.

A predominância de lembranças associando atividades pecuárias aos arredores do quartel de Quitaúna, entretanto, é notável. E a existência de uma fábrica de selas, atuante em nível nacional, sediada no município reafirma a importância histórica que a criação de cavalos assumiu no cenário local.

Osasco teve seus dias de glória no mundo *country*, [mas] ela vem diminuindo a cada dia. Como selaria de fábrica só havia a nossa, aliás, acho que a única selaria que fabrica selas dentro da Grande São Paulo é a Bridle, têm outras dentro do Jóquei, mas são especializadas em cavalos de corrida. O mercado de Osasco vem diminuindo muito, principalmente agora que acabaram com aquele centro [onde] tinham as cocheiras ao lado do quartel, vinham uns 200 cavalos ali e eu atendia aquele mercado. (**entrevista 21** - Marcos Aurélio Libanori)

O senhor Daniel Barbosa de Andrade, por exemplo, descreve suas iniciativas de criação de gado nos arredores do quartel de Quitaúna, no ano de 2003, mas ainda hoje encontramos tropas de cavalos destinadas à comercialização nas terras que margeiam o Rodoanel (fotos 09 e 10).

Foto 09: Criação de cavalos às margens do Rodoanel Mário Covas em Osasco.

Autoria: Danielle Albino (data: 18/05/2014)

Foto 10: Área de pastoreio dos animais.

Autoria: Danielle Albino (data: 18/05/2014)

Os relatos abaixo fazem referência a isso:

Eu fui em Salto de Pirapora um dia, como diz o nordestino, eu estava meio arretado, comprei dez garrotes [e] trouxe para Osasco, para a cocheira dos cavalos, depois não deu certo [e] eu [também] levei para Ibiúna, isso foi em 2003. Eu não sei [se] deu uma praga, [se] envenenaram os bichos, [mas] morreram três vacas só num dia, [então] eu fiquei só com os cavalos, porque o cavalo é mais resistente, o cavalo come capim, [mas] a vaca come qualquer outra comida, [então] parece que deram veneno porque morreu quase tudo. **(entrevista 17 - Daniel Barbosa de Andrade)**

Eu nunca tive, [mas] existiam vacas de leite [também], numa questão de 10 anos atrás, o China ainda tirava e vendia leite natural pela cidade, era bem forte ali naquela região [dos quartéis]. **(entrevista 20 - Marcos Aurélio Libanori)**

E o professor Daniel vai te falar detalhes que você vai dar risada: ele vai te contar a história de uma vaca que fugiu na avenida dos Autonomistas, eu que tive que pegar, ele e eu que corremos atrás, e ela deu um trabalho, fugiu [às] 11 horas da manhã [e] nós fomos pegar [às] 7 horas da noite, ela subiu para o lado do quartel. E foi engraçado porque a gente estava levando esses animais para Ibiúna, porque eu ia casar. Eu acho que foi em 2006 [ou] 2007. **(entrevista 19 - Josias Nascimento de Jesus)**

A motivação econômica aparentemente predomina nas iniciativas particulares, embora tais atividades não estejam desassociadas de um propósito ligado à continuidade das tradições. As iniciativas coletivas, de outra forma, reforçam a perspectiva cultural, em termos de tradição, mas sem uma vinculação econômica associada.

b) Iniciativas coletivas

Em relação às iniciativas coletivas, identificamos a presença de dois grupos recentemente organizados na região: o Clube de Cavaleiros Hirant Sanazar (2010) e a Associação dos Tropeiros de Osasco (2012). O primeiro grupo não possui sede coletiva, trata-se de uma comitiva que reúne cerca de 180 cavaleiros na ocasião de eventos. O segundo grupo manteve-se sediado no Racho Comanche, no bairro de Quitauína, onde abrigava por volta de 183 animais.

No mês de dezembro de 2013, estabeleceu-se uma contenda entre a prefeitura e uma parte destes cavaleiros, dada a necessidade de desocupação dos ranchos localizados nas imediações do aquartelamento militar Duque de Caxias, no bairro de Quitaúna, para o encaminhamento de projetos habitacionais.

Essa divergência revelou um aspecto curioso que envolve a formação recente dos grupos, já que a legislação proíbe, desde 1986, a manutenção de estruturas para criação de animais no município: “fica proibida a permanência de estábulos, cocheiras, chiqueiros e pocilgas no perímetro urbano do município” (lei nº1903/86, artigo 1º). Curiosamente, o artigo 36, da lei 3999 (publicada em 17/01/2006), proíbe a criação e manutenção de animais suídeos, leporídeos, caprídeos, ovídeos, bovídeos e aves domésticas, mas não menciona o grupo dos eqüinos.

De acordo com Mariano (2009, p.01), as expressões culturais populares são comumente apropriadas pelo governo local ou por iniciativas particulares para serem mercantilizadas, mas essa dinâmica não abriga todos os processos que se realizam no território osasquense, pois muitas iniciativas sobrevivem ainda que existam fortes limitações impostas pela legislação local. Desta forma, a realização de alguns eventos guarda enorme espontaneidade como, por exemplo, a corrida de cavalos que se realiza nas manhãs de domingo na última rua da cidade, às margens do Rodoanel, na divisa com o município de Carapicuíba.

Essa corrida não possui uma organização formal, ela se divulga através do popular “boca a boca” reunindo cavaleiros de toda a região, dentre os quais identificamos participantes de Ibiúna, São Roque, Cotia (distrito de Caucaia do Alto) e São Paulo (distrito do Rio Pequeno).

As disputas realizadas entre charretes ocorrem sem a interdição da rua, de forma que a largada está intimamente associada ao sinal vermelho do semáforo que interrompe momentaneamente a passagem dos carros na avenida. Neste intervalo, um enorme grupo de motoqueiros e alguns veículos cercam os competidores como forma de proteger os charreteiros. A população acompanha às margens da avenida ou na passarela e alguns grupos formam um cordão humano interrompendo momentaneamente a circulação dos carros nas ruas vicinais para evitar que outros veículos assumam a frente dos cavalos.

O contraste produzido pela presença dos animais com o entorno urbanizado é notável, assim como a ruptura normativa que sua presença provoca naquele espaço: notamos, por exemplo, inúmeros cavaleiros e charreteiros percorrendo as vias públicas na contra-mão, por outro lado, a maior parte das motocicletas e todos os veículos que os acompanham, realizam o caminho regular através de um retorno para acessar novamente a linha de partida, demarcada por uma sinalização no poste (foto 11).

As pessoas que se reúnem para assistir ao evento realizam apostas e desfrutam de um espaço de refeição e lanche que se improvisa em uma das esquinas. Curiosamente, reúnem-se neste encontro desde as mais simples charretes de uso cotidiano, até modernas caminhonetes rebocando *trailers* para transporte de animais. De acordo com um dos frequentadores, todos os participantes são amigos, mas as divergências são constantes em função das apostas.

Este evento compartilha frequentadores com outra corrida de cavalos realizada no município de Ibiúna/SP, onde a disputa ocorre em pista mais apropriada, pois de acordo com alguns relatos, os cavalos correm em estrada de terra. O constante deslocamento para municípios vizinhos com o intuito de participar de rodeios, desfiles ou romarias demonstra a existência de uma rede de sociabilidade entre os criadores de toda a região.

Foto 11: Ponto de largada da corrida de cavalos e sinalização da saída no poste.

Autoria: Danielle Albino (08/06/14)

O evento mais tradicional que se realiza oficialmente dentro dos limites municipais constitui o desfile do sete de setembro. A figura dos cavaleiros tornou-se habitual na parada cívico-militar realizada anualmente, em função das festividades do Dia da Independência Nacional (fotos 12 e 13). Essa participação remonta à própria criação do município, de forma que, em 1963, eles eram anunciados como “cavaleiros da emancipação”.

Segundo relatos locais, este grupo permaneceu durante muitos anos fora da programação oficial do desfile, mas ainda assim os cavaleiros percorriam a avenida ao encerramento do mesmo, como iniciativa individual e espontânea. Recentemente, os cavaleiros foram reincorporados ao evento, agora sob a insígnia de comitativas organizadas, dada a necessidade de reforçar as condições de segurança.

É importante ressaltar que todas as atividades organizadas por tais grupos na região abrigam um forte apelo identitário, pois intencionam preservar a memória das tradições tropeiras. Esse aspecto cultural é notório, por exemplo, nos encontros de Queima do Alho⁵⁸ e na Festa do Peão de Boiadeiro, substituída recentemente pelo Festival Sertanejo.

⁵⁸ Competição referente ao preparo de pratos típicos da culinária tropeira.

Foto 12: Foto do primeiro desfile na cidade após a emancipação (1963)

Fonte: www.camaraosasco.sp.gov.br/osasco/fotos/webs4/318.htm

Foto 13: Desfile do Clube dos Cavaleiros Hirant Sanazar (2013).

Autoria: Danielle Albino (data: 07/09/2013)

A nossa associação [...] tenta manter essas tradições [...] elas estão relacionadas: (a) à comida tropeira, [...] feijão tropeiro, arroz carreteiro, galinhada, vaca atolada; (b) [...] às danças, o pessoal do sul trouxe junto a catira [...] ; (c) à moda de viola que era uma forma de diversão para os nossos tropeiros [...]. Isso tudo faz parte da história de cada um de nós, mesmo quem [...] não tem cavalo, mas com certeza o seu avô, a sua avó, o seu bisavô passou por isso. Você imagina assim: hoje nós somos uma Grande São Paulo, nós somos uma área metropolitana, mas todos os nossos municípios foram montados aonde? Em cima do lombo de um burro, de um cavalo, o material de construção aqui chegou no lombo desses animais, nós comíamos a carne [dos bois] que esses animais tocavam [...] Então a gente tem esse intuito de manter essas tradições para elas não serem esquecidas. (Associação dos Tropeiros de Osasco e Região, informação verbal⁵⁹)

Tais eventos são agregadores e mobilizam outros grupos interessados pelas manifestações culturais ligadas ao campo, frequentemente associadas à religiosidade popular. Na segunda parte desta pesquisa veremos como estes grupos apresentam um discurso semelhante no que diz respeito à retomada de tradições.

⁵⁹ Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=f2X-hTt0on0#t=131> (acesso em 18/12/13)

6. APONTAMENTOS ICONOGRÁFICOS

As observações lançadas adiante são apenas exercícios de interpretação iconográfica. Evidentemente, não esgotamos as possibilidades de análise, mas incluímos tais apontamentos nesta pesquisa como forma de sugerir e incentivar futuras abordagens assim fundamentadas.

Sabemos que a paisagem encerra elementos pertencentes a tempos históricos diversos, de forma que eles se encontram, muitas vezes, “justapostos, superpostos e imbricados” (BASTIÉ, 1973, p.49). A foto 14, por exemplo, nos permite compreender esta afirmação, já que sintetiza a presença concomitante de elementos industriais e rurais, sempre tão integrados no cotidiano osasquense. Sabemos que as iniciativas industriais foram mais pronunciadas, mas isso não é negligenciado pela imagem, já que o pastoreio aqui registrado estava funcionalmente vinculado à agroindústria, correspondendo aos campos de invernada do frigorífico.

Foto 14. Instalações da Cerâmica Industrial (1915)

Fonte: www.camaraosasco.sp.gov.br/osasco/fotos/

O registro fotográfico enfrenta o desafio de perpetuar o tempo (Leite, 2002, p.15), mas isso não significa que ele possa fazê-lo de forma objetiva, pois a imagem capturada será sempre o produto de uma seleção feita pelo fotógrafo (Burke apud Leite, 2002, p.17). Neste sentido, todo registro fotográfico implica numa atitude de recorte, interpretação e intenção do sujeito que obteve a imagem, mas certamente não invalida seu caráter documental.

Leite (2002) realizou um estudo iconográfico com as *cartés de visite*⁶⁰ produzidas por Militão Augusto de Azevedo no século XIX. De acordo com o autor, a indumentária utilizada pelos clientes possuía um importante significado de representação social, pois revelava como estas pessoas gostariam de ser vistas.

A foto 15 nos permite algumas reflexões a este respeito: observamos um grupo de pessoas diante de uma jardineira, transporte coletivo comum nas zonas rurais por mostrar-se mais resistente às estradas de terra. Podemos concluir que ela conduzia um público restrito, já que as longas caminhadas ou cavalgadas predominavam no deslocamento da população. Ainda assim, a fotografia nos apresenta (ao centro) um homem trajado com típicos trajes urbanos, mas vestindo uma perneira, indumentária que, segundo o senhor Magno Santo Togniolo (informação verbal⁶¹), protege contra a picada de cobras, um problema dissonante do espaço urbano, estilo de vida inicialmente anunciado pela vestimenta.

⁶⁰ *Carté de visite* consistia num retrato, geralmente de pose individual, que podia ser reproduzido em maior escala, o que a tornou o produto mais popular oferecido pelos ateliês no século XIX. [LEITE, 2002, p.36-38]

⁶¹ Informação espontânea fornecida em abril de 2014 durante o período de análise iconográfica.

Foto 15: Transporte de jardineira do início do século XX - acervo pessoal Walter Ramos

Fonte: Coelho, Moreti e Messias (2004)

Dentre as *cartés de visite* analisadas por Leite (2002, p.138), uma delas nos chamou atenção, porque discutia a representatividade do calçado: “é notório que, do ponto de vista da composição da cena, Militão deu atenção especial aos pés do retratado, pés que, ao estarem descalços, assumem, como sabemos, a simbologia do trabalho físico, braçal”. Esta proposição nos induziu a refletir sobre a aquisição do calçado como um elemento cultural cujo valor social (status) sobrepunha o valor funcional (proteção dos pés). Sabemos que sua aquisição representava uma importante conquista material, sendo o seu uso reservado para situações especiais:

Nós íamos a pé, nós éramos pobres, meu pai não podia bancar, tinha pouco... nós andávamos até chegar na igreja, então nós íamos com o sapato velho no pé, depois escondíamos o sapato velho no mato e púnhamos o sapato novo para ir na igreja... (Ermelinda Ongaro Paes, informação verbal⁶²)

⁶² Entrevista obtida em 16/09/2012, como ensaio de método para a pesquisa, realizada em residência familiar.

A minha mãe era uma mulher muito simples, muito pobre. [Ela] falou assim: “a mulher não deu um sapato para você?”, eu disse [que] não, meus dedos dos pés eram todos abertos de tanto [eu] andar descalça, [então ela] comprou um sapato para mim, eu tinha 12 anos [quando] eu calcei o [meu] primeiro sapato. (**entrevista 13** - Maria Aparecida de Freitas)

Como podemos observar nas fotos 16 e 17, o calçado aparece como um elemento de diferenciação entre os grupos escolares retratados. Não foi possível identificar a localização dos mesmos, mas reconhecemos seu registro em épocas distintas. Se, por um lado, não podemos considerar a ausência ou presença dos calçados como indicador cultural de um cotidiano urbano e rural, por outro lado, podemos reconhecê-lo como elemento que expressa maior acessibilidade econômica da população entre o início do século e a década de 1930. Essa representatividade é reafirmada quando localizamos no relatório da inspeção sanitária realizada em 1939, apontamentos do autor no que diz respeito a este aspecto, sendo destacado: “todos usam aventais brancos, embora algumas crianças freqüentem a escola descalças, por não possuírem sapatos” (OLIVEIRA & NEGRELLI, 1992, p.57).

Faz-se necessário ponderar, entretanto, que os bairros centrais foram os primeiros a serem beneficiados com infra-estrutura urbana, inclusive, com farmácias e escolas. Desta forma, se a foto 17 nos inspira a ideia de algum desenvolvimento local já na década de 1930, isso certamente não se reproduzia em todo o território osasquense, já que a expansão urbana esteve intimamente associada à implantação de plantas industriais e à ampliação dos fluxos migratórios, ambos intensificados a partir da década de 1940.

Foto 16: Grupo Escolar (1906) - acervo pessoal de Walter Ramos

Fonte: Coelho, Moreti e Messias (2004)

Foto 17: Grupo Escolar (1932) - acervo pessoal de Walter Ramos

Fonte: Coelho, Moreti e Messias (2004)

Evidentemente a passagem do tempo acentuou o caráter urbano no cotidiano local, mas a presença de elementos rurais continua provocando justaposições curiosas que despertam nosso olhar para a identidade da cultura osasquense. A foto 18, por exemplo, retrata o percurso realizado pelos grupos cavaleiros no retorno para as cocheiras após o desfile cívico militar realizado no dia 07 de setembro de 2013.

Foto 18: Retorno dos grupos cavaleiros para as cocheiras após o desfile cívico-militar.

Autoria: Danielle Albino (07/09/13)

A inserção das charretes e dos animais no contexto normativo do trânsito urbano aqui retratada é representativa desta reunião de elementos culturais distintos. De acordo com Silva et.al (2008, p.07), o espaço urbano tem essa “potencialidade de reunir dimensões, tanto materiais quanto imateriais, de ontem e de hoje, que concordam e discordam entre si”.

IV.SEGUNDA FASE: INTENSIFICAÇÃO DOS FLUXOS MIGRATÓRIOS

1. O SUJEITO MIGRANTE

O grande fluxo populacional que se dirigiu para a região de Osasco, a partir da década de 1940, resultou na convergência de múltiplas influências culturais para esse território. Quaisquer reflexões sobre a identidade local, portanto, devem ser precedidas por alguns apontamentos acerca da situação destes sujeitos migrantes, independente da sua origem.

De acordo com Doro (informação verbal⁶³) “a história migrante vai nos revelar uma série de realidades motivadas por sonhos”. Isso significa que ao lançarmos um olhar sobre as decisões de partida dessa população, teremos acesso às perspectivas que elas trouxeram junto à bagagem material, o que condiciona sua percepção quanto ao local de destino. De uma forma geral, os relatos descrevem decisões de partida motivadas por desconfortos no local de origem como problemas de ordem econômica, a persistência da seca, de conflitos locais ou da guerra, mas isso não significa que todos os migrantes guardassem o firme propósito de retornar a sua terra natal, muitos deles, pelo contrário, carregavam o intuito de reconstruir suas vidas noutro cenário. O depoimento abaixo demonstra essa orientação:

A gente já veio com visto permanente porque a Europa estava em ruínas, [algumas] cidades por onde eu passei [como] Hannover, Hillesheim, Düsseldorf e Berlin estavam em ruínas, só 20% das cidades estavam em pé, assim mesmo com prédios arrebentados, rachados, caindo aos pedaços, então não tinha condições de voltar para lá, a fome era demais. (entrevista 06 - Boris Melnik)

Essa observação merece atenção, pois a perspectiva de retorno à terra de origem pode influenciar profundamente a relação que o sujeito migrante vai estabelecer com o local de destino. De acordo com o site oficial da Comunidade Armênia de Osasco (2013), “o que caracterizou a imigração dos armênios não foi a busca por uma melhor situação econômica ou simplesmente a aventura de tentar uma nova vida, mas sim, alcançar refúgio, afinal havia a

⁶³ DORO, Norma Marinoviv. Imigração, saúde e política. **Seminário Internacional Histórias Migrantes**. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013.

esperança de retornar à terra natal”. Podemos afirmar que existe uma estreita relação entre essa intenção de retorno e a formação de um enclave étnico no bairro de Presidente Altino, já que esse propósito reforçava entre os membros da comunidade uma ampliada necessidade de preservar seu modo de vida tradicional⁶⁴.

Os deslocamentos nem sempre se realizavam em uma única etapa. Alguns relatos descrevem o cotidiano de numerosas localidades onde o depoente habitou antes da sua instalação definitiva no território de Osasco. Essa dinâmica nos empresta um prisma de observação que reforça a condição do migrante enquanto atópos. O trecho a seguir esclarece esse conceito:

O imigrante, habitante de um espaço territorial definido, ao transitar desse espaço para outro se transforma em atópos, sem lugar próprio no sentido social, cultural e econômico. Ele se torna em um deslocado no novo espaço que não lhe pertence em termos de práticas, valores, usos e costumes, modos de agir e pensar. Ele se transforma, na maioria das vezes, em um inoportuno, embaraçoso, incômodo, objeto de racismo, estereótipos, preconceitos e de atos de intolerância. Provavelmente, sem ter consciência, o imigrante, antes de ser emigrante, devido aos seus sonhos, aos seus anseios e às suas utopias, também estava se metamorfoseando em seu próprio país, e, na sua comunidade de origem em um atópos, isto é, um ser atópico, sem lugar, pelo menos para uma parte dele não tinha um lugar (topos) definido na estrutura social. Ou seja, ele não tinha uma perspectiva de futuro (HIRANO, 2013)

É evidente que essa análise não se aplica ao fluxo temporário provocado pelas migrações pendulares, pois tais deslocamentos não se realizam em caráter definitivo ou de longa permanência. Ademais, para os casos de migração pendular, não há necessidade de reconstrução do cotidiano vivido. De acordo com Doro (informação verbal⁶⁵), a migração não se limita à transposição das fronteiras geográficas ou ao percurso de um itinerário, mas “envolve o confronto com o inesperado, pois encontrar trabalho em terras distantes implicava reinventar a própria vida, cotidiano e cultura”. O processo de acomodação ao novo espaço de

⁶⁴ O trecho a seguir extraído do website oficial da Comunidade Armênia de Osasco reafirma essa percepção: “em 1928, os armênios de Presidente Altino decidiram congregar-se com a finalidade de auxiliarem uns aos outros nos planos material e afetivo.” (Comunidade Armênia de Osasco, 2013).

⁶⁵ DORO, Norma Marinoviv. Imigração, saúde e política. **Seminário Internacional Histórias Migrantes**. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013.

vida é lento, de forma que o indivíduo se distancia culturalmente da sua origem, mas ainda não transita sem estranhamentos na cultura de destino. O depoimento abaixo expressa essa condição:

Então é um negócio que a gente sofre aquele impacto, [mas] depois acostuma. Até uns 06 meses que eu estava aqui, eu tinha vontade de ir embora para o interior, depois [foi] passando. Eu falo que o ser humano acostuma com tudo, com o que é bom e com o que é ruim, né? Na primeira vez que eu saí de férias da firma, eu fui visitar meus pais no interior. Na mesma hora [em] que eu estava achando tão ruim aqui, [eu] fui para lá e vi que eu já tinha acostumado com [essa] vida agitada, lá já estava muito pacato para mim. (**entrevista 21** - Nilo Barbosa de Oliveira)

Neste sentido, devemos ponderar também que, inúmeras vezes, essa dinâmica conduz a grandes transformações em termos de mobilidade social, por exemplo, quando um agricultor se torna operário. Para o trabalhador, isso implica em desfazer-se de símbolos pretéritos e assumir novos signos de identidade, o que pode ser um processo conflituoso. É preciso lembrar que as relações de impessoalidade predominam na experiência urbana e que a indústria compõe um espaço formal, onde há normatizações de conduta e linearidade do tempo. Tudo isso constitui oposição imediata às formas culturais predominantes no campo. Os depoimentos abaixo demonstram como o cotidiano fabril também pode provocar estranhamento quanto ao uso do tempo:

Era muito difícil, para ir ao banheiro, você tinha que pegar a chapinha e, se você demorasse mais do que 05 minutos no banheiro, a encarregada ia lá bater na porta. É, não tinha boi não... tinha o horário certinho para almoçar, bateu aquela hora você tinha que estar ali, era bem escravizado, sabe? Qualquer coisinha assim, você era chamado à atenção, tinham aquelas cartas de suspensão, era bem rígido, hoje [o pessoal] está no céu. (**entrevista 04** - Maria Conceição Pereira Martins)

[Eu] trabalhava de segunda a sábado [e] folgava só um dia por semana. Eu estava cansado, [porque] o horário que a firma estipulava para trabalhar, você tinha que trabalhar, [então] eu estava fazendo [um] curso de ferramentaria no Senai de dia e trabalhando à noite. [Quando] chegava no final de semana, no único dia de folga, os amigos queriam que a gente fosse cantar, mas [eu] não tinha mais pique [...] (**entrevista 21** - Nilo Barbosa de Oliveira)

Em outras ocasiões, a conversão do trabalhador primário em operário industrial ocorre apenas no plano formal, mas não no plano funcional. Os relatos de Pavão (2010, p.33-44), por exemplo, descrevem sua infância dentro de um cotidiano extrativista, em função da atividade pesqueira desenvolvida pelos pais. Posteriormente, ele menciona a inserção de todos os seus oito irmãos no Frigorífico Wilson. Cumpre mencionar que apesar da aparente conversão do trabalho extrativista para o trabalho industrial, algumas atividades mantiveram estreita associação com o primeiro setor, na medida em que suas atribuições estavam vinculadas ao trato animal. O ‘tempo de firma’ oportunizaria mais tarde a promoção de alguns deles para atividades de ordem administrativa.

A manutenção de processos industriais não-modernos favorecia um amplo aproveitamento da mão-de-obra não-qualificada que era cada vez mais abundante na região. Por outro lado, não podemos deixar de refletir também sobre a marginalização que uma parte dessa população sofreu em relação aos processos industriais. O senhor Vicente Napoleão de Oliveira, por exemplo, relata ter sido empregado numa fábrica de adubos, entre os anos de 1965 e 1968, enquanto seu pai mantinha o exercício de atividades agrícolas nas terras do município. Além disso, é preciso observar que mesmo a sua inserção profissional, essencialmente urbana, mantinha-se vinculada à agroindústria.

2. CONVENCIONALIZAÇÃO: MODELAGEM CULTURAL

A dinâmica migratória provoca transformações intensas no cotidiano de numerosas famílias. O sujeito migrante, entretanto, pode manter suas disposições culturais mais ou menos alteradas no contato com a nova realidade sócio-cultural.

As ciências antropológicas e psicológicas compartilham o termo “convencionalização” para referir-se ao trabalho de modelagem que as formas culturais de um grupo recebem ao serem transferidas para outro grupo, havendo as seguintes possibilidades de ajuste: (a) assimilação, quando ocorre a incorporação dos elementos do contexto fonte pela cultura do grupo receptor; (b) simplificação, quando ocorre a incorporação de apenas alguns aspectos do contexto fonte na cultura do grupo receptor; (c) retenção parcial com hipertrofia do detalhe, quando o grupo receptivo incorpora em sua cultura aspectos irrelevantes no contexto fonte e (d) criação social de novos símbolos, quando surgem novos elementos no grupo receptor a partir das interações com o contexto fonte (BOSI, 1979, p.24-29).

Considerando a ampla interação sócio-cultural provocada pelos processos migratórios na região de Osasco, torna-se muito importante atentarmos para as dinâmicas de integração identitárias aparentemente banais, pois alguns costumes, já interiorizados pelos moradores locais, eram completamente novos para os povos migrados (SEIXAS, informação verbal⁶⁶). A renovação lingüística e as celebrações festivas, por exemplo, são representativas dessa integração.

⁶⁶ SEIXAS, Xosé M. Núñez. Cartas do destino: reflexões sobre os epistolários como fontes para a história das migrações. **Seminário Internacional Histórias Migrantes**. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013.

2.1. A RENOVAÇÃO LINGUÍSTICA

O sujeito migrante quando se depara com seu novo espaço de vida se esforça para compreendê-lo, assim como para integrá-lo. Neste sentido, existe um período de adaptação em que as circunstâncias serão interpretadas pelo filtro das suas experiências anteriores. O trecho abaixo demonstra como as novidades são apreendidas com a mediação de imagens pretéritas que povoaram a vida e a memória do sujeito migrante:

Naquele ano, o Brás não era [conhecido como] Brás, era Estação do Norte, [então, meu pai] nos deixou num local onde passava o pessoal que ia para Guaianazes e foi comprar as passagens. Eu via aquele ‘mundarel’ de gente passando [e] pensava que era uma procissão, [eu] nunca tinha visto tanta gente assim, só em procissão na cidade (risos). Isso era à noite, [então] o pessoal estava saindo do serviço [e] indo para casa, era o pessoal que ia pegar o trem. (**entrevista 15** - Vicente Napoleão de Oliveira)

Frequentemente, este contato entre realidades culturais distintas cobra um esforço literal de tradução, pois o sujeito migrante se depara com inúmeras variações linguísticas, sendo obrigado a aprender novas palavras, além de re-significar termos que lhes são habituais. O trecho abaixo demonstra como o uso de palavras diferentes pode expressar uma mesma atividade:

Ele falou que precisava de pessoas para carpir e o meu pai não sabia o que era carpir, porque a gente falava ‘limpar’, [mas] o ‘carpir’ era o mesmo que nós fazíamos lá, só que com outra palavra. [Então] o meu pai falou: “eu não sei, mas o senhor [pode] me ensinar”, [quando] o homem foi [mostrar] com a enxada, [o] meu pai falou: “ah, então dá para fazer”. Nós ficamos com o japonês, carpindo [e] arrancando batatinha, naquela época a batatinha ainda era manual. (**entrevista 15** - Vicente Napoleão de Oliveira)

Essa variação regional na terminologia envolve, portanto, um esforço de integração por parte do sujeito migrante que amplia ou modifica seu vocabulário para interagir socialmente em seu novo espaço de vida. De acordo com Bosi (1979, p.19), “as convenções verbais produzidas em sociedade constituem o quadro ao mesmo tempo mais elementar e mais estável da memória coletiva”.

É preciso lembrar que a linguagem também guarda suas armadilhas, pois a mesma terminologia pode abrigar significados completamente distintos. Isso pode ser verificado, por exemplo, com o lugar denominado “campo de concentração”, que aparece no depoimento do senhor Boris Melnik como uma referência aos campos nazistas, enquanto no depoimento do senhor Vicente Napoleão de Oliveira refere-se aos centros dedicados à distribuição de alimentos no estado do Ceará durante o período das secas.

2.2. CELEBRAÇÕES FESTIVAS

A longa permanência de um grupo em um determinado espaço geográfico favorece a produção de acervos familiares, na medida em que as novas gerações herdam elementos materiais e imateriais das gerações anteriores. Nessa atmosfera de continuidade, numerosas marcas de identidade são impressas no espaço e compreendem escolhas assumidas como signos pessoais ou coletivos que reafirmam suas raízes culturais.

Em contraposição ao tempo que oferece continuamente a imagem da mudança, o espaço oferece a imagem da permanência e da estabilidade. Os lugares recebem a marca de um grupo e a presença de um grupo deixa marcas num lugar. Todas as ações do grupo podem ser traduzidas em termos espaciais e o lugar ocupado pelo grupo é uma reunião de todos os elementos da vida social. Cada detalhe tem um sentido inteligível aos membros do grupo. Ao mesmo tempo que o espaço faz lembrar uma maneira de ser comum a muitos homens, faz lembrar, também, costumes distintos, de outros tempos. Sobretudo, faz lembrar de pessoas e relações sociais ligadas a ele. Neste sentido é, sempre, fonte de testemunhos (SCHMIDT e MAHFOUD, 1993, p. 291)

A decisão de partida, entretanto, exige certo grau de desapego em relação a todo esse aporte material com o qual o sujeito migrante está acostumado, a começar pelo próprio espaço físico que ele habita. Hellpach (1967, p.247) exemplifica essa ideia, afirmando que “[...] as saudades dos montanheseiros na planície depende principalmente da falta de articulações, variabilidade e movimento das formas visivas que a natureza apresenta”.

Evidentemente, o sujeito migrante não poderá reproduzir, em seu novo espaço de vida, todos os traços culturais que caracterizam sua terra de origem, mas poderá dar vida a alguns elementos. A Programação Neurolingüística (PNL) denomina como ancoragem o processo em que determinadas reações emocionais são provocadas a partir de estímulos externos, são marcas sensoriais (visuais, auditivas, olfativas, gustativas ou cinestésicas) que atuam como gatilhos e nos permitem reviver emoções temporalmente distantes da realidade atual, reproduzindo-as com enorme vivacidade.

Neste sentido, podemos afirmar que a cultura do sujeito migrante encontra portos de ancoragem naquilo que ele pode carregar ou reproduzir no local de destino como, por exemplo, a culinária e a música. Os depoimentos abaixo demonstram essa continuidade:

Embora minha família seja multirracial em termos de música (por exemplo, a gente adora músicas armênias porque trazem a lembrança dos nossos pais) [dentro da cultura adquirida no Brasil, gostamos de] *country* claro... mais eu e o Hirant, o Asholt nem tanto. (**entrevista 22** - Vrejhi Sanazar)

[Eu] até chorava [de saudade], porque eu gosto muito de cantar os nossos toantes, eu começava a cantar [e] eu começava a chorar porque não tinha aonde dançar. Hoje eu danço em qualquer lugar, em qualquer espaço público da prefeitura que eu quiser, eu reúno as pessoas, nós cantamos, dançamos [e] fazemos oficinas. Eu tenho um bar [onde] a gente faz oficinas, até agora a gente não conseguiu um espaço específico para aquilo, [então] o lugar que eu acho mais legal é no bar, porque lá eu tenho panelas [e] pratos, então já faço as oficinas lá, a gente faz as nossas comidas. Hoje eu sou muito contente com Osasco, porque eu tenho apoio, estou resgatando a cultura, passando a cultura para as crianças e eu me sinto feliz aqui. (**entrevista 01** - Alaíde Pereira Xavier Feitosa)

Naquela época tinha parquinho na Primitiva Vianco, eu levava o meu filho pequenininho para passear aos domingos, ainda tinha circo por aqui, hoje não tem mais, então tinham coisas para fazer [aqui] que eu lembrava do interior. E muita música sertaneja porque quando eu escutava música sertaneja, eu cantava junto e chorava porque lembrava do interior. (**entrevista 21** - Nilo Barbosa de Oliveira)

Estas reflexões nos permitem compreender porque o calendário oficial do município de Osasco encontra-se repleto de festividades e comemorações ligadas a grupos culturais específicos, tais como: semana nordestina, semana nipônica, semana da comunidade armênia, semana da cultura negra, dia da comunidade italiana, dia de Portugal, dia da colônia chilena,

entre outras comemorações que ressaltam as tipicidades das variadas correntes migratórias que contemplaram a região.

A experiência urbana se dá no trânsito dos sujeitos pelo espaço, e as relações são marcadas por essa transitoriedade. Ao mesmo tempo é preciso não perder o gesto quase invisível dos sujeitos que inscrevem sua marca simbólica neste espaço em mutação. É preciso colocar este gesto em relevo, tirá-lo da invisibilidade em meio ao excesso de marcas e expressões que povoam o espaço urbano. (SILVA et al., 2008, p.12)

Se por um lado, esse sujeito migrante dedica-se à conservação dos hábitos sócio-culturais vinculados a sua terra de origem, por outro lado, ele impetra uma busca por identidade com aqueles que passam a compor sua nova rede sociabilidade. Neste sentido, consideramos apropriadas as colocações de Seixas (informação verbal⁶⁷) sobre o surgimento de “uma permanente negociação entre diversas esferas de pertença”.

Não se trata apenas de apontar a coexistência de diferentes visões de mundo e estilos de vida. É fundamental perceber como os indivíduos lidam e se deslocam entre códigos e mundos diferenciados quanto aos valores, orientações e sistemas classificatórios [...] A grande cidade não só incorpora visões de mundo e estilos de vida díspares como está permanentemente produzindo processos de diferenciação. (VELHO, 1995, p.231-232)

Os eventos oficiais ou espontâneos servem a este propósito, na medida em que valorizam as numerosas matrizes culturais que integram aquele território, assim como oportunizam sua interação social. Este cenário favorece os processos de convencionalização que se manifestam com diferentes níveis de assimilação. O trecho abaixo, por exemplo, demonstra a incorporação das festividades natalinas na experiência do sujeito migrante:

O Natal nós passamos na viagem, mas naquele tempo, a gente não fazia festa de Natal, [nós] ainda não conhecíamos isso. Eu [também] não lembro se [a gente] comemorava o Ano Novo, o que eu lembro que [se] comemorava lá eram as festas juninas: o meu pai cortava árvore e fazia aquela fogueirona de madeira verde. (**entrevista 15** - Vicente Napoleão de Oliveira)

⁶⁷ SEIXAS, Xosé M. Núñez. Cartas do destino: reflexões sobre os epistolários como fontes para a história das migrações. **Seminário Internacional Histórias Migrantes**. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013.

Esse apontamento guarda dois aspectos: se, por um lado, as pessoas buscavam tais festividades com a intenção de celebrar o sagrado, por outro lado, elas também apreciavam-na enquanto evento de sociabilidade. Na interface de variadas motivações é que se processava a interação e a difusão cultural entre os grupos. O depoimento abaixo expressa essa perspectiva:

Eu gosto [da cultura caipira], eu vou sempre [para] Embú [e] Itú, eu vou na Festa do Divino [...] Acho que [adquirimos esse gosto] ao longo do tempo, não tem como precisar. Depois da procissão de 13 de junho, por exemplo, normalmente tinha uma quermesse e eu sempre participava dessa quermesse. Eu [também] participava muito da Fogueira de Quitaúna [...] (**entrevista 22** - Vrejhi Sanazar)

3. MANIFESTAÇÕES CULTURAIS LIGADAS AO MUNDO RURAL

Relatamos na primeira parte desta pesquisa a presença no município de Osasco de alguns elementos aparentemente desajustados ao cotidiano de um espaço intensamente urbanizado. Se, por um lado, nem todos podem ser interpretados como sobrevivências de um cotidiano pretérito local, por outro lado, todos revelam uma ampla aceitação dos temas relacionados ao ambiente e à cultura rural entre a população osasquense.

Essa aceitabilidade não é recente, sabe-se que as festas da religiosidade popular que remetem a um passado agrícola, tais como Corpus Christi, Festa do Divino, Festa de Santa Cruz e Folia de Reis sempre encontraram público interessado na região, mesmo quando eram realizadas em outros municípios. Os depoimentos abaixo relatam a participação da população osasquense na Festa de Santa Cruz, realizada em Carapicuíba, e na Festa do Divino, realizada em Santo Amaro, tais relatos correspondem respectivamente às décadas de 1930 e 1960:

A gente [também] ia na aldeia [de Carapicuíba], o meu pai era festeiro da aldeia, eu ia quando eu era pequeninha. (**entrevista 03** - Catharina Andrade Benaglia)

Aqui [em Osasco] tinha só negócio do divino que andava por aqui, mas eles tiraram, porque deram uma surra no homem, diziam que o homem estava pegando dinheiro para ele, [mas] não era, tinha mesmo a festa do divino, ele andava com aquela pombinha tirando o dinheiro [aqui], mas a festa era lá em Santo Amaro, porque [era] lá que tinha a Igreja do Divino. [...] Era bonito, [mas, aqui em Osasco] não tinha [a festa do divino], aqui não tinha [nem] mesmo [a Festa da] Santa Cruz, [mas] eu vi uma Santa Cruz aqui na Raposo Tavares, [ela] está sempre enfeitada [com] fita azul [ou] fita vermelha, porque tem gente que tem [costume] de rezar na cruz todos os dias, [não tem a festa], é só a oração. (**entrevista 11** - Lourdes Raimundo da Silva)

Isso não significa que manifestações culturais semelhantes não existissem em terras osasquenses, elas apenas guardavam menor expressividade quando comparadas às demais regiões. Conforme mencionamos na terceira seção desta pesquisa, a inauguração das capelinhas osasquenses era realizada com a Festa da Santa Cruz, manifestação cultural difundida a partir do antigo aldeamento em Carapicuíba.

Dentre as festividades juninas, os relatos mencionam a Fogueira de Quitaúna, caracterizada por receber um andar extra a cada ano. De acordo com Oliveira (2009), essa fogueira chegou a ultrapassar dez metros de altura e foi extinta no início dos anos 1990. O senhor Vrejhi Sanazar menciona sua participação neste evento:

Eu [também] participava muito da Fogueira de Quitaúna: quando Osasco era um bairro da capital, existia em frente ao Parque dos Paturis um matadouro de bois da prefeitura de São Paulo que fornecia para o Tendal da Lapa. O Tendal [da Lapa] era o entreposto de carnes, [onde] os açougueiros compravam [para] vender nos seus açougues. E isso eu lembro: matava-se esse boi aqui na divisa com Carapicuíba, ali [também] havia uma cocheira dos burros que puxavam os carroções de lixo da prefeitura de São Paulo. [Então] na época junina ou julina, se fazia uma fogueira enorme com toras de madeira e os cavaleiros promoviam esta festa (**entrevista 22** - Vrejhi Sanazar).

Observamos também uma larga disseminação local da música sertaneja, de tal forma que o município é reconhecido atualmente como capital da viola. De acordo com os documentos disponibilizados pela Casa do Violeiro do Brasil, este cognome foi popularizado pelo radialista Pavão do Norte, na década de 1960, quando anunciava os numerosos participantes osasquenses do seu programa na antiga Rádio São Paulo com o *slogan* “direto da Capital da Viola”. No ano de 2007, o município foi homenageado pela Assembléia Legislativa de São Paulo com o reconhecimento desta tipicidade.

Neste sentido, com o intuito de identificar algumas práticas culturais ainda atuantes no município que expressavam aparente vinculação genética com mundo rural, dedicamos especial atenção para duas atividades marcadas pela presença da viola: as associações sertanejas e as folias de reis. Este enfoque consiste apenas em um recorte de perspectiva, o que não significa que sejam as únicas manifestações atuantes e/ou representativas no território osasquense, onde encontramos também grupos de dança, comitivas de culinária tropeira, entre outras associações.

Desta forma, identificamos no território osasquense, a atuação de quatro grupos: Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria (1994), Folia de Reis de Todos os Santos (2010), Casa do

Violeiro do Brasil (1969) e Associação Brasileira dos Artistas Sertanejos (ABAS) (provável fundação em 1971). As observações aqui descritas foram elaboradas no contato com apenas dois deles, a Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria e a Casa do Violeiro do Brasil. Curiosamente, a presença da viola não foi o único ponto de convergência e similaridade entre os dois grupos, os quais também revelaram fortes sentimentos de enraizamento cultural.

Se tomarmos em consideração a origem da Casa do Violeiro do Brasil, encontraremos uma disposição muito mais nacionalista do que telúrica. De acordo com Souza (1982, p.54-55), a idéia de realizar uma missa caipira surgiu da indignação provocada pela celebração de uma missa no Rio de Janeiro, no ano de 1967, marcada por canções e ritmos próprios da jovem guarda em substituição à música sacra.

A iniciativa foi idealizada por Marino Cafundó de Moraes que, na época, era regente do Coral Santa Cecília de Osasco, como uma forma de “fazer frente à onda de desnacionalização e invasão da música estrangeira que, naquele ano de 1967, estava no auge, inclusive nas Igrejas, com a nova onda do chamado iê-iê-iê” (CASA DO VIOLEIRO DO BRASIL, 1984, p.01). Os documentos ressaltam ainda a necessidade de buscar as raízes musicais brasileiras e descrevem a música sertaneja como “uma das mais legítimas representantes da nossa gente” (CASA DO VIOLEIRO DO BRASIL, 1979, p.01).

Em visita ao grupo de Folia de Reis, encontramos discurso semelhante, na medida em que a retomada da tradição é apontado como importante **elemento de resistência** frente ao comportamento consumista que se dissemina ampliadamente no período natalino e que tem na figura do Papai Noel o seu maior expoente simbólico.

A folia de reis é uma resistência cultural em relação à invasão consumista de Papai Noel, shoppings e aquela coisa toda. A folia de reis é uma manifestação natalina tradicional da cultura com significado, está contando a história dos três reis que foram visitar o menino Jesus, é um movimento de resistência a esse massacre midiático de Papai Noel e consumismo, [então] a gente consegue quebrar um pouco com isso. (**entrevista 16** - Alberto José Pereira Camargo)

Eu acho que quando vem alguma coisa que a gente consegue perceber que está sendo muito invasiva, eu acho que a gente acaba começando um movimento de contra-invasão, eu sinto isso em muitas coisas, não só na folia, mas em outras coisas. (**entrevista 16** - Regina Maria Tavares Vasques)

Essa intencionalidade intelectual externa que se verifica nos projetos culturais folclóricos nos remete à lembrança da tentativa efetuada pela equipe técnica do CATI em promover hortas comunitárias (experiência relatada no capítulo 5.2.1.) na sua programação. Os idealizadores destes projetos compartilham os mesmos propósitos de **retomada cultural**, entretanto, o sucesso dos grupos aqui mencionados provavelmente está relacionado ao fato de que a música os reporta seu público aos momentos de festa, enquanto as hortas remetem aos períodos de trabalho.

Esse intuito cultural que perpassa os dois grupos resulta em mais um comportamento semelhante: a aproximação com outros grupos e/ou integração de atividades diversas consideradas típicas na cultura reconhecida por eles como tradicional.

O objetivo, declarado pela Casa do Violeiro do Brasil (1979, p.03), expressa um propósito ampliado sobre os temas culturais, na medida em que se propõe a lutar pelo “consagração dos artistas sertanejos e a defesa da música, da dança e do folclore brasileiro”. O trecho abaixo reforça essa perspectiva:

A entidade, que é entidade civil sem visar lucros, abriga em seu meio vários grupos de folclore nacional, tais como catira masculino e feminino, maculelê, capoeira, pastoril, folia de reis, humoristas, forró nordestino, berranteiros, quadrilha caipira, futebol da viola x violão, congada, etc. e este ano promoverá a Décima Festa de Peão de Boiadeiro de Osasco. (CASA DO VIOLEIRO DO BRASIL, 1984)

De acordo com Schmidt e Mahfoud (1993, p.292-293), “a memória coletiva vive, sobretudo, na tradição, que é o quadro mais amplo onde seus conteúdos se atualizam e se articulam entre si”. Neste sentido, os idealizadores da Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria também descrevem a origem e fortalecimento de outras ideias culturalmente relacionadas, tais como: Grupo Bela Época (resgata as marchinhas de carnaval), Quadrilha Junina Bela Folia

de São João (observa a origem dos costumes e músicas juninas), Grupo Sol em Canto (grupo de coral que se apresenta em casas de amparo aos idosos e abrigos de crianças carentes).

Apesar da diversificação das atividades, outro elemento comum que acompanha a atividade principal de ambos os grupos é a **religiosidade**. Os membros da Casa do Violeiro do Brasil, por exemplo, mantêm atividades semanais como um baile para terceira idade e uma roda de viola, entretanto, a mais tradicional delas é a Missa Caipira realizada na última segunda-feira de cada mês junto à Catedral de Santo Antônio. Apesar da periodicidade menor desta participação do grupo na esfera religiosa, todas as suas reuniões internas são precedidas por uma prece e pela leitura do Evangelho, além disso, notamos afixadas na parede contígua ao palco de apresentações, a imagem de São Gonçalo (protetor dos violeiros), seguida por um Crucifixo e pela imagem Nossa Senhora Aparecida.

A religiosidade também é um aspecto inerente à folia de reis. Em conversa com os idealizadores do grupo, descobrimos que sua intenção original previa uma atuação essencialmente cultural, mas o envolvimento profundo da comunidade a converteu numa autêntica manifestação da religiosidade popular. A primeira folia foi realizada, em 1994, com a intenção de demonstrar para um visitante australiano um aspecto da cultura brasileira. Embora todos os recursos tenham sido improvisados como, por exemplo, a bandeira e bumbo, os moradores vizinhos à casa que hospedava este visitante, os reconheceram e os acolheram como um legítimo grupo de folia de reis, solicitando visitas em suas residências. A foto 19 demonstra os materiais utilizados na primeira jornada do grupo, realizada em 1994, e a foto 20 apresenta os recursos da última jornada, realizada em 2014, demonstrando a transformação na cultura material do grupo.

Foto 19: Cultura material da primeira jornada da Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria (1994)

Autoria: Alberto José Pereira Camargo

Foto 20: Cultura material da última jornada da Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria (2014).

Autoria: Alberto José Pereira Camargo

O elemento mais interessante que perpassa a origem deste grupo refere-se à conversão de uma proposta originalmente cultural para uma autêntica manifestação popular religiosa. O intuito do grupo previa essencialmente o resgate cultural de uma tradição, entretanto, o comportamento dos devotos legitimou suas atividades, de forma que o grupo assumiu largamente os pressupostos sagrados daquela manifestação. Os depoimentos abaixo reforçam essa perspectiva:

[Só que] esse pessoal tem devoção profunda pela folia de reis, a bandeira de reis para eles é, e [de fato] é, um objeto sagrado, então a gente ia em casas [onde] tinha uma pessoa enferma, [eles] vinham com a bandeira para curar aquela pessoa, tinha que abençoar a pessoa, beijar a bandeira e depois de um tempo a gente ouvia falar: “graças a Deus sarou a pessoa”, “graças à bandeira”, “graças ao santo rei sarou”, “graças aos santos reis”... nós não nos sentimos com essa incumbência, mas isso foi crescendo. [...] A nossa intenção era cultural mesmo, como uma manifestação típica brasileira, só que a nossa folia de reis foi percebendo essa carência, o pessoal foi precisando, a gente foi atendendo e essas coisas foram acontecendo. (**entrevista 16** - Alberto José Pereira Camargo)

[Então] hoje a gente sabe que a folia é muito mais do que a gente, independente de quem carregue a bandeira ou de quem toque o violão [e] a viola, ou de quem entre, ela já tem uma coisa instituída, ela é além da gente. A gente tem na bandeira, [por exemplo] muitas fitas de pedidos e hoje em dia muito mais fitas de agradecimento por graças atendidas. (**entrevista 16** - Regina Maria Tavares Vasques)

Esse grupo se reuniu com objetivo de resgatar a cultura, encontrou em suas visitas uma energia emanada dos devotos que abrem suas casas para nos receber, atitude que fez todos repensarem seus objetivos. Descobrimos nesse evento uma energia inimaginável. Formado inicialmente por amigos e familiares, agregou outras diversas pessoas, muitas como eu, recebiam o grupo em sua casa e passou a integrar o grupo. (Célia Aranha, informação pessoal⁶⁸)

Na intercessão entre os propósitos culturais e religiosos, Mariano (2009, p.10-11), afirma não ser rara a participação destes grupos em lugares e tempos que não correspondem aos pressupostos sagrados da atividade. Ainda segundo a autora, nestes casos “não há espontaneidade, mas uma apresentação para o de fora, talvez, para o turista que não o entende, apenas o considera muito bonito e interessante”. O depoimento dos idealizadores da folia

⁶⁸ Informação fornecida em 18/07/2013 às 11h43 via email.

demonstra, entretanto, que essa espetacularização da festa não atingiu o grupo, que se recusa a fazer apresentações fora de época e/ou em espaços que não condizem com o compromisso da manifestação religiosa.

Não é um grupo de teatro que representa uma folia, tanto é que nós, por exemplo, já fomos convidados várias vezes para apresentar a folia de reis num evento, [mas] eu falei assim: “*a folia de reis não se apresenta, não é um show, a gente vai visitar uma casa, porque o dono da casa é devoto [e] ele vai reverenciar sagradamente a bandeira*”. A nossa folia já foi convidada para ir naquele movimento grande que tem na Água Funda, Revelando São Paulo, mas a gente não vai, porque não temos essa característica, nós não somos um grupo de teatro ou um grupo de pesquisa cultural que pesquisa e reproduz aquilo para mostrar como é. Já recebemos diversos convites aqui em Osasco mesmo, [mas] eu sinto muito, a gente não vai. [Dizem] “*poxa mas é tão importante*”, eu sei que é importante, mas a nossa folia não é um show, não é um espetáculo. Ela só acontece no ciclo natalino. (entrevista 16 - Alberto José Pereira Camargo)

É evidente que a manutenção das proposições religiosas não implica numa completa imutabilidade nas atividades dos foliões e violeiros. O público interessado é quase sempre constituído por uma população migrante que experimenta a vida em um **cotidiano urbano-industrial** muito diferente daquele onde eles estabeleceram o contato original com estas tradições. O excerto abaixo reforça essa perspectiva:

Os grupos que se organizam, ou acredita-se que na maioria das vezes, herdaram de seus antepassados a “missão” da continuidade e de sua existência, sobrevivem submersos na grande metrópole. São compostos por pessoas trabalhadoras, pais e mães de família, adolescentes e jovens como quaisquer outros, com todos os problemas cotidianos de uma vida urbana. (MARIANO, 2009, p.10-11)

Neste sentido, Alberto José Pereira de Camargo e Regina Márcia Tavares Vasques descrevem inúmeras adaptações aplicadas aos rituais, buscando promover o enlace entre o que eles denominam ‘cultura rural’ e ‘costumes urbanos’. Dentre os elementos mencionados, temos a utilização de veículos automotivos, a iniciativa de substituir a mesa de alimentos oferecida pelos devotos por doações de alimento para instituições de caridade, o ritmo mais alegre da música que incentiva a participação dos mais jovens, a substituição da figura

assustadora do bastião por um palhaço tradicional de circo, a predominância do elemento feminino e presença marcante de jovens e crianças.

Dentre todas estas adaptações, a predominância do elemento feminino é a mais interessante, pois é compreendida por Regina Márcia Tavares Vasques como um traço agregador que favorece a **continuidade da tradição** ao longo das gerações. Essa continuidade foi relatada como um verdadeiro desafio para os grupos que os precederam na região, de forma que duas folias extinguíram-se pela ausência de integrantes que assegurassem sua continuidade, sendo mencionado um grupo em Carapicuíba e outro grupo vinculado à Casa do Violeiro do Brasil.

Os esforços para continuidade da própria Orquestra dos Violeiros demonstram como esse processo pode ser conflituoso, na medida em que a permanência da tradição, muitas vezes implica uma necessária renovação dos hábitos e costumes. Sabemos que a prefeitura oferece, desde 2013, um professor de música que utiliza o espaço da Casa dos Violeiros do Brasil para lecionar aulas de viola e violão às novas gerações. Quando observamos o grupo oficial, entretanto, notamos que todos os membros são adultos e que parte significativa deles pertence à terceira idade. O objetivo dessa iniciativa seria formar novos violeiros para integrar o grupo, assegurando sua continuidade. A maneira como esse *corpus*⁶⁹ de conhecimento é transmitido, entretanto, gera uma significativa ruptura entre os dois grupos, o que dificulta a sua integração.

Em conversa com alguns membros da Casa do Violeiro do Brasil, recebemos a informação de que os jovens violeiros estão sendo formados a partir da notação musical, enquanto o grupo tradicional desconhece o uso de notas ou pautas, já que herdaram o conhecimento de familiares e amigos ou estão habituados a “tocar de ouvido”.

⁶⁹ *Corpus*: corresponde ao repertório de conhecimentos de um povo (domínio epistemológico do saber).

Estes exemplos demonstram que as tradições não são fixas, elas se transformam muitas vezes como condição essencial para manterem-se atuantes. “Tradições são assim mesmo, frequentemente inventadas e reinventadas, como mostraram Hobsbawn e Ranger⁷⁰, pois visam consolidar determinadas continuidades em relação ao passado, frente às constantes transformações do mundo moderno” (ABREU e SOIHET, 2003, p. 100).

Se considerarmos os apontamentos de Martins (2008, p.27), notaremos que a própria música caipira passa a assumir novos contornos no meio urbano, inspirando uma modalidade denominada música sertaneja.

Martins (1975, p.105-111) afirma que é necessário irmos além da música para descortinar a distinção entre sua modalidade caipira e sertaneja, já que elas expressam experiências de mundo e referenciais de elaboração muito distintos. De acordo o autor, uma característica marcante na música caipira é que ela está sempre contextualizada dentro de um ritual vinculado à religião, trabalho ou lazer, de forma que ela integra o cotidiano caipira e mantém-se fora de um esquema comercial. Em relação à música sertaneja, o autor afirma:

A música sertaneja, um gênero musical aparentemente de origem rural, mas de fato urbana, inspirada nas tradições musicais caipira, que surgiu em São Paulo no final dos anos vinte, às vésperas da Revolução de 1930, uma revolução modernizante, foi desde o início uma ácida crítica dos elementos mais expressivos da modernidade na cidade e ao mesmo tempo um meio de compreendê-la.(MARTINS, 2008, p.27)

Em conformidade com esta ideia, observamos uma notória participação de sujeitos migrantes nos grupos visitados, sejam como membros ativos ou como público alvo. Quando descreve os freqüentadores da Casa do Violeiro do Brasil, Souza (1982, p.55) afirma serem:

[...] operários de fábrica ou construções, que passam uma jornada inteira, de oito horas, quando não dez, cuidando de um progresso que não os beneficia e sendo massacrados por uma cultura feita de valores estranhos aos da sua terra. Portanto, as poucas horas semanais que estes violeiros passam reunidos já são o bastante para que ele falem e vivam as coisas reais de sua tradição sertaneja.

⁷⁰ HOBBSAWN, Eric; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

Esta constatação nos faz refletir sobre a expressão ‘cultura rústica’, utilizada por Antônio Candido. De acordo com este autor, o termo rural expressa uma idéia de localização, enquanto o termo rústico “pretende exprimir um tipo social e cultural, indicando o que é, no Brasil, o universo das culturas tradicionais do homem do campo.” (CANDIDO, 2010, p.25).

Se considerarmos, portanto, que o rústico abriga uma concepção cultural, ele não se restringe à localização rural, de forma que pode ser encontrado nos ambientes urbanos. Neste sentido, Martins (1975, p.114) afirma ser “[...] inevitável a confusão entre rural e rústico, como é inevitável que o rústico se circunscreva a uma esfera da realidade, a da cultura rústica, com vigência tanto no campo quanto na cidade”.

Essa reprodução acentuada das tradições do homem do campo no município de Osasco, realizada por sujeitos que vivenciaram ou não um passado agrícola e desenvolvida sobre um território onde tais atividades também nunca foram expressivas, poderia ser compreendida, portanto, como **cultura rústica**.

4. IDENTIDADE CULTURAL

Quando decidimos lançar um olhar sobre a questão da identidade cultural no município em estudo, encontramos um fato curioso: os apelos identitários associados à tradição rural aparentemente se ampliavam na mesma medida em que a modernidade econômica avançava sobre o território osasquense.

O município permaneceu como subdistrito de São Paulo até 1962, de forma que sua emancipação política é relativamente recente. No ano imediato surgiu um lema de caráter identitário que anunciava “Osasco: Cidade Trabalho”, cuja presença se reproduziu em importantes símbolos cívicos como o brasão de armas, a bandeira e o hino municipal. Curiosamente, no ano de 2007, o município recebeu outro título identitário, sendo reconhecido junto à Assembléia Legislativa de São Paulo como “Capital da Viola”. Este instrumento musical é muito popular no interior do país, sendo também conhecido como viola caipira ou viola cabocla.

Uma observação superficial desses fatos nos causaria estranhamento, pois trata-se da sobreposição de um signo urbano por outro essencialmente rural, estabelecidos em contextos territoriais aparentemente contraditórios: na década de 1960, quando surgiu o primeiro emblema “Osasco: Cidade Trabalho”, apesar da elevada expressão econômica alcançada pelas indústrias locais, os relatos descrevem amplas extensões de terras devolutas e um estágio de urbanização incipiente no município; por outro lado na primeira década do século XXI, quando surgiu o segundo emblema “Osasco: Capital da Viola”, já não existia mais sequer a zona rural no município, extinta oficialmente em 1978. Qualquer esforço de análise através do determinismo ambiental encontraria aqui o seu limite teórico, já que o espírito humano não parecia corresponder às ‘vocações’ impostas pelo espaço geográfico.

A abordagem culturalista nos sugere outro caminho de reflexão: ela aponta para a origem da população migrante como elemento chave na compreensão desses predicados, pelo menos no que diz respeito ao emblema mais recente que qualifica o município como capital da viola. Sabe-se que parcela significativa dessa população migrada para a região de Osasco entre as décadas de 1940 e 1960, era natural do interior paulista, onde predomina a cultura caipira. Esse dado instigou a possibilidade de que o título identitário refletisse a presença marcante do elemento caipira na cultura local, mas a aceitação dessa “conformação do sujeito a padrões culturais” (BRITO-HENRIQUES, informação verbal⁷¹) prevê uma idéia de continuidade que nem sempre corresponde ao dinamismo cultural efetivo, podendo abrigar algumas armadilhas teóricas.

Osasco nos fornece alguns exemplos em relação a isso: torna-se curioso pensar que Antônio Agú, fundador da vila, reconhecido pelo seu espírito empreendedor na implantação das primeiras indústrias locais tenha nascido num vilarejo italiano, também chamado Osasco, que permanece rural até nos dias de hoje; e que, de outra forma, Hirant Sanazar, primeiro prefeito eleito no município, tendo exercido uma série de ocupações urbanas (professor, advogado e vereador) tenha sido lembrado na memória popular como um notável cavaleiro. Estes exemplos servem apenas para compreendermos que as lacunas serão sempre numerosas se trabalharmos com a ideia da cultura como algo que recai sobre o sujeito ao invés de algo que é produzido por ele através de suas interações.

De acordo com Brito-Henriques (informação verbal⁷²) seria um equívoco “entender a cultura mais como um objeto do que como um processo”. Neste sentido, a cultura estaria continuamente em construção: ela seria “uma teia na qual estamos imersos e que nos condiciona, mas que nós também estamos tecendo” (Brito-Henriques, informação verbal⁷³).

⁷¹ BRITO-HENRIQUES, Eduardo. **Problemas atuais da Geografia Cultural**. Disciplina acadêmica. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Universidade de São Paulo. São Paulo: outubro, 2013.

⁷² *Ibidem*

⁷³ *Ibidem*

Retomando o apontamento inicial deste capítulo, sobre a ampliação dos apelos identitários de maneira concomitante ao avanço da modernidade no espaço local, nos lançamos a algumas reflexões possíveis. De acordo com Damiani (2000, p.24), a modernidade sempre esteve mesclada à reprodução das culturas tradicionais, tanto em São Paulo como no restante do país. Neste sentido a autora menciona as idéias de José de Souza Martins, sugerindo a existência de “uma assimilação e integração do que é diverso e, inclusive, antagônico” (DAMIANI, 2000, p.25).

“No caso brasileiro, o grande passo no sentido da modernização, que foi a Revolução de 1930, com sua centralização política e sua política econômica desenvolvimentista, procurou se legitimar na cultura popular e nas tradições, que se tornaram, por isso, raízes culturais do nosso nacionalismo.” (MARTINS, 2008, p.28-29)

O depoimento do senhor Vrejhi Sanazar, irmão do primeiro prefeito eleito, demonstra como essa idéia alcança correspondência nos processos que se desenvolveram em Osasco, revelando como essa modernidade associou-se de maneira íntima ao fortalecimento de elementos culturais de origem rural atuantes na região:

Hirant [Sanazar] tinha por vontade, por determinação dele, como homem cívico [e] patriótico, fazer coisas voltadas para a brasilidade, para a nacionalidade. Dentro deste espírito, ele montou em 1962, por exemplo, JUCO [Juventude Cívica de Osasco], a Corporação Musical Santo Antônio de Osasco e também o Clube dos Cavaleiros e Charreteiros de Osasco. Esse clube teria hoje [mais de] 50 anos de existência, que nada mais é do que a união de cavaleiros e charreteiros que devotavam amor ao cavalo, o animal nobre, e que normalmente faziam festas como o 07 de setembro: [eles] desfilavam na avenida dos Autonomistas, reunindo centenas de cavaleiros que se regozijavam pela data magna da liberdade, da Independência do Brasil. [...] Então, eu era garoto, [mas] eu já participava dos desfiles e fazia a locução dos carros de som que iam à frente anunciando para população. Por exemplo, [eu] me lembro [de] alguma coisa assim: “Alô amigos, não deixe de sair à porta da sua residência para ver o desfile dos cavaleiros da emancipação de Osasco, estamos rumando para o desfile do sete de setembro...” (entrevista 22 - Vrejhi Sanazar)

Ainda neste sentido, os relatos da época atestam que os paulistanos não reconheciam o subdistrito de Osasco como território pertencente à capital, o que aborrecia a população local. De acordo com Brito (1996), em 1948, o posto fiscal denominado “barreira da paineira” exigia que os motoristas apresentassem notas fiscais alegando que eles prosseguiriam por terras do interior.

Consta que para qualquer tipo de mercadoria destinada a Osasco, era obrigatório um exame na “barreira” então existente na Avenida Vital Brasil. Essa “barreira” era um posto fiscal e toda mercadoria (sal, açúcar, farinha, etc) deveria ter nota fiscal correspondente para ser liberada (OLIVEIRA e NEGRELLI, 1992, p.33)

O depoimento de alguns participantes procedentes do interior paulista nos revela que também havia uma percepção negativa sobre Osasco em suas cidades de origem. Alguns relatos, obtidos no contexto do grupo focal, descrevem a região na década de 1960, como “terra de ciganos e índios”, grupos culturais que carregavam, nesta época, um estigma social relacionado ao perigo. Os relatos abaixo demonstram essa impressão:

[Eu vim] aqui em Osasco no finalzinho de 1951. Quando eu pedi a conta na firma que eu trabalhava lá [em Jundiaí], eles falaram para mim: “*Você vai para Osasco? Vão te roubar a tua filha*” e todo mundo falava, Osasco tinha uma fama terrível e tem até hoje. [Eu] não abria nem a porta, quando [eu] saía, [eu] ficava com a minha filha assim [apertou os braços] de medo que roubassem ela, depois [eu] fui conhecendo, vi que não era nada disso. (entrevista 09 – Júlia Zamfolim)

Essas informações nos levaram a refletir sobre a possibilidade de entender o emblema “Osasco: cidade-trabalho” como uma estratégia política que buscava transformar a percepção das pessoas sobre o novo território, substituindo a ideia de um vazio demográfico e do perigo iminente pela perspectiva da oportunidade. A Geografia Radical Marxista nos convida a visitar esse panorama quando afirma que as formas culturais podem constituir respostas ao interesse dos grupos que se encontram no poder, neste sentido “a cultura é o domínio da ideologia e, portanto, tende a ser um instrumento da hegemonia” (Mitchell, 2000⁷⁴ *apud*

⁷⁴ MITCHELL, Don. **Cultural Geography**: a critical introduction. USA: Blackwell Publishers, 2000.

Brito-Henriques, informação verbal⁷⁵). O texto de Dora Shellard Corrêa que associa a origem desse emblema a uma revista local, reforça essa perspectiva:

A Revista Osasco foi criada em junho de 1963 para ser uma revista informativa e promocional de Osasco. Heliodoro de Vicenzo, coordenador e responsável pelo magazine, e sua equipe queriam mostrar a pujança da nova cidade, emancipada de São Paulo apenas um ano. Já no primeiro número apareceu na capa o slogan “OSASCO – CIDADE TRABALHO” criado por seu editores e oficializado posteriormente por uma lei municipal em 1968 (CORRÊA, 2013)

A explosão demográfica que acompanhou a expansão do parque industrial local também nos permite refletir o emblema “Osasco: Cidade Trabalho” a partir de outro prisma de observação: as oportunidades de trabalho aparecem como motivação importante no que diz respeito à decisão de partida de inúmeros indivíduos que migraram para essa região. Essa grande recorrência da experiência migratória nas histórias de vida poderia ter favorecido o reconhecimento do trabalho enquanto importante elemento de identidade coletiva. De acordo com Brito-Henriques (informação verbal⁷⁶) “a identidade partilhada por vários sujeitos torna-se uma identidade coletiva” e o trabalho se tornou um importante referencial do que seria um modo de vida osasquense para os grupos pioneiros.

Na esteira deste mesmo pensamento, considerando que o sujeito migrante se depara com uma pluralidade de modos de vida, mas compartilha uma experiência comum que é a migração, poderíamos reconhecer no deslocamento um ponto de identidade. Quando observamos o elevado destaque que a música sertaneja ganha no calendário oficial da cidade, assim como a menção da viola no segundo emblema identitário, poderíamos compreender que essa ampliada aceitação talvez estivesse associada ao tema do deslocamento que nela predomina.

⁷⁵ BRITO-HENRIQUES, Eduardo. **Problemas atuais da Geografia Cultural**. Disciplina acadêmica. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Universidade de São Paulo. São Paulo: outubro, 2013.

⁷⁶ *Ibidem*

De acordo com Pimentel (1997, p.209-220), uma das distinções possíveis entre a música caipira e a música sertaneja encontra-se nos temas abordados por suas letras: enquanto a música caipira se concentra nos elementos de um cotidiano conduzido por “mínimos vitais”⁷⁷, a música sertaneja, ao contrário, descreve uma personagem sem morada fixa. Segundo o autor “o que o define como personagem é precisamente a sua condição de executor da travessia. Sempre daqui para ali, sempre viajando de um lugar para outro [...]”

É preciso considerar que os estudos culturais envolvem sempre enorme complexidade. Seria imprudente guiarmos nossas reflexões sobre a formação da identidade cultural osasquense exclusivamente pela ênfase dos seus títulos identitários. De acordo com Brito-Henriques (informação verbal⁷⁸), os estudos culturais não podem se limitar à abordagem das representações, pois a questão das identidades é muito mais complexa. Podemos afirmar que os títulos identitários expõem, portanto, apenas alguns olhares possíveis sobre a cultura local.

Em relação à população de Osasco, a inspeção sanitária realizada em 1939, afirmava:

A população de Osasco é, em sua maior parte, constituída por italianos ou descendentes. De início a predominância dessa nacionalidade foi completa, o que é compreensível, pois seu fundador foi um italiano. Com a abertura de diversas indústrias, afluíram a Osasco diversas correntes migratórias. Encontramos um número apreciável de russos, portugueses, poloneses, turcos, alguns alemães, sírios e suecos. Desta maneira, presentemente, o povo da região é o mais heterogêneo possível. (OLIVEIRA e NEGRELLI, 1992, p.59)

Os relatos a que tivemos acesso mencionaram, por exemplo, aproximadamente 40 famílias de origem russa que formaram um enclave nas ruas do bairro central do município na década de 1960, mas que se mudaram todas para os Estados Unidos. Outro exemplo interessante é a presença da comunidade armênia que formou um enclave no bairro de Presidente Altino. Essa comunidade imigrou para o Brasil em função da guerra e tinha a

⁷⁷ Dir-se-á, então, que um grupo ou camada vive segundo mínimos vitais e sociais quando se pode, verossimilmente, supor que com menos recursos de subsistência a vida orgânica não seria possível, e com menor organização das relações não seria viável a vida social: teríamos fome no primeiro caso, anomia no segundo. (CANDIDO, 2010, p.33)

⁷⁸ *Ibidem*

intenção de retornar à sua pátria de origem ao final dos conflitos, o que mantinha entre os seus membros uma vigorosa necessidade de preservar suas disposições culturais. Note-se que essa comunidade organizou um centro de memórias que se mantém em pleno funcionamento ainda nos dias atuais, denominado “Centro de Documentação e Memória Armênia”.

Além desses grupos, muitos outros imprimiram sua presença sobre a região, mesmo que sob uma perspectiva de passagem. Essa característica é tão intensa que mesmo as comunidades indígenas presentes no município provém de aldeamentos distantes, localizados na Bahia (Pankararé) e em Pernambuco (Parakararú), tendo imigrado para a região no mesmo contexto que os demais grupos culturais: a procura por oportunidades de trabalho. Ainda sobre a perspectiva de um espaço de passagem, sabemos que as periódicas inundações aluviais sustentaram uma realidade brejeira que manteve a região por muito tempo inapropriada à ocupação demográfica, por esta razão, temos evidências da passagem de indígenas e tropeiros, mas não do estabelecimento de aldeamentos ou pousos.

Todas as formas culturais resultam da contribuição e da disputa entre diversos atores sociais, por isso Brito-Henriques (informação verbal⁷⁹) afirma que para existir a cultura, “não deve existir consenso, mas deve existir consentimento”. Considerar essa diversidade de atores sociais implica reconhecer que nem todos encontrarão representatividade nos emblemas municipais ou no calendário oficial, além de que tais “identidades não são fixas, elas mudam na forma, portanto são históricas e orgânicas” (APPIAH, informação verbal⁸⁰).

⁷⁹ BRITO-HENRIQUES, Eduardo. **Problemas atuais da Geografia Cultural**. Disciplina acadêmica. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Universidade de São Paulo. São Paulo: outubro, 2013.

⁸⁰ APPIAH, Anthony. **Identidade como problema**. Palestra proferida em 11/09/12 em Conferências USP: Identidades 2012, na Casa de Cultura Japonesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região onde se localiza o município de Osasco sempre se mostrou muito mais orientada a constituir um espaço de passagem do que um espaço de permanência demográfica. Como vimos, a presença das planícies aluviais é marcante no relevo local. Este cenário nos ajudou a compreender as particularidades da sua ocupação, pois o solo continuamente encharcado restringia as possibilidades de exploração agrícola e de expansão urbana.

Os estudos que descrevem os arredores da cidade de São Paulo, no século XIX, pouco revelam sobre o território de Osasco em seus discursos. Neste sentido, concluímos que essa área experimentava uma situação geográfica de transição entre o cinturão das chácaras paulistanas e o cinturão caipira, o que explica porque os participantes desta pesquisa relataram elementos pertinentes aos dois cinturões em seus depoimentos, embora essa área não integrasse efetivamente nenhum deles.

Os numerosos vazios demográficos derivados da condição geomorfológica local explicam, em grande parte, a baixa representatividade dos seus dispersos aglomerados nesta época. A ocupação ganharia maior relevância com a progressiva implantação de plantas industriais atraídas por três importantes atributos locais: a presença da linha férrea, cursos fluviais e terrenos planos com preços acessíveis.

A década de 1940 desencadearia uma série de transformações que, mais tarde, consolidariam a realidade urbano-industrial do atual município: a intensificação dos fluxos migratórios resultou numa verdadeira explosão demográfica, provocando o reordenamento espacial do território osasquense, de forma que as antigas fazendas e sítios foram segmentados para criação de loteamentos. O incremento populacional, entretanto, não correspondia apenas aos trabalhadores das fábricas locais, pois o baixo preço na aquisição dos

terrenos e a excelente mobilidade oportunizada pela ferrovia favoreceram a formação de aglomerados com claros vínculos suburbanos.

Essa proximidade da região com a cidade de São Paulo resultou numa forma de uso do solo profundamente vinculada com as necessidades da capital. A instalação de matadouros e frigoríficos, por exemplo, alimentava o mercado de carnes, as olarias locais forneciam materiais de construção para a expansão urbana paulistana e os armazéns reguladores de café anunciavam a importância desta situação geográfica em termos de interesses logísticos.

Este cenário também nos permitiu reconhecer a presença em Osasco de numerosas atividades primárias estimuladas pela atuação das indústrias locais, tais como a extração mineral de argilas e areias para a fabricação de tijolos e telhas, a extração vegetal de madeira para alimentar os fornos das olarias e de capim para abastecer os currais dos frigoríficos, assim como a criação de animais empregados em operações de transporte, como cavalos e carros de bois.

A agricultura osasquense nunca alcançou expressividade econômica em função da baixa fertilidade dos solos locais, de outra forma, a pecuária imprimiu uma presença marcante no território. É importante lembrarmos que Osasco participava muito mais como entreposto para comercialização de animais, do que como área de criação dos mesmos. Essa observação reforça a perspectiva de uma área de passagem, de forma que a região recepcionava criadores, grupos tropeiros, comerciantes de animais, bem como representantes da indústria de processamento das carnes. Este contexto demonstra como Osasco constituiu historicamente um espaço de interação entre realidades culturais muito distintas, representadas não apenas pelo contingente populacional migrado, mas também pelos grupos que percorriam essa região, sem instalar-se definitivamente neste território.

A questão cultural revela nesta área toda a sua complexidade, mas observamos que apesar da pluralidade de visões de mundo que se congregaram e interagiram neste espaço, as identidades rurais e urbanas sempre foram importantes referenciais no entendimento da cultura local, não tomadas enquanto dualidade, mas como elementos que guardam uma marcante coexistência histórica.

Este rural, que foi objeto de interesse central em nosso estudo, mostrou-se incipiente enquanto foi compreendido apenas como um cotidiano agrícola, ganhou força ao ser observado enquanto espaço de vinculações suburbanas, mas alcançou sua verdadeira expressividade quando foi concebido como local de origem de grande parte dos habitantes locais, tendo em vista seu deslocamento através dos fluxos migratórios.

Notamos que a manutenção de determinadas práticas culturais ligadas ao mundo rural pelos habitantes osasquenses, não implica necessariamente nessa experiência pretérita das mesmas, mas indica a existência de uma rede de transmissão dos conhecimentos e da apreciação em relação a essa cultura específica, em seus aspectos materiais e imateriais. Nesta fronteira entre o que foi efetivamente vivido e o que foi adquirido pelos processos de transmissão cultural é que a identidade osasquense se estabelece. Concluímos nesta pesquisa que o cidadão osasquense reproduz através das diversas gerações elementos de uma forte rusticidade local e não de uma ruralidade herdada. Cabe ressaltar que o conceito de rusticidade não diminui a importância desse processo, porque ele continua cumprindo plenamente a sua função social.

Outro aspecto curioso é notar que muitas vezes a retomada cultural se processa através de pessoas e/ou grupos que nunca vivenciaram um passado rural, apesar da enorme identificação que demonstram em relação a ele. O fato de algumas manifestações culturais terem sua origem vinculada à iniciativa de vetores intelectuais demonstra este processo. A intenção cultural que permeou a criação das folias de reis, por exemplo, não limitou sua

vivência enquanto real manifestação da religiosidade popular, assim como a criação da missa caipira como expressão de resistência frente à expansão da música estrangeira, não reduziu sua representatividade como manifestação espontânea da cultura local. Isso significa que tais grupos poderiam ter se perpetuado essencialmente como uma manifestação folclórica, mas expandiram sua atuação assimilando outros significados.

Essa retomada de tradições em Osasco talvez também possa representar a expressão local de um movimento muito maior que se processou em nível nacional. Sabemos que a modernidade no Brasil buscou se legitimar nas culturas tradicionais, transformando-as em símbolos do nacionalismo. Se isso ocorreu na década de 1930 com a modernização empreendida pelo governo de Getúlio Vargas, também se fez presente no contexto da ditadura militar sob a insígnia dos pressupostos cívicos. A contemporaneidade entre o surgimento de associações, como o Clube dos Cavaleiros de Osasco e a Casa do Violeiro do Brasil, e esse momento histórico nacional, nos levou a indagar sobre a possibilidade de estarem conectados, mas essa ideia é disposta aqui apenas como hipótese, não tendo sido desenvolvida ao longo da pesquisa.

Este trabalho nos permitiu a reunião de muitas informações e a conexão de uma parte delas, mas ainda assim constitui um esforço limitado no sentido de decifrar os laços entre o passado local e a formação da identidade cultural presente. Admitimos que a análise dos depoimentos foi incipiente, dada a riqueza de informações que as narrativas nos oferecem. Acreditamos que a liberdade de fala preconizada pelo método da história de vida aqui implementado foi favorável no sentido de disponibilizarmos um material de ótima qualidade para futuras pesquisas interessadas em aspectos diversos da cultura local.

Por fim, gostaríamos de dividir uma reflexão nascida no contexto das numerosas vivências oportunizadas por esta pesquisa: notamos que a escala de observação do cotidiano implica diferenças profundas na visão de mundo dos atores sociais envolvidos, para

compreendê-las é preciso oscilar entre o individual e o coletivo, o público e o privado, o geral e o local. Este exercício de olhar o mundo pelos olhos do outro constitui um enorme desafio acadêmico, mas também de cunho pessoal: precisamos permitir que os conteúdos pulsem dentro de nós, para isso o pesquisador deve se permitir o máximo de experiências possíveis como forma de se aproximar da realidade viva que sua pesquisa pretende retratar, assim poderá evitar o uso do seu próprio imaginário como recurso para articular as conclusões.

Por fim, compreendemos que os traços culturais verificados no território osasquense podem ser considerados rurais na medida em que foram vivenciados pelos migrantes em suas terras de origem e posteriormente reproduzidos no município de destino. A origem de alguns caracteres também está relacionada à iniciativa de vetores intelectuais que resgataram tradições dentro de uma perspectiva essencialmente cultural, mas que foram vivenciadas pelos moradores locais como manifestações legítimas de cultura e religiosidade. Se, atribuirmos ao termo rural o entendimento de localização, como apontado por Candido (2010), a perspectiva da rusticidade torna-se, portanto, mais condizente com a realidade local, pois retrata a reprodução da cultura rural mesmo em contextos de intensa urbanização. O fato de não ter existido um passado agrícola expressivo na região não anula, portanto, a persistência de elementos da cultura rústica ainda atuantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha e SOIHET, Rachel. Cultura popular, um conceito e várias histórias. *In: ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (org.). Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias.* Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ALBERTI, Verena. Tradição oral e história oral: proximidades e fronteiras. **História Oral**, v.8, n.1, p.11-28, jan/jun. 2005.

ALVES, Ângelo Giuseppe Chaves; MARQUES, José Geraldo Wanderley. Etnopedologia: uma nova disciplina? **Tópicos em Ciências do Solo**. n. 4, p. 321-344, 2005.

BACKES, D.S. et al. Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas. **O mundo da saúde**, São Paulo, v.35, n. 4, p.438-442, 2011.

BASTIÉ, J. Algumas reflexões sobre a pesquisa em Geografia Humana. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro: IBGE, n. 234, p. 47-54, mai./jun. 1973.

BASTOS, Sênia; SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. História urbana e hospitalidade: o bairro de Santa Ifigênia/São Paulo. *In: XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão, 2008.* Anais. São Paulo. ANPUH/SP – USP Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/index.html>>. Acesso em: 11 de jun. 2014.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo e do espírito.** São Paulo: WMF Martins Fonte, 2010. p. 291.

BRITO, Celso Roberto. **Osasco, espaço, tempo e técnica.** Dissertação (Mestrado em Geografia Urbana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

_____. **Contribuição ao estudo do poder local em Osasco: um estudo geográfico-político.** Tese (Doutorado em Geografia Política) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo 2009.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos.** São Paulo: T.A.Queiroz, 1979.

_____. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e as transformações de seus meios de vida.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

CASA DO VIOLEIRO DO BRASIL. **Violeiros do Brasil: dez anos de luta!** Osasco, 1979.

_____. **Orquestra de violas sertanejas de Osasco conta a sua história.** Osasco, 1980.

_____. **Apresentação da entidade.** Osasco, 1984.

COELHO, Maria Inês Zampolim; MORETI, Helio Marcos; MESSIAS, Maria do Carmo. **Osasco: história e identidade.** Osasco: FITO, p. 240, 2004.

COMUNIDADE ARMÊNIA DE OSASCO. Disponível em: <<http://www.cao.org.br>> Acesso em: 16 de nov. 2013.

CORRÊA, Dora Shellard. **Publicidade em revistas locais na década de 60 e de 70: a Revista Osasco.** Paper apresentado em: XXVI Semana Cultural Unifio, Osasco, 2013.

CORRÊA, Ricardo Santhiago. **Entre a harmonia e a dissonância: história oral de vida de cantoras negras brasileiras.** Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo: 2009.

DAMIANI, Amélia Luísa. **A metrópole e a indústria: reflexões sobre uma urbanização crítica.** Terra Livre, São Paulo, n.15, p. 21-37, 2000.

GASPAR, Lúcia. Viajantes (relatos sobre o Brasil, século XVI a XIX). **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2009. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>> Acesso em: 20 de jul. 2013.

GIRARDI, Eduardo Paulon. **O rural e o urbano: é possível uma tipologia?** Presidente Prudente: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2008.

HELLPACH, Willy. **Geopsique.** São Paulo: Paulinas, 1967.

HIRANO, Sedi. Diversidade cultural e multiplicidade étnica: a questão do racismo e intolerância na construção da cidadania brasileira pelos imigrantes. In: **I Congresso Internacional: Nuevos Horizontes de Iberoamérica.** Mendoza: Argentina, 2013.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil.** 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Cidades/Osasco.** Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat>> Acesso em: 12 mar. 2013.

IZIQUE, Cláudia. O Brasil rural não é só agrícola. **Pesquisa Fapesp**, p. 203-207, maio de 2012.

LANGENBUCH, Juergen Richard. **A estruturação da Grande São Paulo: estudo de Geografia Urbana.** Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, Universidade de Campinas, Rio Claro: 1968.

LEAL, Laura. **Cem anos sem Antonio Agú: 1887-2009**. Osasco: Novo Século Editora, 2010.

LEITE, Marcelo Eduardo. **Militão Augusto de Azevedo: um olhar sobre a heterogeneidade humana e social de São Paulo (1865-1885)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2002.

LINHARES, Andrey Aparecido Caetano. **A produção e a reprodução da identidade cultural caipira em Mossâmedes/GO**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2005.

MANZONI, Francis Márcio Alves. Campos e cidades na capital paulista: São Paulo no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. **História e Perspectivas**. Uberlândia: p. 81-107, jan./dez. 2007.

MARIANO, Neusa de Fátima. Tem festa caipira na metrópole de São Paulo. **12º Encontro dos Geógrafos da América Latina**. Uruguai, 03 a 07 abr. 2009.

MARIN, Andreia Aparecida. Pesquisa em educação ambiental e percepção ambiental. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 3, n. 1, p. 203-222, 2008.

MARQUES, M. I. M. O Conceito de espaço rural em questão. **Revista Terra Livre**. São Paulo: AGB, n.19, p.95-112, 2002.

MARTINS, José de Souza. **Capitalismo e tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil**. São Paulo: Pioneira, 1975.

_____. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Introdução crítica à sociologia rural**. p.198-224. São Paulo: Hucitec, 1981.

MATOS, Odilon Nogueira de. São Paulo no século XIX. In: AZEVEDO, Aroldo de. **A cidade de São Paulo: estudos de Geografia Urbana**, v.2. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MORAES, Marino Cafundó de. **Os passos do meu caminho**. São Paulo: Scor Tecci, 2000.

NETO, Otávio Cruz; MOREIRA, Marcelo Rasga; SUCENA, Luiz Fernando Mazzei. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. **XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Anais...** Ouro Preto (MG): novembro de 2002. Disponível em: <<http://www.abep.org.br>> Acesso em: 14 mar. 2013.

OLIVEIRA, Neyde Collino de; NEGRELLI, Ana Lúcia Marquetti Rocha. **Osasco e sua história**. São Paulo: CG Editora, 1992.

OLIVEIRA, Ana Carolina. **Quitaúna**: dos bandeirantes a Lamarca. Visão Oeste: edição 275, 13 a 19 de fevereiro de 2009. Disponível em: <<http://www.visaooeste.com.br/275/cidades5.html>> Acesso em: 2 jul. 2014.

OSASCO. Câmara Municipal de Osasco. **A História de Osasco**. Disponível em: <<http://www.camaraosasco.sp.gov.br/osasco>>. Acesso em: 14 de mar. 2013.

OSASCO. Câmara Municipal de Osasco. **Conhecendo o legislativo**. 4.ed. São Paulo, 2011.

PARK, Margareth Brandini. De Zeca Tatu à Zé Brasil: a possível cura da raça brasileira. **Estudos Sociedade e Agricultura**, n. 13, p.143-150, out.1999.

PAVÃO, Lucas. **Memórias**: algumas histórias de Lucas Pavão na antiga Vila de Osasco. Osasco: Edifício, 2010.

PENTEADO, Antônio Rocha; PETRONE, Pasquale. São Caetano do Sul e Osasco, subúrbios industriais. In: AZEVEDO, Aroldo (org). **A cidade de São Paulo**: estudos de geografia urbana. V.4. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

PETRONE, Pasquale. **Aldeamentos Paulistas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

PIMENTEL, Sidney Valadares. **O chão é o limite**: a festa do peão de boiadeiro e a domesticação do sertão. Goiânia: UFG, 1997.

PRIMEIRA HORA. **Tietê é transformado em mar de esgoto**. Osasco, 27 jul. 1991.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n. 10, p. 200-212, 1992.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Relatos Oraís**: do “indizível” ao “dizível”. Mesa redonda durante a 38ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. Curitiba (PR), julho de 1986.

REIS, Douglas Sathler dos. O Rural e Urbano no Brasil. **XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP)**, Caxambú (MG), 18 a 22 de set. 2006.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

RIOS, José Arthur. O que é e como surgiu a sociologia rural. **Ciência & Trópico**, Recife, v.7, n. 1, p. 85-103 jan./jun. 1979.

SANDEVILLE JUNIOR, Euler. Paisagens e métodos: algumas contribuições para elaboração de roteiros de estudo da paisagem intraurbana. **Paisagens em Debate**, FAU/USP, n.2, set. 2004. Disponível em: <<http://www.fau.usp.br/paisagens>> Acesso em: 14 mar. 2013.

SANAZAR, Hirant. **Osasco: sua história, sua gente**. Rio de Janeiro: Benfica, s/d.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval; MAHFOUD, Miguel. Halbwachs: memória coletiva e experiência. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 4, p. 285-298, 1993.

SILVA, Clécio Azevedo da; ROCHA, Fernando Goulart. Contribuições da sociologia rural norte-americana e europeia aos conceitos de rural, urbano e suas relações. **Cuadernos de Geografía**, Bogotá: Colômbia, v. 20, n. 2, p. 9-19, jul./dez. 2011.

SILVA, Regina Helena Alves da. et al. Dispositivos de memória e narrativas do espaço urbano: cartografias flutuantes no tempo e espaço. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**. Brasília, v.11, n. 1, jan./abr. 2008.

SILVA, Aline Pacheco. et al. Conte-me sua história: reflexões sobre o método de história de vida. **Mosaicos: estudos em Psicologia**. Minas Gerais: n. 1, p. 25-35, 2007.

SOROKIN, Pitirim A.; ZIMMERMAN, Carlo C.; GALPIN, Charles. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: MARTINS, José de Souza. (org.). **Introdução crítica à sociologia rural**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, p.198-224, 1981.

SOUZA, E. M. **Reminiscências integrando gerações: a arte de compartilhar memórias** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1999.

SOUZA, Pedro. Violeiros também conquistam o seu lugar. **Revista Família Cristã**. Edição: março de 1982.

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: três cidades em um século**. São Paulo: Duas Cidades, 1983.

VELHO, Gilberto. Estilo de vida urbano e modernidade. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 227-234, 1995.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CARTA DE CESSÃO

Universidade de São Paulo
Programa de Pós-Graduação em Geografia Física

CARTA DE CESSÃO

Convidamos o(a) senhor(a) **(nome do entrevistado)** para participar da Pesquisa “**O Rural em Osasco/SP**”, sob a responsabilidade da pesquisadora Danielle Albino, a qual pretende caracterizar o cotidiano na cidade de Osasco no período que precede às intensas transformações urbano-industriais desencadeadas a partir da década de 1940.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de depoimentos individuais e/ou coletivos que serão gravados e poderão ser citados na pesquisa ou em publicações posteriores que não possuam caráter comercial.

Se depois de consentir em sua participação, você desistir de continuar participando, terá o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, desde que ela não esteja concluída, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

O participante não terá despesas e também não receberá qualquer remuneração seja a que título for, assim como seus familiares e descendentes. **Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada sem a sua autorização.**

Para qualquer outra informação, o participante poderá entrar em contato com o pesquisador pelo telefone: (11) 9.4902-7856 ou (11) 3608-2637.

Consentimento Pós-Informação

Eu, **(nome, documento de identidade)**, fui informado(a) sobre o objetivo da pesquisa e o motivo da minha colaboração. Concordo em participar e **autorizo a divulgação de minha identidade**. Declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minhas entrevistas gravadas em **(datas das entrevistas)** para **Danielle Albino** usá-las integralmente ou em partes, no formato de texto, desde a presente data.

Participante

Testemunha

Data: ____/____/____

Danielle Albino
Pesquisadora responsável

APÊNDICE B – ENTREVISTAS DE HISTÓRIA ORAL

ENTREVISTA 01

ALAÍDE PEREIRA XAVIER FEITOZA [61 anos]⁸¹

[Em] primeiro lugar eu vim da Bahia por causa dos conflitos com os brancos, os não-índios. Por causa das terras, das confusões, eu vim embora para cá, mas quando eu cheguei aqui, a vida foi muito difícil. Porque quando eu cheguei, eu não sabia nem ligar um fogão... e também [por] deixar a minha cultura lá, cheguei aqui [e] não tinha [o] apoio de ninguém. [Eu] até chorava [de saudade], porque eu gosto muito de cantar os nossos toantes, eu começava a cantar [e] eu começava a chorar porque não tinha aonde dançar.

Hoje eu danço em qualquer lugar, em qualquer espaço público da prefeitura que eu quiser, eu reúno as pessoas, nós cantamos, dançamos [e] fazemos oficinas. Eu tenho um bar [onde] a gente faz oficinas, até agora a gente não conseguiu um espaço específico para aquilo, [então] o lugar que eu acho mais legal é no bar, porque lá eu tenho panelas [e] pratos, então já faço as oficinas lá, a gente faz as nossas comidas. Hoje eu sou muito contente com Osasco, porque eu tenho apoio, estou resgatando a cultura, passando a cultura para as crianças e eu me sinto feliz aqui. [Eu] já fiz uma casinha lá na aldeia, mas eu tenho dó de deixar aqui por causa disso, das pessoas que [nos] acompanham, toda a secretaria dá apoio.

Eu morei no centro da cidade, lá na [rua] Vitorino Camilo, em pensão, sofri muito, eu tinha 20 anos, agora eu estou com 61 anos. Eu fiquei 10 anos na cidade, naquela época o meu marido trabalhava sozinho porque eu tinha as crianças, eu tenho quatro [filhos]: três mulheres e um homem. [Quando] eu vim para cá, as meninas estavam pequenas, teve um que já nasceu... não nasceu aqui porque eu fui ganhar na Lapa, mas duas nasceram em São Paulo. A primeira eu fui ganhar na Bahia, porque eu tinha medo de ir em médico, eu nunca tinha ido em médico, eu fui ganhar em casa com parteira [e] com trinta dias eu voltei. No outro, [nós] não arrumamos dinheiro para a passagem, [então eu] tive que enfrentar, sofri bastante, muita vergonha do médico, para ter o neném aqui em São Paulo, nossa! quase que me acabo... e até hoje, se eu fosse uma mulher que ainda produzisse criança, eu iria ganhar lá na aldeia, porque é melhor com parteira do que com médico: não levava ponto e só com as medicinas da gente, fica 'zerinha', a minha mãe [ainda] manda [essas medicinas] de lá. Eu vou três vez por ano lá na aldeia, tem quinze dias que eu vim de lá e [agora] a minha mãe está aqui, minha mãe já tem 97 anos.

Eu fiquei dez anos lá em São Paulo⁸², o meu marido trabalhava nas Perdizes, de cozinheiro, e ele tinha muita amizade com os fregueses que comiam no bar. Tinha esse rapaz que era de Osasco e tinha uma empresa, ele ia por um trailer para [o meu marido] cuidar. Eu [ainda] fiquei lá um bom tempo, para ver se dava certo mesmo, ele [o marido] foi vindo e voltando todo dia, carregando as coisinhas na sacola. Depois, não sei se foi um ou dois anos, nós viemos: ele arrumou uma casa e alugou [no bairro] Helena Maria, perto do Amador Aguiar. Depois eu fui trazendo todo mundo, pegamos conhecimento e fomos trazendo os

⁸¹ Data de nascimento: 30/07/1951 - Data da entrevista: 16/04/2013 - Local: Osasco Plaza Shopping.

⁸² Trecho completo: 'Eu fiquei dez anos lá em São Paulo, São Paulo mesmo, porque aqui não é... é São Paulo aqui? [não, mas era, até 1962]' - Comentário não gravado em 23/04/13: 'porque dizem que aqui é interior'.

outros: a gente já era fiador sem ter nem documento, porque todo mundo confiava na gente, agora tem 38 famílias [e] eu fui a primeira a vir.

Eu nunca neguei, [quando] perguntavam: *‘de onde a senhora veio?’*, eu falava *‘sou da Bahia, sou indígena’*. Passaram uns dias, a vizinha do lado falou: *‘a senhora é índia?’* eu disse: *‘sou, por que?’*, [e ela]: *‘porque a vizinha aqui falou que você era índia e que era para eu ter cuidado, porque todo índio é feiticeiro’*. [Ela] me chamou de feiticeira... [então] eu falei: *‘que eu saiba, índio não é feiticeiro, aonde eu vi bastante macumba foi aqui em São Paulo’*. Porque lá [na aldeia] a gente trabalha completamente diferente, a gente trabalha com fé em Deus, Nanderu, e na força encantada das matas, a gente pede proteção com os encantos, mas não tem nada de macumba, pelo menos na nossa aldeia não trabalhamos com isso, nós temos só a nossa defesa. Depois, [há] uns 5 anos atrás, a minha vizinha brigou com a nora dela e a nora falou: *‘grande lugar que vocês moram, que tem até cacique!’*. [Então] ela falou: *“tem Cacique, gente igual à gente, e na sua rua só tem drogado...”*. Na rua [em] que eu moro só tem 21 casas, mas é só gente direita, graças a Deus, eu arrumei um lugar bom para morar.

[Em 2004], foram uns antropólogos de Salvador lá na aldeia, porque vem muita gente de fora, [e] fizeram uma pergunta para minha cunhada. Meu irmão era cacique na época, depois ele teve que se afastar porque saiu um emprego na Funai de motorista e só ele tinha carta [de motorista] naquela época, [então] ou [ele] ficava como cacique ou ficava [como motorista], ele preferiu sair para ganhar algum salário, [o] salário [era] bom [e] até hoje ele é motorista. Então, eles fizeram a pesquisa e perguntaram se tinham mais índios fora da aldeia ou [se] só tinham aqueles. Ela [a cunhada] falou: *‘lá em São Paulo tem bastante Pankararé’*, [ele] falou: *‘como eu posso entrar em contato?’*. Na época eu já tinha telefone [e] ela passou. Um dia, eu estava em casa e ligaram, queriam falar com a Alaíde, eu falei: *‘eu mesmo’*, *‘a senhora é de onde?’*, eu falei: *‘sou da Bahia’*, *‘a senhora é indígena?’*, eu falei: *‘sou’*, *‘de qual tribo a senhora é?’*, [eu falei:] *‘Pankararé’*, *‘então é a com a senhora mesmo que a gente quer falar: é que vai ter um evento aqui em São Paulo, vai ter um evento da Comissão Pró-Índio e a gente precisa falar com a liderança, a senhora é a liderança?’* [eu falei:] *‘eu não, sou nada, só sou índio’*, [eu] nem sabia o que era liderança...

[Então] ele perguntou se dava para [eu] ir e levar mais umas três pessoas, eu falei para as minhas primas, eita! [elas] ficaram doidas [e] nós fomos. Não sei se foram quatro dias de reunião, eu cheguei lá, nos apresentamos [e] falaram: *‘a senhora vai ficar responsável pelos indígenas aqui de São Paulo, vai começar a resgatar’*⁸³, naquele dia eu nem tive sono mais para dormir, fizeram uma reportagem e eu tenho o livro até hoje. Depois, daquele tempo para cá, o CIMI [Conselho Indigenista Missionário], que é esse pessoal daqui, já começou a vir na casa da gente, [a] fazer pesquisa, até hoje. [Então] a gente descobriu que tinha direito a remédio, óculos, depois quando passou um tempinho, faculdade, minhas filhas já fizeram faculdade, tenho duas filhas formadas na PUC. E foi assim, é só alegria...

[Eu] já tive a oportunidade de participar de reunião de Brasília, de ficar sete ou oito dias em Brasília, na Conferência Nacional dos Povos Indígenas, parece que foi em 2006, muito legal. Agora em novembro eu fui para Brasília [e] de lá fui para Goiás com o pessoal do CIMI. Hoje era para estar em Brasília, [no] Domingo viajou uma turma de representantes e era para [voltar] no dia 20, mas não deu para [eu] ir por causa do evento aqui, [teve também a] conferência em Salvador no ano passado.

⁸³ Dona Alaíde é cacique de todos os Pankararé que estão em São Paulo (Regiões de Osasco e Guarulhos).

A semana do índio já está no calendário [de Osasco], graças a Deus, depois de tanta luta. Demorou uns 3 anos, [enviamos] carta para o prefeito, carta não sei para quem e [o] projeto para ser aprovado, graças a Deus aprovaram. Nós temos um fórum, o Fórum Permanente Intersetorial [Indígena] de Osasco: tem uma reunião uma vez por mês [da] comunidade com toda a secretaria. [Nós] ficamos trabalhando juntos e conseguimos, agora vamos conseguir o espaço, um espaço para fazer os nossos eventos. Então está sendo uma coisa muito importante essa reunião, já tem pessoas que estão muito interessadas em fazer a oca sem a gente gastar nada, a Bela Arte de São Paulo, a CUT, todas as secretarias.

As primeiras [oficinas] nós fizemos no Centro Público e na Casa de Angola, que é da Secretaria de Cultura [de Osasco], mas eu quero um espaço específico para aquilo, [onde] eu possa deixar as roupas dos praiás, esses homens vestidos que fazem a dança. Sou eu quem canta para eles dançarem, eu guardo todas as roupas, eu comprei a maioria dessas roupas com meu dinheiro, na luta: [eu] pedia roupa usada para o pessoal, levava para a Bahia, trocava por matéria-prima [e] dava roupa usada para as meninas tecerem comigo. Agora não, as roupas estavam velhas, [então] eu fiz [um] projeto no PROAC [Programa de Ação Cultural], da Secretaria de Cultura de São Paulo. Já ganhei três projetos: para fazer as oficinas, comprar roupas para as crianças, roupas do ritual, tenho feito muita coisa em pouco tempo, as crianças já sabem cantar e dançar, elas já fazem apresentações, [antes] era só em casa, agora a gente já desenvolveu bastante, mas está dando tudo certo. Entrou esse novo prefeito, também é gente boa, entrou outro na secretaria de cultura, cada vez mais está melhorando o apoio da secretaria.

Não sei se vai fazer um ano ou dois que cortaram o remédio, a gente está correndo atrás, fazendo reunião, mas até agora não conseguimos. Quando morre um índio leva [o corpo] para a aldeia, para ser enterrado lá, agora eles já estão começando a cortar isso também: morreu um parente e tiveram que fazer a maior guerra para levar o corpo, pagaram a passagem do corpo do morto, mas a do acompanhante não pagaram, a família teve que se reunir todinha, então está ficando difícil... mas estamos levando assim. [Isso] não têm nada a ver com Osasco, é [com] o Governo Federal, a Funai. Só que se o prefeito se interessar [pela] gente, [ele] resolve: o povo diz que todas as prefeituras têm verba para os indígenas.

Aqui em Osasco, [os outros grupos] nem participam, no Domingo mesmo vieram quatro famílias Pankararú, a gente convida, mas eles aparecem [só] de vez em quando, [eles são] de Pernambuco: nós somos Pankararé e eles [são] Pankararú. Somos quase a mesma família, porque no começo da história, quando os brancos começaram a invadir, [eles] fizeram essa morada em Pankararé, eles atravessaram o rio e foram para a Bahia, dos Pankararú que nasceram os Pankararé.

ENTREVISTA 02

CATHARINA ANDRADE BENAGLIA [88 anos]⁸⁴

Eu nasci no Jardim de Abril, na Estrada do Bussocaba, era uma casinha de barro, de pau-a-pique que meu pai precisava baixar a cabeça para entrar na porta, porque ele tinha dois metros de altura e a casinha [era] baixinha, coberta de sapê. Eu nasci no dia 13 de novembro de 1924.

Eu aprendi o catecismo quando eu tinha 05 anos, na Rua Primitiva Vianco, quase no Largo de Osasco. Na primeira casa da rua, a gente tomava óleo de fígado de bacalhau, toda semana as crianças tinham que tomar aquilo, num copinho pequeno, docinho, mas grosso que só vendo, acho que [era] o governo que mandava porque vinha da cidade. Depois passou a ser casa de religião e eu aprendi catecismo lá com uma moça que se chamava Antônia Momes. Primeiro, [construíram] a [paróquia] Nosso Senhor do Bonfim, na Rua André Rovai, eu freqüentei muito a missa ali quando eu morava em Osasco, mas antes eu freqüentei a Igreja do Santo Antônio. [Ela foi inaugurada] em 29 de março de 1931, teve uma festinha e eu ganhei um presente: uma cestinha feita de palha de milho, cheia de bombons, eu nunca esqueço. [No] dia 13 de junho de 1931 foi a primeira procissão, eu não tinha 07 anos ainda, ganhei o santinho da procissão e tenho a fotografia do Santo Antônio até agora, porque é uma grande lembrança da primeira procissão que teve.

Eu não sei se vocês ficaram sabendo que Osasco era amaldiçoado pelos padres, eu não sei por [qual] motivo, [mas] ele era amaldiçoado pelos padres: não ia para frente de jeito nenhum, era só barro, lagoa, eucalipto e sapo. Eu me lembro que do lado de lá da rua Antônio Agú era só eucalipto e taquara, e do lado de cá, lagoas e sapos. Depois dos eucaliptos, tinha uma valeta fedida, que [só] acabou muito tempo depois. [Meu pai], seu Domingos, seu João Brás e meu tio João Andrade cortaram os eucaliptos, [eram] cinco pessoas, [mas] eu lembro desses três, foi em 1945 ou 1946, eu não tenho certeza.

Na rua [em] que eu nasci tem aquela capelinha de Santo Expedito, foi o meu pai quem inaugurou. Ele tocava viola desde criança, então ele inaugurou com uma festa de Santa Cruz, no dia 03 de maio de 1941, para juntar fundos para fazer a capelinha que estava só no começo. Depois fizeram a capela de São José, que tem no morro, e fizeram a capelinha da Santa Cruz, no fim da rua que sai do viaduto, tem a capelinha até hoje lá, ali também foi meu pai que inaugurou com dança de Santa Cruz. Eu era pequeninha e tinha uma colega chamada Margarida que nós levamos na festa. [Estava] aquele frio do dia 03 maio, faz um frio danado, [mas] nós não tínhamos casacos de vestir, então nós fomos de manga vazia, de manguinha. Essa minha colega ganhou uma blusa, porque a irmã dela trabalhava na cidade e ganhou da patroa um casaco de veludo branco, muito bonito, só ela que tinha. Não tinha a capelinha, nada, só tinha a fogueira, então nós fomos tudo na fogueira, sentar ali. E eu com a minha irmã perto das outras meninas: “*eu não vim de casaco, porque eu deixei o meu casaco de pele em casa...*” tem cabimento? Como a gente era boba, inocente, não pensava...

Quando o meu pai era vivo com a minha mãe, eles cantavam, tantos violeiros vinham aqui, aqueles que cantavam na rádio. A minha irmã Lourdes, que tem 92 anos, também cantou com o meu pai na rádio, no tempo do Raul Torres, então, quando eles desceram no Largo de Osasco, nossa senhora, [que] festa fizeram para ele no bar do seu João Batista, acharam que [eles] contaram bem, mas o meu pai só cantou na rádio essa vez, só uma vez, parece [que] era

⁸⁴ Data de nascimento: 13/11/1924 – Data da Entrevista: 27/02/13 e 10/04/13 – Local: residência da depoente.

Rádio Piratininga, nem tem mais essa rádio, acabou tem muito tempo. [Ele cantava] moda de viola, cantava música para dançar também, a mulherada dançava ‘prá chuchu’. Ele tocava viola desde os 08 anos, ele ganhou oito violas de presente, a primeira quem deu foi o avô dele. A gente [também] ia na aldeia [de Carapicuíba], o meu pai era festeiro da aldeia, eu ia quando eu era ‘pequeninha’.

O meu pai tinha carro de boi, tinha seis juntas de boi, quer dizer que são doze bois, porque cada junta [tem] dois [bois]. Ele trabalhava para o Coronel Destino Cerqueira [que] era dono daqui, do [Km] 18 inteiro, de Carapicuíba, tudo. O meu pai trabalhava de carro de boi, ele ia buscar lenha em Itapecerica da Serra para levar no mercado municipal da cidade, eu não sei o que eles faziam com a lenha, [mas] eles compravam. E ele vendia lenha para todo mundo: [para o] doutor Eurico, [para] a Baronesa, [para a] família Carneiro, para toda aquela gente de lá. E só tinha a pontona, o rio Tietê não era inteiro como é agora, ele tinha um canal, que nem um abismo, [uma] pontinha fininha para passar e a ponte grande onde é hoje o viaduto, mas antigamente era uma ponte de tábua, de madeira, muitas [delas] quebradas. Eu ia sempre com ele [o pai] carregar lenha, naquela estrada que sai do viaduto, de Osasco até a Baronesa, eu pegava ameixa com as mãos, a coisa mais linda do mundo, lá devia chamar Rua das Ameixeiras porque eram ameixas dessas amarelinhas de lado a lado, eu ia com meu pai na carroça pegando aquelas ameixas.

Às vezes, ele ia buscar lenha em Itapecerica da Serra, na época em que ele trabalhava com o pai dele e com Antonio Agú. Meu pai trabalhou também de arar a terra, ele era lavrador de terra, lavrava as terras com aquele arado, uma máquina grande. O meu pai trabalhou muito com isso no tempo em que ele veio de Taboão da Serra, em 1900. Meu pai nasceu em 1892 e minha mãe nasceu em 1895, em Santo Amaro. Nunca deram valor [para o] meu pai, ele trabalhou tanto aqui em Osasco com o Antonio Agú, [mas] nunca ninguém pôs o nome dele numa rua. Quantos que vieram do interior, que vieram de outros lugares, todos tem o nome aqui em Osasco e o meu pai que trabalhou com Antônio Agú não tem nome nenhum.

Eu me lembro de uma coisa importantíssima, eu plantei grama com meu pai, lá no Rio Pequeno, na avenida mesmo, e sabe como [se] planta? Fiquei sabendo, eu também não sabia: uma valeta, um palmo mais ou menos de largura, mas bem compridona, o terreno inteirinho, bastante valeta, aí você ia pegando dois galhinhos de grama, punha um assim, outro assim, um assim, outro assim [e] enche. Quando eu [fui] viajar com meu pai, aconteceu uma coisa triste. Eu não sei se foi [no] dia de Santa Bárbara ou se foi [no] dia de São Brás, eu sei que foi numa terça-feira: meu pai foi buscar lenha lá no Jaguaribe, pegou 200 feixinhos de lenha com três juntas de boi, eram três horas da tarde mais ou menos. Quando nós vínhamos na Av. Flora... parece que não é mais Av. Flora, parece que agora é [avenida] João Lourezo, que é o pai da mãe do marido da Maria Anésia. Quando nós íamos chegando, descendo a rua, tinha riozinho desse lado e riozinho desse [lado] da estrada. Meu pai vinha com o carro de boi e eu junto com ele, mas só que eu vinha à pé, eu fui na carroça e voltava sempre à pé, porque [a carroça] trazia a lenha. Quando chegou nesses rioszinhos, os bois foram tomar água, então conforme ele veio [com] o carro cheio de feixinhos de lenha, a carroça virou dentro do rio, ficou uma roda na água e a outra fora, eu não lembro [quando] foi isso, eu sei que foi um dia santo, [porque] meu pai jurou que nunca mais trabalhava nesse dia. O que [o] meu pai precisou fazer: ele soltou os bois, porque eles estavam morrendo enforcados com a canga, tirou todos os feixinhos de lenha da água, até que passou um homem, graças a Deus, e ajudou ele a tirar a carroça, [então ele] engangou os bois [de novo] e juntou feixinho por feixinho, mas ele chorou tanto esse dia, eu sei que eu era muito pequena, eu estava com ele [então] eu não estava na escola ainda, eu acho que eu tinha cinco anos, quer dizer que isso foi mais ou menos em 1929.

Outra coisa que meu pai sofreu também: [às] cinco horas da manhã ele ia pegar os bois dele no Campo do Jacó. Podia chover chuva brava, podia chover canivete, podia fazer sol, chuva, calor, frio, ele tinha que trabalhar, nunca perdia [um] dia de serviço. Ele levava lenha de Itapecerica da Serra para o mercado municipal da cidade, que ficava na Rua da Cantareira com a [Rua] 25 de Março. Ele tinha um negócio no carro que cantava chamado cocão, mas tinha um parente rico da minha mãe que morava na entrada da Rua Butantã, num sobrado cinza. Um dia, ele levantou de madrugada e o carro estava cantando, ele desceu de pijama, pediu para [meu pai] parar de tocar o carro, porque não podia dormir. [Então] ele [o pai] precisou tirar o cocão do carro, que era a coisa mais maravilhosa que tinha, o tal de cocão que eu também não sei o que é, [mas] que fazia o carro cantar. Ele falou: “*o senhor tira isso, senão vou dar parte do senhor*”, sendo parente, hein? Então ele precisou tirar do carro, porque ele [o parente] falou que incomodava, tudo isso aconteceu com meu pai.

O meu pai foi o homem que carregou a primeira máquina para fazer a fábrica de papelão na rua da Carteira,⁸⁵ precisaram usar os bois dele. Mas a máquina era muito pesada [e] os bois, ao invés de ir de frente, precisaram [vir] de ‘afasto’, [eu] não sei como, porque nesse tempo eu não existia, eu sei que o meu pai contava isso: com esses doze bois ainda precisaram ir de ‘afasto’. Tem muita gente conhecida minha que trabalhou na fábrica de papelão. Eu sei que o meu pai fez muito serviço, ele trabalhava muito: [ele era] pai dos violeiros e pai dos carreiros de Osasco.

Depois eu entrei na escola, lá na rua da Carteira, [era] tudo mato, tudo eucalipto, tudo calipal e tinha o asilo do Bussocaba. Eu tinha 06 anos quando fui para a escola, tive cinco professoras: Alzira de Paula Machado, Dona Áurea Rocha Leão, Dona Pequetita e duas Dona Rosária, três [delas] saíram para ganhar neném. Eu sempre reparei nas roupas das mulheres, não que eu tivesse inveja, mas a dona Pequetita usava sempre um taierzinho, saíinha e casaquinho, o conjunto dela tinha desenhinhos pequeninhos verdes, vermelhos e pretos, ela tinha o cabelo bem curtinho, moreninha, bonita e as Rosárias usavam vestido amarelo soltinho, as duas vestidas iguais, incrível, mas é verdade.

Depois nós mudamos para a Vila Yolanda, que se chamava Campo do Jacó, isso em julho de 1929, eu tinha 05 anos, viemos para a rua que [hoje] tem o nome da mãe do Guaçu Pitteri, Doralice Pitteri, ali tinha o nome de Rua do Pito Acesso por causa da criançada, era só mulherada que tinha bastante filho, cachorro, cadela, bode e cabrito, [além] dos bois e dos burros do seu João Ático e os bois do meu pai, era a Rua do Pito Acesso. Em frente ao Estoril era [chamado] Largo do Rato, porque tinha rato que não acabava mais. A Rua da Estação antigamente chamava-se Rua da Glória dos Triunfadores e depois mudou para Rua da Estação: primeiro era Rua da Estação, depois puseram esse nome [por] um tempo, então mudaram para Rua da Estação de novo, a minha irmã que falou isso para mim.

[Mas] ali [na Rua do Pito Acesso] morou o primeiro delegado de Osasco, que tinha o nome de João Soldado. Essa casa não era de barro, essa casa [era] a única de tijolo que tinha lá, as outras eram de tábua e de barro, onde inclusive nós moramos também. [Nessa época], o meu pai tinha seis bois, mas eu só lembro o nome de três: Felipe era um boisinho cor de café e eu dava ração para ele, aquelas espigas de milho pequeninhas, um dia ele quase engoliu a minha mão; tinha um que chamava Bordado, era um boi amarelo, cheio de pinta branca, que nem um bordado branco; e tinha um boi preto com uns malhados brancos, era o Soberbo. O [meu] pai tinha uma vara de dois metros com uma roseta na ponta para tocar os bois, ele ia sentado na carroça, quando eles erravam, ele cutucava com aquela coisa e eles andavam

⁸⁵ Adamas S/A.

direito. Então ele foi passando na frente [da casa] desse João Soldado, que era o delegado de Osasco, meu pai chamou os bois à atenção, falou: “*passa bordado, vamos soberbo*”, ele levantou de pijama, falou: “*por que o senhor está me chamando de ‘sordado’ soberbo?*”, meu pai falou: “*eu não estou chamando o senhor de ‘sordado’ soberbo*”. Você já pensou? Ele falou: “*Como que não está chamando? Eu estou escutando aqui da cama, eu levantei, o senhor tem alguma coisa contra mim?*”, o meu pai falou: “*o senhor está enganado, eu chamei os meus bois, esse aqui chama soberbo e esse bordado, pode ver as pintas dele que é um bordado mesmo*”, aí ele pediu desculpas para o meu pai e ficaram amigos, mas ele foi o primeiro delegado de Osasco. Depois foi um tal de Juca, seu Juca, o delegado que [me] prendeu, fui presa por [algumas] horas por motivos de namorado, mas isso é uma coisa que não interessa contar-

Depois, quando eu tinha 09 anos de idade, nós mudamos para [o centro de] Osasco, nós mudamos no dia 17 de outubro de 1933 para a Rua André Rovai. Eu fiquei sem aulas mais ou menos um ano, depois uma Dona Elvira, que era professora, arrumou escola para mim. Ela era esposa do senhor Said Menemer que tinha loja de tecido em Osasco, [onde] meu pai comprava roupa para nós, roupa-tecido, pano, comprava só o pano, [porque] vendia só tecido. Em três anos que eu morei lá, eu conheci todas as famílias de Osasco, quem tinha armazém, quem tinha secos e molhados, loja de tecidos, loja de sapato, eu conheci a cadeia de Osasco [risos], conheci todos os lojistas: tinha a loja de sapato do seu Manoel Manojó, tinha o seu Felipe Caruso que era turco e tinha loja de tecido, tinha o João Maluf, que também era turco e também tinha loja de tecido, tudo turco e tudo tinha loja. E tinha o senhor Fuad Auada, depois que acabou o grupo escolar de Osasco, onde eu estudei, ele colocou a galeria que tem até hoje, não sei se é dele ainda.

Antes eu conheci o Pedro Fioretti, que é um famoso farmacêutico, era mais do que médico, ele que tratou de mim quando eu era pequena. Quando eu tinha 04 meses, a minha mãe teve a doença da bexiga, ela e o meu pai foram para o isolamento, no Emílio Ribas. O médico que foi junto com eles disse: “*aonde se viu a senhora levar a sua criança?*” [Então] a assistência voltou e me deixou na casa da minha tia, [que] continuou dando de mamã para mim, porque o meu primo tinha a mesma idade. Eles ficaram lá um tempo, depois voltaram bons, eu herdei um pouco dessa doença, graças a Deus, fiquei forte e boa. Mas eu tinha amarelão, eu e minhas irmãs, e quem tratou da gente foi o senhor Pedro Fioretti, Deus que o tenha em bom lugar, porque ele foi muito bom mesmo, ele tratou muito de mim... [emocionada].

Quando a gente morava na Rua André Rovai, eu também conheci um senhor, seu Antônio Menck que lidava com porco e tinha o irmão dele que chamava Diolindo Menck, ele morreu no dia 03 de julho de 1941, quando nasceu o meu sobrinho Romeu. Ele foi fazer uma visita nos vagões, estava muita neblina e ele não viu o carro, o trem passou em cima dele, ele era um dos mais ricos de Osasco. Tinha o senhor Abílio de Barros e o senhor Clemente Rack que também tocavam porcos.

Depois eu conheci também a família Nurchs que tinha a cooperativa. Meu pai e meus irmãos trabalhavam no Soma⁸⁶ e a gente comprava na cooperativa. O Soma era [uma fábrica] de fazer locomotivas, de trens e teve uma morte muito triste lá: um senhor trabalhava de soldar os vagões que tinham que carregar coisas perigosas, ele estava soldando e pegou fogo, porque ainda tinha um pouco de gasolina no carro em que ele subiu, ele chamava seu Francisco, isso foi em 1949, eu não sei o mês. Outra coisa, caiu um avião ali na [avenida dos]

⁸⁶ Cia. Sorocabana de Material Ferroviário

Autonomistas, foi [no] dia 04 de dezembro de 1944, eu já trabalhava no Granada, caiu na hora do almoço, então [os funcionários] do Soma que tinham almoçado e estavam sentados, viram e correram para dentro. [O avião] estava rodeando para ver se descia no campo, mas [o piloto] não achou lugar, então ele se aterrou, caiu e pegou fogo, eu ainda peguei um pedacinho do avião, um pedacinho de madeira verdinho.

Teve uma morte muito triste também lá na Rua da Carteira. Em frente à prefeitura, antigamente, era um armazém de secos e molhados, o dono chamava seu Luciano Biozoli e era um italiano. Nessa venda tinha briga de galo, eu sei que Antônio Carrari emprestou o galo do compadre dele, porque dizia que era muito bom para a briga, mas depois o outro matou o galo e o compadre matou ele. Naquele dia, faltava querosene, nós usávamos o lampião, não tinha lâmpada, [não tinha] nada, [era] casa de chão, de barro... Então faltava querosene, eu com a minha irmã fomos com meu pai buscar, era dia de São Jorge, nunca esqueço, 23 de abril de 1932. Ele comprou o querosene, estava armando chuva brava, eu tinha muito medo de chuva, ele deu doces para nós e falou: “*vão embora que eu vou ficar aqui*”, aí nós começamos a chorar, mas eu chorei tanto que eu fiz ele largar tudo. Ele chegou em casa, empurrou nós duas para dentro e voltou, mas quando chegou no meio do caminho, ele pensou: “*as minhas meninas nunca fizeram isso para mim, parece que estão evitando alguma coisa*”. [Então] ele voltou para atrás, ele usava [um] sapatão, bota de couro, [quando] ele tirava eu lavava os pés dele, [mas] naquele dia ele jogou o sapatão e foi deitar. Não durou meia hora, escutamos os gritos das filhas do Antônio Carrari: Adelaide, Jandira, Antonia e a outra eu não lembro o nome, tinham matado o pai delas. Isso é coisa que eu presenciei e o meu pai deu graças a Deus porque nós seguramos ele. Ainda depois, eu ouvi falar que essa Adelaide Carrari, que era escritora, teve contato com Jânio Quadros e fez acabar com a briga de galo por causa disso, agora eu não sei se é verdade.

Outra coisa que aconteceu, eu já era bem de idade, mas era solteira ainda: no dia 30 de abril de 1950, nós fomos numa festa na casa do compadre do meu pai, Ladislau de Camargo, nesse tempo ele morava na Vila São José, atravessava a ponte de latão, de tambor, mas tinha a balsa também. E nós fomos de caminhão, esse moço que levou era casado e morava na cidade, mas estava trabalhando aqui em Osasco, então todo mundo foi de caminhão, meu pai que arrumou. Foi uma maravilha a festa, amanhecemos lá até três horas, quer dizer que já era 1º de maio: quando nós viemos embora, foram por o caminhão na balsa, depois que passasse o caminhão a gente subia de novo, [mas] o caminhão ‘fucinhô’ no Tietê! Ficou a rabina para cima e os dois não morreram lá, você já pensou que milagre? Não morreram lá, mas [esse moço] veio a morrer depois, naquele dia mesmo, isso vou contar para você: dia 1º de maio de 1950, o caminhão ‘fucinhô’, eles não morreram, graças a Deus, todo mundo foi lá perto, os vizinhos tiraram o caminhão, depois deixaram o caminhão lá preso, veio polícia e tudo. Nós viemos embora à pé, minha mãe ainda fez café, eles tomaram e foram embora lá pelas 4h mais ou menos, bastante gente, tudo cantando, só que quando chegou quase na esquina da Hildebrando de Lima com a Aristide Beline, os cachorros saíram de uma casa atrás deles e eles falaram assim: “*sai vira lata!*” [Mas] saíram seis ou sete [homens] e toca a dar neles, dois correram e se salvaram, mas ele não pode se livrar, ele amanheceu duro de geada na Chácara dos Padres, geada de muito zero, do primeiro zero de geada, a polícia foi lá para saber do caso, saiu no jornal e tudo.

Eu também lembro quando arrebentou a Revolução de 1932, nós [voltávamos] de uma festa na Vila São José, a sobrinha do meu irmão fez 06 anos e o meu pai levou uma canequinha de agate verde cheia de flores brancas, [foi] o presente que ele deu para ela, nunca me esqueço disso. Não tinha o Tietê ainda aberto, tinha o canal, então nós passamos por uma pontinha pequenininha e aquele buracão, muitas [pessoas] ficaram com medo de passar por

ali, foram dar a volta [pela] pontona grande de tábua e nós passamos pela pontinha, você já pensou que perigo aquele abismo lá fora? Depois emendaram o canal com o Tietê, deixaram tudo maravilhoso, do jeito que é hoje. O Hirant Sanazar foi muito bom, foi o primeiro prefeito de Osasco, se dava muito com a gente, o Guaçu Piteri nem se fale, maravilhoso, o Sebastião Bognar, que é vereador, também foi muito importante, agora dos outros eu não posso dizer nada porque eu não conheci. [Então] quando nós voltávamos às 4h da manhã, arreventou a revolução bem em frente ao Estoril, nós [estávamos] passando, [por]que nós morávamos na casinha de barro na Rua do Pito Acesso.

E a queimação do café que teve aqui em Osasco? Na [avenida] João Batista, do lado onde é a Cobrasma e do lado onde é a Cobraseixos, dos dois lados queimavam café. Eu ia buscar carne para minha mãe, eu ia buscar pó de café, toicinho, tudo em Osasco e passava nesse lugar, [mas] precisava tapar o nariz, senão morria afogada, isso foi de 1936 até 1938, [quando] nós mudamos para o alto do Granada, até nós mudarmos acho que queimava café ainda, não sei quando que parou. Primeiro tinha o armazém de café perto de Presidente Altino, depois acabaram com aquele e começaram a queimar aqui. Não sei de onde vinha, vinha de longe, não era daqui, [mas] tinha [um] armazém antes de chegar no matadouro de Presidente Altino, lá era o depósito de café de tanto que tinha.

A feira foi inaugurada no dia 28 de dezembro de 1948, depois do almoço. Eu [estava] indo namorar lá em Osasco e passei de ônibus, [às] 4 horas da tarde estava aquela festa, desde o meio dia, soltando rojão, era a inauguração. A feira começava meio-dia e só tinha na Rua Itamotinga, aos sábados. Na feira antigamente vendia arroz, feijão, farinha, azeitona solta, macarrão, tinha tudo, que nem mercado.

Quando eu tinha 09 anos, a minha irmã e eu íamos buscar leite para ganhar 01 tostão por dia: a gente ia [até] o asilo da Vicentina, na casa do seu Torres, buscar leite para a Dona Adelaide [filha dele]. Eu trabalhava na casa dela, olhava uma menina de 05 anos que se chamava Bartyra. Nós íamos catar amoras e trazíamos o leite. Ela morava aqui aonde é o mercado de Osasco, eu trabalhei com ela muito tempo, desde os 09 anos. Eu mudei perto do Granada no dia 12 de novembro de 1936 e no dia 13 eu completei doze anos. Eu entrei no Granada para trabalhar depois do almoço, [porque] eu ia na escola. A minha mãe ia antes de mim, ela deixava tudo pronto, porque trabalhava das 07h às 11h. Saí de lá e entrei na triparia, Hazafer, onde é a Joli⁸⁷ [hoje], eu pintava o cordão para amarrar as tripas, o barbante vinha branco eu tingia de verde e de vermelho, [mas] nem um ano eu trabalhei ali. Naquele tempo podia voltar, [então] eu trabalhei no Granada de novo, depois eu achei que eu estava ganhando pouco, perdi um dia de serviço, falei que estava doente e fui trabalhar na Lapa, [numa] fábrica de fósforos que eu esqueci o nome, eu fiquei só um dia, nem o dinheiro eu fui buscar, voltei para o Granada correndo [onde eu] fiquei até casar quando eu tinha 29 [anos] e meio, casei bem de idade. Eu trabalhei em tudo quanto foi lugar no Granada: trabalhei de por lixa nas caixas, trabalhei de por selo, trabalhei na forma [porque] antigamente era enchimento à mão, [depois] trabalhei nas máquinas de encher as caixinhas de fósforos. Eu saí de lá em 1953 para casar, pensando que a vida de casada era uma vida de santo, [porque] eles [os maridos] não queriam que a gente trabalhasse, mas eu trabalhei em muitos lugares depois de casada: eu limpava três casas e não cobrava nada, a da minha sogra, a da minha mãe e lavava a roupa da Dona Cizira, [eu também] lavava roupa para os jogadores de futebol do Ponte Preta e toalhas no restaurante. Eu trabalhei bastante, viu? São essas coisas que posso contar para você.

⁸⁷ Joli Materiais para Construção e Reforma.

ENTREVISTA 03

CLÉRIA DE SOUZA VIRIATO [91 anos]⁸⁸ e **IONE AUGUSTO VIRIATO** [60 anos]⁸⁹

Cléria: Quando a gente mudou aqui, em 1948, não tinha luz, [era] lampião de querosene, não tinha água, era água do poço, a gente não tinha televisão, não tinha nada. Eu estava com [27 anos], viemos de Nova Lima, município [vizinho] de Belo Horizonte, o Zezé [tinha] um mês de idade, lá nasceu seis⁹⁰ e aqui mais quatro, a Ione já nasceu aqui, antes o Tucao [Antônio Carlos], depois o Luiz e o Adair. Então nós moramos desse tempo até hoje, se amanhã eu morrer, eu estou aqui ainda.

No bar aí em cima tinha televisão, [quando] acabava o serviço, a gente ia assistir. O seu Nelson [era o] dono do bar, tinha bastante gente para assistir, [a gente] assistia a Hebe e outros programas da televisão.

Ione: Ele [também] fez [um] palco e nós cantávamos as músicas da época, da Dalva de Oliveira, igual ao show do Chacrinha para distrair um pouco, era uma festa, porque [a gente era] tudo criança. Ele era um bom homem...

Cléria: Depois eles mudaram para Presidente Altino [bairro de Osasco]. E não tinha nada aqui, para comprar as coisas tinha que ser no largo de Osasco, não tinha feira, muitas casas também não, só tinha o terreno.

Ione: Lá era tudo pasto e aqui em cima era brejo porque eu brincava de pegar, eu achava que era peixinho, mas era sapo.

Cléria: Mas tinha a fazenda, tinha o senhor que vendia leite de vaca, ele tinha bastante vaca e a gente comprava dele. Não tinha igreja aqui, era tudo [em] Osasco,

Ione: no Domingo gente [ia] na missa, na catedral.

Cléria: [e a gente] ia à pé, aqui não tinha rua direito, tinha as trilhas para chegar lá.

Ione: era calipal, a ruinha era assim toda cheia de árvores.

Cléria: Agora o rio tinha, né? aquela ponte, acho que [era] dessa largura [mostrou a menor largura da mesa] para a gente passar, só. Os trens também eram diferentes.

Ione: [a estação] chamava paradinha [e] era perto da Cima.

Cléria: A gente tinha médico na rua Prates, em São Paulo, porque aqui [também] não tinha. Então tudo era sacrifício. Como chamava essa rua aqui na fazenda?

Ione: aqui era número antigamente, [essa] era a rua 07.

Cléria: A dona Luíza era dona desse terreno todo, então a gente comprou dela, seu Manuel, que é o marido dela, vendeu o terreno para nós. Quando eu [vim para cá] o meu pai deu um dinheiro para eu comprar agasalhos, eu peguei aquele dinheiro e dei de entrada no terreno [risos], o seu Calisto [marido] falava que era para eu comprar o agasalho e deixar o terreno, [mas] eu falei: “*não, nós temos muitos filhos, para pagar aluguel ou outra coisa não*

⁸⁸ Data de nascimento: 11/12/1921 – Data da entrevista: 21/02/2013 – Local: residência da depoente.

⁸⁹ Data de nascimento: 30/08/1952 – Data da entrevista: 21/02/2013 – Local: residência da depoente.

⁹⁰ Os filhos nascidos em Nova Lima (MG) são: Agemiro, Valdomiro, Valdir, Maria, Marilda e José Marcos.

dá, então vamos comprar”. Ele [seu Manoel] vendeu e depois me emprestou 3 mil para poder construir, aí eu fiquei, comprei o material, paguei o dinheiro dele primeiro e [depois] começamos com três cômodos: dois quartos e a cozinha, o banheiro era separado.

Ione: [porque antes] a nossa casa era onde a Cidinha mora agora, tinha o quarto e uma cozinha de madeira aqui fora, que era o fogão à lenha.

Cléria: [Foi] meu marido [quem fez essa casa], ele era [pedreiro], então eu ajudava a serrar as vigas para a casa, ele saía para trabalhar, eu não tinha serviço ainda, então eu fazia isso, quando ele chegava [já estava] tudo serrado, eu fazia muita coisa enquanto os filhos estavam pequenos. E eu [tive] bastante filho, graças a Deus são todos bons, não deu trabalho nenhum, nem os homens e nem as mulheres, são tudo gente boa. Depois eu comecei a trabalhar.

Ione: Minha mãe fazia biscoito para vender na feira e os meus irmãos vendiam.

Cléria: Eu fazia [biscoitos] desde lá onde eu morava, então cheguei aqui e continuei... para arrumar dinheiro: doce e biscoito, aqueles biscoitos grandes de polvilho, maior do que esse dedo. E a vida segue desse jeito, depois eu comprei uma máquina, comecei costurar, [aprendi] olhando os outros, a minha sogra era costureira e fazia roupas, por isso também que eu aprendi, [então eu] pegava serviço em São Paulo e vinha para cá.

Ione: Quando ela trabalhava em casa com costura, ia na [rua] José Paulino e trazia as peças cortadas para costurar, depois tinha que levar.

Cléria: [Mas] era costura de ligação, [pagava pouco], [então] além daqueles que eu pegava para costurar, eu pegava serviço fora ainda: eu trabalhava em São Paulo, as pessoas [mulheres ricas e doutores] para quem eu trabalhei [moravam] na Barra Funda, eu lavava e passava por mês: uns para lavar, outros para passar, outros para limpar a casa, tudo o que eu podia fazer eu fazia para ajudar... Aí eles [os filhos] tudo dormindo e eu sentada na máquina costurando... [Depois] eu comecei trabalhar na Nilontex com costura e [já] tinha trabalhado [antes] na Bordon.

Ione: a fábrica que fazia lingüiça... onde era o Wilson, antigamente era a Bordon.

Cléria: Teve uma vez, estava chovendo igual anteontem, o Valdir tinha que trabalhar, eu estava esperando a chuva passar um pouco para ir, aí ele falou assim: “*mãe, eu comprei uma coisa para dar para a senhora, se eu der agora, a senhora me deixa dormir?*” Eu falei: o que é? “*Ah! um negócio que eu vou dar para a senhora*”. Quando ele trouxe, era uma capa de chuva, eu não tinha nem guarda-chuva [risos], eu enfiei na cabeça e, enfim, eu fui trabalhar e ele ficou, foi dormir. Essa capa tem muito tempo, [eu] ainda [tenho] ela, até agora. [Quando] chegava o tempo de chuva, você saía [na Nilontex, bairro da Leopoldina] e a água aqui, nossa, você saía com a água assim quase debaixo do braço, nós éramos seis [moças], [então] uma pegava no braço da outra e da outra para a água não levar, até chegar na estação, na rua Mofarrej.

E aí essa vida, depois seu Calisto morreu, eu comecei a viajar para trabalhar, tinha o ônibus, a gente viajava em bastante amigas, eu comprava [produtos] no Paraguai, na Bolívia, na Argentina e vendia aqui, eu fiquei mais de 30 anos nessa vida, parei com 85 anos, eles [os filhos] [já] estavam maiores agora, [mas] tinha o Chico, a Regina, a Rose [netos], o Ricardo, o Ivan [bisnetos], tudo eu criei de novinho, cinco que eu peguei e criei, tem ali a foto do Ricardo quando se formou na escola e tem o álbum que ele se formou na faculdade. E sofri bastante, mas graças a Deus eu consegui, de coisa ruim eu nunca fiz nada.

Ione: As escolas eram de tábua.

Cléria: De madeira, aqui perto do riozinho, onde tem esses sobrados e na Praça do Samba tinha uma escola de madeira também, não tinha o Jegue⁹¹, não tinha a outra lá, era só essa de madeira aqui e a outra quase no fim da Hildebrando [avenida Hildebrando de Lima].

Ione: E tinha o Ponte Preta que era um campo de futebol, tinha o campinho e o restante era o peral, meus irmãos iam jogar lá e pegavam pêras para vender para o pessoal da rua.

Cléria: só para ajudar, porque [aqui] era só fazenda e eles [eram] pequenos, né?

Ione: Tinha uma firma aonde o Agemiro entrou com 11 anos, ele era o mais velho.

Cléria: chamava Hazafer [triparia]... com 13 anos ele cortou esse dedo, o juiz assinou para ele trabalhar nesse negócio de saquinho, [mas] puseram ele na máquina e ele cortou esse dedo... aí vai no juiz, né? porque ele assinou uma coisa e eles puseram em outra, demorou para cicatrizar. E ele entrava lá às 6h da manhã, só saía às 10h da noite, ele vinha, almoçava e voltava, aqui onde está a CBS, aquela [loja de] material⁹², a vida era muito difícil... o Agemiro foi o meu braço direito, estudou bem, saiu cedo da escola coitado, não tem um mês ainda que ele morreu, mas desde pequeno ele foi meu companheiro.

Ione: Acho que foi a primeira fábrica, depois veio a Jimmy que era a fábrica de molho

Cléria: não, a Jimmy já tinha, depois veio a de tripa, que matava porco, gado também, bem aqui. Eu ia buscar [carne] lá no 25, buscar toicinho, carne de porco, não dava [para criar em casa], não tinha nem tempo de cuidar dessas coisas, porque eles eram muito pequenos e eu saía para trabalhar, [quando] chegava de noite, [eu] fazia comida para no outro dia [já] estar pronta, lavava a roupa [todo dia] porque [os filhos] eram muito pequenos e juntar era chato, para passar tinha outro dia.

Ione: para limpar tinha o escovão e tinham as panelas de pendurar, não tinha armário, eram ganchos para pendurar.

Cléria: então você tinha que ver [bem] o que você tinha para pendurar, as coisas mal lavadas [não], né? [só] as panelas brancas e areadas. E o serviço era muito, até dormir eu não dormia, eu dormia duas noites por semana, eles estavam dormindo, mas eu não, [eu] cuidava. Então a vida foi essa, sabe?

Ione: Aqui eram todos vizinhos: a minha avó morava lá, a gente morava aqui, a tia Elza também, a gente brincava o dia inteiro um com o outro, não tinha cerca, não tinha muro, aqui [morava a] dona Pemba, a da esquina eu não lembro o nome, a dona Isabel, mãe do Luizinho, aqui as parentes do Jaime, antigamente eram eles, os mais velhos que eu lembro daqui.

Cléria: E o seu Sebastião, eu comprei a máquina de costura dele [porque] ele era da Belmonte, a loja de Osasco.

Ione: Também era assim: nascia um, um batizava [risos], a mãe era comadre da dona Sebastiana, que é irmã do Onofre, era comadre da dona Benedita, que é a mãe do Onofre, a minha madrinha era a dona Jacira, mãe do Franklin, mas era até engraçado...

⁹¹ Escola Estadual Major Telmo Coelho Filho

⁹² Joli Materiais para Construção e Reforma

Cléria: [eu] também amamentava as crianças pequenas.

Ione: quem tinha amamentava o outro, porque às vezes não tinha leite. Quando o Dejair nasceu, meu sobrinho, o Miguel teve simiotto e a [mãe do Dejair] deu o leite para ele, a Maria amamentava o Dejair e amamentava o Miguel [também].

Cléria: E você não acredita, [mas quando] as mulheres tinham criança, eu que dava banho.

Ione: curava o umbigo...

Cléria: até isso eu fazia também, amamentava e dava banho.

Ione: O primeiro banho da filha da Sônia, foi ela quem deu, antigamente era bom, porque ninguém ficava assim com inveja de ninguém, não queria o mal de ninguém, todo mundo se ajudava.

Cléria: [Quando a Creuza] nasceu, eu cuidei da Tereza [mãe da Creuza] e da menina também, eu dava mamã. Quando foi um dia, eu levantei, fiz café e fui cuidar dela, ela estava boa na casa dela, [mas] quando [eu] cheguei lá, ela tinha ido para o hospital porque tinha morrido. Eles eram do Paraná... Cândido Mota, e lá quando a mulher tinha [uma] criança, com 07 dias, eles davam um purgante para a mulher, aí [o sogro dela] foi dar o purgante e [ela] morreu, eu fiquei com o cuidado da menina porque a mãe morreu, eu estava amamentando e fiquei cuidando por mais de 3 meses até que apareceu a avó da menina para levar ela.

Ione: mas ela cresceu com a gente também.

Cléria: Então esse serviço era tudo, tudo, tudo... eu não tinha tempo, [mas] se precisava, eu arrumava o tempo, se tivesse mais eu ia e fazia [risos].

Ione: Mas antigamente era mais gostoso, era um sacrifício porque tinha que tirar água do poço, essas coisas, mas era bem melhor do que agora. Depois começaram a por os postes para por a luz, era tudo terra, aí veio o progresso, foi vindo, foi vindo, acho que depois dos meus 10 ou 11 anos. A água veio bem depois, veio primeiro a luz, depois veio a água, porque a minha irmã fez 50 anos de casada e ainda era água de poço para tudo, o meu pai pôs bomba aqui, ligava a bomba, enchia a caixa, só quando faltava a luz, aí tinha a carretilha, o balde e a corda [para puxar]. Depois chegou a feira aqui, meu pai comprava arroz de saco, feijão de saco, sabe aquele saco de estopa que agora faz pano de chão? nossa! o pai comprava doce, o pai comprava bolacha.

Cléria: Quando começou era [no] sábado, todo sábado, continua sábado até hoje, [mas] eles [os filhos] já estavam grandinhos. Quando a gente era criança, eu aprendi a fazer pipa, nossa! eu adorava soltar pipa [risos] a gente jogava bolinha de gude, rodava pião, era um monte de brinquedo, hoje é tudo tecnologia, não é? antigamente a gente que fazia o nosso brinquedo, brincava na rua, não tinha carro, então a gente brincava à vontade até de noite correndo na rua, depois começou a asfaltar, aí fomos perdendo as coisas, porque começaram a vir os carros, os ônibus. No Natal a mãe ia na cidade trazer presente para nós. Quando eles eram menores, tinha no clube de futebol da Portuguesa e no palácio do governo, eu pegava as coisas: roupa, brinquedo, até roupa de frio, cobertor, então eu ia num lugar, depois no outro, no outro e trazia bastante coisa, aquele tempo era muito bom, viu?

Ione: Tinha uma vereadora aqui também, a Maria Coluna, no Natal [ela] dava brinquedo para a gente, aquelas bonecas de pano... e bola para os meninos, ela dava muito

brinquedo para a gente. Então, hoje em dia as crianças não vêem essas coisas, você vê soltar pipa aqui? Não vê, antes era carrinho de rolemã, era patinete, aquele brinquedo de bilboquê, pegava latinha de leite ninho, fazia dois furos e ficava andando de um lado para o outro assim, era pata de cavalo, punha o fio e fazia de conta que era telefone, um falava e o outro ouvia, era tudo feito assim. Hoje em dia é só computador, computador. Nas escolas também, outra coisa que agora é errado: as crianças não sabem tabuada e estão no terceiro ano de colegial, tinha um menino lá em Paraguaçu⁹³ [que] no primeiro colegial não sabia ler. Antigamente os professores sabiam todas as matérias, hoje não, é só aquela matéria e se faz outra pergunta, não sabe, o ensino de antigamente era maravilhoso.

Cléria: Antigamente o ensino era outro, agora não, agora tudo cola, cola, cola, não é? Eu não tive escola, porque meu pai faleceu e a minha mãe teve que trabalhar no lugar dele, na companhia

Ione: de minério de ferro.

Cléria: negócio de inglês. Eu não pude estudar porque tinha a [minha] irmã para cuidar,

Ione: isso lá em Nova Lima.

Cléria: nós éramos quatro, mas a minha irmã caçula nasceu com problema, surda, ela não falava direito então eu cuidava, tinha que cuidar dela, né?

Ione: Mas a mãe sempre lia bem.

Cléria: Porque eu era a mais velha, então eu tinha, né? Tinha uma professora que era vizinha da gente, então ela ajudou, arrumou para eu poder estudar, mas foi só um ano, não deu para eu estudar mais.

Ione: Devia voltar o ensino que era antigamente, o pai [também] não teve estudo, mas ele tomava lição nossa todo dia e se você fizesse uma conta, a dele nunca estava errada, se estivesse errada era a sua, ele fazia a conta de cabeça. O que tinha também na escola de antigamente: [você] aprendia a bordar, fazer tricô, crochê, era a aula de artes, hoje em dia essas meninas não sabem nada. Tinha aula de religião, essas coisas precisam voltar porque [hoje] um entra na escola e mata um monte de gente, [isso] é falta de Deus, falta de amor, falta de compreensão. O governo tirou muita coisa, que se voltasse, essas crianças não seriam tão assim agora. Tinha nota de comportamento... e não trazia um dez para casa para [você] ver, o pai, nossa... pergunta para os meus irmãos. Mas as artes de criança também não eram iguais às de agora: o Lucas⁹⁴, em vez de ir para a escola ia atrás de cavalo, de passarinho, essas coisas, aí ele ficava prestando atenção no que o Valdir falava e contava tudo certinho, mas pensava que o pai tava dormindo, um dia o pai pegou ele... [risos]. Depois foi [vindo] o progresso, foi diminuindo as brincadeiras, a criatividade.

⁹³ Ione morou e trabalhou em Paraguaçu entre os anos de 1998 e 2008.

⁹⁴ O seu verdadeiro nome de registro é Valdomiro, mas sua avó paterna costumava o chamar de Lucas, nome que se afirmou entre os parentes e amigos.

ENTREVISTA 04

MARIA CONCEIÇÃO PEREIRA MARTINS [62 anos]⁹⁵

Eu morava no interior, lá para os lados de Bauru, Lins, Cafelândia, meus pais nasceram lá. Eu vim para Osasco com 04 anos. Quando chegamos aqui, nós moramos com a minha tia, porque a gente não tinha nenhuma estrutura montada ainda. Essa minha tia incentivou a gente [a] vir para cá, ela estava aqui há 03 anos e já tinha um padrão de vida [bom] porque meu tio trabalhava de carpinteiro, no Cobrasma, e [ela] trabalhava em casa de família, então, financeiramente eles já tinham uma certa [estabilidade] na época. Nós fomos morar ali na rua da Saudade, moramos junto com ela algum tempo, depois meu pai conseguiu um empreguinho e a gente alugou uma casinha na Avenida Dionísio Alves Barreto, na época era a avenida 02. Eram números, todas as ruas, pelo menos ali na região onde eu morei.

[Aqui] era mais zona rural mesmo, porque tinha muita chácara ainda e quase não tinha rua asfaltada, esse negócio de guia e iluminação nas ruas, não tinha nada. A igreja de Osasco era muito bonita, tinha um espaço na frente, ela não vinha até onde vem hoje, era bem recuada e não era uma igreja tão grande quanto essa de hoje, mas [tinha] aquela estrutura bem antiga [com uma] escadaria enorme que você subia. Era uma cidadezinha tranqüila, era gostoso, bem tranqüilo. As ruas geralmente daquela areia branca, parecia praia, principalmente naquela parte do largo, onde é o largo hoje, era muito úmido, parecia mesmo rua de praia, rebaixado ali ainda. [Naquela época] ainda tinha Maria Fumaça [risos], a gente ouvia a máquina passar de vez em quando apitando, muitas árvores, muita mata, a gente andava muito por trilha, onde tinham aquelas trilhas a gente passava, muita nascente, tinha aquele riozinho ali, tem ainda hoje, mas naquela época a água era limpinha, não era como é hoje, tão poluída. Para a gente passar para cá... porque a gente andava tudo a pé, não tinha ônibus, só mesmo onde é a [avenida dos] Autonomistas [hoje], era a Avenida Itú, só lá passava ônibus para a cidade, o resto era à pé. [Mas] tinha táxis, sabe aqueles táxis antigão? [risos] se não me engano era da Ford, normalmente preto. Então, às vezes, [nas] situações assim, mais [urgentes], o pessoal alugava táxi.

E a vida era difícil, né? não era fácil não, principalmente para a gente que veio [do interior], meu pai não tinha uma profissão, porque lá no interior ele trabalhava na lavoura, prestava serviço para o proprietário das fazendas. E lá a gente morava em casinhas de colônia, você não tinha preocupação com aluguel, essas coisas assim, aí quando nós viemos para cá, a gente teve que se desfazer de tudo o que tinha e recomeçar, quando ele veio embora para cá, ele não trouxe nem o cavaquinho dele, que pena. O meu pai arrumou serviço de carregador de caminhão de bebidas e ele trabalhava assim, coitado, na luta... minha mãe também lutou bastante para cuidar da casa, dos filhos, trabalhou de lavar roupa para ajudar meu pai. Só depois, quando a gente foi crescendo e começou a trabalhar, ela parou de fazer serviço para fora. E eu com 12 anos já fazia roupa para casa, comecei cedo, ajudei a fazer o enxovalzinho dos meus irmãos, assim no tricô, aprendi a fazer tricô sozinha, crochê... essa minha tia colocava todo mundo para cima, ela arrumava escola, ia atrás de trabalho, ela era muito ativa e quando surgiu a onda do crochê, ela arrumou uns arames [risos], fez agulha de arame e com barbante ela começou a ensinar a gente a fazer crochê. Deu certo, aqueles pontinhos básico..., mas a gente aprendeu a fazer.

⁹⁵ Data de nascimento: 21/04/1950 – Data da entrevista: 19/02/2013 – Local: residência da depoente.

Meu pai tinha eu com 04 [anos] e a minha irmã com um 01 aninho, as duas pequenas. Quando meu irmão nasceu, eu já ia fazer 10 anos, depois vieram os outros já mais apressadinhos, com uns 02 anos [de diferença cada], nós somos em 5. Teve uma prima minha que ficava temporariamente com a gente: como a minha casa ficava mais próxima do trabalho dela, às vezes ela ficava a semana inteirinha com a gente, só no fim de semana ela [voltava] para casa. Depois a minha tia, [mãe dela], teve duas meninas gêmeas e a minha mãe acabou criando uma das gêmeas, a outra faleceu com uns 09 meses, elas foram muito doentinhas. Essa [que] ficou com a minha mãe, ela chama a minha mãe de mãe até hoje. E, na verdade, ela seria minha... prima, mas eu considero ela como irmã. Então minha mãe teve 5 filhos, mais essa que ela criou desde pequenininha.

Eu fui para o parquinho com 05 anos, onde é a biblioteca [agora], tinha um parque infantil, hoje eles falam EMEI, mas hoje com toda a estrutura que a cidade tem, não tem a estrutura que tinha naquela época, muito bem montado, sabe? para você ter uma ideia, até mel e geléia eles forneciam. Num período em que eu fiquei muito doente e fiquei sem ir no parque, eles mandavam minha mãe buscar sopa todo dia para mim, eles forneciam leite. Para você ver que diferença os políticos daquela época dos políticos de hoje, naquela época Osasco ainda não era município, ele era totalmente dependente de São Paulo e o Ademar de Barros na época, agora não lembro se ele era governador ou prefeito, eu só sei que ele fazia toda essa coordenação, principalmente das escolas. A escola Marechal Bittencourt já existia na época, também já com toda aquela estrutura. Então, a nível social, eu acho que aquela época era muito melhor do que hoje, eu não sei se porque era uma população menor, mas você tinha a escola que dava sapato, uniforme, material escolar e dava as merendas, tinha essa parte de dentista [também].

[Na] parte de médico, a gente tinha o posto de saúde, era só um, ali onde é a delegacia hoje, também era muito bom, a gente fazia todo o tratamento lá, o acompanhamento das crianças, eles davam leite em pó para as mães, então você vê que [tinha] uma estrutura, apesar de ser tudo muito assim... a nível de tecnologia, não existia a que existe hoje, mas tinha todo esse cuidado, esse atendimento com a população. Na época, não tinham hospitais aqui, a gente ia para a Santa Casa de Misericórdia e para o Hospital das Clínicas quando era caso de cirurgia, eu fiz amídalas e apendicite na Santa Casa de Misericórdia. [O postinho] era mais para acompanhamento, tinha pediatra, dentista, clínico geral, porque a pessoa às vezes [tinha] uma dor de cabeça, uma gripe, essas coisas assim. E tinha muito desse negócio, não era qualquer coisinha que você ia em médico, eram muitos remédios [caseiros], tinham benzedoiras, a minha avó mesmo benzia, a minha avó benzia a gente: meus primos, a gente estava sempre junto [e quando] a minha avó vinha na minha mãe, ela benzia todo mundo, fazia fila, os raminhos ficavam muchinhos, [ela] diz[ia] que era quebrante... quando o raminho ficava bem muchinho, era tudo quebrante.

Eram poucas empresas, não tinha muita especialização profissional, mas tinha todo esse lado que você vivia de uma forma, eu acho que bem. Você não via favelas, não tinha essa coisa de favela, tinham aquelas casinhas, o pessoal costumava falar 'cortiço', aquelas casinhas assim, uma pegada na outra que os donos alugavam, mas você tinha esse lado, não tinha problema de assalto, você andava tranquilo nas ruas, a criançada brincava às vezes até tarde na rua, porque você não tinha outro tipo de diversão.

Depois meu pai comprou o terreno no Jardim das Flores com o meu tio, na rua Rosa. E aqui era uma fazenda, os terrenos foram loteados, mas ainda tinha o casarão, e do lado, em ruínas, tinha a senzala dos escravos, tudo já meio demolido, subindo a avenida, do lado esquerdo, tinha uma capelinha bem pequena, eu cheguei a fazer catecismo lá, uma parte do

catecismo. O pessoal falava que esse casarão era assombrado, a mulher que morou lá contava muita coisa que ela via, eu acho que os verdadeiros proprietários já não existiam mais, eu não sei se a prefeitura tomou posse, não sei como funcionava, mas essa família morou tempos lá e ela contava essas histórias para a gente. Mas era bonito, porque tinha muito verde, muitas árvores... o casarão ficava de frente com a rua do fórum, mas a rua do fórum era cheia de pinheiros dos dois lados e no meio era a estradinha, ela ficava no alto, era descida. Era muito bonito e a gente andava muito por aqui, pelo meio dos matos, era muito gostoso, muitas minas, tinha muito poço aqui, mas tinham as nascentes também, depois mais tarde eles canalizaram uma mina que tinha aqui, acho que era na rua Dália [acho que tem até hoje, só que fizeram uma fábrica lá] e o pessoal vinha buscar água, o pessoal [vinha] de longe para pegar água, dizem que a água era muito boa.

Então a minha infância foi assim...

Não tinha padaria, aqui passava aquele furgão, acho que uma vez na semana, trazia pão, aí era festa no dia em que o caminhão vinha, porque a gente pegava o pão fresquinho. Nos outros dias a gente fazia farofa com café, porque não tinha pão para tomar café à tarde. De manhã era mais leite, às vezes a minha mãe comprava aquela farinha de por no leite ou mesmo farinha de mandioca com leite e a gente tomava [café] de manhã assim, porque não tinha pão todo dia. As frutas da época que eram mais comuns era a banana e a laranja, a mexerica até que sim, [em algumas] épocas, mas a banana e a laranja eram frutas do ano inteirinho, mais acessível ao bolso do povo, eu acho. E não tinha muita exposição de frutas, hoje você vai numa feira e tem um monte de diversidade, naquela época não tinha não, a maçã era rara, às vezes quando a minha mãe ia na cidade para levar a gente ao médico, [a gente] passava naquelas barraquinhas e tinham aquelas maçãs enormes, mas a gente não tinha para comer assim, a gente não comprava. A alimentação era diferente também. Naquela época a gente comia muita batata, a gente fazia batata cozida, refogadinha com tempero, arroz e feijão era a comida sagrada, [tinha] todo dia. A batata doce e a mandioca você encontrava [muitas vezes] plantada, até por aqui, a minha tia plantava, num pedacinho de quintal. Ela plantava couve, almeirão, era uma salada... cheiro verde, chuchu, tudo no quintalzinho, às vezes era um pesinho assim [pequeno], [mas] já dava. Quando a minha avó comprou um terreno na Vila Yolanda, ela fez a casinha no fundo e na frente era tudo pé de mandioca e milho. Eu acho bonito, eu gosto de ver, você colher tudo ali fresquinho para fazer, agora eu não sei se eu tenho jeito para lidar com a terra, tem que gostar, né? Eu tenho [apenas] planta, assim de flores [em casa]... [mas] o meu pai tinha [jeito], meu pai adorava, adorava mexer com a terra... o meu pai era do campo mesmo, da terra. Mesmo depois que meu pai veio para cá, ele gostava muito, embora não tinha horta na minha mãe. Nós chegamos a comprar um alqueire de terra numa região [perto] de Iguape, meu pai chegou a plantar lá, comprou bota, aquelas ferramentas que você usa para arar a terra, para preparar a terra, ele gostava mesmo de mexer, cuidar de animais, ele gostava.

Engraçado, outra coisa: sabe quais [eram] as misturas mais baratas na época? Bacalhau e carne seca! [risos] hoje é uma fortuna, naquela época era mistura de pobre, em qualquer casa tinha, [a gente] comprava o bacalhau inteiro, tinha gente que deixava pendurado, outros deixavam em algum lugarzinho guardado e ia fazendo aos pouquinhos, fazia com batata. E aquele pessoal mais assim, eles falavam que a [carne seca] era mais [comida de] nortista, essa coisa assim de preconceito, mas a gente comprava, porque era a mistura mais barata. Não se tinha muito carne fresca, bife, essas coisas e o frango aqui também era um pouco difícil. Quando nós morávamos no interior não, porque lá no interior todo mundo tinha no seu quintalzinho um frango, um porco, meu pai tinha até vaca, então, quer dizer, essas coisas você tinha porque você criava, você não precisava comprar. [Mas

quando] a gente veio para cá, a gente foi morar numa casinha de aluguel, de dois cômodos, só quarto e cozinha, [então a gente não criou mais]. As pessoas que eram donas de chácaras tinham, [mas] só para elas consumirem. Não tinha quase açougue, não tinham mercados como tem hoje. Nessa região aqui tinha o armazém lá embaixo que era do Diogo Teruel, ele vendia de tudo: arroz, feijão, farinha, eu não lembro se tinha pão, mas tinha mortadela, ‘frios’ na época era mortadela, né? E ele vendia, de vez em quando, uns pacotinhos de carne que vinham embalados, ele devia pegar de algum frigorífico. Tinha um frigorífico lá em Quitaúna, depois mais tarde, quando a situação estava um pouquinho melhor, meu pai ia buscar carne lá em Quitaúna, a gente ia à pé, aqui por dentro, cortando, porque lá era mais barata a carne. [O frigorífico Wilson] já era para [o outro lado], [mas em Quitaúna] era melhor, porque lá no frigorífico Wilson eles vendiam essa parte de salsicha e lingüiça, [aliás] não tinha esse negócio de Sadia, Perdigão, era só Wilson. E tinha esse frigorífico aqui que era do quartel, ele era dentro do quartel, a gente comprava mais barato, falavam que era o frigorífico do 21, eles abasteciam o quartel e o quartel vendia para a gente, tinha dia certo para comprar e tinha que ir cedinho lá, eles também tinham um período para atender.

Desde a minha infância até a minha adolescência, a gente não tinha muito luxo, muito consumismo, a própria fase da formação da cidade, eu acho, ela não era voltada tanto, não estimulava tanto... [o consumo] e também nem televisão tinha, quem tinha televisão naquela época eram as pessoas que tinham muito [dinheiro]. Naquela época não [se] ouvia falar nem de Páscoa, eu não me lembro, sério, eu não me lembro de Páscoa. Eu lembro da Sexta-Feira Santa porque a minha avó era da irmandade de Santo Antônio, então eu lembro de todos aqueles eventos que tinham na Igreja [durante a] semana [santa], mas eu não ouvia falar de Páscoa, como hoje... hoje você fala em Páscoa é chocolate, nem o sentido mesmo... Naquela época não tinham essas coisas, chocolate... nossa, a gente não via chocolate, eu nem sabia que sabor tinha chocolate.

Nessa época de criança, eu estudava ali no Marechal Bittencourt, depois nós mudamos para [o Jardim das Flores], minha mãe esperou terminar o ano e me matriculou numa escolinha que tinha de madeira aqui no [km] 18, na beira do rio, eu fiz o primário lá. Eu não lembro como se chama aquela rua agora, mas antigamente era a rua das cabras e tinha muitas cabras, acho que por isso chamava rua das cabras, eu me lembro, porque, às vezes, a gente descia à pé. A gente chamava a estação do trem de paradinha, ainda tem as casinhas ali, atrás das casinhas era a estação, eu pegava o trem ali, tinha uma plataforma alta e atrás tinha um muro, só... e uma casinha pequenininha onde o homem ficava vendendo as passagens, era legal sabe? Essa estaçãozinha foi até eu moça, acho que até uns 19 ou 20 anos ainda tinha essa estaçãozinha.

E na minha adolescência foi assim, na frente da casa da minha mãe [hoje tem o bocha, depois tem o parquinho], essa parte era tudo livre, mato, aqui onde é a minha casa, era tudo mato, esses sobrados aqui não existiam. Na rua Rosa, a casa da minha mãe foi uma das primeiras a ser construída, com muita dificuldade, meu pai mesmo que fez, meu pai pegava areia do riozinho e foi fazendo, fez um cômodo depois fez o outro, primeiro deixou o chão batido, não tinha piso e assim foi, de pouquinho em pouquinho. Eu, com 10 anos, ajudava meu pai na construção da nossa casa, carregava tijolo para o meu pai, meu pai fazia uma tabuinha, assim fininha, aí eu colocava de 3 tijolos, colocava uma roupa bem velhinha, chapéu de palha na cabeça [risos] e ia ajudar meu pai. E meu pai foi muito trabalhador, sabe? meu pai lutou muito na vida... [quando] abriu a Rilsan aqui, ele entrou como auxiliar de serviços gerais, ele trabalhou 10 anos na Rilsan e quando saiu de lá ele já estava como encarregado. Ele trabalhava à noite, tiveram Natais dele passar preso dentro da empresa, porque naquela época tinham muitas greves e ele passava, às vezes, preso assim, ele não podia vir para casa.

À medida em que foi crescendo o bairro, tinha uma porção de jovens, mais ou menos na mesma faixa dos 12 aos 22 anos e a gente fazia bailinho nas casas, chegava a época de festa junina, tinha festa junina. Aí veio a Maria Coluna que foi vereadora por muitos anos, ela incentivava essas festinhas, para ganhar votos também, né? E, às vezes, ela levava a gente nos canais de televisão para se apresentar. A gente não tinha lanchonete, clubes de baile como o Atlético e o Cobraseixos, essas coisas vieram depois, com o tempo.

Só que tinha também um porém, a maioria das casas eram grandes, terrenos grandes, o do meu pai não, porque o meu pai comprou já dividido com meu tio, mas os terrenos eram de 10 metros [ou mais] de frente, tinha espaço para fazer. E era tudo saudável, sabe? Não tinha esse negócio de drogas. Depois sim, depois de 1970 mais ou menos, aí começaram os problemas com drogas, até parte de jovens do nosso grupo já começaram a se viciar, a se extraviar, meninos assim de família, começaram a fazer amizade com pessoas de fora e enveredar por vícios.

Mas a gente se divertia muito, apesar de ser tudo muito simples, com poucos recursos, a gente vivia bem, era muito gostoso e havia mais união entre as pessoas, aquela coisa assim mais próspera, mais solidária, se um [aqui] tinha um probleminha, [estava] todo mundo ali, sempre participativo na solução. Quando fundou a igreja⁹⁶ toda essa turminha de jovens passou a integrar a comunidade, porque na época era o padre Everaldo, um padre jovem que estava sempre reunido com a gente, ele estimulava, tinha quermesse, era muito gostoso... às vezes a gente ia na Santo Antônio também, de Osasco, [mas], aí já veio linha de ônibus para cá, o ônibus fazia ponto final um quarteirão acima da casa da minha mãe, tinha ônibus para Lapa e Pinheiros, era tão bom, pertinho. Então já não tinha mais a fazenda, depois que eles demoliram a fazenda e fizeram a caixa d'água foi quando veio a água encanada nas casas, aí eu já era adolescente na faixa dos 18 ou 19 anos. Porque Osasco melhorou muito na gestão do Rossi. Osasco [virou] município e passou a ter prefeitos, [então] quando houve a gestão do Rossi, por volta de 73 ou 74, foi quando veio luz para cá, ele colocou asfalto, guias de rua, aí já não havia a necessidade de ter poço nas casas, foi quando foi melhorando.

Depois foi mudando, veio o colégio onde eu fiz o ginásio: a primeira vez que eu me inscrevi foi no Ceneart, porque não tinha [colégio] aqui, isso foi em 1962, eu já trabalhava na oficina de costura na rua Papoula. Eu prestei o exame de seleção, só que pegou fogo na secretaria, queimou todos os papéis e eu fiquei sem estudar. Eu ia até deixar de trabalhar porque eu tinha 12 anos e era proibido estudar à noite, mas nesse meio tempo pegou fogo lá, perdeu toda a documentação, aí era a minha palavra de falar para eles que eu tinha passado.

Como eu não consegui o ginásio, eu fui fazer o corte e costura dos 12 aos 14 anos, eu já trabalhava na oficina de costura, trabalhei até os 19 anos, aí eu fiz o comercial prático que era um curso pago, mas eu não concluí. Hoje nem se ouve falar desse comercial prático, ele era equivalente ao ginásio, mas entrava datilografia, práticas de escritório, comércio e contabilidade, a escola começou como escola acadêmica, depois passou à aliança cultural, a acadêmica era ali na [rua] Salém Bechara e depois mudou para a [avenida dos] Autonomistas, onde tem o Hospital das Damas, era das Damas, acho que nem é mais. Tem a casa até hoje, mas não é mais escola, é residência... Passaram alguns anos, acho que foi em 1971, abriu essa escola aqui, Latorre, [então] eu fiz o ginásio aí, mas nisso eu já tinha 18 anos e estudei à noite porque já tinha mais idade. Tinha essa dificuldade, o primário tudo bem, você até conseguia fazer, mas o ginásio, naquela época era difícil, não era fácil conseguir, porque não tinham muitas escolas.

⁹⁶ Paróquia do Espírito Santo

[Mas aí a cidade] já estava bem diferente, já tinha a [avenida dos] Autonomistas, as ruas já [eram] todas pavimentadas, a maioria, só mesmo nas periferias que ainda não eram. O Jardim das Flores, a partir de 1970 já começou a melhorar também, antigamente era tudo escuro, a gente não tinha luz nem nas casas, era luz de lampião ou lamparina. Eu acho que [por volta de] 1966, já tinha luz dentro de casa, [mas] na rua ainda não, porque eu lembro que a minha tia comprou televisão [bem antes da gente, a gente não tinha] e a gente ia assistir televisão tudo na casa da minha tia, nessa faixa dos 16 ou 17 anos. Mas até uns 13 ou 14 anos, não tinha, [ou melhor], tinha, mas ali na parte do [km] 18, do centro de Osasco. Como o bairro aqui era novo, então não tinha... na fazenda tinha, no casarão, mas eles não tinham essas instalações feitas na rua, que [se] faz para poder puxar.

Então, depois da oficina de costura, eu fui trabalhar na Cooperativa de Cotia, eu trabalhei lá uns 02 anos, eu pegava o ônibus [às] 5h da manhã, pegava cedo, porque eu entrava às 6h no serviço, [quando] chegava lá tinha que colocar o uniforme, eu trabalhei na esteira de escolha de batata, cebola e embalagens. Teve um período que eu trabalhei no escritório, a menina saiu de férias e eu fui ajudar a tirar notas, [foi a] primeira vez que eu trabalhei na área administrativa, não foi nem bem um trabalho, porque foi só para cobrir férias, mas já foi alguma coisa. Depois eu fui trabalhar na Ótica Osasco, trabalhei 06 meses. E tudo serviço assim, sem experiência, enfiava a cara e ia, às vezes até mentia que já tinha trabalhado senão eles não pegavam. Saí da ótica porque começou falir, começou a ficar ruim porque já não recebia o salário direito... fui para [uma empresa de materiais elétricos], lá eu trabalhava na fábrica, na linha de montagens, eu não lembro se chegou a 01 ano, eu saí de lá porque peguei o meu dedo na prensa. Para você ver como que era na época, quando eu peguei o meu dedo na prensa, eles me tiraram da linha e me jogaram lá para baixo, para uma área de embalagem, depois já me deram o aviso prévio e mandaram embora. E eu peguei o meu dedo na prensa porque a prensa não tinha proteção, ela estava quebrada: as prensas normalmente tinham uma luzinha e quando você colocava o dedo fora, num lugar impróprio, o seu dedo automaticamente ficava na frente dessa luzinha, então a prensa não descia, [mas] na prensa que eu estava trabalhando, a luzinha estava queimada, não estava funcionando e a prensa desceu, pegou meu dedo, aí fui mandada embora. Na época a gente era tão boba, não fui atrás de nada, poderia ter ido procurar meus direitos ou uma indenização... [mas] nada, não procurei. E era difícil, viu? Pegava o trem, descia em Osasco para poder pegar uma perua, foi na época das peruas de lotação, trabalhava eu e uma prima minha, ela também foi mandada embora. Era muito difícil, para ir ao banheiro, você tinha que pegar a chapinha e, se você demorasse mais do que 05 minutos no banheiro, a encarregada ia lá bater na porta. É, não tinha boi não... tinha o horário certinho para almoçar, bateu aquela hora você tinha que estar ali, era bem escravizado, sabe? Qualquer coisinha assim, você era chamado à atenção, tinham aquelas cartas de suspensão, era bem rígido, hoje [o pessoal] está no céu.

Saí [dessa empresa], foi quando eu arrumei serviço [numa empresa de engenharia], foi meu primeiro serviço de escritório e eu passei por um acaso: eu não tinha ainda o diploma de datilografia, o professor da escola me encaminhou para esse emprego e eu fui fazer o teste. [Mas] eu nunca tinha visto uma máquina elétrica na minha vida, não tinha na escola. Eu fiquei tão nervosa, tão nervosa só pelo fato de ver aquela máquina na minha frente, que eu não tinha conhecido e tinha que fazer o teste... eu fiz, não fui bem, lógico, né? só que na hora de vir embora, eles esqueceram de devolver a minha carteira, então eles combinaram assim: vamos chamar a menina, deixar ela trabalhar por uma semana e depois a gente dispensa. Era o meu maior sonho trabalhar em escritório, quando eles me chamaram, eu fui toda feliz e dei o máximo de mim: eu não tomava água, eu não levantava para ir ao banheiro. A construtora trabalhava com propostas para empresas: era uma pasta de documentos que se fazia e tinha aquela parte que era toda datilografada, documentos pessoais dos engenheiros, currículos,

diplomas de formação, tudo isso a gente tinha que montar e eu participava dessa parte, [também] tinha que atender interfone, telefone, enfim era tipo uma secretária que ao mesmo tempo atendia toda a área ali. Primeiro serviço... peguei isso e não é que eu consegui ficar? A datilografia não poderia ter uma vírgula errada, até eu pegar a prática, eu demorava para fazer, mas eu ficava ali: errava, começava tudo de novo, errava, começava tudo de novo. E tinha o [meu chefe] que era o sócio-majoritário, ele era um amor de pessoa, ele vinha lá quando via que eu estava meio embananada, sentava do meu lado e ditava para mim, ele me ajudava e eles acabaram gostando de mim, aí eu peguei prática na máquina elétrica, perdi o medo. E depois eu fui fazer serviço de caixa, eles não queriam pegar pessoa de fora, tinha que ser de confiança, então tem o registro na minha carteira de caixa executivo, também aprendi lá: eu fazia os pagamentos, as contas à pagar, porque eles falam caixa, mas firma pequena é assim, [tem que fazer] tudo. Eu fiquei até começar a falência da empresa, nesse período também eu tive um problema de estômago, tive uma úlcera sulfurada, não morri por milagre de Deus. Eu me alimentava fora de hora, não ligava, eu ficava muito em cima de serviço e acabava desgastando, fiquei afastada por 03 meses e quando eu voltei, a empresa já estava nessa situação, foi em 1973, porque eu estava no último ano do ginásio: o médico me proibiu de ir para a escola e as meninas me traziam a matéria em casa para eu não perder o ano. Essa empresa era aqui na Vila Yolanda, depois mudou para o Piratininga, [eu ia] à pé, não tinha condução, passava a ponte, tinha uma ponte ali, depois demoliram aquela ponte velha e fizeram a nova, ia eu e uma amiga que morava por aqui e também trabalhava lá.

Depois [a empresa] faliu e eu entrei [em outra empresa de Osasco], na área de custo como datilógrafa, mas eu sempre fui muito esforçada, quando eu terminava meu serviço, eu ia perguntar quem tinha serviço para eu ajudar, assim ia aprendendo... quando surgiu a vaga de estoquista eles me chamaram. Quando eu estava fazendo estoque também, a mesma coisa, tinha os analistas, eu sempre ia na mesa dos meninos [para] aprender a fazer serviço e eu aprendi, por fim eu saí [de lá] como Analista de Custo Júnior, sem ter faculdade!

Só que foi ruim por outro lado porque eu não soube aproveitar, eu deveria ter feito uma faculdade, mas não fiz, eu acho que me deixei levar muito pelo cansaço. Mas também não é, você vê: eu sou a mais velha da minha mãe, todos os meus irmãos passaram pelas minhas mãos, quando eu trabalhava na oficina de costura, eu pegava férias quando a minha mãe ganhava nenê, para ajudar a minha mãe, trabalhava fora, ajudava em casa, fim de semana eu limpava toda a casa e sempre na luta, quando eu tive essa oportunidade profissional boa, que eu poderia aproveitar e fazer uma faculdade, acho que eu já estava muito cansada, eu não consegui fazer. Eu trabalhei [nessa empresa por] 12 anos depois de casada, [então] eu fiquei uns tempos em casa e quando eu quis voltar para o mercado de trabalho, nessa profissão, eles querem nível superior, eu não tinha. E depois outra, [nessa empresa] começaram a automatizar tudo, veio a IBM, primeiro o computador central e os micros nas áreas, depois eles foram fazendo as redes, tirando esses micros e passando os terminais de computador, também aprendi sem ter curso nenhum, aprendi ali trabalhando. [Então] saí [de lá], fiquei um tempo sem trabalhar, aí toda essa área de computador já estava atualizada, mais moderno, eu não tinha curso, como eu ia trabalhar? Eles não pegam mesmo...

[Nessa última empresa] eu consegui por causa de uma amiga que trabalhava lá, [mas não quiseram] fazer cachorrada comigo?! Eu fiz o teste, o cara do departamento pessoal corrigiu e colocou tudo errado onde eu tinha acertado, porque ele queria arrumar a vaga para uma outra pessoa. Quando eu fui fazer a entrevista com o chefe na área de custo, ele viu e ligou na hora para o cara do RH, ele ainda falou assim: “*você está precisando aprender a fazer conta*”. Eu acho que é por Deus também, né? os dois serviços eu fiquei eu acho por ajuda, um empurrãozinho do alto [risos]. Eu fiquei [nessa empresa] até 1990, teve uma

reestruturação, eles tinham que reduzir o quadro de funcionários e eu pedi para me encaixar, eu quis parar de trabalhar por dois motivos: [primeiro] por causa da minha mãe, porque a minha filha ficava com ela, [a minha sobrinha também], minha mãe já estava sobrecarregada e nessa altura já tinha 60 e poucos anos. E o outro problema por [que] eu não tinha horário para sair, dava problema de relatório, eu tinha que ficar lá até a área de processamento de dados resolver, às vezes era 10h da noite e eu [ainda] estava lá, meu marido ficava bravo. Foi quando eu saí, me arrependi sim, porque depois nunca mais trabalhei. É difícil você ser independente e depois você voltar a ser dependente de marido. Lá eu tinha um bom salário, não posso reclamar, mas na área eu ganhava menos porque não tinha um nível superior: [algumas] pessoas chegaram lá, eu ensinei o serviço e ganhavam mais do que eu. Mas eu saí, não trabalhei mais fora, aí eu tive problema de saúde em 1994, foi quando veio o meu problema de fígado, foi um problema bem sério. Eu tinha comprado máquina de costura industrial, porque eu vi que ia ser difícil arrumar emprego assim em empresa, [então] eu falei “*vou começar a costurar*”, ia voltar às origens [risos], mas aí vieram os problemas de saúde... hoje eu costuro um pouquinho para casa.

ENTREVISTA 05

RENATO ANGELO PEREIRA [69 anos]⁹⁷

Quem vive da lavoura, depende da chuva, então naquela época era muito difícil, por causa da seca. Hoje está um pouquinho melhor, porque na[quela] época não tinha água encanada, hoje já tem, mesmo na aldeia tem. Antigamente tinha água de ‘minação’, mas só dava para beber, não dava para outra coisa. E não chovia, então ficava difícil para a pessoa, [porque] a pessoa vive da lavoura [e se] a lavoura não dá: vai comer o quê? vai ganhar o quê? vai calçar e vestir o quê? Então a gente era obrigado a correr de lá: com 12, 13 ou 14 anos a molecada já corria tudo para cá. Eu vim com 14 anos para sobreviver, para trabalhar aqui, para ganhar, para comprar sapato, roupa, relógio... eu via os outros chegarem lá com isso [e] a gente ficava com inveja, né?

A gente era acostumado a trabalhar, eu fazia 14 horas de serviço em [um] restaurante, no centro da cidade, na Rua Vitória, nº 642, ainda lembro. [Eu] vim para trabalhar mesmo, das 7h da manhã às 21h da noite, a gente vinha com a intenção de vencer, [então] não tinha dificuldade, trabalhava pensando [em] receber aquele dinheirinho no fim do mês, para guardar um pouquinho, mandar um pouco para os pais e comprar roupas. Eu entrei lá no dia 11 de março de 1961. Eu não sabia direito a minha idade, porque ninguém sabia lá [na aldeia], a gente nascia e não marcava ano, não marcava nada, fazia um jugo mais ou menos. Quando eu vim tirar os documentos, eu não fazia aniversário, eu não sabia a data, [então] tiraram [o documento] no mês de maio, mas ninguém sabe se era, porque lá [na aldeia] nascia que nem animal, não marcava dia, o pessoal não sabia ler, nasci num dia que, há uns dias atrás, tinha dado uma trovoadá grossa.

[Eu] gostei, porque eu arrumei alguma coisa aqui, por causa do trabalho. Eu me acostumei [com o lugar], ia para [a aldeia e] voltava, ia sempre lá, ficava dois ou três meses e vinha para cá, ficava dois ou três anos e voltava [para] lá, eu ficava lá e cá, até hoje. [A minha irmã Aláide] veio para o centro da cidade, para uma pensão, depois para Osasco, [onde] nós temos seis ou sete irmãos. Nós somos em muitos, nós éramos 14 [irmãos], moram seis em Osasco, eu moro na zona norte de São Paulo, morreram três e os outros moram na Bahia. E a gente toca a vida: eu trabalhei, eu tive lanchonete também, me aposentei uns quatro anos atrás, me aposentei, recebo uns alugueis [e] [trabalho com artesanato]⁹⁸.

[A associação] fica aqui em Osasco, a nossa reunião é aqui no Piratininga, faz uns quatro anos [que ela foi criada], mas está com dois anos que ela foi registrada, que começamos a trabalhar. Eu juntei o pessoal todinho, a comunidade inteira, ninguém sabia o que era associação, nem eu sabia direito, eu sabia porque um amigo tinha me dado uma explicação, [ele] era presidente de uma associação e eu [perguntei]: ‘*o que é associação?*’ Ele falou: ‘*a comunidade junta, faz uma papelada, aí pega um contador, isso, isso... mas você estando com uma associação na mão fica fácil para você fazer um projeto...*’ eu me interessei porque eu gosto de moleza, né? [risos] [Então] eu comecei a me informar, falei para o pessoal: ‘*vamos montar uma associação?*’ mas eles nem sabiam o que era. [Eu disse:] ‘*Nem eu sei também, mas já sei que a pessoa estando com papel de uma associação na mão fica fácil de fazer um projeto, pegar um carro, uma perua combi, o artesanato mesmo*’. E graças a Deus deu certo, nós devemos ter umas 60 pessoas [na associação], tudo da aldeia. Na aldeia

⁹⁷ Data de nascimento: 1944 – Data da entrevista: 16/04/2013 – Local: Osasco Plaza Shopping.

⁹⁸ Conversa anterior à gravação acompanhada de gesto que apontava para os artesanatos sobre a banca.

nós não temos [uma outra língua], não conseguimos resgatar, já não existia mais, porque quando os primeiros índios foram expulsos das terras, eu acho que foi em 1575, eles não podiam nem falar a língua [deles] senão morriam, eles tinham que falar português, [então] foi [se] perdendo.

A primeira vez que eu vim aqui [para Osasco] foi em 1963, aqui só tinha mato, meus parentes vieram olhar uns terrenos ali para o lado de Carapicuíba, eles compraram um terreno, terreno ali era de graça. Eu era garotão, eu vim com ele, [mas] eu não tinha interesse em terreno aqui não, eu devia ter 19 anos na época. Com 20 anos eu já tinha casa, mas lá na Bahia, [porque] eu achava que não vinha para cá, eu não tinha nada aqui, eu morava em pensão e o dinheirinho que eu pegava, eu mandava para a aldeia e o meu pai aplicava lá, [então] lá eu já tinha terra [e] tinha animais. A gente trabalhava [com a terra], o meu pai trabalhava, eu mandava dinheiro daqui [e] ele botava trabalhador [lá]. Eu comecei a trabalhar com 4 anos [de idade], minha mãe botava nós para trabalhar pequenininho, ela dizia: *‘você é de andar fazendo arte, vai trabalhar, porque um pé de mato que [você] aleijar já serve’*.

[Mas] quando eu vim não tinha nada, daqui de Osasco eu achava: *‘isso nunca vai ser nada na vida’*, não tinha nada, passava no trem [e] só via mato, eu falei: *‘se eu vou querer um negócio, eu quero na Bahia porque pelo menos lá eu sei, eu conheço’*. Na época em que veio a Alaíde, que foi a primeira [em Osasco], as coisas eram mais baratas aqui, para comprar um terreninho era baratinho, [mas] eu já tinha comprado onde eu moro [Parque Edu Chaves/SP],[e lá] era mais caro.

Trabalhamos muito, mas graças a Deus a gente venceu.

APÊNDICE C – ENTREVISTAS DE HISTÓRIA DE VIDA

ENTREVISTA 06

BORIS MELNIK [80 anos]⁹⁹

A minha cidade é Pinsk, [localizada] atualmente na Bielorrússia. A Europa foi fracionada quando a União Soviética caiu, [muitas] nações se separaram dela, então a cidade em que eu nasci ficou na Bielorrússia. Eu saí da minha terra com 09 anos, passei [pela] guerra na Alemanha [e pelo] campo de concentração. Saímos da Europa em 1947 [e eu] completei 14 anos aqui em São Paulo.

O meu pai pertencia à marinha soviética russa, era capitão. Ele viajava muito: ia para a Grécia, para a Turquia, para tudo quanto é lado [e] trazia coisas de lá. O meu pai tinha uma bela casa, então era fácil, mas naquela época, [para] quem não era do partido, era muito complicado sobreviver, faltava tudo e, principalmente, faltava liberdade. [Por exemplo] quando [você] entrava numa sala de aula, a primeira coisa que se fazia [era] dar continência para a fotografia do ditador, a imagem dele parecia a imagem de Deus.

No tempo da guerra, o navio [do meu pai] foi requisitado para transportar judeus foragidos da Europa para a Palestina, então numa bela viagem que ele estava fazendo, o navio foi interceptado por um submarino alemão e torpedeado no Estreito de Dardanelos, saída do Mar Negro para o [Mar] Mediterrâneo. O navio afundou, das duas mil e poucas pessoas, só ele escapou, porque ele nadava muito bem.

A minha mãe era sueca, [ela] era grandona, cabelo cor-de-fogo, [ela] era da casa mesmo, porque naquela época as mulheres quase não trabalhavam [fora de casa], agora trabalham porque o ordenado dos homens [não é mais suficiente]. Por exemplo, quando [eu] casei, eu trabalhava sozinho e consegui sustentar a família: eu assumi uma família de cinco filhos da minha sogra e um [filho] meu, só que hoje infelizmente a mulher é obrigada a trabalhar para ser provedora da família também.

Quando o Império Nazista caiu, todo mundo passou a fugir por onde e para onde podia fugir, às vezes nem sabia para onde queria ir, mas queria fugir porque era uma vida sofrida. Nós também começamos a procurar um jeito de fugir, aí apareceu essa oportunidade no Brasil. Meu pai viajava muito e conhecia o mundo, ele falou: *‘vamos [para o] Brasil porque lá tem bastante carne para comer’* [risos], ele já sabia que tinha bastante gado.

E no final deu certo, sabe? Porque em 1949, por exemplo, o salário mínimo concedido pelo [presidente] Getúlio [Vargas] era suficiente para alugar a casa, custear [os] filhos na escola – não [para] pagar a escola, [porque] o governo dava a escola, mas [para] comprar material, roupa – custear alimentação, transporte e divertimento também, era o salário mínimo naquela época. O salário mínimo agora não dá mais para nada, [mas] se retornasse o cálculo do Getúlio [Vargas], o salário [mínimo] [hoje] seria [equivalente ao] salário de um profissional.

A gente já veio com visto permanente porque a Europa estava em ruínas, [algumas] cidades por onde eu passei [como] Hannover, Hillesheim, Düsseldorf e Berlin estavam em

⁹⁹ Data de nascimento 14/04/1933 – Data da entrevista: 12/06/13 – Local: CATI.

ruínas, só 20% das cidades estavam em pé, assim mesmo com prédios arreventados, rachados, caindo aos pedaços, então não tinha condições de voltar para lá, a fome era demais. Eu tenho, por exemplo, um processo contra serviço forçado na Alemanha, porque eu trabalhei sem receber salário, tem cinco milhões de pessoas [envolvidas] no processo. São 500 advogados americanos que estão trabalhando para ver se a gente recebe alguma coisa, algumas pessoas já receberam, eu ainda não recebi nada. Eu trabalhava numa empresa chamada Metallwerk que fabricava a bomba V2, é tão famosa essa bomba, ela era igual a um foguete, soltava na Alemanha e ela ia para o centro de Londres. A [bomba] V1 era mais fraca, a [bomba] V2 era muito poderosa e fazia um estrago que não era brincadeira, ela carregava toneladas de explosivos. Naquela fábrica ninguém recebia salário, o que recebia era um caneco de chá e um pedaço de pão de manhã, um prato de sopa na hora do almoço e um prato de sopa de noite, era isso que [eles] davam, só para não morrer, pelo amor de Deus, [como] era difícil.

Naquela época o governo do Brasil ofereceu oportunidade para as famílias que tinham muitos homens vir trabalhar [como] mão-de-obra nas fazendas do Brasil. Como nós éramos seis homens, então foi fácil, o cônsul assinou [os] documentos rapidinho para a gente emigrar. Nós viemos para uma fazenda em Minas Gerais, só que ficamos só uma semana na fazenda, porque tudo o que [se] ganhava, [se] gastava no armazém do fazendeiro. Então o meu pai falou: *‘nós vamos fugir daqui’*. [Ele] contratou um caminhãozinho para nos pegar, fugimos de noite, fomos na primeira estação de trem e viemos para cá, para a Estação da Luz.

Aqui era uma maravilha. No centro de São Paulo, por exemplo, só existiam esses malandrinhos que roubavam carteira, não tinha ladrão, também o que era a cidade de São Paulo? Só tinha 2,5 milhões de habitantes, agora São Paulo é essa grandeza que amontoou gente de [todo] lado e perdeu o controle sobre tudo.

[Eu] acho que naquela época também existia assistência social: o governo pegou a gente e levou para a Hospedaria dos Imigrantes no Brás, parece que lá existe um museu agora. A documentação foi feita e eles deram três meses para a gente arrumar serviço. Como eu falava alemão, eu fui procurar serviço onde me entendiam, a primeira firma em que eu fui trabalhar foi numa malharia lá no Bom Retiro. Fui trabalhando, me tornei adulto, no meio desse tempo eu fui estudar na Escola Federal Getúlio Vargas, na Barra Funda, [onde eu] me especializei, graças a Deus, e fui tocando a vida assim até hoje.

Eu me formei em eletrotécnica e entrei no mercado de máquinas e equipamentos, [onde eu] trabalhei até completar 35 anos de serviço, em 1983. Eu trabalhei em diversas firmas: na Volkswagen, na Mercedes, na Ford, na GM, na Fiat, trabalhei numa fábrica de peças de aviões, mas sempre [com o] mesmo serviço no ramo de termometria, eu gosto desse ramo. Por exemplo, você tem [um] carro, para ele [ter] longevidade, as peças têm que ser endurecidas pelo tratamento térmico, só que esse endurecimento das peças não pode penetrar dentro da peça, [é] só uma casquinha. O veículo automóvel tem o custo [definido] pela vida estimada que ele vai ter [e isso] é estipulado em função da grossura da casquinha dura em cima da peça. Se o tratamento térmico for fraco, então as peças gastam muito rápido e você vai ter problema com seu carro, por causa disso um [carro] tem garantia de 05 anos [e outro] tem garantia de um ano, e por causa disso você tem que tomar cuidado para não comprar um veículo com odômetro alterado. Eu montava equipamento para essa finalidade.

Eu gosto desse serviço, eu me formei nesse serviço e trabalhei toda a minha vida nesse serviço. Eu trabalhei diversos anos na Motopeças, em Sorocaba, trabalhei na Bosch, em Campinas, na Sandwic, em Mogi Guaçu, são firmas gigantescas. Eu não trabalhei em firma pequena, a única foi a malharia que eu trabalhei até me formar, depois eu passei para firmas grandes. Por exemplo, a Volkswagen, a Ford e a Mercedes Bens, em São Bernardo do

Campo, a GM, em São Caetano, e a Fiat, em Belo Horizonte, são firmas que precisam de um espaço muito grande. Imagina que a Volkswagen tem um pátio de depósito de veículos que saem da montagem e já são aprovados para venda, ela tem espaço para acomodar 12 mil veículos, então tem que ter [um] pátio enorme, são fábricas muito grandes. Na época do fusca, por exemplo, a Volkswagen tinha 60 mil funcionários, só que com a modernização, a automação, ela começou a reduzir, agora ela só tem 25 mil, justamente por causa disso que o Brasil está sentindo esse desemprego tremendo, todas elas reduziram.

Eu [também] trabalhei na Cobrasma, naquela época Cobrasma e Braseixos eram uma firma só, [então] eu trabalhei dois anos na Braseixos Tratamento Térmico, até instalar o equipamento. O meu filho também trabalhou na Cobrasma, eu tenho um filho que é economista, ele trabalhou [por] 18 anos na Cobrasma. Eu participei da greve política da Cobrasma [em Osasco] e da greve política de Vilares, em São Caetano. Aliás, em Osasco teve duas greves: a primeira greve foi pela emancipação e a outra foi essa greve política, os operários apanharam ‘prá burro’ lá, a corda sempre quebra no lugar mais fraco. A Cobrasma montava vagões, do outro lado da estrada tinha o Soma, que também montava vagões e ao lado de onde está a rodoviária agora, tinha a Hervy [que] fazia porcelana sanitária. [Mas] a Cobrasma e o Bradesco, pergunta se algum jovem não trabalhou nessas firmas em Osasco? Quando [o Bradesco] se estabeleceu na Cidade de Deus [bairro de Osasco], vich! quantos moços que eu conheço que trabalharam [lá] e se fizeram na vida.

Eu me aposentei por tempo de serviço e passei a trabalhar de novo, porque eu gosto de trabalhar, eu gosto muito de trabalhar, trabalhei até 2005 quando eu fiquei doente de câncer. [Eu] fiz o tratamento de 2005 até 2010, a radioterapia é muito poderosa, [mas] depois houve uma baixa muito grande na minha saúde, comecei a sofrer com osteoporose, estômago e rim, foi preciso fazer tratamento para melhorar a situação. Interessante que eu nunca precisei da ajuda de ninguém, eu ia na Paulista, me submetia ao tratamento, saía de lá devagarzinho, pegava metrô, trem, ônibus e vinha para casa. Às vezes as enfermeiras falavam assim: *‘Você está bem? Não está tonto?’*; *‘Não’*; *‘Cadê o seu carro?’*; *‘O motorista está me esperando lá na avenida Paulista’*, é nada... eu pegava metrô! [risos]

Primeiro nós viemos [morar em] Presidente Altino [bairro de Osasco] porque meu pai trabalhava no [frigorífico] Wilson, lá a maior parte das casas era de estrangeiros: tinham poloneses, ucranianos, sírio-libaneses, a mais poderosa família era a dos sírio-libaneses. Só que a moradia em Presidente Altino era muito difícil, então nós mudamos para a Lapa porque o preço do aluguel era mais barato.

[O meu pai trabalhava] na câmara frigorífica, porque ele era acostumado com o frio. Todas as pessoas que trabalhavam nas câmaras frigoríficas já morreram, porque para suportar o frio de 40°C [negativos] dentro da câmara frigorífica, eles tomavam cachaça, meu pai tomava cachaça também. Tem muita gente que perdeu o dedo dos pés, parte dos pés, porque o frio queima a gente, ele queima e destrói. Ele ficou de 1948 até 1969, por aí, então aposentaram ele, porque ele ficou velho. [Ele] pegava os pedaços de carne nas costas, [mas] caíam, a gente fica fraco, né? Ele morreu em 1978, tinha 76 anos. Ele morreu novo por causa da bebida, acostumou a beber e bebia feito um balde.

No [frigorífico] Wilson, todo dia você tinha direito a um quilo de carne fresca, só que com osso, com tudo, [se] cortava o pedaço e o que vinha, vinha. O homem que alugava a casa para a gente [também] trabalhava no [frigorífico] Wilson e distribuía a carne, [a gente] podia pegar até cinco quilos de carne por semana na mão dele, de graça. [Às vezes] a gente pegava a carne e dava para os outros que não tinham. [Quando] a minha mãe fazia feijão, [ela] punha tanta carne que a gente brigava *‘põe mais feijão, não põe carne’*, [mas] ela enfezava e falava:

‘você vão ver, daqui a pouco você vão procurar carne e não vão achar’, olha aonde a gente chegou [hoje]...

Quando [nós] chegamos aqui passamos a comer o que o povo comia: arroz, feijão, macarrão, polenta... [nós] não estranhamos, porque naquela época os japoneses já plantavam muitas coisas que [se] plantava em outros países, os japoneses são antigos aí, então já tinha tudo. Nós tínhamos uma família grande, então meu pai comprou um carrinho de pedreiro e quando trazia do mercadinho, o carrinho vinha coberto com saco e amarrado com corda para [a compra] não cair, tinha que trazer bastante coisa porque oito pessoas comiam. Só que era assim, a família grande tinha [uma] vantagem: você comprava, por exemplo, dois quilos de lingüiça e [ganhava] meio quilo de graça, por isso que tem aquele ditado: ‘*época de amarrar cachorro com lingüiça*’, por causa disso. E não era lingüiça ruim igual agora, a lingüiça agora está cheia de soja no meio, [mas] naquela época era carne pura, era outra coisa. A manteiga não se vendia em pacotinhos, [se] vendia em quilos: vinha um torrão de 15 quilos, [do qual se] cortava pedaços. A vida passou a ser boa.

Da Lapa, o meu pai foi para o Jaraguá e eu vim morar aqui em Osasco. Eu casei em 1956 [e] o meu filho nasceu em 1957 na Lapa, então quando eu vim para cá [eu] já tinha um filho pequeno. A minha mulher é do estado da Bahia, nascida em Lavras Diamantinas, é um lugar muito famoso pelos diamantes e [pelo] ouro, até hoje tem gente que encontra quantidades enormes de diamantes no meio das rochas, é um lugar montanhoso. O irmão dela passou a trabalhar no frigorífico Amour e ela veio para cá para arrumar a vida. São Paulo era famoso, porque aqui se ganhava dinheiro. Osasco [também] cresceu muito com a migração. Na rua em que eu moro tem 40 casas, acho que tem umas 30 famílias nordestinas. O nordeste cooperou muito.

Para eu casar com ela, foi preciso a autorização por escrito da mãe dela, porque naquela época não podia [se] casar com menos de 21 anos, ela tinha 19 [e] eu tinha 22, estou casado até hoje. Ela é de uma família muito tradicional, inclusive existem livros famosos que citam o sobrenome da família dela, os Medrados. O pai dela morreu por causa da política, deixou aquela família gigantesca, sem amparo, sem nada. Ele faleceu na época do grande político brasileiro chamado Eduardo Gomes, 1947 ou 1948.

Ali [na Lapa] eu a conheci, deu loucura de casar e eu casei. O meu pai era judeu, então eu nunca fui batizado na igreja católica, mas eu concordei em casar na Igreja Católica. Não interessa onde você casa, porque casamento são as pessoas entre si, você pode até casar no mato, uma vez que você considera aquilo que é viável. Hoje em dia eu sou protestante, adventista do sétimo dia, [então] não importa [onde você casa]. Eu tive três filhos, já tenho três netas e quatro bisnetos, três homens e uma mulher.

Quando eu casei, a minha mulher falou: “*aqui em casa só vai se falar português*”. Foi engraçado, porque quando eu chegava na casa do meu pai, eu falava português para ela entender, porque se eu falasse russo, ela começava a provocar: ‘*você falou mal de mim, não sei o que...*’, as mulheres gostam de beliscar, né? então eu passei a falar português com eles também. Depois o meu pai aprendeu um pouco, a minha mãe aprendeu um pouco, os filhos do meu pai que eram mais novos do que eu foram estudar aqui, então todo mundo adotou [a língua portuguesa] e hoje em dia todo mundo fala português. Eu falava bem inglês e alemão até há pouco tempo, eu falo russo até hoje, apesar que eu perdi muito a capacidade de pronúncia, porque tem que treinar direto na tua vida, senão você perde a capacidade. Quando eu me encontro com os meus patrícios, eu enrolo a língua ainda. A pessoa que conhece bem a pronúncia portuguesa, quando conversa comigo, ela fala: ‘*você é estrangeiro, não é?*’ porque dá para perceber, não tem jeito. Olha como são as coisas, os japoneses envelhecem aqui e não

falam português, falam enrolado, [com] o russo também é assim, o meu pai quando falava feijão, ele falava ‘sfijão’. E agora o meu filho mais novo está estudando outros idiomas porque ele viaja para fora [do país], então [ele] tem que conhecer outras línguas, ele fala português, inglês, francês, agora também está falando russo, porque ele viaja para lá.

Quando eu construí a casa aqui em Osasco, eu criava pato, galinha, porque o quintal era imenso, terrenos vazios, então a gente ocupou terrenos vazios e criava. A gente plantou milho, tinha abacate, tinha manga, tinha ameixa, tinha um monte de coisa, [mas] foi preciso derrubar porque o meu filho cismou de construir [uma] casa no terreno. Tinha de tudo: vinha pão na porta, vinha leite na porta, a carroça do leite paulista ou do leite vigor, eles passavam todo dia às três horas, a carroça batia um sininho e a gente já sabia que vinha o leite, mas o leite não era em litro não, eram aqueles tambores grandes, [então] [o vendedor] pegava o canecão: ‘*quantos litros você quer?*’, punha na panela e ‘*toma, vai levar*’. E ainda por cima, [a gente] pagava com caderneta, pagava no fim do mês.

Eu vim morar no Jardim Cipava [bairro de Osasco] no dia 08 de setembro de 1960 e a minha casa foi a primeira da região, depois começaram a povoar aqui, acolá, agora está cheio. Isso aqui não tinha estrada, não tinha nada: a [avenida] Antônio C. Costa, por exemplo, era uma passagem de carroça, tinha bastante carroça. Na estação de Osasco tinha um estacionamento para carroças e bebedouro para os cavalos. Osasco era praticamente uma cidade rural. A estação de Osasco era um monte de dormentes, sabe o que é dormente? [São] aquelas madeiras que põe por baixo dos trilhos, tinha um monte de dormentes enfiados no chão e feito aterro por dentro. E tinha uma guarita onde vendia passagem, porque a gente comprava passagem para ir para São Paulo.

O transporte para São Paulo era só [de] trem. Muito tempo depois, quando Jânio [Quadros] tomou conta da cidade de São Paulo, se tornou governador, tinha um ônibus por hora, chamado papa-fila. Era um cavalo mecânico e atrás [tinha] um vagão cheio de gente, arrastado como se fosse uma carroça. [Ele] era ruim para viagem, saía aqui da estação e ia até a galeria Prestes Maia, no [Vale do] Anhangabaú. Para Lapa, só tinha ônibus em Presidente Altino. Ele fazia ponto perto daquele jardim onde tem agora a guarnição de guardas, [era] chamado Volvo Cabeçudo, era pior do que uma carroça, passava pelo Jaguaré e depois ia para a Lapa. Só isso que tinha. Depois, lá para 1952, vieram os ônibus importados dos Estados Unidos, GMC, ônibus com ar condicionado, com vidros coloridos, que faziam [o trajeto] da Lapa para cidade, para o Anhangabaú.

Aqui nesse lugar [bairro Bela Vista] era aquele eucalipeiro dos padres, tinha bastante eucalipto. Essa rua só tinha asfalto até aqui, adiante não tinha asfalto para ir para casa. A caixa de água não existia ainda naquela época, luz só na avenida, luz na rua não existia, só a energia elétrica residencial existia. A partir do supermercado Sorocaba, não tinha mais ninguém, era vazio para lá, era terraplanagem, era um lugar pantanoso, por causa disso a maior parte dessa região é tudo aterro, era a antiga fazenda de um fazendeiro paranaense.

Osasco era cidadezinha, o quartel já existia, o quartel é antigo, mas Osasco, Osasco, Osasco mesmo... Onde tem o lixão de Carapicuíba, do lado da estrada tinha o matadouro municipal de São Paulo, perto da estação do Km 21 [General Miguel Costa, linha 08]. Ele acabou porque não tinha condição de fazer matança de animais lá, então retiraram, acho que em 1970. Na subprefeitura da Lapa, tinha a Tendal Municipal, ali distribuía carne fresca para São Paulo inteira, dos matadouros ia para lá, o veterinário examinava a carne e de lá distribuía.

Mas em suma da realidade, Osasco começou a progredir depois que se tornou município, até lá era péssimo, porque a prefeitura de São Paulo não ligava para Osasco: posto de saúde, por exemplo, só tinha aquele [onde] agora é a biblioteca, era o único posto de saúde que tinha. E assim mesmo aquela rua não tinha asfalto, era um barro... porque a cidade de Osasco é brejo, isso é brejo aterrado. Se você passasse em frente ao hospital Antônio Giglio, em 1960, lá tinha [uma] lagoa enorme, tinha gente que caçava rãs de noite para comer. Pode ver, quando você anda na rua de Osasco e passa ônibus pesado, a terra treme, é por causa do brejo que tem embaixo.

A [avenida] João Batista, por exemplo, quem endireitou foi a Cobrasma [com] aquela areia refugio de fundição, uma areia preta, parece carvão. A areia para fundição vem limpa, ela passa pela fundição, eles re-circulam aquela areia três ou quatro vezes, depois ela se torna inútil, então a Cobrasma pegava aquela areia e despejava na [avenida] João Batista para aterrar o brejo, toneladas e mais toneladas. Por exemplo, onde estão agora os escritórios principais da Cobrasma, naquele prédio grande, tinha um casarão antigo que para ficar em pé, ao invés de ter coluna, tinha portões galvanizados para não cair para baixo, faziam o Carnaval lá naquela construção, tinha baile carnavalesco lá dentro. Eu acho que essa época começou logo depois da II Guerra Mundial e se estendeu até os anos 1960.

Quer dizer, aqui não tinha nada, não tinha população, a cidade praticamente estava em construção, isso era na época de 1960. Por exemplo, o Largo de Osasco não existia, era uma grande cratera de porto de areia do fulano chamado Fuad Auada, que pegava na [rua] Primitiva Vianco e ia até a estação [ferroviária] de Presidente Altino, era um buraco tremendo de onde tiravam areia. A [rua] Primitiva Vianco não tinha asfalto, a [avenida] João Batista só tinha asfalto até no Cinema Glamour, porque quando Cinema Glamour foi construído, fizeram um calçamento ali para ser mais agradável para as pessoas descenderem da estação e ir. Naquela época o município de Osasco não existia, quem existia era município de São Paulo, que dominava Osasco.

Quando eu era novo, eu era muito boêmio, eu não bebia, mas teatro e cinema era comigo. O Glamour era o único cinema aqui, era um cinema fino, todas as cadeiras eram em cor vermelha e o cinema foi perfumado com perfume francês para a inauguração. Quem inaugurou o cinema de Osasco foi uma mulher chamada Luz del Fuego, [ela] era artista de cinema naquela época, da época de 1930, 1940 e 1950, então era granfino. Mas em São Paulo a vida social era muito bem aceita. No cinema, por exemplo, o cavalheiro não entrava sem gravata e sem paletó, [no] restaurante [também] não entrava sem gravata e sem paletó, nas lanchonetes podia entrar, mas era diferente. Na época de 1960, [você] tinha que andar de terno bem passado, gravata, camisa branca, colarinho tubernizado, cabelo bem cortado, barba bem cortada, senão não achava namorada, não tinha outro jeito.

A vida em São Paulo começava ao anoitecer e terminava ao amanhecer, São Paulo vivia de noite, por causa disso existe aquele samba da avenida São João, porque a avenida São João era a florescência da cultura paulista, tinha mais de vinte cinemas na avenida São João, tinha cinemas com toda a riqueza, toda a cultura, filmes de boa qualidade, não passava essa bandalheira que está passando agora. Quando a gente queria ver bandalheira, [a gente] ia para um cinema chamado Jussara, ali sim passava bandalheira. O Teatro Santa Helena era um prédio de escultura esmeradíssima da época do passado, era de um sírio-libanês, eu conheço o filho dele, Jorge. Era um prédio gigantesco ao lado da catedral de São Paulo, lá tinha o Teatro Cine-Mundi e tinha um cinema granfiníssimo que você tinha um lugar para sentar e fechava com cortina, você só enxergava o cinema, do lado você não enxergava nada.

A maior parte dos clássicos do cinema apareceu na época da guerra, [as] pessoas faziam filme para contestar o que estava acontecendo no mundo. Naquela época existia uma guerra suja no oriente, então a juventude era sacrificada, porque era mobilizada e levada lá para morrer, centenas e centenas deles morriam. Eles não tinham de que maneira protestar, então eles faziam música de protesto. Hoje em dia essas músicas não têm verso, não têm poesia, são vazias, por causa disso, [porque] a juventude que não tem o que fazer. A gente do passado procurava restaurantes bons, lanchonetes boas, conversava, discutia, se divertia, hoje em dia não tem mais nada disso, hoje em dia esses bailes não passam de barulho, então o que acontece: a pessoa sai de lá nervosa e vai fazer besteira. Eu que passei o mundo antigo, quando eu vejo juventude hoje, eu acho que juventude não tem muito futuro. Por exemplo, na minha época, quando você terminava o curso secundário você tinha perspectiva garantida, hoje em dia a perspectiva está deste ‘tamanhico’ assim. O romance morreu, por causa disso que Roberto Carlos fala que ele é da época que dava-se flores, porque vivemos uma época de medo, de restrições, perigos, mas nós temos que viver.

[Também] tinham [festivais de música] aqui no Cine Glamour. Eu gostava da manifestação, só que não é toda música que eu gosto, eu sou muito seletivo [em] negócio de música. Uma vez [o] Roberto Carlos veio aqui em Osasco, [então] juntou [de um lado] a juventude que não gostava dele e de outro lado a juventude que gostava dele, foi uma guerra de ovos na rua João Batista, aquilo foi uma manifestação de cultura. Quando Elvis Presley chegou à idade de ser convocado para o exército, é lógico [que] todo militar ele tem cabelo cortado do jeito que eu tenho, [mas] ele era cabeludo, então cortaram o cabelo dele, [as] mulheres se mordiam para pegar um trequinho de cabelo dele para ter de lembrança. Sempre foi essa loucura, [mas] é manifestação de cultura, né?

Quando veio o primeiro Cadillac em São Paulo, um camarada endinheirado comprou porque era um carro enorme, carro de luxo dos artistas de Hollywood. Naquela época chamava-se ‘rabo de peixe’. Esses carros custam muito caro, inclusive existia uma marchinha de Carnaval que dizia uma coisa assim: ‘se você quer a rabo de peixe, vai ter também o carinho de mulher’. [Então] um camarada trouxe para São Paulo e pôs como táxi. Ele pegava a gente embaixo do Viaduto do Chá, na galeria Prestes Maia, e levava para o aeroporto, depois ele comprou mais dois carros porque não dava conta. O passeio obrigatório de domingo era o aeroporto de Congonhas, só para ver descer e subir os aviões [risos]. Esse programa começou em 1954 quando inauguraram o Parque do Ibirapuera, então ele levava a gente para o Parque do Ibirapuera e para [o aeroporto de] Congonhas.

Pergunte às pessoas que são daquela época, o ‘Quatrocentão de São Paulo’ foi uma festa inesquecível! O Parque do Ibirapuera foi construído para essa finalidade: vieram as maiores empresas de tecnologia do mundo, [então] você podia assistir, você podia discutir com as pessoas, foi a coisa mais linda que aconteceu em São Paulo. Isso foi em 1954, [mas] acontece a cada 100 anos, [foi em São Paulo], mas Osasco era São Paulo. O Parque do Ibirapuera ficou fervendo o ano inteirinho, todo domingo era lá, a gente criava amizade com os outros, tinha muita moça para namorar. A pessoa jamais pode esquecer: o aparecimento daquela juventude que se interessava pela História foi uma coisa linda. E agora [são] vocês que vão tocar esse país para frente. Eu fiz a minha parte...

ENTREVISTA 07

DIOVANDA MARTINS DE OLIVEIRA [89 anos]¹⁰⁰

Promissão era uma cidadezinha muito boa em Paulista Velha, para o lado de Lins, agora está grande. Nós morávamos no sítio mesmo, porque era muito longe [para ir] da cidade de Promissão [para o] Córrego Rico. Depois a gente foi mudando para trás, até que ficamos ali no Barreirinho. A minha mãe era espanhola e o meu pai era baiano, mas eles se davam muito bem. Nós éramos oito [irmãos]: o Toninho, o Célio, a Iracema, a Ninita, o Clóvis, o Orlando e o Chico.

A minha mãe veio da Espanha com 09 anos, [ela] tinha um cabelão comprido, batia assim na perna. [Eu] tinha a foto dela, não sei se está na casa da minha irmã aqui no Rochdale [bairro de Osasco] [ou] se está em Lins, [mas] sei que eu vi muitas vezes a foto dela. A minha mãe morreu com 93 anos, estava forte ainda e não morreu de doença, ela morreu de velhice mesmo. O meu pai morreu com 43 anos, novo de tudo. O meu pai veio da Bahia para o lado da Paulista Velha, ficou uns tempos no sítio, casou com a minha mãe [e] foi para a fazenda do João Amaral. O meu pai tocava café de colônia, [era] assim: [ele] chegava numa fazenda, às vezes pegava cinco, [às vezes] dez mil pés de café e era tudo marcado na caderneta.

[A gente] plantava arroz, milho [e] feijão, às vezes sobrava, [então] a gente vendia e [também tinha] o pagamento do patrão. [Nessa época] só a minha irmã ficava [em casa]: ela aprendeu a costurar, então ela ficava em casa, porque ela fazia roupa para nós. Eu falei: *‘nós trabalha na roça e ela fica em casa, faz o serviço e costura prá gente’*. [Quando] chegava de tarde, eu tomava banho, jantava e ainda arrumava a cozinha, fazia as coisas para ajudar ela, porque ela precisava costurar. Eu deixei de trabalhar na roça uma semana antes de casar.

O meu namorado morava no outro sítio assim para baixo [e] dava para a gente se ver, mas o meu pai não gostava. Quando eu vinha da roça, às vezes ele estava na beira do caminho porque tinha chegado da roça também, [então] a gente parava para conversar um pouquinho, [mas] meu pai ficava bravo. Antigamente não era que nem agora, hoje as moças saem com os namorados [e] voltam no outro dia, naquele tempo não tinha nada disso, a gente nunca saiu para passear em qualquer lugar, meu pai não deixava de jeito nenhum: *‘só casando...’* ele falava [risos].

[Primeiro] ele namorou com a minha irmã, depois se largaram, [então] ele gostou de mim. [Ele] me pediu em casamento e [eu] fiquei namorando com ele [durante] mais ou menos um ano. [O] meu pai sabia, porque ele pediu para ele. Eu casei sete meses depois que o meu pai morreu. [Eu] morei um mês junto com a minha sogra: [meu marido] tinha comprado um sítio nos Patos, deu uma limpada na casa [e] pintou ela por dentro [com] cal, porque naquele tempo [você] passava cal [e] a casa ficava branquinha. A casa era de tijolo, mas era de chão [batido], [então] eu passava barro [e] deixava secar, ficava lizinho. Nós mudamos [e] quando eu saí de lá [eu] já tinha a Cida, o Nico [e] estava grávida do Jorge.

Nós tínhamos o nosso ‘sitinho’ [e] ele tocava a roça. Quando tinha muito serviço, ele punha ‘camarada’ para ajudar e quando estava tudo limpo, nós mesmo que tocávamos, ele e eu. Os meus meninos eram pequenos ainda, [eles] ainda não iam na roça [para trabalhar], [eles] iam junto com a gente para ficar brincando na sombra do pé de café. De tarde [a gente] vinha embora da roça, eu trazia um feixe de lenha na cabeça, [o] moleque aqui de um lado e a

¹⁰⁰ Data de nascimento: 22/08/1923 – Data da entrevista: 17/06/2013 – Local: CATI.

cesta com as coisas que a gente levava para comer, no almoço [e] no café, do outro lado. [Eu] vinha embora na frente, umas 4 horas [da tarde], chegava em casa, punha as crianças lá dentro, acendia o fogo, punha água para esquentar, lavava as mãos [e] lavava o arroz. Enquanto eu dava banho nas crianças, a água esquentava para fazer o arroz, as crianças ficavam brincando na sala e eu fazia [a] janta. [Eu] ainda ensaboava toda a roupa deles, bem esfregadinho para deixar para o outro dia cedo, torcia e punha no varal.

[O meu marido] não podia trabalhar muito porque ele era meio doente. Ele foi até as marrecas, naquele tempo tinham as marrecas, que eram matas. [Então] o meu marido e os irmãos dele compraram um terreno lá e precisavam abrir o lugar para fazer nem que fosse um ranchinho com uns pés de [qualquer] coisa, senão entravam grilos: pessoas que entram, tomam conta e não saem mais. Assim mesmo eles perderam as terras, vinte alqueires, porque ninguém foi mais, só ele que ia. Eu sei que ele morreu, coitado, [eu] acho que [o] bicho barbeiro mordeu ele, porque naquele tempo [se] dormia no rancho, no meio da mata. [Eu] acho que foi [isso], porque o médico falou que era Doença de Chagas. Eu fiquei só onze anos casada com o primeiro marido, ele morreu com 38 anos, novo de tudo. Quando ele morreu, eu tinha cinco filhos, a mais velha tinha 10 anos.

[Eu] fiquei no sítio [porque] era meu mesmo, né? [Então eu] fiquei lá e dei o meu café de ‘ameia’: tinha cinco mil pés de café no sítio, então, uma família pegou para tocar de ‘ameia’. Eles tocavam por conta deles, faziam tudo, [mas] quando chegava o tempo de colher o café, era metade meu e metade deles. Eu fiquei uns cinco ou seis anos sozinha com as crianças, depois eu casei outra vez [e] tive mais cinco [filhos]. Graças a Deus, esses meninos nunca me deram trabalho, quando [eles] tinham 10 [ou] 11 anos já começaram a trabalhar na roça: [eles] iam para a escola, quando voltavam, trocavam de roupa, almoçavam e iam para a roça, era assim lá no sítio, em Promissão.

O [meu] segundo [marido] fazia a linha com o caminhão. Era assim: [no] dia de sábado, [ele] levava as pessoas no caminhão para a cidade [porque] eram 12 km do sítio em Promissão, todo mundo ia fazer compras, a gente ia também, [então] começamos a conversar. Naquele tempo podia andar em cima [do caminhão], tinham bancos na parte de trás, era um caminhão bom. Quando era tempo da colheita, [ele] puxava o café de todos os colonos [e] sitiantes, [eles] levavam o café na cidade para vender ou para deixar na máquina, [ficava] guardado nela [e] quando tivesse preço bom, [então eles] vendiam.

Eu casei com 18 [anos] na primeira vez e eu já tinha [uns] 35 anos quando eu casei [pela] segunda vez, ele [também] era viúvo. Eu fui casada duas vezes e [nas] duas vezes eu casei no cartório e na Igreja, graças a Deus. Eu não trabalhava na roça [porque] ele [o segundo marido] não deixava, quase nem o serviço de casa, eu só fazia [a] comida, o resto eram as meninas que faziam. Os meninos tocavam o nosso [café]: ele tinha dois [filhos] e os meus estavam grandes, porque quando eu casei com o segundo [marido], [eu] tinha o Luis, o Jorge [e] o Nico, eles já eram moços [e] tocavam o café. A Cida levava almoço na roça [para eles], ela punha o ‘trem’ na cesta, punha [a cesta] na garupa e vinha embora de bicicleta, porque era longe.

[Então] resolveram vender lá e vir para cá, porque o filho dele mais velho casou [e] veio para cá, aí todo mundo quis vir [também]. O filho dele veio primeiro, depois veio o meu filho. [Ele] já estava com 18 anos, estava cansado de trabalhar na roça [e] falou assim: *‘mãe, eu vou para São Paulo, eu arrumo um serviço, eu vou trabalhar lá, eu venho sempre aqui ver a senhora’*. Essa minha filha que é casada tinha 07 meses, [ela] estava sentadinha na cozinha, [então] ele [se] despediu dela [e] saiu chorando, coitado. Ele pegou o caminhão que vinha

buscar o leite [e] depois ia para Promissão. Toda vez que o caminhão do leite passava lá eu lembrava dele [emocionada].

Ele trabalhava [aqui] em Osasco [numa] firma de roupa, de tecido, essas coisas assim. O finado Miguel não era irmão dele, mas era como se fosse, ele gostava muito dele, então [ele] morava lá na casa dele, pagava pensão para não ficar assim fora de casa. Ele ficou dois anos aqui em São Paulo, depois ele foi buscar nós, ele falou: *‘vamos para lá, porque lá tem lugar bom para morar’*, [então] vendemos o sítio e compramos aqui, ainda [foi] o nosso caminhão que trouxe a mudança. Depois que eu mudei para cá ele falou: *‘mãe, posso vim morar aqui outra vez?’* eu falei: *‘pode meu filho, a casa é sua’*. Tinha a minha neta [que] morava comigo, [então] ela dormia de noite e ele dormia de dia, porque ele trabalhava de noite. [Quando] chegava de manhã cedo, ela levantava, ia para a minha cama e ele dormia na cama dela. Eu trocava a cama para ele dormir, de noite punha a dela outra vez para ela dormir.

Eu estava com 45 anos quando eu mudei para cá, faz tempo. O meu filho [caçula] nasceu aqui, eu vim grávida de dois meses dele. Eu tinha uma saudade da minha mãe... [Eu] fiquei um ano sem ver a minha mãe, porque eu estava grávida. Depois que o menino nasceu, [quando] ele estava com 4 meses, nós fomos para o sítio de trem. Naquele tempo tinha trem, agora não tem mais: parece que agora só tem de Bauru para cá, para lá só trem de carga. Então, eu fui com ele [e] a minha mãe ficou toda contente quando me viu. [Eu] fiquei uma semana na casa dela, depois eu vim embora outra vez.

Gostei [daqui], o jeito que tinha era gostar, né? Quando eles compraram aqui, já tinha a casa e morava bastante gente ali [no bairro]. Quando eu mudei, tinha luz, [mas] não tinha água de rua ainda, tinham dois poços. Tinha um poço em frente à cozinha, mas aquela água era salobra, só servia para o banheiro e para lavar roupa, muito ruim. Agora o [poço] de cima era uma beleza, a água parecia um cristal. Todo mundo da vizinhança buscava água ali para beber. Eu falei: *‘pode pegar... puxando a água, vocês pode levar a hora que quiser’*. Logo que eu mudei para cá, eles compraram [um] fogão de quatro bocas, veio o fogão e dois botijões, hoje em dia se a gente quer o botijão, precisa comprar [e] é caro, né? Então [eu] fazia arroz, feijão, carne com batata, salada, maionese [e] macarrão de domingo, a turma comia que só vendo. [No sítio] sempre foi [fogão] de lenha, a comida fica gostosa no fogão de lenha, né?

Depois que eu mudei para cá, a gente ia fazer as coisas em Osasco, fazer compras, essas coisas. Às vezes a gente fazia compras por aqui mesmo, nos mercados lá perto de casa, mas a gente vinha sempre em Osasco, vinha no médico, às vezes vinha comprar alguma coisa lá de roupa, essas coisas na cidade, porque era mais barato, [então] a gente vinha em Osasco. Eu cheguei aqui com o segundo marido, daí três anos ele foi atropelado, daí dois meses ele morreu. Um dia de sábado, ele falou: *‘tchô, me dá o dinheiro que eu vou buscar a carne’*, ele me chamava de *‘tchô’*, ele era espanhol. Eu dei o dinheiro, mas eu falei: *‘está cedo ainda’*. Ele tomou banho, tomou café e foi buscar a carne. O seu Natal que estava no lado de lá [da avenida] ainda falou assim: *‘seu Zé, olha o ônibus’* quando ele afastou para o ônibus passar, a perua saiu de trás do ônibus e pegou ele, quase matou, machucou a orelha, machucou as costas, ele bateu a cabeça no asfalto, ele usava chapéu [e] levava uma sacolinha para trazer a carne, caiu ali. Naquilo vinha um carro de polícia, já parou ali, catou ele, catou as coisas dele, pôs tudo na sacolinha e levou. Foram avisar lá em casa, o seu Natal sofria de bronquite, [então] ele não podia andar depressa, ele debruçou assim no muro e falou: *‘eu vim avisar que o seu [marido] foi atropelado lá em cima’*. O Brás, que era o filho dele, saiu correndo [e] o finado Candinho foi junto, [mas] já tinham levado. Eu fui atrás, [mas] as mulheres não me deixaram chegar aonde ele caiu: *‘não vai, já levaram ele, levantou sozinho, ele está bem’*, estava nada, coitado, deu traumatismo craniano, não teve jeito, ficou dois meses internado.

Depois que ele morreu, eu não quis mais casar, eu achei casamento, mas eu falei: *‘homem de agora para frente, só os meus filhos e os meus irmãos’*. [Eu] fiquei morando na mesma casa com os [meus] filhos até eles casarem, [nessa época] só tinha a Cida que era casada e morava assim do lado e os filhos dele que também eram casados e tinham as casas deles para morar. [Hoje eles moram] tudo pertinho ali de mim, na mesma rua em que eu moro: um mora na primeira casa de frente, o outro mora na mesma rua de frente, para o lado de baixo, o outro mora perto do escadão, só o Luiz que mora mais para baixo, mas é perto.

[Eu] estou na mesma casa desde quando eu mudei para cá, o meu bairro é o Bela Vista, Vila Nova Osasco. Era uma casa simples de tudo, mas agora a gente reformou por dentro, está bonita, pusemos piso branco na casa inteira, porque [antes] era de taco, a sala era de assoalho [e] a cozinha era de vermelhão, então a minha filha tirou tudo e pôs piso branco. Só mora eu e ela agora lá, ela era a caçula do primeiro casamento, mas já está com sessenta e poucos anos. Ela trabalhou bastante tempo nas firmas, aposentou, trabalhou [mais] oito anos aposentada, depois a firma faliu [e] ela precisou sair. [Eu tenho] três [filhos] que são caminhoneiros: o Gilberto, o Oswaldo e o Roberto. O pai não era caminhoneiro, ele tinha caminhão, mas quem dirigia eram os filhos e os genros. [Mas] naquele tempo não tinha caminhoneiro ainda, tem agora, porque naquele tempo o Luiz trabalhava numa firma chamada Viúnico, o Nico trabalhava numa tecelagem na Lapa e o Jorge trabalhava em outras firmas assim perto, depois ele entrou na Cimaf [e] aposentou lá. Já faz mais de dez anos que eles trabalham com caminhão, foi depois que eles saíram [das firmas]. O Roberto mora em Belém do Pará [e] os outros [filhos] moram aqui em São Paulo. O Oswaldo separou da mulher, então ele vem de viagem [e também] fica lá em casa. [Então eu] moro com a filha e o filho, os dois caçulas. E a gente vai indo como Deus quer.

[A vizinhança era] muito boa, até hoje todo mundo gosta de mim, eles falam assim: *‘a dona Vanda é uma mulher que não se vê falar dela, [nem] mal, nem bem, nem que ela fez, nem que não fez’*, é assim, graças a Deus. Quase todas as pessoas [são] as mesmas na rua, já morreu bastante, [mas as famílias são] as mesmas. Tem uma Dona Lourdes lá que nós vamos juntas à Igreja, se eu vou, ela vai, se eu não for, ela também não vai. Ontem eu não fui à missa, eu falei: *‘eu estou tão cansada’*. Sábado eu trabalhei o dia inteiro na Igreja, porque está tendo Festa de São Gabriel [e] nós fizemos pamonhas. Eu acho que [nós] fizemos umas 800 [ou] 900 pamonhas e eu fiquei o dia inteiro só limpando: corta o bico, tira o cabelo, limpa as palhas e vai pondo nas caixas, elas vão levando para fazer a pamonha. Eu gosto [de participar] porque a gente [se] entrete, eu fico sentada, levanto um pouco, vou ao banheiro, volto, converso com um, converso com outro [e] sento outra vez para limpar. Quase ninguém gosta de pamonha lá em casa, às vezes eu trago pamonha, [mas] eles não comem. Primeiro eles comiam muito, no sítio a gente fazia [e] eles comiam, gostavam, comiam [a pamonha] quente. De vez em quando eu fazia lá no sítio, porque [a gente] plantava muito milho: a gente trazia meio saco de milho, descascava [e] ralava, lá a gente fazia ralado, [mas] aqui tinha que bater no liquidificador [porque] fica mais fácil, [então] corta com a faca o milho, depois bate no liquidificador, cõa num coador de macarrão [ou em] qualquer coisa para tirar o bagaço mais grosso [e] fica só o caldo, [isso] para curau, agora para pamonha tira só o grosso, tempera com manteiga, gordura, um pouquinho de sal [ou] açúcar, fica uma delícia.

De agora para frente eu não sei como é que vai ser. Eu sei que eu vou fazer aniversário [no] dia 22 [de] agosto. Dizem que vão fazer uma festa para mim, não sei. Eu falei: *‘prá que fazer festa?’*, [mas] as minhas noras gostam de fazer: *‘a única da família que está fazendo 90 anos é a senhora, então nós vamos fazer a festa para a senhora’*, então eu falei: *‘se vocês querem fazer, [então] façam’*. A família inteira vai.

ENTREVISTA 08

JOSETE AMÉLIA DA SILVA [78 anos]¹⁰¹

A minha vida começou assim: eu nasci em Limoeiro de Anadia, [em] Alagoas, o sítio que eu morava era [chamado] Terra Nova. O meu pai era tipo um fazendeiro, ele tinha gado e tocava a roça. Quando ele morreu, eu tinha sete anos, [então] eu tinha que ficar com meus irmãos menores, cuidando em casa, debulhando feijão, fazendo as coisas para a minha mãe [poder] ir para a roça com os trabalhadores.

Depois [eu] já comecei a ir para roça, a minha avó morava perto e ajudava [com] os [irmãos] menores. Até hoje, [quando] acontece essa ‘*coisarada*’ por aí, parece que eu estou vendo a minha avó na [minha] frente, porque teve o eclipse: [era] dez horas do dia [e] estava aquele ‘*solzão*’, de repente escureceu tudo, a gente só via o sol lá rodando, bem escuro, a minha mãe era nova ainda, [ela] começou a gritar e chorar e nós todos chorando. A minha avó morava no alto e nós [morávamos] na baixada, [então] a minha avó veio de lá para cá: ‘*calma meus filhinhos, isso não é nada, eu não vou ver, mas no fim das eras vocês vão ver coisas que [vocês] não vão acreditar*’. Quando eu vejo esses negócios de tiroteio e de morte, parece que eu estou vendo ela na minha frente falando.

Em Alagoas, a minha vida era essa, tocando roça, trabalhando na roça. Para cuidar da roça eu trocava com as colegas: eu trabalhava um dia na casa de uma, ia para roça na casa de outra e elas vinham para nós irmos plantar na [minha] roça. [Eu] era a mais velha dos filhos da minha mãe, só que o meu pai tinha tido outra família antes da minha mãe ir morar com ele e [já] tinha seis filhos. Esses filhos começaram a dividir as coisas e a minha mãe ficou com a casa.

Não demorou nem um ano, a minha mãe inventou de casar com um cara, [mas] não deu certo, ele só catava as coisas, vendia e consumia o dinheiro. A gente ia para roça e ele nem ‘*tchum*’ de querer trabalhar, [então] a minha mãe [se] separou. Daí uns tempos, uma tia minha faleceu e deixou três crianças, o que faz a minha mãe? Vai-se embora e casa com o cunhado dela que ficou viúvo, [mas] ele também não queria saber de nada, foi indo [e eles] se separaram, os avós tomaram conta das crianças e nós ficamos, foi uma ‘*vida cansada*’, para lá e para cá...

Quando chegou uma época, o meu irmão, [filho] da primeira mulher do meu pai, veio embora para São Paulo. Ele casou e veio morar no interior, foi trabalhar e construiu a família dele. Nós ficamos lá, a gente [continuou] trabalhando na roça, [eu] ia com os meus irmãos, porque não tinha quem fizesse. Um belo dia, a minha mãe tinha arrumado um companheiro e foi morar numa cidade distante, que era Usinas Sinimbu [AL], ficamos lá, [mas] era só para trabalhar, dar comida para aquele cara e cuidar de tudo, [porque] ele não trabalhava, não punha um tostão dentro de casa. [Então] um belo dia que [eu] ia para a roça, eu juntei as minhas coisas e fugi à pé daquela cidade até chegar na casa das minhas tias [e] dos meus avós, [em] Terra Nova.

Quando eu fugi, a minha mãe veio atrás, [nós] fomos morar numa casinha, porque a nossa [casa] estava alugada com gente dentro, [então] arrumamos uma casinha e fomos morar lá. A minha mãe veio esperando um neném, quando [ela] ganhou o neném, a gente tinha que fazer farinha, porque naquele tempo tinha que ‘*cunchá*’ a mandioca e tudo, [mas] os meus

¹⁰¹ Data de nascimento: 03/02/1935 – Data da entrevista: 24/06/2013 – Local: CATI.

irmãos não queriam saber de nada. Quando foi um dia, eu cheguei com um saco de [mandioca] para puxar a ‘rola’ [e] fazer farinha, [mas] o meu irmão começou a brigar: ‘Ah! você não trouxe comida?’ e ‘vup’, jogou uma faca, ele pegou na ponta para jogar e me pegou aqui. Foi aquele alvoroço, aquele vai-e-vem, me socorreram [e] levaram para casa. Aquele furo nem sangrou nada, mas eu acho que deu derrame por dentro, [porque] os médicos sempre falavam que a trombose que eu tive depois de muitos anos e a úlcera varicosa que eu sofro até hoje, foram provenientes daquilo. A minha mãe escrevia para esse [meu] irmão que tinha vindo [para São Paulo], Emidio Targino, que era irmão por parte de pai, porque naquele tempo não existia telefone, era telegrama. Quando eu estava bem ruim mesmo, quase morrendo, ele foi lá e me levou no médico, na cidade de Arapiraca [AL], aí me curou.

Passado uns tempos, o filho de uma tia minha veio embora para São Paulo e a minha tia, os meus primos e as minhas primas mandaram que eu viesse, [então] eu vim com a família de uns vizinhos. Quando foi para eu vir para cá, foi da roça que eu ajuntei o dinheiro da passagem, um primo meu comprou [a colheita] e me deu o dinheirinho para pagar a passagem, porque eu vim de caminhão, naquele tempo a gente vinha de pau-de-arara. A viagem foi boa, só que a família que eu vim era um casal e trazia um bebê, [era] eu quem carregava o bebê, o bebê vomitava e eu vomitava também, o bebê fazia cocô e quando [eu] pensava que não, já estava toda lambuzada. [Eu] vou te falar: foi um sofrimento, viu?

Mas, a sorte é que [eu] tinha uns primos aqui [e] quando eu cheguei na Vila Anastácio, os meus primos [me] acolheram, as minhas primas que já moravam aqui, me levaram para dentro de casa e cuidaram. Foram três dias e três noites [de viagem] e o pior é que eles não paravam na estrada para dormir, porque [a gente] vinha com um [caminhão] até um lugar que eu não lembro o nome, passava de barco [e] pegava o ônibus do outro lado, não tinha aquela ponte. Quando chegava aqui no Brás, [a gente] descia na estação, pegava o trem e vinha até a Vila Anastácio. Até hoje, às vezes eu pego o trem que passa para os lados da Vila Anastácio, faz de conta que eu estou vendo o [meu] primo que já estava ali, porque de lá [do Norte] tinham comunicado que a gente ia chegar naquele dia e ele já estava esperando.

Quando [eu] vim embora para cá, já comecei a trabalhar logo, graças a Deus, eu sempre tive sorte, fui trabalhar numa fábrica de meias que [se] chamava Titã, na Vila Ipojuca: era fazendo as coisas, a máquina ligada, você punha assim, acabava [e] desligava, [era] prático. Parece que [eu] fiquei quase um ano [lá], hoje em dia [eu] ainda tenho [contato com] a minha colega que arrumou o serviço, ela mora no Alto da Lapa. [Esse] foi o primeiro serviço que eu fui trabalhar, depois [quando] o meu primo ia mudar, eu fui trabalhar numa casa de família.

[A Vila dos Remédios] foi o primeiro lugar que eu cheguei, era uma cidade assim, até bom o lugar, só que eu ficava lá e ia trabalhar na Lapa, [mas] tinha que atravessar o rio Tietê de barco para poder ir para a Lapa [risos], mas mesmo assim era fácil e [eu] trabalhei uma porção de tempo em casa de família. Quando eu cheguei aqui, [meu irmão] [também] veio de lá do interior para cá, porque ficou doente, tuberculoso igual ao meu pai quando morreu. [Ele] foi internado no Mandaqui e sofreu durante quase 20 anos. [Ele] morreu aqui na Vila dos Remédios [e] foi enterrado no cemitério Santo Antônio. Depois a minha mãe veio também para cá e quando [ela] chegou aqui, eu [estava] morando com esse meu irmão e com os outros parentes, [mas eu] fui morar com ela, bem pertinho de onde atravessava o barco.

Nisso veio um conhecido do Norte, ele era parente de uns conhecidos que moravam lá em Alagoas. [Ele] morava na Vila Anastácio com uns parentes, [então ele] pegou o endereço [e] veio na casa da minha mãe. Quando chegou lá, era um moleção, parece que ele tinha 20 anos e eu tinha 17 [anos]. Começamos a namorar de cara, namoramos mais ou menos um ano,

depois casamos e fomos morar perto da minha mãe, na Vila dos Remédios mesmo, tivemos três filhas.

Mas só que foi uma vida de sofrimento porque ele bebia, ele trabalhava, não podia dizer, ele trabalhava [sim], saía de casa às 5h30 da manhã [e] chegava meia-noite, vinha da Vila Leopoldina, porque ele trabalhava na Vila Leopoldina. [Mas] de lá para cá, tinham quatro ou cinco bares e, [em] todo bar, ele sentava com os colegas, bebia e deixava a conta, quando chegava no dia do pagamento, [ele] recebia o pagamento [e] vinha pagando, porque bebia fiado [e] chegava em casa sem nem um tostão, sem nem um réis.

Um cunhado meu, um casado com a irmã dele, foi na minha casa e disse assim: *‘lá onde eu estou morando está tendo muito terreno para vender, porque você não vai comprar?’* lá no Rochdale, onde eu moro [hoje]. Eu falei assim para ele: *‘fala com o teu cunhado’*, ele falou para ele assim: *‘eu não vou comprar terreno para ninguém, tem que ficar aí na rua mesmo, onde for, onde quiser, que eu não vou’* porque até o aluguel da casa que eu morava quem pagava eram os meu patrões, porque ele não trazia [dinheiro] nem para uma bala. Isso foi em 1958. E os meus patrões foram os meus pais, porque se hoje em dia eu sou aposentada, eu dou graças a Deus e a eles que fizeram tudo por mim.

Eu sei que vivi essa vida, criei as filhas praticamente [sozinha], porque nos separamos depois de uns anos, quando eu me separei dele a minha [filha] mais nova tinha cinco anos e as duas mais velhas já estavam trabalhando. Quando as meninas chegavam, que era dia de pagamento, ele dizia assim: *‘cadê o dinheiro para me dar?’* a menina gritou: *‘eu vou dar dinheiro para o senhor? o senhor não põe nada dentro de casa, nem comida para a gente comer, o dinheiro eu dou para minha mãe’*. Se eu tenho a casa que eu moro hoje em dia foi [com a ajuda] dessa minha [filha] mais velha. Eu comprei [o terreno] com ele ainda dentro de casa, mas quando fomos nos separar, [eu] tive que dividir porque nós éramos casados com comunhão de bens. O meu terreno era enorme, tem um vizinho que fez um sobrado, a coisa mais linda do mundo e eu tenho uma casinha, mais ou menos, é um sobradinho também, porque foi essa minha filha que trabalhando me dava o dinheiro, eu comprava o material e [os] meus irmãos me ajudavam a construir, mas foi uma vida que só por Deus...

Sabe o que eu fiz para me separar? [Eu] catei as filhas e saí de dentro de casa, mas antes eu fui ao advogado, porque naquela época, tinha aquela história que [quem] saísse de dentro de casa perdia o direito daquilo que tinha. Ele falou: *‘pode sair, quando a senhora ver que não dá [mais], pode sair e vem aqui porque nós arrumamos tudo, não tem mais essa lei’*. Ele chegou até a querer vender a casa para pegar o dinheiro e sumir para onde ele quisesse. Um dia chegou um comprador na porta [e] eu falei: *‘aqui não tem nada para vender’*. Quando ele chegou do serviço, de noite, me jogou da cama no chão com a faca no meu pescoço dizendo: *‘você vai assinar para vender isso aqui ou eu vou lhe matar’*. Eu disse: *‘você é quem sabe, se você quiser mata, mate, mas eu não vou assinar nada’*. Ele desistiu, graças a Deus. Eu peguei e saí da casa, fui morar na [Vila dos] Remédios, a dona da casa já me conhecia, [sabia] que eu pagava aluguel e era muito boa, na hora ela me deu a casa para morar e nem cobrou nada. Todas essas pessoas que foram meus pais, meus anjos da guarda já estão com Deus. Eu sei que já sofri bastante, viu?

Quando chegou o dia de ir ao fórum, que era lá no João Mendes, o advogado me levou de carro, quando voltou, [eu] acho que o advogado dele não tinha carro, veio o advogado dele e ele junto. O meu advogado falou assim: *‘agora você pega sua parte e vende para ela’*, porque o meu advogado já tinha falado para eu ir juntando algum dinheiro para quando [dividissem]. Ele disse assim: *‘eu dou para qualquer um, mas não vendo para ela’*. Eu peguei e falei para o advogado: *‘doutor, não tem problema, ele pode ficar com a parte dele’*.

que com a minha parte dá para eu criar as minhas filhas até quando eu morrer'. Ele logo [que] chegou em casa, pôs a venda e vendeu a metade, eu fiquei na minha parte.

Nossa! Até hoje [eu sinto saudades de Alagoas], até hoje... Eu voltei lá depois, porque as terras foram vendidas, eu ainda consegui um pouco de dinheiro, cheguei aqui, repartí com os [meus] irmãos, eles assinaram a procuração para eu vender lá [e] eu levei no cartório, mas, se eu pudesse, quando eu lembro... E outra coisa, nesses tempos atrás me deu uma vontade de morar no Mato Grosso, eu tenho irmãos que moram lá, [então eu] comprei um terreninho com a casinha [e] tudo, porque naquele tempo as coisas eram baratas. Eu fui para o Mato Grosso tem uns 10 anos mais ou menos, na época eu já estava aposentada, fui para morar porque eu tinha ido passear e gostei de lá. [Eu] morei lá [durante] três anos [e] deixei a minha casa cá alugada, quando vim para arrumar umas papeladas, o inquilino estava em tempo de acabar [com] a casa, aí eu resolvi voltar para minha casa, eu vendi [o terreno], porque naquele tempo, [era] tempo de invasão, se [eu] saísse e deixasse o terreno lá, quando chegasse depois, não... Eu tenho uma filha casada que o marido dela é o mesmo que ser um filho para mim, eu tenho consideração dele. Esse meu genro viajou essa semana para lá, porque ele é viajante, assim carreteiro, [ele] disse que só não me chamou para eu ir porque a viagem foi marcada em cima da hora, não dava tempo de eu arrumar as coisas. Eu tenho um monte de colegas lá, eu também frequentei uma comunidade que até cesta básica arrumava para mim. [Eu] fiquei três anos morando lá, mas adorei, até hoje eu me arrependo, eu podia até ter vendido aqui e ter ficado lá, porque era uma benção lá, só que [eu] tinha essas filhas morando aqui [também].

ENTREVISTA 09

JÚLIA ZANFOLIM [85 anos]¹⁰²

Os meus avôs vieram da Itália, chegaram aqui naqueles navios, no porão do navio, [depois] levaram [eles] naquelas fazendas para o lado de Campinas. [Eles] morreram cedo, eu nem lembro o nome [deles], porque antigamente os pais não ficavam falando e eu não conheci eles. [A] minha mãe ficou novinha sem pai [e] sem mãe, acredito até que morreram de fome, porque aqueles patrões eram coronéis [e] judiavam muito deles.

Os pais da minha mãe e os pais do meu pai vieram juntos de lá, [eles] já se conheciam, eles vieram casados, mas sem filhos [e] quando chegaram aqui, [eles] tiveram os filhos. Eu conheci só uma avó da parte do meu pai, minha nona Marieta, ela era bacana, ela tinha aquela saiona larga, punha os trocadinhos assim no bolso [e quando] a gente ia visitar, ela dava os trocadinhos para [a] gente comprar doces. Ela fazia almeirão e fazia polenta, [ela perguntava] se a gente queria comer polenta com ‘*radici*’, ela falava ‘*radici*’. Eu não me esqueço até hoje da minha noninha. Da parte da minha mãe, eu não posso contar nada, porque eu não cheguei a conhecer.

O meu pai trabalhava em lavoura, o caminhão saía [e] levava ele, ele sempre foi [trabalhador] braçal, [pegava] tudo quanto é serviço que aparecia. A minha mãe era do lar, a minha mãe sofria [de] ataque epilético, nós sofremos muito com ela, nós éramos oito irmãos, só que nessa época, os outros já estavam casados.

Eu nasci no interior, eu nasci em Valinhos, [mas] fui registrada em Campinas. Eu comecei a trabalhar com 13 anos numa casa de família, [de] um turco, [mas eu] não gostei, porque a comida era temperada com pimenta e eu não gostava de pimenta. Eu saí de lá e fui empalhar cadeira de taboa: taboa é uma planta que dá no brejo, a gente tira aquelas fitas, vai enrolando [e] empalhando a cadeira. Com 14 anos, eu fui trabalhar em uma fiação, [mas] era muito ruim na fiação, [porque] cortava o dedo [e] ficava aquele pó no cabelo, tudo cheio de algodão. [Eu] trabalhei até [os] 18 anos nessa fiação, [mas] uma firma se interessou [que] a gente aprendesse a tecelagem, [então] eu fui [e] quando eu aprendi, eu fui embora para a outra firma, porque na tecelagem você não se machucava, só cuidava do tecido.

Eu aprontava muito, por exemplo, nós éramos cinco [irmãos], só que uma ficava em casa, não queria saber de nada. Então tinham os bailes, o meu pai [nos] deixava [ir] se nós fôssemos todos juntos, [então] a gente falava que sim, [mas] mentia para ele: [nós] saíamos juntos, [as] duas mulheres e [os] dois homens, só que um ia para um baile [e o] outro ia... [para outro], tinha um lugar marcado à tal hora [para a gente] se encontrar [e] voltar juntos. Eu aprontei muito, [eu] saía [às] dez horas da firma [com] quatro [ou] cinco colegas apertando campainhas [e] roubando flor, olha que arteira que eu era... [isso] já era em Jundiá.

O meu pai resolveu por eu na escola, [mas] eu fui só dois anos, porque a gente começou com namoradinho [e] ele não deixou mais. [Então] eu fui trabalhando, namorando [e] tomando bronca de pai. [Eu] comecei a namorar, [mas] meus pais não queriam porque, ele era honesto, mas não gostava muito de trabalho. [Então] eu me casei contra a vontade deles [e] vim para Osasco, aí foi o sofrimento.

¹⁰² Data de nascimento: 04/02/1928 – Data da entrevista: 15/05/2013 – Local: CATI.

[Eu vim] aqui em Osasco no finalzinho de 1951. Quando eu pedi a conta na firma que eu trabalhava lá [em Jundiaí], eles falaram para mim: “*Você vai para Osasco? Vão te roubar a tua filha*” e todo mundo falava, Osasco tinha uma fama terrível e tem até hoje. [Eu] não abria nem a porta, quando [eu] saía, [eu] ficava com a minha filha assim [apertou os braços] de medo que roubassem ela, depois [eu] fui conhecendo, vi que não era nada disso. Eu tive o primeiro filho, o segundo filho [e] o terceiro filho, [com] diferença de um ano e meio cada um, a vida não foi fácil. Eu trouxe a menina de lá para cá, [ela] tinha 4 meses, o do meio nasceu lá porque os meus parentes estavam todos lá, mas [ele] foi registrado aqui [e] o caçula eu já tive aqui, então dois são daqui e a menina é de lá, menina... [ela] já [tem] 62 anos.

[Quando] eu vim de Jundiaí para Osasco, eu fui morar na Vila Yara, pagava aluguel de uma casa que era um quarto e uma cozinha, [na verdade] era um banheiro [que] fizeram de cozinha, [então] se eu entrasse, o meu marido não podia entrar [e] para cozinhar a gente tinha latas com água: um dia eu sentei a minha filha mais velha numa cadeira [e] ela caiu dentro da lata de água [risos]. [Depois] conseguimos fazer uma casa no Jardim Umuarama, onde eu moro [hoje]. Quando [eu] mudei, era uma chácara, estava começando, porque os lotes eram baratos, [então] fizemos uma casa como Deus quis: tijolo no chão [e] sem reboque para poder criar os três filhos. [Nós] fizemos a casa muito mal, [mas] fomos indo [e] conseguimos uma melhor, lutando os dois juntos. A casa [foi feita com] dois cômodos, depois aumentamos [para] três: ele começava a trabalhar e eu fazia [o] reboque, carregava areia [e] pegava tijolo, [quando] fez [o] poço, ele cavava a terra [e] eu puxava aquela terra, na hora de sair, ele se amarrava e eu puxava ele, não foi fácil a minha vida não, eu trabalhava muito e à noite eu quase não dormia por causa das crianças.

Ele trabalhava na RCA Victor, [que] fazia discos de vinil, daqueles grandões, [e] eu costurava para fora, ia buscar [serviço] na José Paulino, senão pegava costura em casa. Eu costurava sutiã: antigamente tinha [um] sutiã de bojo, hoje [também] tem bojo, mas era diferente, era cheio de pontinhos, então eles faziam o bojo [e] a gente armava ele; eu ia na José Paulino com duas sacolas cheias daqueles bojos de borracha, [eu] ia na sexta-feira de manhã e uma vizinha ficava com os meus filhos, eu trazia tudo aquilo para entregar na outra sexta-feira; no trem vinham aqueles homens encostando em você, [então eu] pegava uma agulha e tacava na perna [deles] [risos]. Eu [também] trabalhei no Santista, o Santista foi embora, [mas] eu trabalhei muito tempo lá. Eu recebia o meu dinheiro [e] dava o envelope fechado [para o marido], porque naquele tempo era envelope, [eu] dava tudo para ele.

E essa é a minha vida: eu nunca tive um passeio, nunca tive um cinema, nunca tive um teatro, nunca andei bem arrumada como todas andaram, porque [era] ele quem comprava a minha roupa, meu sapato, aí faltava sapato para os três [filhos], quando terminava de comprar, tinha que voltar porque o do outro já estava [pequeno], depois eles cresceram [e] me ajudaram muito também. O dinheiro sempre foi curto: ele trabalhava à noite, [então] ele tinha o leite, ele tinha aveia [e] fazia o mingau para levar, porque ele trabalhava, [mas] eu não trabalhava [então] a gente comprava o repolhinho, fazia aquela salada [e] comia com arroz e feijão. E [eu] estou aqui com 85 anos [hoje].

A gente nem ia ao médico, a gente se cuidava quase sempre com [o] farmacêutico. [Quando] eu estava grávida do segundo [filho], [eu] precisava ver [a] pressão porque, como eu sou hipertensa [e estava] grávida, [era] perigoso. Na Vila Yara ainda tinha farmácia perto, [mas] quando foi o caçula, eu estava aqui no [Jardim] Umuarama [e] eu tinha que descer à pé, com uma [filha] segurando na saia, outro [filho] no colo e outro na barriga. Eu vinha em Osasco, tinha uma farmácia que era do seu João, eu tomava uma injeção que esquentava, então ele me segurava [por] 15 [ou] 20 minutos lá sentada até aquele efeito passar, para eu

poder sair com as crianças. E [me] deu um negócio, eu até esqueci o nome da doença, [mas] paralisava um braço, [então] se eu fosse descer [do ônibus] no Jardim Umuarama, eu não podia descer, porque eu estava com [um] filho assim [e a] outra na saia, [então] eu [continuava no ônibus e] quando melhorava, eu dava sinal e voltava para trás.

[Quando] ia ter o filho em casa, [a gente] chamava uma parteira [e] o que aconteceu: o último [filho] nasceu sem peso e ela não me avisou, [então] o menino começava a mamar [e] desmaiava. Tinha o Sesi em Osasco [e no] Sesi tinha pediatra, [então] eu levei o menino, o médico examinou [e] falou assim: “*se a senhora for uma boa mãe, a senhora salva o teu filho, se a senhora não for, ele morre, vai dar tomate [e] suco de laranja*”, [ele era] recém-nascido, não pode, [mas] ele falou isso para mim. O meu marido ia no mercado aqui em Osasco [e] trazia aqueles tomates bonitos [e] aquelas laranjas, ele tinha uma bicicleta [e] com a bicicleta ele ia em todo lugar. O que [eu] fazia: o tomate tinha que mergulhar na água quente, tirar [a pele], depois passava na peneirinha e dava para ele, a laranja [eu] espremia com a mão. Eu percebi que o menino engordou [e] quando eu cheguei lá, eu falei: “*pronto, o meu filho está salvo agora*” [e] ele falou: “*meus parabéns, a senhora é uma boa mãe*”. Eu sempre falo [que] se eu soubesse escrever, eu ia fazer um diário, eu ia por tudo para os meus filhos [e] os meus netos verem o que eu passei nessa vida.

Com 43 anos, a coluna [do meu marido] começou a doer, ele não quis mais trabalhar, ele ‘entrou na caixa’ [e] a coisa foi ficando difícil. Com 48 anos e meio de casada, nós [nos] separamos, ele falou que eu era honesta [e] trabalhadora, mas que nosso gênio não dava [e] ele foi morar sozinho. Eu estava triste [e] falei com a Rita [psicóloga do CATI, na época CCI] [e ela] falou: “*Júlia, pode ficar tranqüila: você vai dar a volta por cima, não chora [e] não desanima*”, a Rita é uma pessoa maravilhosa. [Os] meus filhos [já] eram casados, [então] eu fiquei sozinha. [Eu] tinha a casa para morar, mas não tinha dinheiro, [porque] eu tinha trabalhado, mas naquela época, se você abandonasse o serviço [e] não trabalhasse mais, aqueles anos que você [tinha] trabalhado não valiam mais. [Depois] uma pessoa amiga me [ajudou a] arrumar um salário do governo, então [hoje] eu tenho um salário do governo, uma casinha de aluguel e uma ajudinha dos meus filhos.

Eu não converso mais com o meu ex-marido, eu não poderia fazer isso [porque] os meus pais sempre falavam: “*perdoa, porque Jesus perdoa a gente toda hora*”, [mas] eu estou vivendo muito melhor do que antes, porque eu sou hipertensa e quando ele estava em casa a gente discutia, a minha pressão subia e eu ia parar no pronto-socorro, eu mais vivia no pronto-socorro do que em casa. Por isso eu falo [que] eu não tive juventude, [eu] tive até os 20 anos, que eu morei com os meus pais, depois foi um sofrimento. E agora eu estou vivendo outra vez, mais 15 anos que eu estou vivendo, só que agora eu não sou arteira, agora eu faço o grupo da memória, faço ginástica, jogo baralho, tenho 25 anos entre o CCI e aqui [CATI] [e] tenho amizade com todo mundo, eu sou muito comunicativa. Eu também sou assim, não gosto que ninguém se meta na minha vida, [eu] ainda não estou rasgando dinheiro, não é mesmo?

Eu moro até hoje no mesmo lugar que os meus filhos, [no] Jardim Umuarama. A minha casa está começando a cair, caiu o estuque, está com cupim, [mas] eu não tenho condição de ir para outro lugar. Eu precisaria vender a casa para depois comprar outra, porque [para] apartamento eu não quero ir. A vida toda [eu morei em casa] e outra: eu tenho quintal grande, eu mexo na terra, eu mexo nas plantas, eu planto salsinha, cebolinha, almeirão, porque eu gosto muito de almeirão, eu planto essas coisinhas, tem um pé de coqueiro enorme atrás da minha casa, tem um pé de manga que está florido, essas coisas, eu gosto de mexer na terra [e] eu gosto de ficar à vontade. [Eu] tenho uma cachorrinha que já que está comigo [há] 15 anos, é que nem fosse uma [pessoa], ela quer se comunicar com a gente. [Então] vai ser

difícil para mim, eles estão atrás [para] ver se arrumam meio lote com uma casinha pequenininha. Eu [também] adoro Jundiaí, [eu] tenho uma irmã, sobrinhos [e] netos que ficaram lá, os meus filhos falam para mim não ir para lá, mas eu teria vontade de... [mudar para lá].

E agora eu estou feliz, graças a Deus: [eu] levanto, tomo o meu banho, me cuido, tomo o meu café, venho embora para cá, jogo o meu baralho, depois eu vou almoçar lá embaixo no Real, vou para casa, meu fogão está limpo, minha casa está limpa, [então] eu deito um pouquinho, porque eu sou hipertensa, eu tenho arritmia, eu tenho a veia aorta alongada, os médicos mesmo falam que não sabem como eu faço tudo isso [e] a minha cardiologista falou que eu sou muito ativa. Só que agora eu não tenho mais tristeza, eu não fico mais nervosa. A minha vida está muito boa, primeiro eu queria morrer, [mas] hoje eu não quero. Nesses tempos do sofrimento, eu queria embora [e] eu falava: “*pai, venha me buscar*”, [mas] hoje não, eu falo: “*pai, fica quietinho aí, deixa eu aqui um pouquinho mais.*” [risos]

E essa é a minha vida.

ENTREVISTA 10

LOURDES LEME DE ANDRADE [75 anos]¹⁰³

Eu nasci em Bragança Paulista, só que eu era criança [quando] a gente veio para Franco da Rocha: tinha [gente da nossa] família que estava vindo e o meu pai se interessou em vir também. Eu acho que eu devia ter uns 07 ou 08 anos [de idade], porque eu me lembro que a gente não morava numa vila, a gente morava num lugar deserto, então o meu pai comprou uma casa na vila [e] quando a gente foi para lá eu [já] tinha 10 anos.

Naquela época, há tantos anos atrás, não tinha asfalto, era estrada de terra, então [o meu pai] foi trabalhar na ‘conserva da estrada’: o mato ia sempre chegando [e] o meu pai limpava a lateral da estrada [para] não deixar o mato tomar conta da estrada. Daí o patrão dele cedeu essa casa para a gente morar, uma casa que a gente tinha tanto medo [porque] de um lado era o rio, do outro era a linha do trem e depois da linha do trem era o hospital de Franco da Rocha que abrigava [loucos], eles falavam loucos, mas [eu] acho que tem outro nome que pode substituir por isso. Nós moramos bastante tempo ali, eu [me] lembro direitinho que a gente pegava o pratinho de comida e ia comer lá no terreiro, naquele tempo falava-se terreiro, porque era bem grandão, [mas] hoje a gente fala quintal. Então, a gente sentava de qualquer jeito, punha o pratinho de comida ali e começava a comer. Às vezes tinha mistura: quando o meu pai plantava milho, a minha mãe pegava uma espiginha [e] assava na brasa, no fogão à lenha, a gente comia [junto] com a comida. Era gostoso, como diz aquele ditado: “*a gente era feliz e não sabia*”.

A gente era muito pobre, apesar de o meu pai ser trabalhador. [Então] o meu pai queria um emprego [em] que ele ganhasse melhor para poder sustentar melhor a família. Nessa época, eu já estava me preparando para trabalhar na fábrica de linhas, só que eu não tinha 14 anos ainda, [então] eu comecei a trabalhar com 12 anos, mas foi em casa de família, logo de cara uma família que tinha seis crianças, eu não era nem mocinha ainda, [mas] tinha que tomar conta dessas seis crianças, [além de] lavar e passar a roupa [delas]. Então, o meu pai comprou [uma] casa na vila e a gente [foi] morar lá. Eu comecei a trabalhar na fábrica de linhas com 14 anos, naquela época era assim: o pagamento não era feito em bancos, porque quase não tinham bancos, o pagamento era feito na firma e colocado dentro de um envelope escuro, a gente pegava aquele envelope com o dinheiro dentro e levava para casa, eu ganhava duzentos, mas [eu] não lembro o valor do dinheiro, [quando] eu chegava em casa, [eu] entregava o envelope na mão do meu pai, [então] ele ia na casa do dono que vendeu a casa para nós e pagava a prestação da casa, eu ajudei a pagar.

Quando eu tinha 17 anos, o meu pai resolveu vir embora para Osasco, ninguém queria sair de lá, mas o meu pai cismou de sair e a gente teve que acompanhar. A gente não queria mudar porque a gente tinha casa própria lá, aqui a gente foi morar de aluguel, na Vila Yara, perto [da] [E.E. João Batista de] Brito, quase em frente ao shopping. De início [a casa em Franco da Rocha] ficou alugada, depois o meu pai vendeu, ele e o meu cunhado compraram um terreno no Jaguaribe, o meu pai comprou de sociedade com o meu cunhado e cada um construiu a sua casa em meio [lote], o meu pai construiu primeiro, depois o meu cunhado construiu, tem a casa até hoje lá, só não tem mais o meu pai, nem a minha mãe, porque fez um ano que eu perdi a minha mãe [e] 25 anos [que eu perdi] o meu pai. Para você ver como são as coisas: o médico falava para o meu pai que se [ele] mudasse de lugar talvez o meu

¹⁰³ Data de nascimento: 25/01/1938 – Data da entrevista: 19/08/2013 – Local: CATI.

irmãozinho sarasse, [então] o meu pai acreditou nisso, foi por isso que ele veio [para cá, mas] eu acredito que [o meu irmãozinho] já deva ter nascido assim, ele morreu com 11 anos, [porque] o coração [dele] desenvolveu mais do que era necessário.

[Então], antes de vir com a mudança, meu pai veio na casa de [um] colega aqui na Avenida Yara, trouxe o meu irmãozinho e me trouxe, [nós] passamos o dia na casa desse colega [do meu pai] que depois de um ano e pouco [se tornou] o meu marido. O meu pai mudou para cá em junho de 1955, mas não adiantou, porque em agosto o meu irmãozinho faleceu. Naquela época não se velava o corpo da pessoa no velório como hoje, ninguém mais fica com morto a noite inteira dentro de casa, mas naquela época era assim. O meu pai convidou todos os colegas da firma para vir no velório, foi [quando] esse colega dele também veio. A gente se conheceu melhor e começamos o namoro com pouquinho tempo, porque ele tinha pressa de casar [risos]. Ele era dez anos mais velho do que eu: eu sou de 1938 [e] ele era de 1928.

O meu marido trabalhava na Fábrica de Aço Tupy junto com o meu pai, eu não sei se essa firma faliu ou se foi embora para o interior. Nessa época eu estava trabalhando na fábrica de linha, eu trabalhei quase três anos nessa fábrica de linha, mas eu estava tão contente, eu não queria sair [porque] eu gostava, eu me conheci por gente lá. Hoje não tem mais [a fábrica de linha], só tem aquele ‘*chaminezão*’. Eu ainda fiquei dois meses lá, na casa de uma tia, [ela] tinha dois filhos [e] trabalhava no Hospital de Franco [da Rocha] no tempo que tinham os doentes lá. Todo final de semana eu vinha [para Osasco], mas não deu muito certo ficar lá, [porque] o ambiente não era bom, o marido dela bebia muito. Logo depois que o meu irmãozinho faleceu, a minha mãe falou assim: “*agora já falta um na família, [é] melhor você vir embora*”. Eu chorei muito quando foi para [eu] sair de lá, eu era muito estimada e [me] adaptei bem [com] o serviço, [mas] eu tinha mesmo que sair, daí eu vim embora para cá com eles. O lugar era bem deserto, não tinha mais do que dez casas, dizem que foi uma fazenda muito grande, [eu] acho que, conforme [foram] morrendo os donos [e] foram ficando os herdeiros, [eles] resolveram lotear tudo aquilo para vender. Hoje não tem um terreno vazio, o pessoal que construiu casa térrea, [quando] quis aumentar a casa, [teve que] tirar o telhado, por laje e subir em cima.

Quando eu vim de Franco [da Rocha] para cá, que o meu pai falou assim: “*você vai arrumar outro serviço em firma*”, mas [eu] não consegui, [eu] fui [no] Santista, em diversas firmas que tinham aqui, mas eu não consegui. [Então] eu fui trabalhar na casa de um médico [por] 10 meses antes de casar, doutor Vivaldo Martins Simões, a casa deles era na segunda travessa da [rua] Primitiva [Vianco], [no sentido] daquela Praça Padroeira do Brasil. Eu vinha e voltava à pé da Vila Yara, [porque] não tinha ônibus, [eu] trabalhava durante a semana e no domingo também, até o [horário do] almoço, [porque] eu cozinhava. Eu [também] limpava a parte de baixo da casa, era um sobrado, e tinha a lavadeira que limpava a parte de cima, lavava as roupas, passava [as roupas] e cuidava do quintal.

Eu me lembro direitinho que teve um domingo que eu vim trabalhar, [quando] deu a hora de ir embora, aquela chuva não parava e nem sombrinha eu tinha. [Então eu] saí, peguei a [avenida dos] Autonomistas, eu ia descendo com aquela chuva, assim meio encolhida, [mas] antes de chegar onde tem esse viaduto hoje, passou uma viatura de polícia, quando parou o carro e desceu um policial, [eu] falei: “*meu Deus do céu, [o] que será que ele quer de mim?*”. [Então] ele falou assim: “*menina, onde você mora?*” eu falei: “*eu moro na Vila Yara*” ele falou: “*e vai indo embora com essa chuva?*” eu falei: “*eu não tenho sombrinha*”, [então] ele falou: “*sobe aqui que a gente leva você para a sua casa*”. E eu, naquela minha inocência, entrei no carro da polícia ainda com medo, tinham dois policiais no carro, [mas eles] me

levaram no portão de casa, entrou naquela rua que tem em frente ao Shopping Continental, eu mostrei a casa, [ele] encostou, esperou eu descer, esperou [eu] abrir o portão [e] entrar para dentro, depois foi embora. Você vê como antigamente tinha gente boa? Podia ter muitas pessoas ruins, mas tinham também pessoas boas. Essas passagens assim, a gente não esquece, [porque] a gente está sempre lembrando.

Eu fui [trabalhar] em casa de família de novo, para comprar o restinho das minhas coisas do enxoval. Ele tinha muita pressa de casar, então a gente namorou pouco tempo: [em] 09 meses a gente namorou, noivou e casou. O meu falecido marido vendeu uma moto de estimação para ajudar a comprar as coisas para a gente casar logo [e] me tirou [do serviço] um mês antes. O meu pai falou assim: “*vocês podem namorar com todo respeito, mas a Lourdes não pode casar agora, porque ela ainda não tem [todas] as coisas e também [porque] é bom vocês namorarem um pouco mais de tempo*”. Ele me vestiu do civil [e] me vestiu da Igreja com sapato [e] roupa, [mas] se eu tivesse namorado um pouco mais de tempo, seria muito bom para mim, porque ele era viciado na bebida e, durante esses nove meses que a gente namorou, ele soube esconder, mas quando a gente [se] casou, logo de início eu percebi que ele bebia muito, então eu sofri muito, muito mesmo, [mas] eu agüentei firme por causa dos [meus] filhos. [O meu marido] morreu aos 63 anos com cirrose, a morte dele foi causada pela bebida.

Quando eu percebia que ele estava demorando para chegar do serviço, eu falava: “*pronto, [vai chegar bêbado]*”, porque ele ia parando de bar em bar. No dia do pagamento [era] pior, porque naquele tempo também [se] recebia na firma, [então] ele pegava o dinheiro, passava num bar [e] parava, passava no outro bar [e] parava. No dia do pagamento eu precisava parar tudo o que [eu] estava fazendo em casa e esperar ele na porta [da firma], assim mesmo ele vinha parando e isso me aborrecia muito. [Eu] perdia um tempão, [porque] naquela época eu lavava roupa para fora: a gente buscava [as roupas] nas casas, lavava, passava algumas delas, depois levava nas casas e trazia outras. Hoje não tem mais isso, porque quase todo mundo tem máquina [de lavar], [mas] tem [gente] que [ainda] paga para passar: a minha filha, por exemplo, passa [roupa] para uns rapazes vizinhos [que] trabalham no Bradesco, é uma república.

Eu demorei quatro meses para engravidar: eu casei no dia 26 de maio de 1956, quando foi em outubro eu engravidei [e] ela nasceu no dia 15 de julho de 1957, só que quando ela tinha nove meses eu engravidei do meu filho. Eu tinha bastante leite, [mas] a minha sogra morava perto e falava assim: “*você está grávida de novo, se você não tirar a neném, vai fazer mal para o seu filho*”. E naquele tempo a gente acreditava, [então eu] parei de amamentar ela, ela mamou bem pouquinho. [Eu tive] só dois filhos, eu não quis mais porque o ambiente era meio carregado, ele bebia muito [e] a minha sogra também, [mas] eu tinha vontade, [porque] eu acho bonito um casal que tem três filhos, mas eu não cheguei a ter esse gosto.

Então foi assim: a gente morou três anos na entrada do Bradesco - Cidade de Deus numa casa de aluguel. Os donos da casa moravam encostados, não tinha nem um muro que dividia [as casas], só um corredor. A dona da casa era uma pernambucana muito boazinha, ela [se] chamava Dona Anália e o marido dela trabalhava no antigo [frigorífico] Wilson, [ele se chamava] seu João. [Eles] eram um casal maravilhoso, tinham uns seis [ou] sete filhos, mas começou a desavença: a gente pagava o aluguel direitinho, quando ele recebia, a primeira coisa que [a gente] pagava era o aluguel, depois era a venda, se dava para pagar tudo, [a gente] pagava, se não dava, [a gente] pagava um pouco [e] um pouco ficava para o outro mês, era o tempo da caderneta. [Mas] tinha essa venda pertinho de casa, então ele bebia muito e começou a desavença com os donos da casa.

A minha sogra morava no Santo Antoninho, ela comprou o terreno, construiu dois cômodos e uma área grande aonde tinha [o] poço, [porque] naquele tempo não tinha água encanada, não tinha luz na rua, não tinha rede de esgoto, não tinha nada disso, mesmo quando nós compramos a nossa casa no final da avenida Yara, não tinha nada disso. Então, ela falou assim: *“O tempo que vocês [gastam] encrencando com a dona da casa, ajuntem as suas coisas e venham morar aqui”*. [Ela] amontoou as coisas dela e a gente foi, [eu] morei um pouquinho com a minha sogra, mas não deu certo, porque ela também bebia [e] eu não estava acostumada a presenciar aquelas cenas tristes. Ela pegou uma menina recém-nascida para criar, [mas] judiava muito da menina. Quando eles vieram de Pirassununga, o meu falecido marido arrumou serviço numa olaria, [então] eles foram morar no Jaraguá. [A minha sogra] contava que a mãe da menina queria jogar a menina no poço, como ela era vizinha, ela falou: *“não joga no poço, [me] dá que eu crio”*, eu não cheguei a conhecer a mulher, [mas] quando eu conheci a menininha, [ela] já tinha uns 06 anos mais ou menos. Eu presenciava cenas que eu chorava: além de bater muito na menina, [ela] colocava [a menina] de castigo [com o] joelho no grão de milho, aquela menina magrinha que dava pena de ver [com os] pesinhos no chão, [porque] não tinha chinelinho. [Eu] morei ali só [alguns] meses, foi ali onde o [meu] filho nasceu e eu passei por todos esses pedaços com aquele barrigão, [porque] do meu filho eu engordei, [tudo] o que eu não engordei da minha filha, eu engordei do meu filho.

A gente morou ali um pouquinho de tempo, foi [quando] a gente descobriu [uma] casa vizinha que o dono estava vendendo. O meu marido saiu da firma [e] com o dinheiro que [ele] tinha para receber, a gente comprou aquela casa. Eu não sei se ele saiu [ou] se ele foi mandando embora, porque ele não contava muito bem as coisas para mim [e] ele quase não parava em emprego. Ele teve bons empregos, ele podia ter [me] deixado com uma boa pensão, [por exemplo]: ele trabalhou, na Brown Boveri, tinha um ordenado bom, dava para gente se alimentar melhor, mas foi mandado embora, porque ia trabalhar sob efeito da bebida do dia anterior.

O primeiro dono do terreno ergueu aquela casa de três cômodos, hoje ela tem quatro, porque a gente construiu [uma] cozinha bem grande, [mas] isso foi à parte, [porque] quando a gente comprou [a casa] eram só três cômodos. Tem um trecho de oito casas no final da Avenida Yara, é naquele trequinho que eu moro [e] a gente ia sempre no meu pai, [porque] era perto. A minha casa é bem simples, deu para acabar um pouco, mas não [deu para] fazer aquilo que a gente queria fazer. E ainda [que] salvou aquela casa porque a pessoa que bebe não controla muito bem a cabeça, [um dia] meu marido [disse]: *“eu vou vender essa casa”*, então [ele] escreveu [uma] placa, ele mesmo escreveu, meio errada, porque [ele] teve pouco estudo [mas] colocou na cerca, naquele tempo não tinha muro, era cerca, [então] passava um [e perguntava]: *“o seu Joaquim está vendendo a casa?”* [e] eu falava assim: *“ele está vendendo, só que eu não estou vendendo, porque eu não vou assinar a venda da casa. Eu não vou assinar, [porque] eu tenho dois filhos para criar e eu não quero ficar de aluguel, um dia aqui, outro dia lá”*. Eu já sabia que ele quase não parava em emprego, no fim [ele] acabou arrancando a placa e a casa está lá até hoje, só que hoje [tem] muro, [porque] ele conseguiu fazer [um] muro. E foi assim: quando nós mudamos naquela casa, a minha filha tinha um ano e meio e o meu filho tinha 06 meses, ali eu criei os meus filhos e dali [eles] saíram casados. A gente continua ali até hoje e eu estou tocando a minha vida assim...

ENTREVISTA 11

LOURDES RAIMUNDO DA SILVA [90 anos]¹⁰⁴

A mãe do meu pai nasceu na França, foi lá que puseram o nome dela de Francelina Maria da Conceição, eu não sei a data, [mas] ela veio criança para o Brasil [e] cresceu em Salvador, [foi] lá que ela conheceu o vovô, o pai de papai [se] chamava Raimundo Benedito e papai era [chamado] Benedito Raimundo. [Quando] eles se casaram, eles foram morar num sítio que [se] chamava Catingueiro, depois eles mudaram para a cidadezinha de Itú, na Fazenda de Pirapitingüi, [foi] ali que a família toda [se] reuniu, eu nasci nessa fazenda. Isso foi da banda do meu pai, agora da banda da minha mãe, a minha avó era [chamada] Odócia e meu avô era [chamado] Manoel da Paixão, eles vieram casados da África [e] ela veio esperando um neném. [Isso] foi no tempo da escravidão, [eles] levaram seis meses para chegar aqui [e] vieram parar na cidade de Campinas, na Rua Quinze de Novembro: ali tinha uma sinhá que esperava um neném também, [quando] essa criança nasceu, a minha avó ficou tratando da criança da sinhá e deu a dela de dote, ela não conheceu o filho dela. Depois que acabou a escravidão, nasceu a mamãe [que] era [chamada] Benedita Maria da Conceição, nasceu a titia Freuzina, a titia Joana, a titia Inácia, a titia Maria e o titio João. Tudo isso que eu estou contando para você, ela contava para nós, ela reunia todos nós, dava catecismo e contava a história dela, ela contava e chorava porque ela não conheceu esse filho, [ela] teve que dar de dote. [O] dote é um presente, hoje eu dou um presente para você, [mas] naquele tempo era [chamado] dote. Era assim: quando nascia uma menina, [ela] ia de dote para o sinhozinho, que era o filho do senhor, e quando nascia um menino, [ele] ia de dote para sinhazinha, era assim trocado. [Então] eles cresciam para serem mordomos da casa [que] é quem toma conta de tudo, põe todas as coisas no lugar, naquele tempo [eles] trabalhavam de roupa branca. E foi assim: o que eu estou contando para você, foi o que a minha avó contou e [o que] a avó da banda do meu pai [também] contou, [eu] conheci [as duas].

[O] meu pai [e] a minha mãe se conheceram em Itú, porque papai também era ituano, [ele] nasceu no sítio, de modo que [se] conheceram na cidadezinha de Itú. A minha mãe morava nesses ‘cabosos’ da Lapa, aqueles pedaços de trem que são encostados [se] chamam ‘cabosos’, [a] mamãe morou ali, [ela] criava galinha [e] criava porco, então quando [tinha] que] fazer uma mudança para outro lugar, vinha [uma] máquina, engatava e já [levava] tudo, [isso se] chamava remissão. A mamãe não era da roça, a mamãe era empregada doméstica, [mas] depois que ela [se] casou, o meu pai foi morar na roça. Se eu for dizer [em quais] fazendas o meu papai morou antes de eu nascer... papai morou na Fazenda do Coqueiro, na Fazenda da Cruz Alta, na Fazenda do Vassoral, na Fazenda da Água Branca, depois ele trabalhou 03 anos na Estrada de Ferro Sorocabana que é essa estrada [aqui], [então] papai foi arremetido para a cidade de Salto [de Itú] e lá a minha mãe ficava tonta [quando] tinha que lavar roupa, porque aqui na Lapa o [Rio]Tietê era pequeno, ela lavava [roupas] nesse pedacinho de rio, [mas] lá era imenso, [então] o sentido dela fugia, [porque] ela não podia ver água grande. Quando era dia de chuva, a minha mãe aproveitava a água da chuva [e] ensaboava toda aquela roupa na bacia, [era com] a água que caía da goteira que a gente ensaboava toda aquela roupa para, no dia seguinte, torcer no rio, [mas] o rio ficava sujo, [então ela] esperava a água limpar para ir torcer a roupa, era assim.

¹⁰⁴ Data de nascimento: 30/10/1922 – Data da entrevista: 01/07/2013 – Local: CATI.

[Nessa época] papai foi tratar de café, [ele] foi tratar de 30 mil pés de café, [foi quando] eu nasci. A minha mãe estava ‘*ciscando*’ café e puxou uma cobra no pé dela, [quando] ela olhou, a cobra estava [se] desenrolando para ir embora, [mas] ela gritou, meu pai veio [e] ainda matou a cobra. No cafezal tinha farmácia, porque tinha muita cobra, [então] puseram ela em cima de uma carroça e sentaram o couro no burro. Quando chegou em casa, a mamãe entrou no quarto [e] o papai entrou na cozinha para quebrar gravetos, aqueles pauzinhos secos, para acender o fogo, porque era fogão de lenha, [então] eu chorei no quarto, o papai correu [e] eu já estava nascida, [às] cinco horas ela puxou a cobra no pé, [às] seis horas eu já estava nascida, foi assim, eu nasci de sete meses. Nós fomos [em] 25 irmãos, hoje nós somos quatro vivos: eu, a minha irmã que mora na Vila Formosa, o meu irmão que mora em Carapicuíba e a [minha] irmã caçula, que nasceu em 1940 [e] ainda mora em Itú.

Então eu fui criada na roça [e] com sete anos eu já estava na roça, eu peguei na enxada [e] fui trabalhar, fui crescendo [e] pegando o gosto pelo trabalho na roça. Quando eu fiquei adulta, eu fui trabalhar no ‘*caté*’, eu fui trabalhar [na] colheita de café e algodão, [porque] ‘*caté*’ [significa] colheita. [Quando] dava aquele café, a gente tinha que ir puxando com a mão, [mas] caía tudo no chão, [então] você tinha que abanar ele, depois ensacar e por na beira do corredor [que] era um caminho no meio do cafezal, porque tinham os ‘*taião*’ todos separados, cada um trabalhava no seu ‘*taião*’, por exemplo, [contava] 100 arrobas de café [era um talhão], [depois] contava outras 100 [era outro], aqui as quatro esquinas formam um quarteirão [de casas], [mas] lá era ‘*taião*’ [e] ninguém pegava o que você plantava dentro do seu ‘*taião*’, era mamão, era laranja, era banana, todo [mundo] tinha o seu pelo custo da casa, [porque] nós vivíamos daquilo que colhíamos ali, então ninguém podia pegar de outro. Papai foi [empregado] [em] todas essas fazendas que eu falei [e] ainda [faltou] fazenda: a Fazenda da Conceição, [a Fazenda do] Viveiro, a Fazenda do Barreto, [a Fazenda] dos Tabernários e [a Fazenda] dos Tretes, todos italianos, [porque] papai só trabalhou [com] famílias de italianos, ele foi camarada do dia [que] é quem recebia por dia, começava de manhã [e] de tarde já recebia.

Quando eu tinha 07 [ou] 08 anos, nós morávamos na fazenda da Santa Maria e papai fazia eu limpar [os] pés daqueles senhores velhinhos [que tinham] bicho-de-pé, [então] eu ia naquelas casas [para] limpar, [eu] tinha um banquinho de três pernas que [se] chamava ‘*untanha*’ [e] que era feito de madeira, [então] eu levava aquele banquinho, sentava, punha os pés dos velhos numa bacia, lavava os pés deles e tirava aquele bicho dos pés deles, porque eles não podiam andar, [então] eu punha creolina na bacia [e] lavava os pés deles para outro bicho não entrar, [eu] andava na colônia, caçando aqueles velhinhos que não podiam andar [e] limpando os pés deles, porque não é todo mundo que conhece bicho de pé, a pessoa pega dos porcos, então eu andava fazendo essa limpeza nos pés [e] limpando a cabeça das pessoas que juntavam piolho, todo mundo queria, papai mesmo sempre tinha um bicho no pé [e] era eu quem tirava porque ele dizia que a minha mão era leve.

[Eu] sempre ajudava as pessoas, [se] tinha uma pessoa doente, papai sempre arrumava um pedaço de hora [para] eu ajudar aquela pessoa a arrumar a cozinha, a varrer a casa [e] a buscar água porque a gente [tinha que ir] longe para encher aquele quinto de água, todo dia [a gente] enchia um quinto de cem litros em casa, você ia buscar água em um lugar que a lama batia aqui [no Joelho], você ia atolando [e] não sabia o que tinha lá embaixo que pudesse cortar o seu pé, [então] tinha aquela poça de água, às vezes [as] vacas faziam xixi lá para cima [e] vinha tudo ali, [mas] nós não tínhamos outro recurso, nós tínhamos que tomar aquela água e nunca fez mal. Tinha uma nascente de água no pé de umbaúba, que é uma árvore, e a gente pegava aquela água, [porque] sempre nasce água no pé da umbaúba, mas a gente [também] sempre coava, mamãe não gostava [quando] a gente não coava aquele líquido e punha a boca,

ela dizia: “*esse limbo vai roçar na sua tripa*”, [então] nós levávamos o pano [e] ele ficava verdinho de limbo, [porque] a gente punha na boca do balde [e] tirava aquela água para levar para casa. [Quando] aquelas mulheres não podiam buscar, papai dizia assim: “*a Lourdes vai buscar água para a senhora*” então a gente ia com aquele pau aqui no ombro, punha um balde aqui [e] outro balde lá, a gente vinha equilibrando aquele pau bem torto para trazer água para aquelas pessoas que não podiam ir buscar.

Eu só estou contando, [eu] não estou reclamando do que eu passei na vida, às vezes as pessoas acham tudo difícil, [então] eu falo assim: “*gente, não faça a coisa difícil*”, eu já passei por todas essas coisas e estou muito feliz por estar contando para vocês o que eu passei, [porque] hoje é tudo fácil, você abre a torneira [e] ali cai água, [também] tem o gás no fogão. Naquele tempo nós tínhamos que ir no mato [para] derrubar aquela árvore seca [e] trazer lenha para mamãe cozinhar, eu não deixava a mamãe passar falta de lenha em casa, [quando] chegava dia de chuva, ela tinha [os] cinco cantos da casa dela cheios de lenha para cozinhar, na soca de arroz, eu sempre estava no pilão socando para mamãe ter arroz para nós comermos. A minha vida foi essa: [eu] já trabalhei em derrubada, eu gostava de ver a árvore caindo, nós gritávamos quando ela rangia porque [estava] caindo, todo mundo ficava escutando; [eu também] já trabalhei na abertura de estradas com enxadão, eu [ainda] tenho o enxadão do meu pai porque eu faço buraco no quintal de casa para plantar as coisas, o enxadãozinho está gasto, mas está lá. O que eu já fiz: de abrir estrada, de trabalhar com enxadão, [de] trabalhar com arado, [de] trabalhar com o plainé [que] é uma coisa grande de três lados, que nem um triângulo cheio de pregos para a gente trabalhar com o burro, ele vai limpando o chão [e vai] levando [o] lixo, a terra ficava limpa [com] aquele risco para depois a gente plantar. Só a plantação do nosso amendoim [é que] não nascia, [porque] quando o papai mandava a gente plantar o amendoim, nós comíamos o amendoim e sempre tampávamos o buraco sem [nada dentro], [então] ele queria que a gente plantasse o amendoim cantando para ver que a gente não estava comendo, ele dizia assim: “*ué, não nasceu?*” [e] a gente falava: “*o passarinho comeu*”, porque tinha aquele vira-vira que [quando] você plantava milho, ele tirava e comia, então [a gente] punha a culpa no passarinho, mas [era a gente que] tinha comido [risos].

[Eu também] trabalhei na colheita de algodão, [eu] tirava dez arrobas de algodão por dia na Fazenda do Castilho, em Itú. Eu trabalhava com um russo, o Zacarias, a mulher dele [que] é a dona Virgínia, o João e a Cristina que era a durona do serviço, eu aprendi a colher essas dez arrobas de algodão com a Cristina, filha do Zacarias. Então eu ficava no rancho a semana toda colhendo algodão, lá tinha verdura natural da terra, [por exemplo] você não plantava o almeirão, você colhia da terra, ele vinha branco embaixo daquele capim [e] você [ainda] pegava aquele [capim] para fazer salada, aqui [se] vende serralha, couve [e] mostarda, [mas] lá era tudo natural da terra, a terra dava e a gente tinha aquelas coisas para comer, então [nós] só ficávamos no rancho. O patrão [ainda] falou para o meu pai: “*Benedito, quando você for fazer a sua filha casar, faça ela casar com um homem bem trabalhador, porque para tirar dez arroba de algodão...*” é muito, [mas] a Cristina e eu tirávamos, nós colhíamos mesmo: tinha assim uns cinco metros de pés de algodão [e] uma carreira de milho, cinco metros [e] outra carreira [de milho], [então] nós pegávamos aqui, quando chegava de tarde, nós estávamos lá, [nós] não sabíamos a distância, [mas] se a gente gritasse de lá ou daqui, [a gente] não escutava. Só que nós não ensacávamos o algodão, [nós] íamos colhendo [e] amontoando, quando chegava de tarde aquele algodão era todo ensacado [e quando] chegava no sábado, [ele] era pesado. [Então] papai ia para pegar o dinheiro, o papai ia só para pegar o dinheiro. Nessa época eu estava com 16 anos, [mas] nós não tínhamos recurso nenhum: eu cheguei a arrancar um dente meu com o canivete de tanta aflição que eu tinha com aquela dor de dente, a gente não podia ir ao dentista porque tinha que trabalhar, [então] eu passei a mão

no canivete e arranquei o dente com raiz e tudo. Nessa hora eu já tinha um canecão com salmoura [e] comecei a banhar [a] minha boca, no sal [e] no vinagre, porque o vinagre cortava o sangue [e] pronto, o meu rosto ficou assim [inchado], ficou um buracão [e] custou para cicatrizar, mas depois disso, eu nunca mais tive dor de dente. E foi assim, a minha vida foi aos trancos e barrancos [risos].

[Então] nós fomos morar na Fazenda do Breganhole, nessa fazenda a gente tinha que [trabalhar porque] um casal sem filho não tinha valor, o patrão [já] contava com os nossos braços, [mas] no fim do ano o papai não saiu com nenhum tostão na mão, [então] a gente teve que desocupar a casa para outra pessoa entrar. Eu estava com 18 anos nessa época que o papai ficou sem morada. [Então] nós saímos para a Estrada de Guaratinguetá que era só mato [e] papai falou para mim: “*Lourdes, onde nós vamos? nós não temos onde ir*” eu falei: “*papai, o senhor encosta os ‘trem’ tudo embaixo daquela árvore e nós ficamos ali*”, o carroceiro chamava Benedito [e] papai falou para ele: “*Benedito encosta a mudança ali*” [e] depois falou assim: “*eu lembrei [de] uma coisa: vamos na casa da Júlia*”, [ela] era a minha irmã mais velha [e] morava na entrada de Porto Feliz. Quando nós chegamos, ela nos recebeu daquele jeito brava, eu fazia de tudo para agradar ela, eu ia buscar lenha, [mas] ela [estava] sempre brava com a gente [risos]. [Então] eu arrumei um serviço na chácara do Alberto Gomes, eu trabalhava o dia todo para ganhar quatrocentos réis, era uma moeda, [mas] aquilo estava bom para mim, [eu] lavava roupa, arrumava a cozinha e catava manga, tinha [tanto] pé de manga que fazia sombra no chão, [então eu ia] catando manga e pondo no caixote. [Quando] chegava no fim do mês, a dona Alice vinha com aquela moeda, só que ela também me ajudava muito, [ela] dava coisas de comer para eu levar para casa, me dava roupa [e] aquela moeda, papai fazia tanta coisa com aquela moeda, eram quatrocentos réis, [mas] dava para pagar tanta coisa.

Depois nós voltamos para a Fazenda da Conceição [e] lá eu arrumei um namorado, eu tinha 20 anos [quando] eu comecei a namorar. [Eu] conheci [meu marido] Francisco na fazenda, ele era camarada do dia [e] trabalhava [de] arar a terra, [mas] era tudo dividido, [quando] trabalhava a terça era assim: metade era do patrão e metade era sua, você fazia o que queria [na sua metade]; [quando trabalhava a] quarta então dividia em três, um pedacinho [da terra] era seu e três [pedacinhos] eram do patrão, então ele trabalhava assim. Eu casei depois de um ano, [mas] o padre não queria fazer o casamento porque dizia que eu o conhecia ele [há] pouco tempo, [então] a mãe dele veio [da fazenda] e falou para o padre que quem tinha tido ele era ela, [então] o padre fez o casamento [risos]. Naquele tempo [se] fazia o papel e levava três meses para casar, chamava-se pregão, na hora da missa, o padre falava: “*a filha de Benedito Raimundo vai se casar com o filho da dona Sebastiana*”, todos ficavam sabendo daquele casamento. [Quando] chegava no outro mês, [se] fazia aquele pregão [de novo], dizendo que a gente ia casar, [quando] chegava no outro mês, [então] não podia falhar, [porque] no outro seria o casamento [e] se não casasse, era [considerado] foragido. O negócio não é que nem agora, naquele tempo eram noventa dias de pregão, aquilo era anunciado [por] noventa dias [e], naqueles dias, todas aquelas noivas apareciam na Igreja, [quando] chegava na quarta semana, na semana do casamento, se caso [o noivo] não aparecesse, a polícia ia atrás [risos].

Eu me casei em 1947 [e] em 1948, nós mudamos no Jabaquara, perto da Vila Guarani. Eu queria conhecer São Paulo, [mas] tinha medo de São Paulo, [então] o que eu fazia: eu tomava o bonde na São Judas, [quando] chegava na praça João Mendes, [eu] não descia do bonde [e] voltava para atrás, era só para conhecer aquele pedaço [risos]. Eu tive três [filhos], um nasceu em 1948, outro em 1950 e outro em 1952, mas eu tenho só esse caçula, porque Deus levou um [e] o outro sumiu. Do Jabaquara eu mudei na Vila Moraes, na Vila Guarani

[e] na Água Funda, [sempre] assim pagando aluguel. [O meu marido] foi trabalhar no trilho do bonde, depois ele foi trabalhar na Monções, depois ele foi trabalhar na Sobrafe para fazer buraco no chão [e] tirar terra lá debaixo para ver a firmeza da terra: [ele] colocava aquela terra numa latinha e essa lata ia para aqueles homens que erguem prédios para ver a firmeza da terra. Depois ele foi trabalhar na cidade de Cerquilho para erguer uma ponte que tinha caído em cima do rio, essa ponte caiu [por causa de uma] bomba que explodiu na cidade em 1947, nós [ainda] morávamos na fazenda [nessa época]. Quando explodiu aquela bomba, tudo soverteu na água, a ponte [e os] carros que estavam em cima da ponte, o estouro foi tão forte que o sopé do barranco onde eu morava caiu [e] as pedras que estavam no muro rolaram, veja bem a distância da Fazenda da Conceição até a cidade de Cerquilho. [Então] nós estávamos aqui [no Jabaquara] [e] ele teve que trabalhar para erguer essa ponte, ele ficou seis meses trabalhando [em Cerquilho] [e] eu fiquei aqui, nesses seis meses ele veio só duas vezes para casa. [Isso] foi depois de 1952, porque eu já estava com os [meus] três filhos. Depois que ele voltou de lá, ele foi trabalhar na cidade de Rezende, perto do Rio de Janeiro, até quando eu mudei aqui [em Osasco] ele estava em Rezende.

A gente comprava saco de carvão para cozinhar [no Jabaquara], [mas] eu cheguei [a] fazer [um] fogão no quintal de casa para cozinhar com lenha, eu fiz o fogão [e] quando meu marido chegou em casa, eu estava com meu fogão feito lá no canto: [eu] fiz o buraco, pus a forquilha, fiz o barro e barrei o fogão, porque não tinha chapa, [então] eu abri uma lata de 20 litros, ficou a folha desse tamanho, [então] eu fiz um buraco aqui, outro buraco [e] outro buraco, pus um ferrinho por baixo para não abaixar e barrei ao redor para não sair o fogo, furei a parede lá fora e pus uma chaminé, as vizinhas começaram a cozinhar o feijão lá em casa, elas me davam lenha [e] eu cozinhava o feijão delas e cozinhava o meu. [Depois] passou um caminhão da loja e deixou fogão e gás para a gente ver como que era, quando eles voltaram, eu comecei a pagar o fogão, [então] já viemos com o fogão Dako para [Osasco], mas mesmo assim eu cozinho com lenha até hoje, eu tenho um fogão a ferro e um fogão de lenha.

[Quando] o meu menino [mais velho] era pequeno, eu lavava roupa [para] quatro casas [e] no dia que nasceu o meu filho do meio, eu tinha lavado roupa o dia todo, puxando vinte litros de água de um poço [que] tinha vinte e cinco metros de fundo, quando foi nove horas da noite, ele nasceu, [então] eu falei assim: “*foi de lavar roupa*” [risos]. Enquanto ele era pequeno, eu fui ama de leite: eu morava num cômodo só [e] tinha só uma separação com pano, ainda era no tempo do guarda civil, não tinha tanta coisa como tem agora, então a porta amanhecia aberta; uma mulher tinha tido uma criança [e] o seu Zé, [que] era o avô [dessa criança], ele atravessava a rua [e] vinha trazer a criança para eu dar de mamar. Tinha outro senhor [que] era condutor de bonde [e que] também trazia uma criança, eu era muito conhecida, eu não queria cobrar, [mas] ele me dava mantimento, canjica, leite, carne, tudo para que eu pudesse manter o leite para as crianças. [Quando] as crianças dele pararam de mamar, eu fui dar o meu leite no [Hospital das] Clínicas, lá era vendido, mas eu não vendia, eu dava o leite, eu colocava aquela máquina [e] deixava o leite lá, eu tinha muito leite, depois eles começaram a vir buscar em casa.

[Mas] eu ainda pagava aluguel [e] era muito difícil, [então] apareceu um senhor dizendo que tinha uns terrenos para vender aqui [em Osasco]. [Nessa época] eu estava trabalhando na Dona Dina, [então] ela me adiantou o dinheiro para eu dar [como] entrada aqui onde eu estou morando [hoje], eu falei: “*depois a senhora desconta no meu pagamento*”, [mas] quando eu fui descontar, ela disse: “*não, eu dei de presente para você*”. [Eu] trabalhei 35 anos [com ela], quando eu fui trabalhar para ela, eu estava numa pindaíba, [foi] ela que me ajudou [e] no primeiro dia que eu trabalhei, [eu] já fui com um saco de roupa assim para casa.

O seu Virgílio, [marido dela], era gerente [de] uma casa muito chique no final da [avenida] Paulista, ele [sempre] trazia uma cumбуca de barro cheia de feijoadada para eu levar para casa. O meu marido chegou a ter só uma peça de roupa dependurada na estaca, não tinha roupa para vestir, [mas] depois que eu entrei [na casa] dessa dona Dina, a minha vida foi endireitando, foi na casa dela que a minha vida subiu o degrau da escada, [porque] eu já estava lá no final do poço. Eu trabalhava por mês e ela dava férias para mim, que gostoso [foi] a primeira vez que eu tirei férias. Ela fez anos agora no dia 24 de São João, [então] eu telefonei para ela [e] nós ficamos um pedaço de hora conversando, porque ela não se põe como se ela fosse uma patroa e eu uma empregada, ela telefona sempre para mim.

Eu trabalhava para ela, mas ela contribuía [com] a gente dela também, [então] eu trabalhei na casa da Dona Lola que era tia dela e na casa da Dona Carmela [que era] conhecida dela, todas na Vila Mariana. [Quando] a Dona Lola ficou doente [e] foi internada no Hospital Beneficência Portuguesa com leucemia, eu ia trabalhar [de dia] [na casa da Dona Dina] e de noite [eu] ia dormir com ela, porque todo mundo tinha medo da doença dela, diziam que era ‘*pegativa*’, mas não era nada, a doença mais ‘*pegativa*’ que nós temos é a língua. [Só que] eu não ando de elevador, [então] eu subia ao sétimo andar pela escada para ficar com Dona Lola, para você ver a minha coragem [risos]. Depois ela foi para o Hospital São Luiz e eu ia dormir com ela no Hospital São Luiz também, sempre ajudando, porque elas foram muito boas para mim, [mas] nem que não fossem boas, é uma coisa que eu tinha que fazer, era a minha missão.

[Então] eu vim morar aqui [em Osasco] [e] daqui eu só saio quando Deus quiser [risos]. Quando eu vim para cá, meu filho [tinha] 09 anos, agora ele está com 61 anos. Eu moro no Veloso, eu moro pertinho da Sara Veloso que é uma avenida que nasce aqui no Santo Antônio e vai embora para o lado dos Metalúrgicos, então é [no] Veloso 01 [que] eu moro. Quando eu mudei, ali era tudo ‘*feitar*’ de gado, era um campo que só tem gado, então chama-se ‘*feitar*’. Tinha aquele gado branco, parece que o nome daqueles bois é gado Santa Gertrudes, [tinha] cada boi grande, [a gente] estendia a roupa no varal, [mas] eles passavam com o chifre e tiravam [risos]. De tanto que o gado passava ali, ficava aquele ‘*trio*’, então você usava aquele ‘*trio*’ do gado [para andar], não tinha rua, era aquele ‘*trio*’, esses lugares chamam-se caatinga. O dono desse gado era um turco, todo mundo ainda trata [ele como] ‘*Fuado*’.

[Naquela época] só tinha a casa do Zé Negrão, do seu Ribeiro e do Salu, com a minha inteirou quatro barraquinhos, [mas] depois foi juntando, agora você anda o dia todo no meio de casas, está muito bonito esse lado daqui. [Quando] eu ia trabalhar, a gente vinha tomar ônibus ali na Praça do Salgado, aquelas moças que trabalhavam no banco na cidade, [traziam] o sapatinho dentro de uma sacola, [quando] chegava ali, [elas] entravam no ônibus, limpavam o pé [e] punham aquele sapatinho, a gente chegava com o pé todo barreado, o ônibus ficava que nem um chiqueiro [e] o motorista não achava nada bom o que a gente fazia [risos]. Então eu tomava esse ônibus [e] descia na Vila Yara para tomar outro ônibus para a Vila Mariana, [onde] era a casa da Dona Dina. Às vezes eu ficava a semana [inteira] lá, [então] a minha vizinha Dona Albertina, que era esposa do seu Ribeiro, ficava olhando o meu filho, porque ele ainda não era grande. Eu ficava lá porque a dona Anita, que é mãe dessa Dona Dina, ficou doente, [então] me chamaram para tomar conta [dela], eu ficava oito dias lá [e] depois voltava para casa, [nessa época] o meu marido entrou de férias e ficava em casa com o menino, depois ele entrou em serviço, então quando eu estava chegando em casa, ele estava saindo, ficamos que nem o dia e a noite.

Nós dois plantávamos [e] criávamos galinha no quintal de casa, o meu custo saía do quintal de casa, porque ali eu tinha banana, laranja, limão, ameixa, manga [e] mandioca. [Hoje] eu não tenho porque eles construíram [e] arrancaram tudo, mas mesmo assim tem um pé de mamão que está carregado e um pé de maracujá que subiu no pé de mamão, [tem] também o pé de chuchu que eu planto e outros pés que também estão subindo. Eu tenho remédio plantado no quintal, eu tenho poejo, hortelã miúdo, hortelã do norte, carqueja [e] manjerição, tenho uma folha gorda que é boa para quem tem gastrite, eu não tenho, graças a Deus, mas tem gente que tem gastrite [e] dor de estômago, [então] aquela folha é boa para curar essas coisas, [eu tenho] uma flor branca que cura esporão [e] tenho um pé de tomate que dá vontade de tirar uma foto dele, [porque] está mais alto do que eu, [ele] está subindo igual ao pé de feijão mágico. Eu tenho todas essas coisinhas plantadas num pedacinho de terra [e] a turma vai buscar lá em casa, todo mundo fala: *“vamos buscar na dona Lourdes, [porque] a dona Lourdes tem”*. O meu filho falou assim: *“mãe, que mão que a senhora tem que tudo o que senhora planta aqui dá!”* [e] eu falei assim: *“meu filho, Deus me deu essa inteligência e nós estamos morando em cima da terra, [então] a gente tem que aproveitar a terra”*, assim eu planto couve, nem que seja um pé só, [porque] sempre vai ter uma folhinha para fazer um caldo verde. É gostoso mexer na terra, eu gosto.

E tem o pé de feijão andu [que] é uma planta muito boa: na Fazenda do Breganhole onde eu morava tinha um senhor que [se] chamava Anapião, ele tinha um casal de filhos, a Gertrudes e o Zé, o Zé ficou com uma dor de barriga e foi internado, [mas] o médico mandou ele para casa para morrer em casa porque disse que não tinha cura, [então] apareceu uma senhora na fazenda [e] conversando, [porque] na fazenda um conversa com um, a mãe do Zé falou assim: *“eu estou com o meu filho na cama porque o médico mandou para casa para morrer em casa”*, ela falou: *“a senhora tem coragem de andar?”* [e] saíram andando para os lados de um lugar longe que [se] chamava Porteli, ela falou assim: *“vamos procurar o feijão andu [e] dar para o Zé”*, [elas] acharam o feijão andu, [então essa mulher] cozinhou, fez o virado e deu para o Zé comer, [depois] pegou a folha do feijão andu, deu banho no Zé e deu um pouquinho para ele beber, no dia seguinte o Zé já estava melhor [e] quando eu mudei para cá, em 1948, o Zé já estava trabalhando na roça com o pai dele. No interior você sempre acha uma pessoa que sabe, não é todo mundo que acredita em benzimento e remédio caseiro, [mas] eu tenho uma coisa com aquele meu pé de feijão, [porque] abaixo de Deus, eu tenho uma fé nesse feijão. Tinha uma carreira de feijão andu aqui [no CATI], eles cortaram, mas é um santo remédio para dor de barriga de quentura, pois esse Zé estava assim e sarou, [outro] dia tinha um cachorro no quintal que estava com esse problema, [então] minha nora e eu, fervemos a folha do feijão, demos banho no cachorro, despejamos aquela água na boca dele [e] o cachorro ficou [bom]. Quem me ensinou todos esses remédios foi a minha avó Odócia, que é a mãe da minha mãe, e também a mãe do meu pai [que] sabia usar muito remédio porque tinha índio na família, a minha família é toda misturada.

Na fazenda onde a gente morava, a gente não tinha médico, a gente vivia só das ervas: poejo, hortelã, alfavaca, manjerição eram os nossos remédios. [Quando] chegava [na] sexta-feira da paixão, meu pai ajuntava aquela turma de homens e ia buscar raízes no mato: buta, que é uma raiz amarga, canela [e] sassafrá, assa-peixe também [porque] a folha é veneno, mas a casca é remédio, então papai ia buscar [e] punha para secar dentro de casa para ter aquilo durante o ano, ele [ficava] seco, mas servia para fazer remédio. Ele nunca tinha remédio para dor-de-cabeça, mas ele tinha uma mania que a vovó ensinou: quando a pessoa está com dor de cabeça [tem que] ficar fazendo massagem na chave da mão, depois molhar dois dedos na água e fazer [massagem] aqui na fronte, [tem que] ficar descontraído [e] pensar numa coisa boa, porque a gente pensa tudo o que é bom na cabeça, [então] a dor de cabeça vai embora, eu nunca tomei remédio para dor de cabeça, foi minha avó que ensinou e eu passo para os outros.

Eu não sou aquela pessoa que quero tudo para mim, eu quero que todo mundo tenha aquela coisinha, pelo menos uma coisinha assim, eu gosto de ver a pessoa contente, então eu quero distribuir a minha felicidade para todos, eu não gosto de ver as pessoas tristes. [Então] tem [essas] coisas que eu posso falar e coisas que [eu] não [posso], porque tem coisas que eu vi, [mas] que nem toda pessoa acredita que aconteceu, não é coisa que fulano contou, são coisas assim que a gente viu, só que a gente não sabe desvendar aquele mistério, tem coisa que a gente não pode contar porque é sobrenatural, você entende o que é algo sobrenatural? [Eu] poderia falar, mas fica para outra vez, são coisas que passaram pela gente e a gente fica com aquilo gravado. Eu vou falar uma coisa para você: eu perdi o sono [na] sexta-feira, eu não sei o que aconteceu comigo, eu não conseguia dormir, mas eu não podia fechar os olhos, [porque] quando eu fechava os meus olhos, eu enxergava um cenário, naquele cenário tinha [um] homem de roupa branca no meio das ovelhas, eu levantei, tomei um pouquinho de água com açúcar e consegui dormir, [mas] eu dizia assim: “*acho que era o bom pastor*”, porque tem um Colégio Bom Pastor lá no Ipiranga [que] tem aquela imagem, mas eu não estava nem pensando naquela imagem, porque já faz mais de vinte anos [que] eu passei [por] lá.

Depois que eu [me] aposentei, eu ainda trabalhei dezoito anos na casa de um japonês, eles tinham uma chácara aqui na Estrada da Rosa, tinha um senhor que vendia porco, o seu Nenê, tinham aquelas árvores de castanha dos portugueses, aquela castanha que a gente cozinha ela, que tem a casca marrom, tinha muita verdura ali, cortaram tudo aquelas árvores [e] vão construir apartamentos [lá], mas era tão bom ali, eu gostava de lá. Depois [eu] fiquei tomando conta das crianças dele, a menina está com 10 anos agora [e] o menino está com mais, [mas quando] chega no fim do ano, eles vêm em casa [e] eles [me] chamam de vó preta [risos]. Faz um ano que eles mudaram para Vargem Grande, [mas] ele [ainda] faz feira aqui na Vila Yara, quando eu vejo aquele caminhão encostando na porta de casa, [eu sei que é] o Paulinho [trazendo] verdura para mim.

Na rua de casa todas as crianças me chamam de avó, então aquilo para mim é uma grande felicidade, criança que eu vi nascer, [criança] que [eu] já conheci grande, tem uma tal de Mariana [que] dá vontade de não sair mais de perto dela, eu vi nascer, ela ia nascer lá no portão da minha casa [e] a Mariana já está com 33 anos, quando às vezes eu vou na casa da mãe dela [que] eu vejo que ela tem cozinha para arrumar, [eu] faço o serviço para ela, [porque] eu sei que ela tem uma dor muito grande na perna, então eu vou lá [e] ajudo ela, [depois] ela atravessa a rua [e] vai me levar na minha casa, é só atravessar, sair daqui e entrar ali, mas ela tem o prazer de ir de braço comigo, [de] levar eu até na porta de casa, então a Mariana está com 33 anos e nós morando assim em frente uma da outra. E quando eles não me vêem, [eles perguntam]: “*a senhora sumiu?*” [e] eu falo assim: “*é que eu bato uma perna, eu saio todo dia*” [risos]

Toda segunda-feira tem o coral na Igreja Nossa Senhora de Fátima, eu cantei muito [no coral], [mas eu] saí agora porque eu acho que não tenho voz. Eu cantei muito com meu pai, porque meu pai era capelão, [então] cada vez que ele contemplava um mistério, eu tinha que tirar um hino que o dono da casa pedia, [eu] vivia rezando de noite em Santa Cruz, aqui não tem Santa Cruz, você sabe o que é a Santa Cruz? [O] dia 03 de maio é [o] dia da cruz, então nesse dia, a gente saía para cantar em todas as cruzes na beira da estrada, era uma devoção. Na fazenda onde a gente morava em Itú, tinha a cruz de pedra que ficava na estrada de Porto Feliz, mais para frente tinham sete cruzes aonde um homem acabou com a família toda [e] tinha [também] a cruz no ‘*Alto do Frade*’, a gente ia para umas quatro ou cinco cruzes na beira da estrada e fazia a oração, mas a que mais cativou a gente foi essa que eu falei que tinha sete cruzes: o homem chegou do serviço [e] naquele tempo as crianças chegavam [a] correr [para] encontrar com o pai, falar ‘*bença*’ e beijar a mão, [mas] depois

dessa vez, nós não encontrávamos mais com o meu pai, [nós] tínhamos medo, porque eu não sei se o homem estava louco, [mas] ele estava com o machado no ombro e foi devorando um por um, só escapou a mulher porque ela saiu pela porta da cozinha, então ela tinha sete cruzeiros no quintal, e nós íamos rezar lá [em] todo dia da cruz. Todo mundo rezava, [alguns] levavam aquele saco de biscoito, eu tinha aquele biscoito maçã para servir [no] café, [a gente] ia para [uma] cruz onde fazia a oração e servia o café, [depois] a gente ia para outra e depois vinha todo mundo para casa. Na Semana Santa também tinha um grupo de pessoas que ia para [rezar em sete fazendas], sete é conta de mentiroso, mas [nós íamos em] sete fazendas [para] rezar. Quando chegava na Sexta-feira da Paixão todo mundo ia numa cruz, o dono daquela casa saía com a gente [e] ia amanhecer na cruz, fazendo oração. Eram [as] nossas coisas lá na roça e a gente vivia tão bem, a gente era tão feliz e não sabia.

[O] meu pai rezava muito para as pessoas, porque às vezes faltava um da família, [então] papai ia nove dias [para] rezar naquela casa e eu tinha que ir [junto], só que daí [a gente] não cantava porque era para pessoa que tinha falecido, era só [o] terço e ia para casa, no outro dia [a gente] ia de novo [e] rezava outra vez, nós não cantávamos [no] terço para corpo, quando cantava era [a] ‘excelência’, mas a ‘excelência’ é uma reza muito forte, [então] a gente não pode cantar, a excelência é só na hora que o corpo está ali presente. Então tudo isso meu pai fazia e a gente tinha que acompanhar. Eu [também] tinha que rezar sempre no começo da quaresma, a gente tinha que cantar pecador:

pecador agora é tempo
de contrição e de temor
serve a Deus
despreze o mundo
já não seja pecador

estamos no tempo santo
que o pecado faz horror
ouvindo santa omissão
já não seja pecador

Essa era a reza do primeiro dia da quaresma, são todas essas coisas que se passam no interior. Aqui [em Osasco] tinha só negócio do divino que andava por aqui, mas eles tiraram, porque deram uma surra no homem, diziam que o homem estava pegando dinheiro para ele, [mas] não era, tinha mesmo a festa do divino, ele andava com aquela pombinha tirando o dinheiro [aqui], mas a festa era lá em Santo Amaro, porque [era] lá que tinha a Igreja do Divino. Depois que deram [uma surra] no homem, [ele] não veio mais aqui, mas tinha mesmo a festa, porque eu já participei, ele convidava todo mundo, tinha comes e bebes, tinham aquelas pessoas que vestiam aquela roupa cheia de serpentina, era muito bonito. Eles queriam [que] aquela esmola [fosse] dada por mão de criança, nós adultos não dávamos, a gente dava na mão da criança [e] a criança dava, a criança ficava feliz da vida. Eles sempre tinham uma palavra bonita para dar [e] era tudo assim rimado:

Deus te salve da esmola
da menina do bom porte
a mal sina que tiver
o meu divino é que corte

Deus te pague da esmola
dado por mão de menino
o Divino Espírito Santo
que ilumine o seu destino

Ele andava com a pombinha, quando ele ia passar aqui em Osasco, ele punha aquela pombinha dentro do saco e ele tinha uma bandeira vermelha, se ele entrasse ali na sua casa, aquela bandeira ficava no portão e quando ele saía, ele pegava a bandeira, a bandeira tinha a fotografia de uma pomba. Era bonito, [mas] [aqui em Osasco] não tinha [a festa do divino], aqui não tinha [nem] mesmo [a Festa da] Santa Cruz, [mas] eu vi uma Santa Cruz aqui na Raposo Tavares, [ela] está sempre enfeitada [com] fita azul [ou] fita vermelha, porque tem gente que tem [costume] de rezar na cruz todos os dias, [não tem a festa], é só a oração.

E a minha vida foi essa, eu gosto de contar a minha vida, porque às vezes [por] qualquer coisinha as pessoas estão nervosas e tem coisas muito mais difíceis na vida, [mas] a pessoa [torna] tudo difícil, as coisas são fáceis e [a pessoa] faz difícil. A gente tem que passar por aquilo para depois a gente [poder] contar.

ENTREVISTA 12

MARIA AGOSTINE FERNANDES [74 anos]¹⁰⁵

Eu nasci em Presidente Bernardes do estado de São Paulo, porque tem no [estado] de Minas [Gerais] [também], mas eu sou do estado de São Paulo mesmo. O meu pai morou lá duas vezes, eu não lembro o lugar que ele morou quando eu nasci, [mas] eu voltei a morar [lá quando] eu tinha 09 anos. Eu ainda lembro alguma coisa de Presidente Bernardes: eu lembro da Igreja [e lembro] que o meu pai me tirou da escola, porque [eu] fui para a roça. [Eu] não cheguei a trabalhar [na roça], o meu irmão mais novo e eu [apenas] carregávamos o almoço. A minha mãe fazia almoço [entre] 8h00 [e] 08h30 e a gente ia levar para o meu pai. Nós íamos brincando pelo caminho da roça, pegando ovinho nos ninhos de passarinho.

Eu saí com 12 [anos] de lá [e] fui para Alta Paulista, porque parece que Presidente Bernardes é Sorocabana e nós fomos para Alta Paulista, que é Oswaldo Cruz. O meu pai ia para o sítio, voltava para a cidade, voltava para o sítio de novo, mas de roça eu sei tudo: eu colhia arroz, feijão, algodão, tudo isso eu fiz, porque eu tinha 16 anos [quando] eu saí da roça [e] fui para a cidade, o meu pai mudou para a cidade. O meu marido era de [Oswaldo Cruz], mas ele já tinha morado aqui em São Paulo, [ele] não acostumou [e] voltou para lá, [porque] a gente acostuma com aquela coisa do interior.

Eu vim morar aqui em Osasco no ano [em] que eu casei, [isso] foi em 1957, porque o meu pai alugou uma casa [e] veio de mudança. Eu conheci o meu marido [quando] eu já tinha 17 [anos], [naquela época] a gente estava namorando [e] o meu pai apressou o casamento. Eu tinha 18 [anos] e meio quando eu casei [e] ele tinha 19 [anos]. [Eu] dei os nomes no cartório no interior de São Paulo [e] dei os nomes na Igreja Matriz de Santo Antônio, porque meus tios moravam aqui, meus padrinhos de batizado.

Nessa época que eu casei, o meu pai alugou uma casa aqui na rua do cemitério. Eu fiquei pouco tempo, mas eu conhecia a [rua] Primitiva Vianco, porque eu lembro de um casaco verde que a minha mãe comprou [lá] para mim, eu gostei. A [rua] Primitiva Vianco era ‘feínha’, era aquele asfalto preto, sujo de barro preto e hoje em dia está melhorando. Só que eu fiquei só um mês morando aqui na época, casei e voltei lá para o interior de São Paulo, tivemos três filhos e quando fez dez anos que eu tinha casado, eu voltei para Osasco.

Mas eu falo que eu me arrependi ter ido para lá. Se a gente tivesse ficado aqui na época, sem filho, tentando trabalhar, a gente podia ter [tido] uma vida melhor, porque eu sofri muito depois disso: pagar aluguel, três filhos na escola, a mais velha tinha 09 anos quando eu vim para cá, o segundo tinha 08 [anos] e a outra tinha 07 [anos] e pouco, tudo assim um atrás do outro. Mas também [eu] parei, falei assim [risos]: ‘*quero que Deus me ajude, que eu não fique mais [grávida]*’ [e] não fiquei grávida não. [Mas eu] tive meus méritos também, né? Eu estava mais esperta que a mãe da gente: a minha mãe teve 10 [filhos] vivos, [fora] os abortos, a minha sogra também, o finado meu marido era o filho caçula de 13 filhos da minha sogra.

Meu pai voltou para lá quatro meses depois do meu casamento. Eles estavam pagando aluguel aqui e tinham a casa lá, [mas] estava dando problema com os inquilinos, [porque] não pagavam [e] não cuidavam da casa. Quando eu voltei para cá, [meu pai] vendeu a casa lá e voltou de novo, ele comprou um terreno aqui em Osasco mesmo, no Jardim Novo Osasco. Eles ficaram acho que uns cinco anos. Depois da morte do meu irmãozinho com aquela

¹⁰⁵ Data de nascimento: 29/11/1938 – Data da entrevista: 10/06/2013 – Local: CATI.

meningite que deu em 1971, eles desgostaram, venderam a casa e foram para essa cidade [chamada] Lucélia.

Então eu voltei [para Osasco] depois de dez anos de casada, [em] 1967. Só que eu vim morar aqui perto do Bela Vista, eu pagava aluguel. Quando a minha filha caçula estava com 12 anos, hoje ela tem 51 [anos], eu fui trabalhar: trabalhei em Pinheiros, depois trabalhei aqui em Osasco, só na prefeitura eu trabalhei [por] 18 anos. Eu entrei na limpeza, fui promovida para a cozinha [e] eu saí como cozinheira, trabalhava registrada. A gente cozinhava para os doentes nesse pronto-socorro que foi demolido. Antes eu trabalhei também 06 anos na lavanderia, depois eu passei para a noite, porque eu tinha mais tempo para ficar em casa.

[Nessa época] [eu] morava numa chácara que era grande, no Novo Osasco, antiga Olaria. O senhor que tinha essa chácara é advogado [e] mora em São Paulo, [ele] está vivo ainda. O meu marido trabalhava de pedreiro na casa do irmão dele, aqui no Campesina [bairro de Osasco]. [Quando] o caseiro foi embora, abandonou a chácara, o irmão dele ofereceu para nós irmos morar lá: tinha luz cortada, não tinha água encanada, [mas] tinha uma casa grande de cinco cômodos e a gente foi morar lá, ficamos nessa casa [por] sete anos.

O dono da [chácara] tinha uma loja de bichos embalsamados em São Paulo, o caseiro que embalsamava, trabalhava para ele, só que de repente ele abandonou tudo. Não sei o que aconteceu direito, ele tinha recolhido [os bichos] da loja [e] ele levou tudo para lá: era passarinho, onça pequeninha, tinha uma cachorra com bastante cachorrinhos, tinha uma pata embalsamada com os patinhos. Depois disso ele começou a estudar para advogado, ele tinha uns 50 anos na época, ele montou um escritório, até ele me chamou [para] fazer limpeza no dia das [minhas] folgas. O filho dele falou para a mãe dele assim: *‘ah, pergunta se ela quer fazer limpeza aqui comigo’*, dizem que ela continua viva [e] eu estou com vontade de visitar ela, a casa deles era para os lados do Morumbi.

Depois, como a chácara era grande, ele falou [que] a gente podia escolher um lugar e construir. O meu marido era pedreiro, [então] ele construiu na beira da rua [e] a gente ficou lá mais de vinte anos. Quando eu mudei na outra casa tinha uma mina d’água lá, eu mesma fiz o lago, eu tenho até a foto dos bichinhos que eu tinha: eu tinha ganso, pato, galinha d’angola, galinha caipira. Eu passei a trabalhar à noite e [durante o] dia eu cuidava das coisas, eu trabalhava uma noite sim, uma noite não e ainda tinha as folgas. O meu marido trabalhava sempre por perto, ele também estava criando porquinhos para vender no Natal, leitõezinhos. Se quisesse plantar [também] dava, eu plantava mandioca, eu colhia, só que eu não vendia, era assim para o meu gasto. [Eu] dava para os vizinhos aquela mandioca amarela, que foi quando começou a vir para cá porque antes não tinha daquela. Eu tinha habituado assim: todo dia tinha que tirar um pé, cozinhar na água com sal e comer.

A [casa] lá de cima, a primeira que eu morei, acabou alugando, [mas] o pessoal não pagava. Os bandidos acabaram invadindo, porque ficava meio longinho, não dava para eu tomar conta. [Então] apareceu o sindicato [e] o dono da chácara vendeu para esse sindicato. Tinha que vender porque eram 16.000 m², era grandona, então não tinha utilidade de nada, a gente estava morando lá para ninguém invadir, era só para não invadirem, senão invadiam. Era um lugar assim bem retirado, tinham poucas casas. Na época tinha [muita chácara], eu fui morar lá em 1973. Que eu lembro tinha mais fruta: tinha pé de jaca, tinha pé de manga, tinha pé de abacate, [tinha pé de] laranja, [mas] só dava... assim, plantaram e abandonaram, ninguém cuidava. Só que esse sindicato derrubou tudo, enterrou, tinha uma baixada, tinha mina de água, mandou passar o trator, derrubou tudo, é tudo sobrado agora lá.

[Mas] quando ele vendeu para o sindicato, ele falou assim: *‘a casa é deles e vocês vendem o terreno para eles’*, só que eles não quiseram vender. Eles diziam que iam demolir a casa porque não tinha planta, foi feita assim sem planta, só que mentiram para a gente, quem foi morar lá foi o tesoureiro. Eles venderam todo o terreno [e] na época [em] que nós saímos de lá, nós tínhamos com [o] que pagar o terreno, porque eles parcelaram para o pessoal, a gente podia ter parcelado também, depois de dez anos, agora que esse pessoal está passando para o nome deles, coisa que nós podíamos ter feito isso também, só que o meu marido não se interessou, não quis correr atrás, era ele que cuidava dos negócios, aí saímos. Tinha mais de 20 anos que a gente morava lá. Arrumamos um advogado, mas não era advogado, era estagiário, ainda pagamos mil reais para ele [e] não resolveu nada, [ele] falou para o meu marido que eles iam derrubar a casa com nós dentro se não saíssemos, eles deram 5.000, pagamos só 4.000, porque eu paguei 1.000 para o advogado.

Agora é um loteamento lá, agora é uma cidade. [Chama-se] Nova Olaria, porque tinha olaria que faz tijolos [e] que era do avô do meu genro. Quando a esposa dele faleceu, a avó do meu genro, ele vendeu o sítio aonde tinha a olaria e foi para o interior de São Paulo, Pederneiras, perto de Bauru. Só que agora é apartamento lá, destruíram tudo, a casa [em] que eu morava é um sobrado e aquelas minas de água, eles canalizaram. Só que [ainda] passa um corregozinho no meio: do lado de lá era Novo Osasco e do lado de cá era Olaria. Esse sindicato que comprou a chácara onde eu morava, depois que recebeu do pessoal, ele entrou na prefeitura e acertou o imposto, abriu as ruas, iluminou tudo, asfaltou. Nós mesmos ajudamos porque tinha a reunião ali aonde eu morava. O meu marido tinha feito uma garagem e o pessoal vinha fazer reunião lá: virou aquela ‘brigaiada’, porque todo mundo achava que era área livre e nós que fomos moradores, que conhecíamos o dono, todos vinham se informar com a gente. Depois da família do avô do meu genro, nós éramos [os mais antigos da região], tinha pouquinho [vizinho].

A minha filha mais velha morava em Carapicuíba, então a gente foi para lá. Eu estava trabalhando ainda na prefeitura, faltavam dois anos para eu aposentar por idade [quando] eu saí de férias [e] fomos para o interior onde moram meus irmãos, Lucélia, cidade vizinha [de Oswaldo Cruz]. Eu vi uma casinha lá [e] a gente foi para o interior, mas eu fiquei só cinco meses [porque] lá não tinha trabalho para o meu marido, [na verdade] tinha, mas pagava muito pouco. [Então] voltamos para cá, nós viemos [para] votar na eleição do Celso Giglio. Eu ainda trabalhava na prefeitura, depois que eu pedi para [me] mandarem embora. Eles ficaram me enrolando, me enrolando, mas depois mandaram. Só que eu bobeei, faltavam dois anos para eu [me] aposentar por idade e eu pedi a conta, aí eu não recebi nada. [Então] eu falei com o advogado do sindicato e eu ganhei a questão, demorou, mas eu ganhei, depois de dez anos eu recebi, mas compensou.

Depois disso, nós moramos em Caucaia do Alto também, compramos uma chacinha de mil metros, derrubamos as árvores, ele [o marido] com a foice e eu com o facão, construímos. A gente ficou 4 anos lá, mas ele precisou internar porque lá é frio, ele ficou seis meses internado lá. [Ele] foi internado com suspeita de tuberculose, mas era enfisema no pulmão, do serviço que ele fazia, porque ele trabalhava com cimento desde os 13 anos, acumulou aquele cimento no pulmão dele. Ele não gostava de mexer na chácara, na terra, [ele] era pedreiro, [o negócio dele era] fazer casa para os outros, ele aprendeu com os amigos do pai dele, ele era menino, teve interesse na profissão e foi aprendendo.

Depois a gente vendeu lá e comprei onde eu estou agora, faz 09 anos. [Nós] começamos a acertar o documento [para] sair registrado, [mas] o meu marido faleceu, agora está para sair registrado no meu nome, como viúva. A gente [também] tinha um carro e ele ia

trabalhar com o carro, depois como a gente já tinha 65 anos [e] não pagava mais condução, ele quis vender [o carro] para minha filha. Com o dinheiro do carro, a gente deu uma ajeitada na casa que estava muito estragada. Então hoje eu moro no mesmo bairro, mesmo lugar, só que pertence ao Jardim Conceição agora, antigamente era Novo Osasco. Tem cinco linhas de ônibus lá, eu moro bem pertinho do ponto, tem o [ônibus] que vem do Butantã, da Lapa, Presidente Altino, Vila Yara, [quando] eu mudei não tinha esse Portal, [mas] aí entrou Portal também que vai aqui pela Helena Maria para aquele lado.

Só que o quintal é pequeno, não dá para plantar nada, até uma mina de água que eu tenho, o meu sonho é ainda criar umas galinhas, uns patos, eu gosto. De vez em quando que eu compro verdura, que eu lavo [a] verdura, a gente sempre tira aquelas folhas velhas, [então] eu lembro dos meus bichinhos porque eu jogava para eles. Às vezes sobra comida assim, [ao invés de] colocar no lixo, [a gente] pode dar para os bichinhos de casa. Porque desde quando [eu] nasci, a gente morava na roça e a minha mãe tinha, nós sempre tivemos a nossa criação. Meu pai foi trabalhar com um tio da minha mãe que tinha o sítio, mas ele tinha a vaquinha dele, tinha o animal para ir para cidade, para trabalhar na roça, trabalhar no arado, então ele sempre tinha os [animais] dele, os porquinhos... até agora eu fico lembrando dos porcos que ele matava para a gente comer, agora eu fico com dó, coitadinhos, tinha que matar eles para gente comer a carne, que nem os gados agora. [Eu] puxava o pescoço [das galinhas], agora eu não faço mais isso não [risos]. Eu gosto de ter assim no quintal só para ver os patos, os gansos, porque eles gostam de nadar, eles tomam banho, [é] só fazer uma piscininha para eles tomarem banho, [para] não faltar água se eu sair [ou] viajar.

E o que eu estou lembrando no momento é isso, muito obrigada.

ENTREVISTA 13

MARIA APARECIDA DE FREITAS [72 anos]¹⁰⁶

Eu nasci em Andirá [PR] [e] me criei lá, [mas] quando eu entendi que eu era gente, porque tem um tempo que você se conhece como gente, nesse momento eu já comecei trabalhando: a minha mãe não podia sustentar [a mim] e mais dois irmãos, então [quando] eu tinha 07 anos, eu fui trabalhar numa casa a troco da comida. Naquele tempo a gente trabalhava muito, não é como hoje: eu tinha que encher um quinto de vinho duas vezes por dia. Nesse quinto de madeira, que vendia vinho dentro, cabiam 20 latas de água e eu tinha que encher de manhã e de tarde, eu carregava a água [numa] distância [que] era como das Casas Bahia [localizada na Rua Antônio Agú] [até] aqui.

Quando eu [comecei a trabalhar] lá, eu nem agüentava erguer as meninas de 02 [ou] 03 anos para segurar no colo, porque eu quase não tinha força, eu não tinha uma alimentação adequada. Eu trabalhei nessa casa até os 12 anos, mas eu não era bem vinda, a mulher queria o meu trabalho, mas ela não era minha amiga, eu sentia que ela me maltratava muito. Um dia ela me jogou meio tijolo nas costas, eu fiquei muito tempo com dor [por causa] daquela tijolada e fiquei muito magoada, então quando eu tive uma oportunidade, eu fugi para a casa da minha mãe, essa mulher morava dois quarteirões acima [da casa da minha mãe].

A minha mãe era uma mulher muito simples, muito pobre. [Ela] falou assim: “*a mulher não deu um sapato para você?*”, eu disse [que] não, meus dedos dos pés eram todos abertos de tanto [eu] andar descalça, [então ela] comprou um sapato para mim, eu tinha 12 anos [quando] eu calcei o [meu] primeiro sapato. [Mas] [a minha mãe] era alcoólatra [e] aquilo me aborrecia muito, [porque] ela não [tinha] um cuidado com a filha por ser mulher, assim como eu tive com as minhas [filhas]. Naquela idade eu já achava aquilo errado, [então] quando eu comecei a ver aquelas coisas erradas, eu comecei a procurar um trabalho, eu falei no meu pensamento: “*eu tenho que trabalhar para eu poder me manter.*”

Com muita sorte, tinha uma senhora chamada Micalina [que] tinha um bazar. Naquele tempo, [ela] fazia vestidos de noiva [e] as noivas saíam prontas desse bazar para [a] Igreja, as crianças também, [porque] os bebês eram vestidos com roupas de batizado, aqueles vestidos compridos bordados com renda [ou] *soutache*. Eu fui falar com ela e ela [perguntou]: “*você sabe costurar?*” eu disse: “*eu não sei, mas eu tenho vontade de aprender*”, [então] ela falou: “*vem trabalhar comigo que eu te ensino*”. Ela tinha um bazar na frente e essa casa de costura no fundo, então eu fiquei trabalhando com ela até casar. Eu aprendi a costurar com ela, eu aprendi [a] fechar os vestidos de noiva [e] a fazer os vestidos de batizado, às vezes ela viajava aqui para São Paulo para fazer compras para o bazar e eu ficava no balcão. Nós tínhamos uma pilha de caixas de enxoval [para] batizado e um mostruário [para as] noivas, quando chegava [algum cliente] eu mostrava. Eu trabalhava no bazar de dia, [mas] como eu não tive a oportunidade de ter a sabedoria de leitura, ela falou para eu [ir] à escola de noite. Eu aprendi muita coisa com ela e foi ali que eu aprendi a ser gente. Ela tinha muita confiança em mim [e] eu também peguei muito amor [por ela], porque ela me tratava bem. Eu trabalhava para ela com carinho mesmo.

[Então] ela me deu uns dias de férias e eu vim passear aqui em São Paulo, porque eu tinha um primo que morava ali no Santo Antoninho, perto do Bradesco. O pai dos meus filhos

¹⁰⁶ Data de nascimento: 30/04/1941 – Data da entrevista: 12/08/2013 – Local: CATI.

era vizinho do meu primo e naquele tempo não tinham esses muros que têm agora, era aquela cerquinha: ele olhou para mim pela cerquinha, eu olhei para ele e nós ficamos nos gostando. Um dia ele me convidou para sair: nós fomos passear lá em Osasco [e] fomos ao cinema, naquele tempo tinha o Cine Estoril aqui em cima. Eu sei dizer que [quando] chegou o dia de eu ir embora para o Paraná, nós já estávamos namorando.

Eu não tinha experiência de vida, então eu cheguei no Paraná [e] falei para a Micalina que eu tinha arrumado um namorado e que eu ia casar com ele. Nós começamos a namorar por carta, ele escrevia para mim e eu escrevia para ele, ele foi duas vezes ao Paraná [para] matar as saudades. [Então] a minha mãe disse para mim: *“você já não tem pai, nessa luta de trabalho a vida inteira, eu não sei quanto tempo eu vou durar, nada posso te oferecer, [então] vamos fazer o seguinte: vamos marcar o casamento, vocês [se] casam e vão morar em São Paulo”*. Naquele tempo era muito difícil vir para São Paulo, você entrava na Maria Fumaça [às] oito horas da noite [e] chegava aqui em São Paulo no outro dia, na Estação Sorocabana, viajava a noite toda. [Então] eu pensei, [mas] naquele tempo o pensamento da gente não era grande coisa, porque eu não tinha uma pessoa atrás de mim dizendo: ‘isso é certo ou isso é errado’, então eu ia pela minha cabeça e pelas mãos de Deus.

Eu concordei com a minha mãe, nós combinamos tudo direitinho [e] o meu marido falou [para ela]: *“eu vou alugar dois cômodos, a gente casa [aqui] e eu levo ela comigo”*. E assim foi feito, ele [me] escreveu dizendo [quando] viria [para] que eu me preparasse, [então] eu fui à Igreja, conversei com o padre [e] como a Micalina tinha o bazar de noiva, ela me deu o vestido. O meu marido chegou um dia antes e, no outro dia, o padre deu a benção. O meu casamento foi [às] dez horas da manhã, não teve festa, [mas] a minha mãe fez um almoço para a família, ali eu tinha duas tias [com] marido [e] filhos. Quando foi à noite, eu peguei o trem e vim embora com meu marido, [eu] vim fazer lua de mel aqui em São Paulo.

Eu chorei muito [quando] eu vim embora, porque eu era acostumada lá, eu tinha nascido lá, a minha vida era aquilo, eu achava que a vida era aquilo, [mas] não era, [porque] era uma dificuldade tremenda: naquele tempo, as mulheres iam para a roça buscar lenha para o fogão, iam para o cafezal buscar fruta, mandioca [e] batata doce, a gente não comprava nada dessas coisas, [a gente] ia buscar no sítio. Eu gostava de ir com a minha mãe porque era uma distração, você chegava no cafezal [e] via aqueles pés de mamão carregados, madurinhos, aqueles pés de laranja [tão] carregados [que] você via de longe. [A gente morava] na cidade, mas o sítio era pertinho, não era longe. Tinha a Fazenda do Castilho e a Fazenda do Ingá, lá [se] chamava Andirá, mas como Andirá, antes de passar para município, era [chamada] Ingá, ficou [conhecida como] Fazenda de Ingá. Então a gente ia nessa Fazenda de Ingá buscar fruta e o fazendeiro dava batata doce, dava mandioca, dava inhame, naquele tempo o pessoal não cobrava e a gente trazia o saco cheio, aquilo era um lazer.

Então eu vim chorando no trem, ele me consolava, mas ‘deu o que fazer’ para eu [me] acostumar aqui em São Paulo, porque lá [no Paraná] era tudo diferente. Eu vim morar no Santo Antoninho mesmo: ele tinha alugado dois cômodos, porque naquele tempo eram só dois cômodos mesmo, quarto e cozinha; ele comprou um armário, uma mesa com quatro cadeiras de madeira e um fogão, ele trouxe a cama de solteiro dele [para] por no quarto [e] não tinha guarda-roupa [ainda]. Eu saía na porta da minha casa [e] via o prédio do Bradesco, só tinha aquele prédio azul, não tinha o que tem hoje, [então] eu olhava para lá e chorava, chorava que nem doida, [porque] ele saía para trabalhar [e] eu ficava sozinha.

Ele trabalhava na Adamas do Brasil, ali era uma fábrica de papelão, perto da faculdade Amador Aguiar [atual UNIFIEO], era enorme aquilo, [mas] agora está se desfazendo, eles venderam [para] fazer prédio, então, estão desmanchando toda a fábrica. Um dia ele chegou

[e] eu estava muito chateada, porque eu não me acostumava sozinha, [então] ele falou assim: “*sabe o que é bom você fazer: é bom você arrumar um trabalho [para] se distrair*”. [Então] eu conversei com uma vizinha, a Dona Maria, [que] trabalhava no Bradesco [como] faxineira e ela arrumou para eu trabalhar na casa de uma mulher [cujo marido] era gerente do restaurante do Bradesco. Eu trabalhei quase um ano lá, depois eu achei que eu ganhava muito pouco, que eu precisava ajudar [meu marido] para melhorar a [nossa] situação, [afinal] até quando a gente ia ficar dormindo na cama de solteiro [e] até quando a gente ia ficar sem um guarda-roupa? [Então] a Dona Maria falou para mim: “*Cida, com a sabedoria que você tem, porque você aprendeu a costurar, por que você não [procura serviço] nas fábricas de costura em Pinheiros: lá você ganha mais, você é registrada, você tem férias, você tem abono?*”. Eu falei assim: “*é mesmo Dona Maria, será que eu consigo?*” [e] ela falou: “*consegue, vamos fazer uma coisa: eu vou tirar um dia [de folga] na semana e vou com você*”. Naquele tempo, você chegava na porta das firmas [e] já arrumava. Eu fui na [rua] Teodoro Sampaio, fiz um teste e passei na firma Overall, era uma firma de costura [que fazia] roupas profissionais: fazia roupa para médico, enfermeira, empregada doméstica [e] camisas de aviador.

Eu trabalhei 08 anos nessa firma [e] engravidei do meu filho. Eu ganhei o menino [e] fiquei em casa até acabar a dieta, [então] eu arrumei uma vizinha para [cuidar] dele e voltei a trabalhar. Naquele tempo a gente ficava pouco tempo em casa, agora [as mães] ficam quatro meses, [mas] naquele tempo, eu acho que se [a gente] ficasse um mês, era muito, [quando] acabava a dieta já tinha que [voltar]. [Quando] ele tinha 04 anos, eu engravidei de novo, eu engravidei da Marilda. Eu fiquei em casa para acabar a quarentena [e] a Dona Maria, essa [vizinha] que olhou o meu menino, passou a olhar a menina também, naquele tempo as mulheres olhavam muito as crianças, agora tem que levar para a escolinha, [mas] naquele tempo a gente confiava, eram pessoas de confiança mesmo.

[Eu] fiquei trabalhando na Overall todos esses anos, [mas] eu já estava me esgotando daquilo: era muita canseira com duas crianças, serviço de casa, marido e trabalho de firma, então eu saí. Eles disseram para mim: “*o dia que você quiser voltar, você volta*”, porque eu me aperfeiçoei na costura, vinha tudo cortado, o colarinho, a manga [e] eu tinha que montar [a] camisa, [mas] eu trabalhava em produção, então tinha que trabalhar bastante, porque eles não ficavam [com] quem não fazia produção.

Eu tinha 08 anos de firma [quando] eu saí. [Com] o dinheiro que eu ganhei na firma, eu comprei esse terreno onde eu moro hoje, aqui perto do Bradesco: era só mato, não tinha casa, não tinha nada, só tinha vaca e cavalo, porque tinham chácaras atrás [e] na frente, então tinham muitos animais. Os Ferrari eram muito ricos [e] tinham todas aquelas terras, [então] eles começaram a vender lotes e nós compramos um terreno ali. Hoje [eles] têm [uma] casa de plantas na esquina da [avenida Padre] Vicente Melilo, [mas] naquela época, eles tinham [uma] chácara [e] esse terreno que nós temos hoje é terreno [dessa] chácara, porque eles chamaram [um] engenheiro e o engenheiro fez os lotes [com] 10 [metros] de frente e 25 [metros] de fundo, nós ficamos sabendo e [com] o dinheiro que eu ganhei nessa firma, nós demos entrada nesse lote.

[Depois] o meu casamento entrou em crise, porque você vai sofrendo, você vai se desgastando, [então] chega uma época que você vai caindo em crise. [Mas] quando a Marilda tinha 07 anos, eu engravidei de novo, meu marido disse assim: “*vamos arrumar mais um neném para melhorar a [nossa] vida de casado*”. O meu marido trabalhava nessa firma de papelão, [mas] ele ficou muito doente, [porque] o cheiro químico ofendeu o pulmão dele, [então] eu tive que voltar a trabalhar, mesmo com duas crianças e grávida da terceira. Eu arrumei serviço na Baratinha, [uma firma de] roupa infantil, [que] também [ficava] em

Pinheiros. Na época de ganhar a Eliane, que é a caçula, o dono da Baratinha falou: “*quando você começar a trabalhar, nos procure novamente*”, mas a Baratinha mudou para Santana. Eu tentei ir para Santana, mas eu fiquei [apenas] três meses [e] não agüentei, [eu] pedi para ser mandada embora. [Naquela época], não tinha essa comodidade de condução que tem hoje: [eu] tomava [o ônibus de] Pinheiros até o Largo da Batata e lá pegava o ônibus que ia para Santana, [eu] tinha que sair muito cedo de casa e eu acabei ficando doente, porque eu enfraqueci: eu tinha ganhado a neném, amamentava, comia mal, o marido doente, o que [eu] ganhava, não dava, [então] eu adoeci.

O meu marido piorou [e] precisou se internar, [então] eu tinha que cuidar das crianças [e] ainda cuidar dele no hospital, levar frutas para ele [nos] finais de semana. Eu não podia pegar [serviço] em firma com três crianças, [porque na] firma [você] tem um horário para entrar e um horário para sair, [então] eu comecei a trabalhar [como] doméstica, eu trabalhava em cinco casas aqui no Butantã, cada dia em uma [casa] para ter dinheiro para manter as crianças [e] para levar frutas para o meu marido que estava internado, foi uma vida [de] muita luta, só Deus que me ajudou. [Depois] o meu marido precisou fazer uma cirurgia no Hospital Jaçanã, ele teve que retirar meio pulmão, [então] a firma teve que indenizar ele. [Eu] já tinha dado a entrada no terreno [com o dinheiro] que eu ganhei [e] com esse dinheiro que ele recebeu da indenização, nós fizemos dois cômodos e passamos para dentro, para sair do aluguel, porque o aluguel era muito pesado para mim com o marido doente. Nós arrumamos um homem [que] rebocou só por dentro, pôs porta, pôs um vitrô sem vidro e nós mudamos, ali [nós] ficamos até eu melhorar. Quando ele veio do hospital, ele [ainda] não podia trabalhar, [então] nós sobrevivemos com o dinheiro que ele recebia na Caixa [Econômica] e que eu ganhava por dia [nas casas]. Sobrava muito pouco para dar uma melhoria naquela casa, [eu] mandei [apenas] por o vidro no vitrô, porque uma noite eu pus minha bacia de pratos e garfos em cima do fogão que ficava embaixo [desse] vitrô e [me] roubaram, [eu] já tinha pouco [e] ainda levaram.

[Eu] continuei trabalhando [e] ele já tinha melhorado, [então] eu falei: “*você tem que arrumar qualquer coisa para você fazer, porque sozinha eu não estou dando conta*” [e] ele arrumou um serviço no Jardim Paulistano, que [ficava] na cidade, perto do Jardim América [e] da Avenida Iguatemi. Os filhos foram crescendo [e] nós já estávamos um pouquinho melhor, [porque] meu marido [estava] trabalhando e eu também, [então] arrumamos um homem para fazer mais um comodozinho, porque [aquele] já estava muito apertado para todos nós. Nos dias [em] que eu não ia para o meu serviço, eu trabalhava [como] servente [de pedreiro]: o homem assentava os blocos e eu fazia as massas, [depois nós] compramos as telhas e cobrimos, [então] ficou um quarto, uma sala, [onde] os dois [filhos] mais velhos dormiam, e a cozinha.

Quando a Eliane tinha 03 anos, o meu marido convidou o patrão dele para batizar a menina. Eles vieram em casa e viram a gente naquela vida, [então] ele [nos] ofereceu um dinheiro, [ele] falou: “*vamos fazer o seguinte: eu empresto o dinheiro para vocês construírem [uma casa] na frente [e] alugarem o fundo, para terem um rendimento, para as crianças poderem estudar e vocês levantarem de vida; Cida, você volta a trabalhar em firma e me paga por mês, mas eu quero que você [me] pague, porque quem tem registro em carteira é você*”, [nessa época] eu já tinha trabalhado em duas firmas. [Então] o meu marido contratou um homem [e] nós fizemos [alguns] cômodos na frente, porque tinha bastante terreno ainda. Eu pagava para ele [com] o dinheiro que eu recebia e o meu marido ajudava em casa [com] o dinheiro que [ele] recebia, [depois] o meu filho começou a trabalhar [e] ajudar [também]. Neivaldo é o meu filho mais velho, ele trabalhava [como] ajudante de pedreiro durante o dia e estudava no Umuarama à noite. [Enquanto] eu ia trabalhar, [ele] ficava com a Eliane e a

Marilda ia [para a escola], [depois] a Marilda vinha, ficava com a Eliane e ele ia [para a escola], nós fizemos assim [durante] dois anos. Depois a Eliane cresceu [e] as duas iam [para a escola], e assim fomos.

Quando nós terminamos de pagar a dívida do meu compadre, meu marido quis aventurar a vida dele com outra mulher [e] quis vender as casas, mas [o caso] foi parar no fórum e o juiz não deixou vender, porque [a casa] estava no meu nome. Ele falou: “*enquanto ela viver, a casa é dela [e] ela vai criar as crianças*”. O juiz [perguntou] se eu queria a ajuda dele, [mas] eu falei: “*excelência, a [única] ajuda que eu quero é o aluguel da casa do fundo*”, ele falou para mim: “*e quando a casinha ficar sem inquilino?*”, eu falei para ele: “*eu me viro*”. E assim foi, eu fiquei com três crianças: com o Ney de 14 anos, com a Marilda de 07 [anos] e [com] a Eliane de 03 [anos]. Nós fomos batalhando e eu fui acabando de criar os meus filhos.

[Então] eu comecei a trabalhar aqui na Escola Adventista Castelo Forte como monitora, cantineira e na limpeza. Eu trabalhei [por] 08 anos nessa escola [e] devido ao meu trabalho, as meninas tiveram direito de escola, [então] elas saíram do Umuarama e foram para lá. [Quando] a Marilda fez 14 anos, eu arrumei serviço para ela, eu falei com o encarregado [e] ela trabalhou [durante] 11 anos na Cobrasma. A Eliane fazia magistério de manhã e [depois] trabalhava numa casa de livraria que tinha na Rua Bittencourt, ela ajudava o homem a vender livros para ganhar um dinheirinho para ajudar a pagar o [colégio] Fernão Dias, depois ela se formou no magistério [e] foi fazer faculdade na Lapa, na [Faculdade] Campos Sales. A Marilda [também] fez magistério [e depois] fez administração de empresas aqui na [Faculdade] Amador Aguiar [atual UNIFIEO]. Elas ficaram mocinhas [e] nós melhoramos a casa, porque elas já tinham salário e o meu filho também. [Então] o meu filho morou uns tempos com uma moça, [mas] ela deixou o bebê [deles] comigo [quando ele tinha apenas] 4 meses, [então] o Bruno é o meu filho duas vezes: [como] avó e [como] mãe.

E assim foi a minha vida: com [o] dinheiro que a Eliane tinha trabalhado no banco e que eu tinha trabalhado na [Escola Adventista] Castelo Forte, nós abrimos uma escolinha, porque ela tinha magistério e eu tinha muita experiência em escola. [Então] nós alugamos a casa [e] mobiliamos, nós ficávamos com crianças a partir dos 04 meses até 06 anos [e] eles já saíam prontos para o primeiro ano [nas] outras escolas. Nós ficamos mais 08 anos naquela escolinha, [depois] ela conheceu o marido dela [e] falou: “*mãe, eu vou casar e aperfeiçoar meus estudos, [se] a senhora quiser, eu passo a escolinha para o seu nome*”. Eu disse: “*não, eu vou me aposentar*”. Eu já tinha a minha idade de aposentar, [porque] durante os oito anos que nós tivemos a escolinha, eu paguei a minha aposentadoria [como] autônoma. E assim foi: eu me aposentei, [mas] o meu médico falou para mim: “*Cida, você trabalhou a vida inteira, agora você se aposentou, [mas] você não vai ficar em casa, [porque] se você ficar em casa, você adocece, você tem que se distrair*”, [então] eu vim para cá. O meu médico me explicou [e] me deu uma carta para eu trazer: eu vinha muito aqui, eu fazia coral, aulas de violão, eu fazia um monte de coisas aqui, agora que eu estou vindo [menos].

[Quando] nós vendemos a escolinha, eu reformei a minha casa com os ganhos. Eu fiz uma casa para o meu filho no mesmo terreno, porque o filho homem depois que casa e vai morar com outra mulher, não dá mais certo dentro de casa. Depois as meninas casaram: a Marilda ficou três anos e meio na Itália [e] voltou com a bebê de dois meses, o marido dela já tinha um terreno no Continental e com o dinheiro que eles ganharam na Itália, [eles] levantaram a casa, eles moram num sobrado muito bonitinho. A Eliane [também] casou, o meu genro japonês mexe com essas coisas de computação e a minha filha se aperfeiçoou naquela faculdade aonde era o [frigorífico] Wilson. Ela ainda estuda hoje, ela faz cursos nos hospitais, porque ela lida com crianças com dificuldade de aprender. E eu ainda dou uma mão

para elas, porque elas ganharam bebê e a avó tem que ajudar. Depois apareceram várias oportunidades para [eu me] casar de novo, [mas] eu fiquei com medo, porque o meu marido, no fim da nossa convivência se tornou ruim, ele não foi um marido bom, nem um pai bom. Então [hoje] eu moro com o Bruno, esse meu neto tem 19 anos [e] está fazendo administração de empresas, mas o que ele quer mesmo é ser engenheiro, então eu disse: *“filho, batalha pelo que você quer, porque a vovó também batalhou pelo que ela quis”*.

Eu agora reformei a minha cozinha [que] ficou maravilhosamente bonita, então eu tenho uma casa nova e eu estou me sentindo bem lá. A minha casa só me dá canseira, porque [ela] ficou muito grande depois que as meninas casaram, então ficou muito para [eu] cuidar, mas eu me sinto feliz lá, porque foi ali que eu batalhei, ali está [o] meu suor, aquilo ali foi Deus que me deu. E assim eu vou levando a vida: vou em casa, corro nas filhas quando [elas] precisam, venho aqui [e] já faz 30 anos [que] eu sou adventista do sétimo dia. Eu [também] tenho compromissos na Igreja: eu fui diretora dos idosos [e] sou professora de Bíblia. Todos os sábados, eu vou assistir às aulas, [depois] eu subo para a Igreja [e] eu passo o que eu assisti para quem não assistiu. Eu [também] canto no coral, nós somos 60 membros no coral, [mas] somos 500 membros ao todo [na Igreja], então ainda sobram muitos [membros] para assistir [e] para aplaudir [risos].

A luta que eu tive a vida toda valeu a pena agora, agora é que eu gozo toda essa mordomia que Deus me deu. E não valeu à pena a luta? Muito, muito...

ENTREVISTA 14

MARIA PRADO VENITELLI [72 anos]¹⁰⁷

Eu vou começar assim: eu nasci na cidade de Campos do Jordão, na época era um lugar muito pobre, [onde] os meus pais passaram grande necessidade. A vida toda a gente morou de favor: um primo da minha mãe tomava conta de um bom pedaço de terra, eles viram a situação dos meus pais [e] cederam um barraco, [em] troca da moradia, o meu pai tinha que roçar aquela terra todinha, uma vez por ano.

O meu pai era marceneiro, quando a cidade de Campos de Jordão se tornou turística, o meu pai foi uma das pessoas que construiu várias casas para os turistas, principalmente no Jardim do Embaixador. Aqui a gente fala chefe, [mas] na época, a pessoa que comandava [era] o engenheiro, [meu pai] trabalhava para o engenheiro senhor Domingos dos Santos. As pessoas [que] iam construir as casinhas para os turistas [vinham] daqui de São Paulo, [então] a mamãe começou a lavar [as] roupas [dessas] pessoas, dos empregados que trabalhavam lá.

As casas foram ficando prontas e numa das casas [que] a minha mãe foi trabalhar, os patrões gostaram dela e ela tomou conta dessa casa até quando [ela] morreu. A mamãe tinha que limpar a casa, encerar, naquele tempo encerava, tudo ficava por conta da minha mãe, ela lavava e passava, as roupas de cama, naquele tempo as roupas eram engomadas, fronha era engomada, guardanapo [era engomado] [e] não era guardanapo de papel igual é hoje, [era] tudo à moda antiga mesmo. Eu acho que a minha mãe trabalhou uns 40 anos nessa casa [e] nesses anos, ela passou a tomar conta de [outras] cinco ou seis casas.

Os patrões [iam] embora no final das férias de janeiro, geralmente, do Carnaval. Ela estava sentindo dores há alguns meses, [então] ela pôs [todas] as casas em ordem e falou: “*agora eu vou no médico*”. Ela nunca tinha passado por um médico, ela teve dez filhos e nunca tinha passado por um médico, tudo parto feito em casa. E ela foi pela primeira vez no médico, [ele] examinou e passou para fazer uma cirurgia, [então] ela fez a cirurgia na terça-feira, quando foi na quinta-feira, ela morreu. E não morreu por causa da doença, parece que deu ataque cardíaco. Eu creio que ela morreu por causa do nervoso, [da] vergonha, porque aquele povo antigo era muito vergonhoso, [ela] nunca tinha ido ao médico, quando foi, aconteceu o que aconteceu.

Quando ela partiu, os patrões ficaram muito tristes, porque eles a tinham como uma pessoa da família. Daí o que aconteceu: a minha irmã ficou no lugar dela, a minha irmã se aposentou nessa casa, a minha mãe não [se aposentou] porque naquele tempo não tinha esse negócio do INSS. A minha irmã passou a trabalhar para o patrão e também ficou muitos anos sem registrar, [mas] um dia registraram ela e a minha irmã já faz não sei quantos anos que está lá, até nos dias de hoje, na cidade de Campos de Jordão.

Nós somos uma família muitíssimo conhecida no lugar, porque o meu pai foi construtor das casas, a minha mãe nasceu e foi criada naquele lugar, a mãe dela também veio, não posso dizer de onde, [mas] eu sei dizer que a minha avó trabalhava num bairro chamado Rancho Alegre, ela foi empregada doméstica, de um político [que se] chamava seu Carmelito. Ela trabalhou nessa casa até quando deu, mas nunca conseguiu comprar um barraco para ela e no finzinho da vida, ela foi morar de favor na casa da irmã, daí para cá eu não sei o que aconteceu com o resto da família. Por parte do meu avô eu cheguei a conhecer a minha

¹⁰⁷ Data de nascimento: 13/08/1940 – Data da entrevista: 03/07/2013 – Local: CATI.

bisavó, mas assim de passagem, todo mundo respeitava ela, queria muito bem e ela era uma pessoa que também foi muito conhecida porque ela foi escrava no tempo da escravidão, ela passou por essa parte também. A família dela também morou em Campos do Jordão, os meus avós moraram em Campos do Jordão, os meus pais moraram em Campos do Jordão e criaram os filhos como Deus quis.

Teve uma família que construiu uma casa de turismo em Campos do Jordão, só que [depois] passou a morar lá. Essa pessoa pediu para a minha mãe, para eu trabalhar [na casa dela]: passear com o cachorro na rua e carregar lenha do fundo do quintal para acender a lareira. [Essa] foi a primeira casa de família que eu trabalhei com 07 para 08 anos [de idade], eu acho que fiquei uns cinco anos trabalhando ali, [era] pertinho de casa. Eu saí dessa casa quando eu estava fazendo o quarto ano da escola. Eu sofri muito nessa casa, porque eu fui lá para não ganhar nada, eu fui lá para ter um a menos dentro da minha casa, porque lá eu comia, eu bebia, [eu] dormia, [mas] ali eu passei fome, eu passei tapa na cara, tudo o que você possa imaginar, o que eu não levei dos meus pais, eu levei lá, porque na época em que eu precisava apanhar eu não estava na minha casa, eu estava na casa dos outros.

Quando eu estava fazendo o último ano, que era o quarto ano, eu não sei o que aconteceu [e] os meus pais me tiraram dessa casa, acho que eu fiquei dois ou três meses em casa, daí eu fiquei [trabalhando na casa da] minha professora Dona Dirce até terminar o quarto ano da escola [e] voltei para casa. Esse lugar era longe, chamava-[se] Jaguaribe, [mas] o povo antigo falava Vila Velha, a distância era como daqui na Lapa. Eu não esqueço, eu gostava muito dela, [eu] gosto, porque ela já é falecida, mas está na minha memória.

[Então] eu comecei a trabalhar na casa dos outros na temporada: a mãe tinha as casas dela [e] nós íamos junto para ajudar. [Mas eu] fiquei pouco tempo em casa, com uns 13 para 14 anos eu vim pela primeira vez aqui em São Paulo. [Eu] fui trabalhar perto do [Parque do] Ibirapuera [e] fiquei lá uns seis [ou] oito meses, [mas] não conseguia me acostumar, eu estava me sentindo muito sozinha, só eu e Deus, os patrões eram mais de sala e eu mais para fora. Quando era em Campos do Jordão parece que [os patrões] se misturavam, os patrões tinham aquele bem da gente, porque a gente era muito pobre, mas chegando aqui em São Paulo o negócio era diferente, a gente era mais desprezado [e] eu não consegui me acostumar. [Então] eu escrevi uma carta para o meu pai, essa carta para chegar lá em Campos de Jordão naquele tempo demorava... [mas] o meu pai veio me buscar [e] me levou para casa.

[Eu] não sei exatamente o tempo, mas eu fiquei alguns meses em casa. [Quando] chegou a temporada de julho, [no] dia 30 de julho daquele ano, eu vim embora para São Paulo de novo, eu vim morar na Vila Mariana [onde eu] fiquei mais ou menos um ano, daí eu conheci o meu marido: a cozinha da minha patroa era nos fundos do quintal e do lado, pulando umas quatro casas, ele estava me olhando, mas eu não tinha percebido. Ele morava na pensão, parece que eles moravam em oito ou dez pessoas, [então] ele, o Anastácio e o Nelson começaram a disputar para ver qual deles conseguia namorar comigo, [mas] ele foi o corajoso, o meu marido hoje [foi] quem teve coragem de chegar em mim. Eu tinha 16 anos nessa época [e] ele tinha [de] 22 para 23 [anos].

Ele era de Taquaritinga, estado de São Paulo também, ele veio para cá [quando] tinha 16 anos. Os pais dele se separaram, ele ficou bem criança lá no interior e foi crescendo. A mãe dele veio para cá com a irmã do meio, essa senhora sofreu muito aqui em São Paulo, a pessoa lá do sertão, [há] 55 anos atrás... eles eram mais velhos do que os meus pais, [então] eu vou por até 60 [ou] 70 anos atrás: [de] que jeito será que era o interior deles e como será que era São Paulo também? Porque São Paulo cresceu demais depois que eu conheci. [Elas] dormiram no Jardim da Luz, ficaram muito tempo naquela situação difícil, [mas] um dia a

mãe dele conseguiu arrumar uma casa de família: uma pessoa decerto passou, ficou com dó [e] cedeu o lugar para ela trabalhar, a pessoa também arrumou serviço para essa minha cunhada, ela tinha uns 10 [ou] 11 anos [na época] [e] as duas ficaram separadas, não sei [por] quantos anos. [Quando] melhorou a situação, ela alugou um [lugar], um dos lugares que eu sei foi no Bom Retiro. Os [filhos dela] que ficaram lá no interior, foram crescendo, quem criou o meu marido e o irmão dele foi uma das minhas cunhadas. Um dia, [ele] veio para São Paulo [e] morando junto com a mãe, [ele] arrumou um emprego, arrumaram um emprego para ele, caipirinha de Taquaritinga. [Ele] serviu o quartel aqui, trabalhou aqui, ali ou lá [e] quando a gente se conheceu ele estava trabalhando na Bozzano.

A minha patroa, quando descobriu que eu estava namorando com ele, escreveu uma carta para Campos do Jordão contando para os meus pais que eu estava com negócio de namoro, ela queria sair da responsabilidade. O meu pai recebeu a carta, em seguida já veio para cá [e] me apertou: *“filha minha não tem namoro, é casamento”*, naquele tempo era assim, [então] o João se explicou, se responsabilizou [e] o meu pai me deixou namorar.

Nós ficamos namorando [por] mais ou menos um ano. Quando eu fiquei noiva, foi a minha patroa quem fez um bolinho para nós na temporada, [ela] aproveitou quando nós fomos para [Campos do Jordão] e fez um bolinho para a minha família. De repente teve uma confusão muito grande [e] eu me desentendi com a patroa, [por causa de] uma coisa que eu não merecia: ela me bateu porque a criança caiu da cadeira. Eu fiquei com raiva, porque eu estava longe dos meus pais, sozinha para fazer tudo na casa, sem ganhar nada e ainda apanhando.

Na época, eu já estava me sentindo segura, meus pais aprovaram [o namoro] [e] eu sentia que o meu namorado era responsável por mim. Ele estava trabalhando [e] eu passei o resto do dia esperando [por] ele. Eu falei para [a patroa] que eu ia embora, [mas] ela achava que eu não ia porque [eu estava] sem dinheiro, sem eira e sem beira. Quando foi 17:10 mais ou menos, ele estava passando em frente ao portão da casa que eu morava, eu segurei ele [e] falei: *“João, eu quero que você me leve para a rodoviária”*, eu contei para ele [e] ele falou: *“tenha paciência, qualquer coisinha você fica nervosa e quer ir embora, não é assim”*, [ele] meu deu aqueles conselhos, [mas] eu falei: *“se você não quiser me levar, eu vou dar um jeito, mas que eu vou embora, eu vou”*. Ele pensou bem [e] falou assim: *“sabe de uma coisa, vamos fugir?”* [e] eu falei: *“você está ficando louco?”* para você ver a responsabilidade de uma moça do interior na época, eu falei: *“Se eu fugir com você, o meu pai vai encontrar nós, um dia ele vai encontrar nós e sabe o que ele vai fazer? Ele vai matar você e vai me matar”*, porque naquele tempo palavra era palavra e acabou. Ele pensou bem: *“mas, como é que nós vamos ficar assim longe, naquela distância?”*, naquele tempo você levava seis horas de Campos de Jordão para São Paulo, era estrada de barro, estrada velha, perigosa. Então ele pensou [e] falou assim: *“vamos fazer o seguinte, vamos ficar na casa da minha irmã”*, eu fiquei oito dias na casa de uma irmã dele, que mora até hoje na [avenida] Brigadeiro Luis Antônio, [mas] como ele foi criado com a segunda irmã, ele achou bom me levar para a casa [dela], era mais fácil para ele, porque ele tinha mais liberdade com a irmã que criou ele. [Então] eu fiquei oito meses na casa dela.

Quando eu cheguei na casa dela, a minha patroa já tinha escrito uma carta para os meus pais [e] eu escrevi também. Quando o meu pai veio ver o que estava acontecendo, eu já estava na casa da minha cunhada. Ele ficou sabendo da situação, [mas] a minha cunhada falou: *“eu tirei ela de lá, eu quis até por [a patroa] na justiça porque [ela] não pode bater numa menor. Seu Manoel, o senhor pode ir embora sossegado, porque eu me responsabilizo por essa menina e eu me responsabilizo pelo meu irmão, porque ele não é louco de fazer uma*

besteira com a tua filha”. [Então] a minha cunhada fez a cabeça do meu pai, [ele] confiou nela e cedeu, só que [quando] chegou em casa, a guerra pegou ele, [porque a] minha mãe não aceitava de jeito nenhum.

[Eu] sei dizer que fiquei lá mesmo na casa da minha cunhada, [ela] arrumou uma casa de família para eu trabalhar e nesse meio de tempo o João já [estava] arrepiando para preparar as coisas para o casamento. A patroa estava sabendo da minha situação, eu trabalhei por oito meses na casa dela e um mês antes do casamento eu falei que eu ia sair para arrumar a papelada [e] as coisas do casamento, [então] ela me dispensou [e] me deu um presente que eu não me esqueço: ela me deu o valor de um salário que eu ganhava naquele tempo, um salário a mais que eu peguei e dei para a minha cunhada. Todo o dinheiro que ela me deu nesses oito meses, eu dava na mão da minha cunhada para ela fazer o meu enxoval. A minha cunhada completou o que precisava dentro de casa com o dinheiro, porque ela sabia dividir dinheiro, ela sabia e tinha experiência, eu não, [porque eu] não tinha mãe, não tinha pai, não tinha ninguém perto de mim, [eu] tinha ela, como eu considero ela como mãe até nos dias de hoje, [porque] ela me ensinou a viver um pouco.

A minha mãe não comprou um guardanapo para mim porque ela não tinha condição, mas [ela] fez a festa do meu casamento, fez uma festa que até hoje é comentada. Eu fui a filha mais velha dela, ela não deu o que precisava para uma filha naquele tempo, mas na festa do meu casamento, para você ter uma idéia, eu ganhei três bolos de noiva, teve o almoço, teve o bolo à tarde e teve o churrasco à noite inteira. [O João] alugou um microônibus aqui de Santo André para levar os convidados dele, e os meus pais convidaram as famílias de Campos do Jordão, que eu nem tinha mais conhecimento, [na verdade] a minha mãe, porque oito dias antes do meu casamento o meu pai foi embora [de casa], o meu pai não assistiu ao meu casamento.

A minha casa foi montada em Santo André, [tinha a casa da] minha cunhada aqui, pulava uma casa, a outra era a minha: quarto e cozinha montadinhos, eles que fizeram, eu não vi nada. Quando foi no dia do meu casamento, lá em casa estava uma tristeza por causa do que tinha acontecido com meu pai e minha mãe, [então] a minha cunhada falou: “*Maria, eu fiz o que eu pude, a sua casa é um quarto e cozinha, eu comprei uma cama usada, um guarda-roupa usado, um fogãozinho [que] está velho, mas está bom para cozinhar [e] comprei uma mesinha com quatro cadeiras*”. Eu queria casar, eu queria sair da vida que eu estava, [então] eu falei: “*está bom demais, olha a minha casa do jeito que é...*” era uma tapera, o telhado era capim, o quadrado da casa era de toco de madeira, chão de terra, cama de pau-a-pique, eu pensei comigo: “*isso para mim é um palácio*”.

[Então] foi a festa, quando foi no Domingo, lá para as dez horas da manhã viemos embora, o meu lugar já estava no ônibus me esperando. Quando eu fui [para] a minha casa, eu levei um choque, porque [era] tudo novinho, cheirando à tinta como se diz, guarda-roupa bonito, cama arrumada, coberta de cama, eu tenho até hoje a minha colcha, porque antigamente a gente falava o ‘jogo do dia’: a colcha do dia, bem bonita para a cama, a camisola do dia, bem bonita porque você vai dormir com ela. [A minha cunhada] comprou guardanapos [e] quando eu estava de folga, eu bordava do meu modo, [eles estavam] penduradinhos. A minha casa era a coisa mais linda.

Casamos [em 1958], depois [de] três meses [eu] engravidei [e] quando [eu] estava para fazer um ano de casada, a minha primeira filha nasceu, aí começamos a luta de família. Eu morei cinco anos em Santo André depois de casada. Quando foi em 1960, 1961 [ou] 1962, uma coisa assim, eu vim morar aqui em Osasco por causa do seguinte: o meu marido estava trabalhando numa farmácia em Santo André, acho que indicaram o meu marido, e duas

senhoras daqui de Osasco foram lá. Hoje em dia não pode, mas naquele tempo os farmacêuticos indicavam medicamentos para as pessoas. [Eu] não sei se o remédio foi bom, [mas] essa pessoa voltou e falou: “*seu João, lá onde eu moro é uma vila que está começando, por que o senhor não tenta uma farmácia lá para o senhor?*” Ele ficou com aquilo na cabeça [e] acabou vindo para cá, [no] Jardim Platina.

Nós viemos no lugar, procuramos e [ela nos] indicou uma casa, era um quarto e cozinha, bem arrumadinho, eu tenho saudade desse quarto e cozinha até nos dias de hoje. Daí ele montou a farmácia, mas a farmácia não foi para frente, naquele tempo não tinha ninguém na vila, [era] muito pobre, muito pequenininha, [se você] contasse umas dez casas era muito, mas como a gente fez uma viagem longa, de Santo André para Osasco, a gente foi ficando. Eu chorei muito no começo, eu não tinha marido, [ele] saía de madrugada para trabalhar e voltava de madrugada, porque naquele tempo as farmácias abriam [às] 8:00 e fechavam às 10:00 da noite, não é que nem hoje que você trabalha oito horas [por dia] e põe turmas. Eu cheguei a ficar na farmácia [dele] para ajudar, mas ele ia trabalhar preocupado de acontecer alguma coisa comigo e o paciente, [de eu] aplicar uma injeção errada, qualquer coisa [assim]. E eu também [ficava preocupada], cada pessoa que, de vez em quando, entrava na farmácia, eu tinha medo de atender e dar um remédio errado. [Então] foi indo [e] ele vendeu a farmácia, [mas ele] trabalhou em muitas farmácias: [ele] trabalhou no Hospital Beneficência Portuguesa, na Farmácia Botica Veado de Ouro, aqui em Osasco ele trabalhou na Drogasil, na farmácia do Bradesco - Cidade de Deus, parece [que] ele trabalhou um pouco de tempo no Hospital das Damas, não tenho muita certeza. E a nossa vida foi aqui em Osasco, tirando os cinco anos [em Santo André], são 50 anos que nós moramos aqui [em Osasco], [porque] eu já tenho 55 anos de casada.

Nós lutamos muito nessa vila, só nessa casa de aluguel nós moramos 16 anos. Só Deus sabia como dividir o dinheiro do salário, com aluguel [e] três filhos. [Eu] tive um dos meus filhos aqui em Osasco, [mas ele] nasceu no Hospital Pérola Byington, porque aqui não tinha recurso nenhum na época: não tinha padaria, não tinha açougue, não tinha mercado, não tinha nada. O dono da casa tinha [uma] bicicleta, ele era padeiro [e] trabalhava na Vila Piauí, num supermercado chamado Zé Barateiro, ele trazia o pão de lá. Na época, vinha [também] uma carroça de Cajamar [e] passava na rua duas vezes por semana: na quarta-feira com legumes, frutas [e] verduras; no sábado, com verduras, frutas, [mas também] com carne de porco, essas coisas. A gente comprava mistura assim, para não [ter que] ir ao Mercado da Lapa, [porque] naquele tempo a condução passava de hora em hora, [mas] eu com três filhos pequenos, não tinha como [ir]. Eu não cheguei a plantar, mas o meu vizinho da frente plantava aonde eu tenho o terreno [hoje]. Esse homem [se] chamava seu Mário, ele tinha vaca, tirava leite e vendia para as pessoas da vila, eu não podia comprar um litro, mas eu comprava meio litro de leite, na rua [também] passava a carrocinha do leite.

Quando eu vim morar aqui, não tinha água, não tinha luz, não tinha asfalto, não tinha ônibus. [Quando] o primeiro ônibus passou na rua de cima, puseram o apelido nele de poeirinha. Hoje eu preciso ficar do lado de lá da calçada, esperar o trânsito passar para atravessar a rua, sendo que antigamente era uma carrocinha que vinha trazer a verdura para nós. E quantos ônibus têm hoje para a cidade, da vila [em] que eu moro para Osasco, só que eu sei tem três [ônibus], fora as conduções que você toma e tem acesso para Osasco [como] Alphaville [e] Pirituba. A escola das minhas crianças era um barraco de tábuas, não era muito grande, mas tinha do primeiro ao quarto ano, hoje é uma praça pequenininha chamada Praça do Siri. Hoje mudou, [eu] acho que tem três ou quatro escolas [e] tem um pronto-atendimento na avenida, sendo que não tinha nem posto de saúde [na época], o posto de saúde mais

próximo era na Vila Anastácio, [onde] a gente levava as crianças para tomar as vacinas que tinham que ser tomadas.

No dia [em] que foram inaugurar a água, foi aquela alegria, aquela água espirrando para cima, foi a coisa mais bonita a inauguração da ‘*água da rua*’. Parece que o seu Zé fechou um [poço] onde nós morávamos, eram dois poços: um na casa dele [e] o outro na casa do inquilino, ele tampou o poço [na casa do inquilino] e o dele ainda está ativo, ele usa a água do poço para [regar] as plantas e a água da rua para lavar a calçada, para a cozinha, para o banho, [para] essas coisas. E na época da luz: bastava o tempo mudar [que] acabava a força. Demorou muitos anos para eu ter a minha primeira televisão, mas [a gente] assistia na casa do vizinho, às vezes chegava no dia do último capítulo da novela, chovia, não tinha luz. E foi assim no Jardim Platina.

Hoje eu falo que a minha vila é uma cidade, porque não tinha nada [e] hoje ela é rodeada de fábricas, hoje em dia a maior parte do Jardim Platina é área industrial, tudo mais novo [do] que eu lá na vila, tudo mais novo [do] que eu. E quando eu fui morar lá, eu acho que não tinham dez moradores, era um ali [e o] outro lá [longe], [mas] era gostoso naquele tempo, a gente passava no portão [e] cumprimentava, ia fazer visita, eles vinham no portão da casa da gente, os filhos brincando juntos, crescendo juntos.

Hoje em dia está difícil para criar um filho naquele lugar, não tem espaço para brincar, não tem espaço para nada, é laje. Graças a Deus, naquele tempo tinha espaço para brincar, tinha campinho aqui, tinha campinho ali, as crianças brincando de jogar [bola], nós mesmos. Na época eu era moça [e] as minhas vizinhas [também], domingo de tarde, nós íamos bater bola assim uma na porta da casa da outra, cadê que você faz isso hoje? Uma [se] aposentou, [outra] mudou, outras morreram, onde eu moro só tem o meu velho e eu, porque o resto é tudo nova geração, ninguém conheceu o Jardim Platina do jeito que [ele] é. [A] Vila Menck [era] uma mata assim trançadinha, que tinha bicho, vai lá ver se tem um lugar para você estacionar um carro ali na rua [hoje], o povo maior está na Vila Menck [e] tudo depois que eu passei a morar aqui, passei a ser gente velha, que é gente de juízo, porque eu era moça nova quando eu vim morar para cá, eu devia ter uns 22 anos.

Um dia aconteceu de abrirem um loteamento na frente da minha casa de aluguel, daí [o meu marido] comprou uma barroca, ele não queria de jeito nenhum e dinheiro a gente também não tinha, [mas] compramos pela fé. Ele chegou um dia [e] falou: “*vamos ver no que dá, se der para pagar, bem, se não der, o prefeito põe nós na rua*”. Eu acho que [eu] fui para lá em 1981 e nós fomos construindo devagarzinho, até nos dias de hoje a gente está construindo, quando temos dinheiro, fazemos uma coisa, quando não temos dinheiro, fica do jeito que está. Daí os três filhos casaram, o três filhos se separaram [e] só uma [filha] está em casa, [ela] mora no começo da construção, porque a gente fez uma casa de três cômodos: dois quartos, uma cozinha e um banheiro, [mas] Deus foi preparando [e] a gente acabou fazendo uma casa na frente, que agora [está] essa [filha].

Eu, com toda a minha simplicidade, eu tenho orgulho de mim, porque eu fui uma mulher que batalhei, [eu] tive juízo na cabeça. Nós éramos pobre, mas nós tínhamos respeito, tínhamos amor, tínhamos festa, tínhamos visita, tínhamos tudo dentro da nossa casa. As pessoas que eram nossos patrões eram uma gente [boa]. Os meus amigos de infância eram os filhos dos meus patrões, porque crescemos juntos. [Eu] tenho orgulho dos meus irmãos porque [foram] criados na casa dos outros, mas eles são gente. Eu tenho orgulho da minha família com toda a minha pobreza. Hoje [eu] me considero rica, porque eu tenho uma casa que eu não tenho vergonha, na verdade [ela] é simples. Na casa dos meus pais, eu tinha vergonha quando ia uma visita, mas eu tenho orgulho do pai e da mãe que tive [e] nos dias de

hoje, quando eu vou orar a Deus, eu falo: “*Senhor, eu agradeço [pelo] meu pai e [pela] minha mãe, porque eles não tiveram a educação de escola, mas tiveram educação para ensinar os seus filhos a terem respeito com os outros*”.

E onde eu ponho os meus pés, quando eu consigo fazer uma amizade, eu sou querida. [Eu] tenho as irmãs da Igreja que me querem bem, quando eu tive a enfermidade do câncer: saía uma visita, entrava duas, saía duas, entrava quatro. Deus preparou que todos eles que foram lá em casa, se não tomaram café, tomaram refrigerante. Isso tudo para mim é orgulho que eu sinto da mulher que eu sou, da esposa que eu fui. Então, eu me sinto orgulhosa dessa parte, porque eu venci, eu fui criada sozinha, respeitei os meus pais de longe. Quando o meu esposo falou para mim: “*vamos fugir?*” eu era criança, [mas] eu fugi? E o respeito que a gente tinha com os pais? Qual é o respeito de pais e filhos nos dias de hoje? A vida é assim mesmo, a gente tem que pensar bem no que vai fazer para não ter arrependimento daquilo que fez.

ENTREVISTA 15

VICENTE NAPOLEÃO DE OLIVEIRA [77 anos]¹⁰⁸

Eu nasci com 16 anos, [porque] [eu passei] 16 anos sem documento, mas [quando] eu tirei o registro, ele foi [feito] como [se eu tivesse] 18 [anos], então quer dizer que eu tinha 18 [anos] no registro, só que na verdade eu tinha 16 [anos]. E o pior é que, na sociedade, eu também não tinha pai [e] nem mãe, porque eles também não tinham registro. Na Igreja eu [existia], porque o meu pai me batizou com dois meses, ele me batizou em fevereiro de 1938 [e] eu nasci [no] dia 13 de dezembro de 1937. Há três anos atrás eu fui [nessa] igreja [para] ver o meu batistério, [mas] o nome do meu pai estava errado, então deu trabalho para achar o [documento]: o nome do meu pai é Napoleão Vicente de Oliveira [e] como o nome do pai dele era Vicente Simão de Oliveira, meu pai [aparece como] Napoleão Simão de Oliveira [no batistério], [mas] eles constataram com o nome da minha mãe, que eu fui batizado em fevereiro de 1938.

[Eu] nasci na cidade de Jardim, no Ceará, eu nasci perto de onde se inicia a Serra do Araripe. Onde eu nasci [tinha] muita cana, muita água e água boa, tinha uns tempos [com] neblina também, que nem aqui em São Paulo, [porque] lá é pé de serra, [então] é um pouco frio: a maioria das pessoas tem chuveiro quente lá, em outros [lugares] não precisa, porque [as pessoas] já são acostumadas. [Quando eu vou] lá, eu também tomo banho sem chuveiro quente, mas eu tenho que me molhar aos pouquinhos, [porque] a água fica boa quando a caixa da água fica no sol, mas acaba sendo gelado, se [ela] fica coberta.

Essa cidade era movimentada [porque] tinham muitos engenhos [onde se] fazia rapadura, hoje o movimento é pouco [porque] as canas acabaram. [Quando] os engenhos pararam, eles [ainda] puxaram [as] canas para outra cidade de usina para fazer açúcar, [eu] acho que ainda tem um engenho lá, mas agora já não têm mais as canas, [eu] nem sei como eles sobrevivem agora. Eu tenho uma prima que mora na cidade, mas ela tem um sítio, então ela tem gado; eu tenho outra [prima] que tem uma loja de tecidos [e] calçados; [ainda] deve ter algum serviço para servente de pedreiro, mas o lugar ficou bem sem movimento.

A minha mãe era doméstica e o meu pai tinha uma rocinha, [ele] plantava o mantimento e '*vivia de aluguel*'. Naquela época, eles falavam '*trabalhar de alugado*', isso queria dizer que a pessoa se alugava [quando] ia trabalhar. Ele trabalhava muito quando tinham as moagens [de] cana, [porque] ele era um mestre. A profissão [de] fazer rapadura se [chamava] 'caxeador': tinha uma tábua com uns 20 cm de largura [e] 1 m e pouco de comprimento, no meio daquelas tábuas, eles faziam furos [de] mais ou menos 15 cm por 10 cm, eram cochinhos para por a rapadura; eles trabalhavam com o melado numa gamela, eles ficavam mexendo para esfriar [e] quando já estava grosso [que] dava para fazer uma bolinha, eles punham naquelas caixas, naquelas tábuas que tinham furos, [mas] já não era mais o mel, era um material em que o mel tinha se transformado, [porque] estava bem grosso; [então] passava uma tabuinha bem preparada em cima e deixava numas prateleiras; quando esfriava, era só virar [e] a rapadura saía; [depois] tinha que lavar, para tornar a fazer o mesmo processo, então esse era o trabalho do meu pai, [o trabalho] do caxeador.

¹⁰⁸ Data de nascimento: 13/12/1935 – Data da entrevista: 10/07/13, 11/09/13, 09/10/13 – Local: CATI.

Nesse tempo eu [ainda] era menino [e] só brincava. Não tinha escola pública lá, [mas] depois dos meus 07 anos, as filhas de um amigo do meu pai me [ensinaram]: eu estudei a carta de ABC e a cartilha, [só] depois é que tinha o primeiro livro, então era demorado. Quando eu saí de lá, eu sabia ler porque eu sabia soletrar, mas eu escrevia errado [e] até hoje eu tenho dificuldade no português. [Eu] sou o mais velho dos filhos, eu nasci na cidade [e] depois nós fomos para um sítio perto, [mas] um perto que era 18 km da cidade, lá nasceram mais seis [irmãos]. Quando [a gente] ia para a cidade, a gente pegava um jumentinho [e] punha a cangalha, lá [a gente] comprava rapadura para comer e [para] fazer o café, porque nessa época o açúcar era muito difícil, [então a gente] raspava um pouco a rapadura para adoçar o café. Às vezes, a gente tirava um pouquinho de feijão no sítio, [mas] depois acabava, porque a roça era pequena, [então a gente] ia trabalhar um dia de serviço para lá [e] [outro] para cá, para poder comprar as outras coisas. Isso está bom hoje, porque o idoso [ou] quem tem um filho com problema tem um auxílio, porque [pode se] aposentar, mas naquela época, se [a gente] não achasse um lugarzinho para trabalhar, era duro, porque não tinha outro meio [de sobreviver], eu passei uma vida bem difícil com a minha família lá.

Eu acho que com 08 [ou] 09 anos eu já fazia alguma coisinha. Na roça [era] tudo manual, para plantar a gente fazia um furinho [na terra] com a enxada, pegava uns três [ou] quatro grãos de milho ou feijão, punha naquele lugar [e] tampava com o pé. Eu era muito pequeno [e] com preguiça de ficar trabalhando, eu enchi aquele buraquinho com grão e terra, [depois] eu soquei bem, pensando: “*se eu socar bem, ele não vai conseguir nascer*”, porque o caroço é sensível, para nascer tem que ter a terra, mas não pode ter um negócio duro em cima que ele não consegue. E foi isso que eu fiz quando era menino, eu queria terminar logo, para ir para casa brincar [risos]. Quando [eu] era menino, tinha um lugar de terra vermelha [que] eu amassava [e] fazia cavalinhos. A gente também fazia umas bolinhas pequenas de barro para atirar nos passarinhos, [porque] a gente tinha bodoque: a gente dobrava um pouco uma tabuinha e no lugar de pegar, a gente deixava a madeira redonda, então ali a gente punha dois barbantes e no meio a gente ajuntava os barbantes para por a pedra, quando a gente puxava [e] soltava, a pedra saía, só que às vezes pegava até no dedo, porque a gente pegava no meio e a pedra também tinha que estar no meio para a gente ter a mira. Eu era ruim para caçar, mas tinham [alguns] meninos que eram bons, eram caçadores; depois a gente depenava o passarinho, salgava, deixava no sol [e] assava, [ele] ficava sequinho, [então] a gente comia passarinho assado [e] era gostoso aquele passarinho.

Os meus pais nasceram em Pernambuco [e a] nossa ascendência é dos quilombolas. A minha mãe nasceu [no município de] Serra Talhada e o meu pai [no município de] Salgueiro. Na seca de 1932, a minha mãe foi para o Ceará, porque próximo a Juazeiro do Norte tinha o campo de concentração [que] é onde o governo reunia o povo para dar alimento. [Eu] acho que a minha mãe já não tinha mais [os] pais, então ela foi com os meus tios para esse campo de concentração, para não morrer de fome. Como [era um] lugar de muita gente [e era um lugar] sem higiene, as pessoas diziam que morria muita gente, porque [era] muito [fácil] ficar doente. A minha mãe falou que naquele tempo tinham os tocadores [e] alguns sanfoneiros, [então] eles ficavam dançando, dizem que [tinha] gente morta para [um lado] e eles dançando para o outro lado, [eu] acho que era para distrair, [porque] não tinha serviço, não tinha nada. Depois, o meu pai foi trabalhar no Ceará, porque era pé de serra, era um lugar úmido, tinha cana [e] engenhos, [então foi] no Ceará [que] ele conheceu a minha mãe [e eles se] casaram. Nós fomos para Pernambuco em 1948, [quando] eu estava com 11 anos, [mas] voltamos para o Ceará em 1950. No começo de 1954, nós fomos para a Paraíba, [onde nós moramos por] dois anos. Em dezembro de 1956, [nós] viemos para São Paulo [e] fomos para Gúaianazes, [nessa época] eu vinha na casa da [minha] madrinha, então eu conheci Osasco em 1957, [mas] só visitando. Quando foi em agosto de 1957, nós fomos para Barretos, [depois para] Olímpia

[e], em 1964, nós viemos [para] Osasco. Eu ficava conversando com meu pai, contando [tudo] o que tinha se passado [de] 1948 até chegar na data [em] que nós estávamos. No dia mesmo [em] que ele morreu, nós conversamos assim, já faz seis anos [e] ele estava com uns 100 anos.

Eu comecei a trabalhar muito novo, sempre fazendo ‘*servicinho*’ de carpir para o meu pai. [Quando eu tinha] 13 anos, nós [fomos] para a Paraíba catar algodão, [foi quando] eu fiz aquele negócio com o lençol [que] nós chamávamos ‘*aió*’. Já em São Paulo, a gente [podia] usar um balaio grande ou um saco de estopa amarrado na cintura. Para catar bastante algodão, tinha que ser com o saco de estopa, porque o balaio atrapalhava: a gente punha [o balaio] num canto, jogava o algodão, depois a gente vinha para cá [e] tinha que trazer o balaio [junto], já com o saco de estopa, conforme [a gente] ia catando, [a gente] ia jogando atrás, [porque] ele estava amarrado, quando estava cheio, [a gente] deixava [aquele] e pegava outro.

[Então] nós [saímos] à pé, andamos bastante, quase como daqui em Aparecida do Norte, depois paramos num engenho [onde] o meu pai [ficou] uns dois dias caxeando [e] eu fui carpir nas canas. Depois andamos mais um pouco [e] chegamos na outra cidade [onde] tinha a central, nesse tempo [se] falava central, era uma estrada onde passavam caminhões de transporte [e onde] a gente pedia carona, quando os caminhoneiros viam o sinal, eles paravam e a gente ia em cima da carga. [Então] nós fomos para a Paraíba, nós ficamos um mês lá, [mas] para mim foi [como se fosse] um ano, [porque eu] nunca tinha saído de casa. Quando nós voltamos, a minha mãe falou: “*se vocês chegassem [daqui] dois dias, já não teria mais nada das coisas de comer*”. Esse lugar onde a gente morava já era Pernambuco, mas era perto da divisa com o Ceará, isso [foi] em 1950.

O meu pai tinha um grande amigo que era primo da minha mãe [e] veio para São Paulo naquela Revolução de 1932. [Eu] acho que [ele] não voltou mais [para o Nordeste], [mas como] eles eram muito amigos, eles ficaram sempre se comunicando. Em 1954, veio um tio da minha mãe [e] o filho de um primo do meu pai já estava aqui, [então eu] acho que o meu pai também ficou com vontade de vir. Em 1956, nós tivemos uma boa colheita, nós colhemos [bastante] algodão, bastante milho [e] bastante feijão, [então] o meu pai achou que dava [para vir]. A gente não tinha o hábito de plantar arroz, [a gente] plantava um pouquinho, porque [era] uma comidinha mais leve [que] a gente comia quando estava doente, [mas] a nossa alimentação era feijão com cuscuz ou feijão com farinha, a gente fazia [do arroz] um tipo de mistura.

Nós estávamos na Paraíba [e] o meu pai veio comprar as passagens no Ceará, [porque] [no município de] Crato tinha um ônibus que vinha para São Paulo. Eu já tinha 18 anos [e] a minha [irmã] tinha uns 16 [anos], então [nós] trabalhamos para vender o mantimento. Naquela época ainda não tinha máquina para debulhar o milho, [então] a gente pegava um porrete e ia batendo nas espigas para [os grãos] soltarem. Nós tínhamos um dizer que falava: “*a formiga, quando quer se perder, cria asa*”, nós falávamos isso, [porque] achávamos que essa aventura era perigosa. O meu pai veio comprar as passagens e voltou para terminar [de] vender tudo. Quando nós chegamos no Ceará, o dinheiro era pouco [e] o meu pai [decidiu] desistir, [mas eu] sei que eles [nos] deram um desconto [e] nós viemos quase sem dinheiro [para São Paulo]. Eu [me] lembro de dois lugares que nós dormimos: num posto de gasolina, [onde] a mãe pegou uns lençóis, forrou o chão [e] ali nós passamos a noite; e na área de uma casa [onde] nós dormimos no chão mesmo. Eu não lembro se nos outros dias foi no ônibus [que dormimos], [mas eu] sei que nós passamos uma vida de mendigo até chegar em São Paulo. Eu [também] não lembro como foram os banhos, porque eu acho que nesses oito dias de viagem, nós não tomamos banho. O Natal nós passamos na viagem, mas naquele tempo, a gente não fazia festa de Natal, [nós] ainda não conhecíamos isso. Eu [também] não lembro se [a gente]

comemorava o Ano Novo, o que eu lembro que [se] comemorava lá eram as festas juninas: o meu pai cortava árvore e fazia aquela fogueirona de madeira verde.

Quando nós chegamos em São Paulo, o meu pai pagou um táxi para [levar] a gente até o quartel, [porque] esse primo da minha mãe era policial da cavalaria. Eu não sei como é que nós fomos, porque [era] tanta gente: meu pai, minha mãe e seis filhos, [mas] eu sei que fomos para lá [de táxi]. Naquele ano, o Brás não era [conhecido como] Brás, era Estação do Norte, [então, meu pai] nos deixou num local onde passava o pessoal que ia para Gúaianazes e foi comprar as passagens. Eu via aquele ‘*mundarel*’ de gente passando [e] pensava que era uma procissão, [eu] nunca tinha visto tanta gente assim, só em procissão na cidade [risos]. Isso era à noite, [então] o pessoal estava saindo do serviço [e] indo para casa, era o pessoal que ia pegar o trem. Nós também pegamos o trem [e] fomos para a casa do primo da minha mãe em Gúaianazes. Eu lembro que [a esposa dele] fritou lingüiça para nós, porque nós não conhecíamos isso, a gente [também] não conhecia chuveiro, [porque] lá a gente tomava banho nos açudes.

Depois disso, eu não sei como, [mas] eles arrumaram uma casinha para nós no meio do pasto, sem água [e] sem luz. Eu sei que ainda tinham quissasas lá, [era] um matagal que [já] foi roçado, [mas que ainda] tem alguns galinhos secos, [então] o meu pai catava aqueles gravetos para cozinhar, [porque] no começo nós não tínhamos [fogão a] gás, então precisávamos arrumar lenha. No começo também nem cama a gente tinha, a gente trazia rede ou então [colocava] colchões no chão, ficamos nessa casinha uns meses [e] depois alugamos outra, nessa outra já tinha energia [elétrica] [e] poço, [então] melhorou.

O meu pai arrumou serviço com um japonês que plantava batatinha numa chácara em Gúaianazes, tinha milho também, [mas] eu acho que aquele milho era para vender verde. Ele falou que precisava de pessoas para carpir e o meu pai não sabia o que era carpir, porque a gente falava ‘limpar’, [mas] o ‘carpir’ era o mesmo que nós fazíamos lá, só que com outra palavra. [Então] o meu pai falou: “*eu não sei, mas o senhor [pode] me ensinar*”, [quando] o homem foi [mostrar] com a enxada, [o] meu pai falou: “*ah, então dá para fazer*”. Nós ficamos com o japonês, carpindo [e] arrancando batatinha, naquela época a batatinha ainda era manual. Nós cozinhávamos a batatinha com sal e levávamos para almoçar, não tinha nem arroz, nem feijão, nem carne, só batatinha, [mas] depois a nossa comida melhorou, a gente arrumou umas marmitas, [só que] a mãe fazia a marmita na janta e deixava para a gente comer no outro dia, [então] essa comida azedava, [porque] não tinha geladeira. Quando nós [percebemos] que estava fazendo mal, [passamos a] fazer a comida de madrugada.

E conversando nesse serviço, um rapaz [nos] deu o nome de uma pessoa que tinha uma pensão em Barretos [onde] os fazendeiros iam quando queriam alguém [para trabalhar], [então eles] pagavam e levavam [essas pessoas] para a fazenda. Além de a gente pagar para ficar [na pensão] desse homem, o fazendeiro também pagava para ele, como [se estivesse] comprando a gente. Eu fui com o meu pai em julho de 1957, ficamos um mês [trabalhando], depois voltamos [para Gúaianazes] [e] em agosto a família toda foi [para Barretos]. Nós fomos de graça, [porque] aonde é a [estação do] Brás hoje tinha a ‘*imigração*’ [e] lá eles davam comida e passagem para o interior. Eu acredito que naquele tempo faltava gente no interior e [tinha] um inchaço de gente aqui na capital, [porque] eles facilitavam, a gente chegava sem documento aqui na capital, [mas] eles davam passagens para a gente ir para o interior. [Então] em agosto de 1957, nós fomos para Barretos através da imigração.

O meu pai e eu fomos trabalhar numa fazenda carpindo [e] fazendo aceiro: quando estava seco, nas invernadas, eles punham fogo [nos campos], para [que] quando chovesse, aquele capim [pudesse] brotar novamente, [porque] queimando, saía um broto bom, [mas] tinha que fazer o aceiro, [então] a gente limpava mais ou menos um ou dois metros da cerca, o fogo vinha até aqui, [mas] aqui estava limpo, [então] o fogo não queimava a cerca. Nós trabalhamos um pouco nessa fazenda, depois um [outro] fazendeiro nos levou para a fazenda dele, mas esse homem era muito rico e não tinha dó da gente: o meu pai ficou doente [com] uma gripe brava que tinha o nome de asiática, um dia ele passou lá [e] perguntou se o meu pai já tinha sarado, o meu pai [respondeu]: “*estou melhorzinho*”, [então] ele falou: “*toma remédio para sarar*” [e] isso para nós foi uma piada, porque nós não tínhamos dinheiro para comprar [e] ele também não deu [o remédio]. [Então] nós achamos que ali não ia dar certo [e] o meu pai arrumou outra fazenda, isso [aconteceu] em 1958.

[Quando] chegamos nessa fazenda, tinha um ‘*comodozinho*’ para [todos] nós: seis filhos, meu pai e minha mãe. [Eu] não lembro se a casa era de tábuas ou de [barro], [eu] acho que era de barro, [mas] era [um] lugar que ninguém morava, [me] parece que os porcos ficavam lá. [Então] o meu pai limpou aquele cômodo [e] nós ficamos naquela casinha sem nada, depois esse homem veio com um caminhãozinho [e] trouxe bastante carne de porco, feijão, farinha [e] arroz, nós não tínhamos nem trabalhado com ele ainda, [mas] o homem trouxe todas essas coisas [e] nos sustentou [durante] um ano. Em 1958 [também] foi a primeira vez que [eu] ouvi falar na Copa do Mundo, [porque] alguém tinha um rádio lá [e] eu ouvi o comentário. Nós trabalhamos [e] plantamos uma rocinha, [mas] não tínhamos prática [com animais], [então] não deu para pagar as contas. Em 1959, nós fomos para um sítio dele [onde] as terras eram melhores [e] eu já tinha um pouco de prática [para] trabalhar com animais, [então] lá deu para pagar as contas. [Quando] um filho dele [decidiu] casar, ele teve que diminuir a terra para nós, mas o sítio era pequeno, [então] nós arrumamos outra fazenda, isso [foi] mais ou menos em 1960. Nós fomos roçar nessa fazenda, [tinha que] arrancar toco, para depois arar, para depois plantar, [mas] não deu certo, [porque nos] desentendemos com o rapaz que não era nem fazendeiro, ele era meeiro, [eu] acho que ele pagava para o dono da fazenda, no fim ele também não tinha condições, [então] saímos [e] fomos morar com outro. [Essa] outra terra também [era] muito ruim, [nós] plantamos [e] não deu quase nada, [mas] ficamos o ano de 1961 lá.

Quando fomos trabalhar com outro fazendeiro em 1962, nós pegamos terras melhorzinhas, [então] nós tínhamos bastante algodão, um cavalo e uma égua para trabalhar [e] os bóias-frias vinham da cidade para apanhar o nosso algodão, [então] eu anotava o nome [e] pesava o algodão, depois a gente pegava dinheiro com o patrão [e] pagava aquelas pessoas, foi um ano com esse [fazendeiro]. Em 1962 também teve Copa do Mundo, eu não ouvi nenhum jogo, porque a gente não tinha rádio, [mas] parece que o meu cunhado tinha, [então] ele ouvia e falava para a gente, porque [os jogos] eram à noite. Essa fazenda já era no município de Olímpia, nós estivemos no município de Olímpia em 1962, 1963 e 1964. Em 1963, nós trabalhamos com [outro] fazendeiro, mas não plantamos algodão, [apenas] milho e arroz. [Quando] terminou a colheita de 1963, [nós] saímos de novo [e] fomos morar com outro [fazendeiro] [e] também pagamos gente para apanhar nosso algodão. Então nós tivemos [mudanças em] 1960, 1961, 1962, 1963 e 1964, cada ano [com] um fazendeiro. Quando terminou a colheita de 1964, a gente veio para morar [em] Osasco.

A casa era aqui no Jardim Cipava: [ela] já tinha piso, mas não tinha energia [elétrica], [então] a gente usava lamparina, mas a lamparina com querosene fazia fumaça [e] respirar aquilo [com] a casa fechada fazia mal. [Quando] o dono precisou daquela casa, ele arrumou outra para nós, ainda no [Jardim] Cipava. Nós moramos mais ou menos um ano nessa outra

casa: [nela] tinha energia [e] água de poço, mas o poço tinha pouca água. [Então] uma senhora que morava no mesmo terreno começou a implicar com a minha mãe, às vezes ela levantava cedo para tirar água [do poço] e deixava a minha mãe sem água, [mas] a minha mãe não era de briga, a minha mãe tinha um apelido de santa e ela era uma santa mesmo, porque [ela] era muito calma. A minha mãe já não queria mais ficar nessa casa, porque a mulher brigava com ela, [então] o primo do meu pai arrumou uma casinha na rua 13, [onde] ele morava, no Jardim Ipê, hoje quase não se fala mais no Jardim Ipê, só no Bela Vista. [Esse] primo do meu pai tinha vindo para Osasco mais ou menos em 1961 [e] a gente vinha lá do interior [para] passear na [casa dele] [e] ele ia passear lá na nossa casa. [Então] nós fomos morar lá, [mas] o meu pai [continuou] procurando terreno para comprar.

[Então] o meu pai viu um terreno no Novo Osasco [e] gostou, porque lá ainda dava para ele plantar. No [Jardim] Cipava ainda tinha pasto, porque [eu lembro de] um senhor [que] tinha vacas e tirava leite, mas para plantar não [dava], porque já era tudo loteado, o Jardim Ipê [também] era mais habitado, isso foi em 1965. [Então ele] levou os filhos [para] verem o terreno: os outros olharam [e] gostaram, [mas] eu não gostei [porque] não vi sinal de rua, eu fiquei desconfiado que ali podia não dar certo, porque quando eles loteiam, a gente vê mais ou menos [as ruas]. Eu não gostei, mas [eu] não falei nada [para o meu pai] e ele percebeu. Agora eu me emocionei, [porque] eu era muito amigo do meu pai... Quando ele percebeu que eu não gostei e não falei nada, ele desistiu.

Ele [continuou] procurando terreno [e] perto da casa do primo dele, no Jardim Ipê, tinha uns barrancos que já eram loteados, [então] ele viu esse terreno, falou com o corretor [e] conseguiu comprar. Só que esse terreno era muito caído para os fundos, tinham até barrocas, então ele [junto] com o meu irmão foram cavar para aplainar. Eu já estava trabalhando aqui em Presidente Altino numa fábrica de adubo, [então] nós construímos um barraco: ele conseguiu umas tábuas com um amigo [e] fizemos dois cômodos, ele comprou telha, cobriu e nós entramos: os cinco filhos, o meu pai e a minha mãe. A minha irmã tinha ficado no interior, [porque ela] casou em Barretos, eu também gostava muito dela [emocionado]. Nós moramos ali, eu pegava o meu pagamento e entregava para o meu pai que fazia as compras, [então] depois [de] mais ou menos um ano, a gente já [tinha] construído três cômodos de alvenaria e [colocado o] piso.

[Nessa época], meu pai plantou milho e mandioca ali no City Bussocaba, aonde é o parque [Chico Mendes] hoje, [porque] antes era uma chácara. [Eu] não sei como foi que ele arrumou, se ele dava alguma coisa para alguém, [mas eu] sei que ele plantou milho e mandioca [e o] meu irmão ia com uma carrocinha lá no bairro vendendo. Depois ele parou, porque o pessoal roubava o milho e a mandioca, eu não sei [dizer] se alguém ainda ficou [trabalhando] [depois] que ele parou. Eu não [plantava], [porque] quando nós chegamos em 1964, eu fiquei só dois meses desempregado, [depois] eu fui trabalhar nessa fábrica de adubo [onde eu] fiquei [por] 04 anos [e] saí para entrar no estado, no Departamento de Água e Energia Elétrica [DAEE], [onde] eu fiquei [por] 27 anos.

Nessa fábrica de adubo [onde] eu [estava] trabalhando, eu arrumei amizade com um senhor. Esse senhor morava na Bahia, mas ficava pertinho de Pernambuco, [então] o meu pai e ele, conviveram nos bailes da [mesma] fazenda [em Pernambuco] sem se conhecer [e] vieram se conhecer aqui [em São Paulo]. E com essa amizade comigo, com meu pai e minha mãe, eu acabei namorando [com] a minha esposa [e nos] casamos. Esse senhor é [o] meu sogro [hoje]. [Como] a gente tinha construído três cômodos e foi uma base boa, [então] eu fiz a minha casa em cima. Quando eu casei, eu tinha só dois cômodos, depois eu fiz uma cozinha, uma laje [e] um banheiro, [ainda] ficou um espaço [onde] é a lavanderia hoje. Então hoje a

minha vida está boa, graças a Deus. Eu até que não reclamava, mas vendo hoje como que eu estou [hoje], eu posso dizer que eu sofri. Então hoje eu tenho a minha casa, eu tenho o meu quarto, um quarto do filho, um quarto da filha, os quartos são pequenos, mas cabe cama [e] guarda-roupa, [sendo que] no começo a gente dormia tudo num quarto só.

Então essa é a minha história: eu sei que eu até poderia ter mais bens materiais, mas o culpado disso é o sistema, o sistema capitalista, porque eu trabalhei bastante, eu fui honesto no meu trabalho e o meu trabalho foi braçal, [mas] essas pessoas não são valorizadas, [são] como um objeto, não têm um valor humano, porque se [a gente] tivesse um valor humano, [então] a gente teria direito nas rendas. Na medida do possível, a gente pode dizer, [ou melhor], a gente tem que [dizer] que é vitória, porque eu vim do sertão do nordeste, [daqueles] que ficaram lá: alguns melhoraram, mas tem [aqueles] que hoje estão piores, têm fazendeiros que perderam tudo por causa da seca, [então] eu me considero um vitorioso.

Nas escrituras está [escrito] que viram Jesus depois que ele morreu, [mas] eu não tenho [a ressurreição] como [algo] mágico, eu acredito na ressurreição desse jeito: se eu fiz alguma coisa, eu vou ter uma história, foi o que Jesus fez, ele tem uma história [e] essa história é onde ele continua, [mas] para ele continuar tem que ter alguém para dar continuidade, então é por isso que ele está vivo, porque nós damos continuidade na história dele, que foi um homem honesto, um homem corajoso, [ele] foi um ser humano [como] nós, ele foi um homem [como] eu, só [que] a diferença [é] que ele não se corrompeu, ele também fugia dos perigos, mas foi um homem verdadeiro, [então] eu fico feliz comigo, porque essa [minha] história [também] vai ficar. A minha família me parece que vai ser pequena, mas [a minha história] está aí para algum deles lembrar [e] pode ser que eles se interessem. É muito bom [quando a] história fica escrita, porque se for boa, alguém vai gostar.

APÊNDICE D – ENTREVISTAS CONVENCIONAIS

ENTREVISTA 16

ALBERTO J.P. CAMARGO [48 anos]¹⁰⁹ **E REGINA M.T. VASQUES** [52 anos]¹¹⁰

Regina: A gente é da área da educação, da tecnologia e da cultura, eu sou da educação, ele é da tecnologia e nós dois somos da cultura, essa é nossa área de origem, a gente canta, a gente já fez teatro, então a gente tem um paralelo com a cultura, [mas] a folia, até então, não tinha nada a ver com a gente. Eu trabalhei com um grupo de folclore em São Paulo, [então] a gente sabia o que era Folia de Reis, mas nunca tinha frequentado.

[Um dia] gente recebeu a visita do irmão de uma amiga que estava morando na Austrália há muito tempo e cada vez que ele vinha para o Brasil, ele queria levar um monte de coisas [sobre] o Brasil, ele tinha sede de Brasil. [Quando] ele foi embora, o vôo estava marcado para o dia 6 de janeiro, que coincidentemente era dia de reis, [então] a gente falou assim: “*vamos fazer uma bagunça com ele, meio que folia de reis, que é para a despedida dele ser mais brasileira ainda*”.

A minha mãe improvisou uma bandeira, pegou um chitão, colocou uma estrela, a gente tirou uma música do Pena Branca e Xavantinho, o Alberto pegou a viola [e] fomos: eu, ele e mais uns três [ou] quatro amigos. Quando a gente chegou na rua aonde ele estava hospedado, a gente chegou gritando os vivas da folia, [então] a vizinhança apareceu nas portas, nas janelas, foi uma alegria. Quando a gente saiu, tinha um monte de vizinhos [falando] assim: “*Nossa! É folia de reis? Vocês passam na casa da gente?*” E a gente falou: “*Não, não é folia de reis, é só uma brincadeira*”.

Depois a gente passou na casa de outro amigo e [ficou] uma sensação muito gostosa [de que] tanta gente sabia o que era folia de reis e a gente não conhecia nada. Então a gente foi atrás, ouviu coisas, eu relembrei da pesquisa que eu fazia, fotografia, música, a gente juntou um grupo de amigos e falou: “*vamos começar uma folia mesmo!*” Isso foi em 1994, a gente já tem 20 anos de folia. [Quando] a minha filha mais nova nasceu, a folia já existia [e] a Alice tinha quatro anos quando a folia começou. Então tem bastante tempo, a folia foi crescendo e já teve ano [que] a gente passou em quase 70 casas em uma jornada.

A gente faz uma reunião para ajuste [de] roteiro [e] tema em novembro, tem uma passada nas músicas, [mas] não tem ensaio, a coisa é incorporada ao longo do tempo pelas pessoas, a coisa acontece. A gente começa no meio de dezembro, preferencialmente aos finais de semana, porque é quando a gente não trabalha, [mas isso] depende do número de casas e de quando caem [os feriados de] Natal e Ano Novo: se caem no final de semana, são dois finais de semana perdidos, porque no [dia] 25 a gente faz o Alto de Natal, mas nos [dias] 24, 31 e 1º a gente não sai, [então] a gente tem que usar algumas noites durante a semana para fazer [as visitas].

A gente já mudou muita coisa: primeiro, a gente passava em todas as casas que pediam, a gente tinha uma filosofia [que] se a gente estivesse no caminho e alguém pedisse para passar de improviso, a gente ia passar, porque era nossa função [e] obrigação, [então] a gente ia. Só que chegou uma hora que não dava mais porque a gente chegou a fazer 13 [ou] 14 casas num só dia, [sendo] uma média de meia hora em cada casa. [Então] a gente se viu assim: “*está muito grande, vamos enxugar para caber mais gente*” e fazia [o ritual] meio com pressa porque tinham muitas casas [para visitar], [então] a gente pensou: “*não é isso, a gente*

¹⁰⁹ Data de nascimento: 26/07/1965 – Data da entrevista: 31/05/14 – Local: Residência

¹¹⁰ Data de nascimento: 18/04/1962 – Data da entrevista: 31/05/14 – Local: Residência

não tem que ir pela quantidade, vamos fazer uma coisa mais bacana, vamos reduzir!” [e] começamos a retirar as casas [onde] já fazia há cinco [ou] seis anos seguidos [e] começamos a incluir casas novas. Se fossemos somar tudo hoje, eu acho que a gente já deve ter passado [em] mais de quinhentas casas diferentes [aqui] em Osasco.

Hoje a gente tem uma coisa mais organizada: [quando] a gente está passando [com a folia], muitas pessoas que estão na casa, não são da casa, são convidados, e pedem: *“você podem passar na minha casa no ano que vem?”* tem uma pessoa na folia que fica com uma listinha e escreve o nome dessas pessoas, [então] a gente praticamente já tem um roteiro montado para o ano seguinte, é só organizar as pessoas que pedem [e] encaixar uma ou outra casa [onde] a gente já foi, mas que está no caminho. [Então] a gente liga antes [e pergunta]: *“pelo nosso roteiro, a sua casa vai cair dia tal, para você tudo bem?”* e ela [diz]: *“tudo bem”* ou *“não, não vai dar”* [então] a gente reorganiza, [mas] a pessoa já fica esperando a gente naquele dia. Depois de vinte anos é que a gente conseguiu uma organização assim, porque antes as pessoas pegavam a gente na rua [e] a gente não queria deixar ninguém de fora.

Alberto: Deixa eu acrescentar um detalhe: a nossa folia de reis está com o tamanho e a importância que nós conseguimos atingir, principalmente, por causa dessas pessoas. No segundo ano [em] que a gente resolveu fazer as cantorias da folia de reis aconteceu uma coisa muito significativa para a gente.

O primeiro [ano] foi aquele festejo para mostrar para o rapaz [e] para a esposa dele que era australiana. No segundo ano, a gente já colocou uma bata, fez um chapeuzinho e passou com a folia na casa de [alguns] amigos nossos, o Elias e a Leila, no Novo Osasco. Nesse dia especificamente, o que aconteceu? quando a gente estava saindo dessa casa, apareceu um senhor de cabelo branquinho, segurando um chapéu e falou: *“você são da folia de reis?”* nós falamos: *“somos”* ele falou assim: *“puxa vida, passa aqui na minha casa, faz quarenta anos que eu monto um presépio, esperando uma folia de reis...”*

Regina: [Então] começou um monte de coincidências: como é o nome do senhor? *“seu José”* E o nome da sua esposa? *“Maria”* E a rua de vocês? *“é aqui atrás, na rua Santa Maria”* [então] a gente falou: *“não é possível... é muita coisa!”* a gente chegou lá e viu um presepinho tão lindo, aquele papel pedra, os carneirinhos, as luzinhas e ele muito emocionado.

Alberto: Então foi emocionante para todo mundo ver o casal emocionado e ficou aquela coisa: ele era de Minas [Gerais] e estava morando há quarenta anos aqui em Osasco, [mas] nunca uma folia de reis tinha ido na casa dele. Em Minas [Gerais], ele montava o presépio, porque a folia de reis geralmente visita onde está o presépio, [então] ele montava aqui [também], [mas] não tinha [a folia], coincidentemente [ele] nos encontrou. Depois disso ficou uma coisa assim para a gente: *“puxa vida, a gente tem uma responsabilidade com a folia então, porque esse pessoal está carente de receber a folia de reis e aqui não tem”*.

O rapaz da Casa dos Violeiros me falou que eles chegaram a ter uma folia de reis, mas o pessoal [era] mais de idade, [eles] foram adoecendo e acabaram não fazendo mais. A Regina conheceu uma [folia] em Carapicuíba que também era de um pessoal tradicional, senhores de idade que tocavam aquela folia de reis mais lamentosa, [mas] também não tem mais. Então, é interessante perceber que tem uma carência ainda hoje, ou seja, as pessoas querem a visita da folia de reis, é uma coisa muito forte nas pessoas, principalmente nas que vem do interior e das [pessoas] daqui de Osasco também.

Regina: Quando a gente foi para São José do Barreiro, a gente encontrou alguns violeiros [que] falaram a mesma coisa: esse pessoal antigo que tinha folia de reis, eles iam ficando velhos e a folia acabava, porque a geração seguinte não continuava a folia, então foi o

que aconteceu em Carapicuíba [e] na Casa dos Violeiros. A gente pensa muito nisso, só que a nossa folia já tem mais gerações, tem muita moçada com a gente [e] isso é legal, porque são várias gerações: a gente tem um folião de 85 anos, o seu Armando, que é o nosso mais velho e a Júlia que está com 09 anos. A gente tem um núcleo duro com uns 25 [membros], que é o pessoal que está com a gente todo ano, porque nem todo mundo que é da folia, vai todos os dias ou vai todos os anos, então a gente tem uma parte que é meio itinerante.

Alberto: Por isso a gente fala que tem um núcleo que é mais constante, [que] deve ter uns 25 a 30 [membros] e tem o pessoal que não vem com tanta frequência, não consegue participar todos os dias, [mas] que também faz parte da folia, juntando todo mundo tem mais ou menos 50 ou 55 pessoas. A gente já foi até em apartamento, o que é uma maluquice, imagine: 45 pessoas, o bumbo da folia, várias violas, violões, pandeiros [e] chacoalhos. [risos]

Os rituais das folias de reis têm variações, mas [são] todos parecidos: a gente começa lá fora, fazendo os versos, pedindo licença para entrar, a gente entra cantando o hino da folia até o presépio, a maioria dos cânticos foi a gente que compôs, enquanto [isso] a dona da casa passa com a bandeira de reis para abençoar a casa inteira, as crianças que participam geralmente recitam versos falando sobre a história do Natal [e] a história dos reis magos, depois a gente vai para a mesa, [porque] que o pessoal [da casa] geralmente oferece uma mesa. Vamos tocar um pedacinho do bendito de mesa que eu acho lindo, a gente canta quando vai agradecer aos donos da casa [pela] mesa: *“Senhora dona da casa, dá licença de agradecer, essa fartura na mesa, esse pão que vamos comer, ai esse pão que vamos comer, ai ai. Os três reis do Oriente vão fazer a oração, Deus lhe pague esse devoto que abriu o seu coração, ai que abriu o seu coração, ai ai”*

As fitinhas da folia de reis não são simplesmente enfeites coloridos, cada cor significa uma coisa: a fita branca representa o menino Jesus, a vermelha é o rei que deu o incenso, a verde é o rei que deu a mirra, a amarela que é o rei que deu o ouro, você tem a cor-de-rosa que é São José, [porque] tem uma relação com a carpintaria, tem a [fita] azul claro que é Nossa Senhora e a [fita] azul escuro que é São Gonçalo, o santo protetor dos violeiros, então cada cor tem um significado. E tem a viola: [ela] veio com os portugueses para o Brasil, era uma viola um pouco diferente, aqui ela se difundiu [como] um instrumento de expressão cultural do pessoal do interior e foi tomando características próprias das regiões, então cada região tem uma afinação diferente, não é que nem violão que tem a mesma afinação no mundo inteiro, no sul de Minas [Gerais] é uma afinação, no interior de São Paulo é outra, algumas predominam, essa afinação se chama cebolão. Esse é o hino da folia, ele é longo, tem doze versos, vamos fazer o primeiro: *“Senhora dona da casa, ai ai ai ai, onde Deus fez a morada ai, e a família dessa casa ai ai ai ai, que está abençoada ai ai ai ai por Ele iluminada ai”*. Eu até posso mostrar um pouquinho a diferença [entre] as folias de reis tradicionais [e] a nossa, porque a gente teve que adaptar.

Regina: A gente chama a nossa folia de uma folia urbana, porque nós tivemos que descartar algumas características rurais. Primeiro porque nas folias tradicionais eram só homens, eles saíam num determinado dia e não voltavam para casa, eles iam andando pelas fazendas, paravam, pediam comida, pediam pouso, já sabiam que o dono de determinada fazenda todo ano dava pouso [e] ceia, [então] eles ficavam por lá, às vezes passavam a noite inteira dançando [e] no dia seguinte continuavam caminhando. Isso a gente não pode fazer aqui, a gente não pode sair sem dia para voltar, porque a gente tem que trabalhar, você não pára a vida para fazer a folia de reis. Outra coisa é que as distâncias percorridas são maiores, então a gente usa os carros. A gente só não percorre de carro quando têm várias casas numa mesma vila ou numa mesma rua, então a gente pára os carros perto e faz os cortejos a pé, mas é raro acontecer. Isso acontece aqui na vila, na Cidade das Flores, mas é pouco.

Alberto: Geralmente as casas são isoladas, [então] é uma adaptação, em vez de ir nos cavalos que nem nas folias do interior, a gente vai nos carros, são algumas adaptações que a gente teve que fazer nesses termos. Têm [outras] diferenças também: a folia de reis mais tradicional tem um ritmo musical mais lento, uma cantoria mais lamentosa com várias vozes [e] aqueles gritos altos no final, é muito bonito, mas para a nossa turma fica um pouco arrastado e para juventude começa a ficar uma coisa chata, então a nossa folia foi colocando músicas um pouco mais alegres, um pouco mais aceleradas, um pouco mais divertidas do que as folias mais tradicionais. A gente faz algumas vozes também, a gente não consegue fazer todas aquelas vozes que o pessoal das [folias] tradicionais fazem, [mas] a gente faz algumas, mantendo a ligação com essa característica típica da folia de reis [de] abrir em várias vozes no final dos versos. [Então] a gente tenta fazer, mas mudou essa característica, ela é uma música mais alegre e mais festiva. [Além disso] a maioria dos componentes da nossa folia são mulheres, então a cantoria fica mais aguda, [porque] predominam as vozes femininas.

Hoje tem várias folias que têm mulheres, não é só a nossa, mas há certo tempo atrás não tinha, a tradição era só homens, nenhuma mulher ia nas folias de reis, [porque] o pessoal bebia muito, então a certa altura do trajeto, eles já estavam alcoolizados [e] saíam brigas, então tem essas questões.

Regina: Eu acho que mulher é mais agregadora, talvez a figura feminina ajude essa coisa de ir para a próxima geração, não sei, [mas] é uma hipótese. Por exemplo, a mulher que tem um filho pequeno [e] vai na folia, ela não vai deixar o filho em casa, ela vai levar o filho junto e [ele] vai se acostumando, eu acho que tem um pouco isso. Nas folias que eram só homens, se eles tivessem filhos: primeiro, o filho tinha que ser homem; segundo, o filho tinha que gostar e querer continuar. Como a possibilidade era menor, [a folia] ia morrendo.

Alberto: E [assim] a gente foi encaixando o nosso ritual, [mas é] parecido com o tradicional. No tradicional, por exemplo, tem o bendito de mesa [que] é um canto que eles fazem agradecendo, porque quando [eles] chegam na fazenda que vai dar o pouso, essa fazenda geralmente faz um banquete para [eles] comerem de noite, então eles ficam em volta da mesa e cantam o bendito de mesa, que é para agradecer. Nós fazemos [isso] também, porque toda casa quer fazer uma mesa para a gente, não é só a última.

De uns anos para cá, a gente [também] pede licença para o dono da casa no meio do ritual, [e] deixa uma mensagem: a gente já falou da declaração universal dos direitos humanos, da carta da terra, de voluntariado, cada ano tem um tema. Isso é novo, nós que adaptamos, já tem uns dez anos que a gente introduziu essa mensagem aproveitando a visita.

Regina: A folia [de reis] em si já é uma mensagem, porque ela representa a andança dos reis magos até encontrar o menino Jesus nascido. Dentro do ritual é como se nós foliões estivéssemos passando e contando para todo mundo que o menino Jesus nasceu. Eu acho que isso dá uma mexida com as pessoas, [elas] se encantam, então a própria folia já é uma mensagem de reavivamento de algumas coisas, [mas] a gente pensou [que], além dessa, a gente poderia dar uma mensagem de cidadania junto, que também precisa tanto, porque não adianta a pessoa ter uma religiosidade ou uma ligação espiritual, se no dia a dia, ela continua fazendo coisas que poderia melhorar, ajudar a ela mesma [e] aos outros, então foi bacana. Quando a gente [decidiu] ler a declaração dos direitos humanos, [por exemplo], a gente escolhia um artigo em cada casa, [mas] deixava a declaração na íntegra para pessoa.

Alberto: Depois que termina essa parte da mensagem, a gente vai em volta da mesa, canta o bendito de mesa [e] come. Nesse momento há uma descontração e geralmente o dono da casa pede para a gente tocar mais alguma música, então a gente toca músicas do universo caipira, músicas de cultura popular, depois tem uma mensagem final, a gente canta um agradecimento aos donos da casa [e] aos devotos, canta a despedida da folia e sai. Hoje em dia, esse ritual todo está por volta de uns 45 ou 50 minutos em cada casa, então a gente consegue fazer quatro [ou] cinco casas por dia, [o que] vai dar umas cinco [ou] seis horas de [folia], a gente começa às 04 da tarde e vai até quase 10 da noite assim.

Mas retomando um pouco essa questão do fio cultural que era a nossa intenção [inicial]. Eu acho mágico isso, o negócio começou cultural [no sentido de] manter a tradição, [de] valorizar essa cultura, [mas] o que aconteceu? os devotos foram falando um para o outro [e] acabou aumentando a [nossa] responsabilidade de ter que atender esse pessoal. [Só que] esse pessoal tem devoção profunda pela folia de reis, a bandeira de reis para eles é, e [de fato] é, um objeto sagrado, então a gente ia em casas [onde] tinha uma pessoa enferma, [eles] vinham com a bandeira para curar aquela pessoa, tinha que abençoar a pessoa, beijar a bandeira e depois de um tempo a gente ouvia falar: “*graças a Deus sarou a pessoa*”, “*graças à bandeira*”, “*graças ao santo rei sarou*”, “*graças aos santos reis*”... nós não nos sentimos com essa incumbência, mas isso foi crescendo. Então era um movimento cultural [que] passou a ser um movimento autêntico de religiosidade popular [e que] não é ligado à nenhuma hierarquia religiosa. A nossa intenção era cultural mesmo, como uma manifestação típica brasileira, só que a nossa folia de reis foi percebendo essa carência, o pessoal foi precisando, a gente foi atendendo e essas coisas foram acontecendo.

Regina: [Então] hoje a gente sabe que a folia é muito mais do que a gente, independente de quem carregue a bandeira ou de quem toque o violão [e] a viola, ou de quem entre, ela já tem uma coisa instituída, ela é além da gente. A gente tem na bandeira, [por exemplo] muitas fitas de pedidos e hoje em dia muito mais fitas de agradecimento por graças atendidas.

Alberto: Em algumas casas o pessoal amarra fitinhas coloridas na bandeira com esse sentido, alguns amarram uma fitinha para fazer um pedido e depois, no outro ano, você percebe [que] eles aparecem de novo, amarrando uma fitinha para agradecer, agradecimento porque sarou fulano, então você vai sentindo o peso da responsabilidade que você acaba pegando, a gente como um canal, um veículo para isso, porque como eu falei, nós não temos nenhum poder de santo, mas é a folia, ela tomou um corpo e hoje ela tem esse poder, é a cultura que chegou e você vê que ela realmente é forte, existe e ela te toma, não tem jeito.

Hoje a nossa folia de reis já é uma manifestação autêntica da cultura, mas também da religiosidade popular, ela já existe autonomamente como uma manifestação autêntica aqui em Osasco. Não é um grupo de teatro que representa uma folia, tanto é que nós, por exemplo, já fomos convidados várias vezes para apresentar a folia de reis num evento, [mas] eu falei assim: “*a folia de reis não se apresenta, não é um show, a gente vai visitar uma casa, porque o dono da casa é devoto [e] ele vai reverenciar sagradamente a bandeira*”. A nossa folia já foi convidada para ir naquele movimento grande que tem na Água Funda, Revelando São Paulo, mas a gente não vai, porque não temos essa característica, nós não somos um grupo de teatro ou um grupo de pesquisa cultural que pesquisa e reproduz aquilo para mostrar como é. Já recebemos diversos convites aqui em Osasco mesmo, [mas] eu sinto muito, a gente não vai. [Dizem] “*poxa mas é tão importante*”, eu sei que é importante, mas a nossa folia não é um show, não é um espetáculo. Ela só acontece no ciclo natalino.

Então a nossa folia tem essa responsabilidade, criou essa autonomia, é um movimento autêntico, as pessoas têm devoção. Um grande amigo nosso, [por exemplo], estava com

problema de saúde e se propôs a participar da folia como uma promessa, o pessoal [costuma] fazer promessa para ir em Aparecida [do Norte], [mas] a promessa dele foi participar da folia de reis, não faltar nenhum dia e passar em todas as casas. Então a gente encontra essas manifestações, eu acho importante saber que a gente consegue proporcionar isso para as pessoas, apesar da grande responsabilidade que a gente acaba tendo, é interessante ver isso acontecendo.

Regina: [mas] a gente separa [também], não é a gente que faz nada, na verdade, a gente vai e leva a folia.

Alberto: exatamente, quando começa a folia de reis, a gente coloca a nossa bata [e] o [nosso] chapéu, então naquele momento a gente assume um papel, a gente fala que se transforma num folião e com essa missão, todos os foliões juntos, formam a folia de reis, que é uma coisa mais forte do que qualquer um de nós. E é isso que está fazendo esse trabalho.

A gente geralmente encerra em 06 de janeiro [e] assim como no primeiro dia tem um ritual de abertura, no último dia tem um ritual de encerramento da folia. No encerramento, a gente monta um altar onde coloca a bandeira de reis [e] os foliões vão um por um, chega no pé da bandeira e tira a coroa de reis, tira a bata e vai se destituindo do folião, deixa o folião ali, quando termina todo mundo, acabou a folia.

Regina: Essa é outra diferença [entre] a parte rural [e] a parte urbana: no interior tem um festeiro, que é um membro responsável pela festa de encerramento da folia de reis, então ele passa arrecadando doações nas casas e no final o que ele arrecadou vira uma grande comemoração, o porco que foi doado é assado, o boi que foi doado, o arroz, vira uma festa. Aqui a gente recebe doação de alimento não perecível e encaminha para instituições beneficentes, na verdade, a gente até pediu para [eles] não oferecerem a mesa para nós.

Alberto: Porque cada casa fazia uma mesa farta, então [quando] chegava na quinta casa, ninguém agüentava comer mais nada e era [uma] desfeita com o dono da casa, porque ele tinha feito com tanto carinho, então a gente começou a incentivar o pessoal assim: “*gente, não precisa fazer uma mesa tão farta, em vez disso, vocês podem doar para santo reis um alimento não perecível, um agasalho, alguma coisa*”, porque doar para santo reis é um simbolismo deles também, [então] a gente começou a arrecadar, teve um ano que a gente arrecadou quase 800 kg de alimento numa folia de reis.

Regina: A gente ajudou muito São Luís de Paraitinga quando teve aquela enchente, naquele ano tudo o que a gente arrecadou foi para lá, então a gente tenta encaminhar para quem precisa, mas não adianta: ele doam, mas fazem a mesa do mesmo jeito, eu acho que eles sentem [como] uma forma de retribuir.

Alberto: É mais ou menos isso: a gente começou desse jeito tão despretensiosamente e a coisa aconteceu, foi crescendo e hoje tem esse tamanho todo, a gente espera que continue, vários adolescentes que participam demonstram, pelo menos por enquanto, a intenção de continuar. Eu acho bacana porque tem um monte de adolescentes na faixa de 12, 13, 14 anos que vem curtir a folia de reis porque eles querem, os pais nunca obrigaram, [mas] eles vêm porque eles gostam.

Outro elemento que eu acho interessante: a folia de reis é uma resistência cultural em relação à invasão consumista de Papai Noel, shoppings e aquela coisa toda. A folia de reis é uma manifestação natalina tradicional da cultura com significado, está contando a história dos três reis que foram visitar o menino Jesus, é um movimento de resistência a esse massacre

mediático de Papai Noel e consumismo, [então] a gente consegue quebrar um pouco com isso. A nossa folia faz uma referência bem diferente, eu acho interessante que os jovens estão vivendo isso, estão curtindo isso e estão enxergando isso, o que é diferente dessa coisa sem sentido.

Regina: eu acho que quando vem alguma coisa que a gente consegue perceber que está sendo muito invasivo, eu acho que a gente acaba começando um movimento de contra-invasão, eu sinto isso em muitas coisas, não só na folia, mas em outras coisas. O Paulo Freire, que é um violeiro famoso, [por exemplo], postou no blog dele esses dias que ele desistia de montar o projeto dele para a virada cultural, porque ele era ignorado. A gente não tem notícia de música de raiz na virada cultural, é uma virada semi-cultural na verdade [risos]. O máximo que você tem é Renato Teixeira, mas ele é mais pop, porque já é mais celebridade, ele está mais na mídia, a música dele está na novela, está na abertura do programa, ele dialoga com a cultura de massa, não deixa de ser nossa referência, mas ele é o máximo que você consegue ver de uma coisa mais caipira nos grandes eventos.

Alberto: Outra coisa que é importante também é a parte musical da folia, são músicas caipiras que a gente toca, são músicas tradicionais de folia com a viola caipira. Dentro da folia de reis, a viola caipira é um dos instrumentos mais importantes. Às vezes, o pessoal da casa, alguns jovens [que são] filhos de quem está na casa [dizem]: “*nossa! que instrumento bonito! Eu nunca tinha visto uma viola caipira!*” então mostrar a viola caipira [é] mais um trabalho da folia de reis. Hoje em dia tem bastante gente nova tocando viola caipira no Brasil, tem um movimento bacana, tem até bacharelado em viola caipira na USP, então a viola caipira com a folia de reis é mais um trabalho de divulgação, de resistência. Derivado disso, eu e a Regina, montamos há alguns anos um espetáculo de música caipira [que se] chama Cantinho Caipira.

Regina: Como a gente entrou nessa levada de pesquisa, a gente acabou encontrando muita música que é de viola, que é a música do sertanejo, do cara que mora na zona rural mesmo, às vezes [a gente] nem sabe quem é o autor ou então a gente sabe quem é o autor, mas já está no imaginário das pessoas. E a gente foi buscando, descobrimos músicas em nossa própria família que o tio canta desde pequeno, [que] a mãe também canta, composições [que] ninguém sabe direito de onde vem, então a gente pegou tudo isso e montou um espetáculo, que é fora da folia de reis, é outra coisa, mas é bem legal.

A minha família vem do interior de São Paulo: a minha mãe ficou pouco tempo na fazenda, [porque] o pai dela era escrivão de cartório, então eles moraram em pequenas cidades do interior, mas sempre na zona urbana, então a minha mãe não teve vivência rural. O meu pai sim e os meus avós, por parte de pai [também], a minha avó trabalhava na roça mesmo e o meu avô administrava a fazenda.

O meu pai e a minha mãe tiveram problemas econômicos no interior quando já eram casados, [como] a cidade era muito pequena, eles vieram para cá, a minha mãe sempre foi professora, então ela pediu transferência para uma escola de Osasco e o meu pai veio buscar outras oportunidades de trabalho aqui. [Eu] para cá com 05 anos, [isso foi em] 1966. O Alberto também veio para cá antes de 1970, mas a gente voltava muito para o interior para visitar quem tinha ficado.

Alberto: O meu pai veio do interior de São Paulo, o nome da cidade é Santo Anastácio. Ele chegou a trabalhar na zona rural [durante] a infância dele, [ele] teve sim uma vivência rural, mas não foi muito tempo, [porque] ele veio para São Paulo [ainda] novo [e] depois para Lorena, no Vale do Paraíba. A minha mãe é de Resende, no Rio de Janeiro, depois ela morou em Aparecida [do Norte] [onde] eles se conheceram. Então os meus pais

moraram em Lorena, onde eu nasci, [mas] a situação econômica começou a ficar complicada [e] viemos para Osasco, o meu pai veio [procurar] uma oportunidade de trabalho melhor aqui. Eu tinha 4 ou 5 anos de idade, então, como eu vim para cá muito cedo, ficou pouca coisa de raiz lá, [eu] realmente não tenho recordações do Vale do Paraíba. Eu sei que ali na região tem folia de reis porque a minha mãe conta que tinha medo.

[Esse] detalhe é mais uma diferença: as folias de reis tradicionais têm uma figura importante que são os palhaços ou bastião, são figuras assustadoras, [usam] máscaras feitas com couro de boi, roupa muito colorida, fitas e chapéus. Os palhaços das folias tradicionais têm o simbolismo dos soldados de Herodes que iam matar as crianças, [mas] eles também funcionam como guardiões da bandeira. Então eles estão brincando, mas na verdade eles são guardas para ninguém roubar a bandeira, porque nas folias de reis do interior, até na nossa acontece isso, o pessoal doa comida, mas [também] doa dinheiro. Na nossa folia de reis é muito comum [o devoto] por dinheiro dentro do bojo da viola, outros espetam na bandeira, então os bastiões vão em volta brincando para proteger a bandeira, por ser sagrada, mas também porque tem muito dinheiro pendurado nela. Só que os bastiões assustam as crianças, porque eles são feiosos, então a minha mãe lembra [que] quando via o pessoal da folia de reis chegando na rua, ela corria para o quarto e se enfiava embaixo da cama.

A nossa folia não tem esse palhaço, não tem esse bastião assustador, primeiro, [porque] a gente não tinha quem fizesse, porque o bastião tem que ter uma habilidade quase de malabarista, ele tem que dançar, pular [e] a gente não tinha quem fizesse esse papel, mas no meio do caminho um amigo nosso, que é o Reginaldo, conheceu a folia. Ele faz um trabalho com clown e começou a vir caracterizado de palhaço na folia também, é a profissão dele, o nome dele como palhaço é Osaskito. Então a nossa folia tem um palhaço um pouco diferente do bastião assustador.

Mas em Lorena tem folia de reis, naquela região de São José dos Campos já teve bastante também, a gente já foi para Monteiro Lobato, São Francisco Xavier, regiões que tem bastante folia de reis, [porque] é sul de Minas [Gerais], [quando] você sobe a serra, você está em Itajubá. No Brasil inteiro tem [folia de reis], [no] interior de São Paulo tem bastante, [no] Paraná tem também, mas eu acho que Minas [Gerais] é o estado do Brasil onde a folia de reis é mais forte. Então ali tem muita folia de reis dessas tradicionais, mas eu particularmente não tive vivência lá, porque vim para cá com 04 ou 05 anos.

Regina: Eu acho que a gente tem um encantamento por essa coisa rural, quando a gente vai para Cunha, por exemplo, que é considerada a cidade mais caipira de São Paulo, a gente não tem mais vontade de sair de lá, porque a gente tem mesmo um encantamento pela sonoridade do lugar, pelo jeito das pessoas se relacionarem. Na minha família, por exemplo, o café da tarde sempre foi uma hora sagrada, aquele momento [em] que juntava tudo na casa de um e ficava jogando conversa fora em volta da mesa, é um costume que veio do interior e a gente gosta muito disso. Então eu acho que a folia e a viola é um jeito da gente trazer para a nossa vida, essa coisa que a gente gosta, a gente costuma dizer que quando a gente escuta a viola caipira, a gente fica com saudade de uma coisa que nem sabe o que é.

Alberto: Você me lembrou mais um detalhe que eu acho interessante: nas folias mais tradicionais têm momentos, tanto nos versos recitados quanto na cantoria mesmo, [em] que tudo é cantado de improviso, o cantador da folia fala de alguma coisa que está acontecendo [naquela] hora, ele improvisa os versos e isso é difícil de fazer, [porque] tem que ter uma habilidade. Eu particularmente sou péssimo para improviso, mas a Regina é mais habilidosa, então ela chega na casa e canta vários versos: “ô dona da casa, que cortina tão bonita, não sei o que”, isso é gostoso, todo mundo dá risada. Então esse improviso é uma característica bonita da folia original que a gente tenta manter na nossa folia um pouco mais urbana.

A gente [também] tem um livrinho com as letras das músicas, [porque] a gente não consegue decorar todas as músicas e o pessoal precisa [da letra] para apoiar, as folias do interior chamam [isso] de ‘cantar de tabela’. [Este] é um termo que eles usam, [então] tem folia que ‘canta de improviso’ [e] tem folia que ‘canta de tabela’, tabela porque tem a letra impressa, então isso também é comum nas folias do interior. A gente tem cantado com o livrinho e tem alguns momentos em que a gente faz os improvisos, de vez em quando dá para encaixar um. Uma vez eu fui ver uma folia que veio de Cesário Lange [e] os foliões cantaram um improviso para mim, porque eu era retratista, mas também era capitão de folia, é muito bonito quando eles encaixam o improviso nas músicas ou nos versos.

Eu [soube] que tinha outra folia [em Osasco], [essa] outra turma é [chamada] Companhia de Folia de Reis de Todos os Santos, eles começaram como Companhia da Cavalgada da Guarda dos Reis de Jorge Devotos de São Gonçalo, porque eram os santos que eles tinham devoção, [mas] começou a ficar um nome enorme de tanto santo, então ficou de todos os santos. Nós temos alguns amigos em comum, mas não tínhamos nos encontrado ainda, basicamente são professores que começaram a fazer [essa] folia, mas como? o Valdir passou aqui e a gente estava com folia na rua, [então] ele se inspirou e resolveu fazer a dele também. [Depois] eles convidaram a gente e estabeleceu-se uma relação de compadrio, nossa folia apadrinhou a folia deles. A gente já encara [isso] como um fruto, ou seja, já tem outra folia e quem sabe outras, estamos contribuindo para manter o negócio e essa é a nossa intenção.

A folia de reis foi o ponto inicial, [mas] o grupo foi crescendo [e] a gente foi percebendo que tinha um potencial bacana para fazer outras coisas também, então por iniciativa e idéia da Regina a gente fundou dentro do mesmo grupo de amigos um cordão carnavalesco [que se] chama Cordão Carnavalesco Bela Época, já faz 7 ou 8 anos que a gente sai na terça-feira de carnaval, às 15h, na Praça Duque de Caxias, em frente à catedral de Osasco. Esse cordão carnavalesco Bela Época também é uma tradiçõzinha que estamos gerando em Osasco, a pracinha enche [e tocamos] só marchinhas antigas.

Depois surgiu uma iniciativa que a gente chama de Grupo Sol em Canto, a gente vai em casas de atenção aos idosos ou abrigos de crianças carentes, a gente passa algumas horas tocando, cantando, conversando, fazendo companhia para eles. É um trabalho [que acontece] durante o ano, porque a folia é só em dezembro, o cordão de carnaval é só em fevereiro, então ficava meio vazio o resto do ano.

Outra [iniciativa] que a gente começou há alguns anos foi a Quadrilha Junina, fizemos algumas vezes uma quadrilha no dia de São João, a gente já fez duas vezes na Casa dos Violeiros e também na Praça Duque de Caxias. Aquela Praça Duque de Caxias é grande, mas fica praticamente ocupada pelos sem teto, as pessoas só passam [e tem] muita sujeira. Sabe aquela coisa de praça de cidade do interior [que é] cheia de vida? A gente insiste em tentar fazer isso pegar, mas é difícil. Então temos isso: a folia de reis que começou tudo, o cordão carnavalesco que também está bem forte, a quadrilha junina e o Grupo Coral Sol em Canto. Isso tudo é um mesmo grupo de amigos, a gente chama de Companhia Cultural.

Regina: É importante dizer [que] não é ONG, não é empresa, não é nada, a gente costuma dizer que é uma anarquia que deu certo. As coisas vão se definindo por todo mundo, mas não tem nada institucionalizado, chama Companhia Cultural, chama Grupo Sol em Canto, mas não é um grupo, não é uma companhia formalizada, é um grupo de amigos.

Alberto: O nome é Companhia Cultural Bela Folia do Sol de São João, porque a gente junto tudo: Folia de Reis Belo Sol de Santa Maria, o cordão carnavalesco Bela Época, o Grupo Sol em Canto. [Então] a gente foi juntando o bela de um, com o bela época de outro, com a folia, com São João [e] ficaram estes nomes misturados. A folia de reis mesmo, como

surgiu entre amigos e sem uma estrutura, ela ficou sem nome por muitos anos, era grupo de folia de reis, não tinha um nome específico, [então] a gente falou: temos que batizar a nossa folia.

Regina: [Então] aconteceu o seguinte: como tem muita mulher na folia, a gente precisava dar um equilíbrio, porque a bandeira é dedicada aos três reis, é uma bandeira masculina. [Então] eu sugeri para o grupo fazer outra bandeira que acompanharia a folia de reis, não seria a principal, porque não é da folia, mas é a bandeira de Nossa Senhora. Todo mundo achou um barato, fizemos a bandeira de Santa Maria [e] parece que com esse equilíbrio, deu uma paz em todo mundo, então [decidimos] incorporar o nome na folia [que] virou: Belo Sol de Santa Maria.

Alberto: Sol porque é do nosso Grupo Sol, Belo porque vem da Bela Época e de Santa Maria porque a gente acrescentou a figura feminina na bandeira para equilibrar e ficou bonito mesmo, então ficou com esse nome.

ENTREVISTA 17

DANIEL BARBOSA DE ANDRADE [79 anos]¹¹¹

[Eu] nasci no estado da Paraíba, no agreste, num município chamado Campina Grande, que fica a 130 km da capital, João Pessoa. Campina Grande é uma cidade comercial com bom parque industrial, [mas] eu nasci na roça, [onde] meu pai e minha mãe eram agricultores. Eles não estudaram, mas tinham vontade que os filhos estudassem, [então] quando eu tinha 12 anos, eu fui encaminhado para um colégio no estado de Pernambuco, na zona da mata, num lugar chamado Belém de Maria, zona canavieira, onde eu fiquei [durante] 08 anos num internato. Com 20 anos, eu migrei para [a] capital Recife [que] hoje tem uns 2 milhões de habitantes, mas naquele tempo era muito menor. Eu fui para Recife em 1955, mas [estava] sempre voltando para a zona rural nas férias [para] montar a cavalo, cuidar de boi, [porque] o meu pai dedicava-se a isso: agricultura e criação de gado.

Como eu era muito ligado à região rural, à criação de animais [e] por influência de um bom professor, eu cursei História Natural [Biologia]. A minha vontade [era] ser pesquisador nessa área, eu fiz um curso de Biologia Marinha e Oceanografia, no Instituto Oceanográfico da Universidade Federal de Pernambuco e, em 1967, eu fiz um curso de Geociências na USP, sob coordenação do professor Nabor Rüegg. Mas [eu] migrei para São Paulo e entrei no magistério no dia 09 de março de 1965. [Eu] fiquei no magistério estadual [por] 40 anos [e] só me aposentei quando eu completei 70 anos, em 2004. Eu vim para São Paulo porque, como diz um conterrâneo do nordeste, São Paulo era [a] Canaã, a terra prometida, que tudo tinha [e] tudo produzia. Eu vim para São Paulo para adquirir mais experiência [e] mais conhecimento, mas com o intuito de voltar. Eu [pretendia] voltar com um ano ou dois, mas estou aqui há 50 anos.

Eu era professor aqui no bairro do Butantã desde 1965. Quando foi em 1967 me convidaram para ser diretor substituto, [então] eu fiquei substituindo a diretora que [se] afastou por [causa de] uma licença médica [durante] 04 meses. [Como] eu fiz uma revolução na escola, no bom sentido, me pediram para permanecer [e] eu fiquei [por] cinco anos. Na época, a delegacia de ensino era na Vila Mariana, depois passou para a Praça da Sé, depois passou para os Campos Elíseos, [depois] passou para Osasco, [então] a partir de 1970, [eu] comecei a frequentar Osasco. Em 1970 houve um concurso para diretor, eu fiz [e] me efetivei, mas fiquei aguardando a chamada [que] só houve em abril de 1973. [Eu] vim para Osasco, em 1972, para [uma] escola na Vila Pestana, atual E.E. Dr. Américo Marco Antônio, onde permaneci por um ano como diretor substituto. Em 1973, eu fui para o interior, eu tinha escolhido a vaga numa cidade chamada Divinolândia, há 300 km daqui, mas eu tive uma audiência com o governador Laudo Natel e pedi que ele fizesse a remoção. Eu levei um memorial com muitas assinaturas, não só para mim, [mas] para todos os diretores que estavam [naquela] situação. Eu falei com o governador [e] o processo que demora no mínimo um ano, foi feito em 69 dias, [então] eu voltei para Osasco [e] fiquei até [me] aposentar.

[Eu] cheguei [em São Paulo] no começo de 1965, mas sempre voltando ao nordeste, agora mesmo em fevereiro eu fui para não perder o hábito [e] apesar da minha idade, porque eu vou completar 80 anos em novembro, eu fiquei montando a cavalo. Eu ainda tenho criação de cavalo e gado, não é muita coisa porque fica caro, [mas] eu não desisti por uma questão de afetividade ou ligação com a terra. Mas eu não perdi o hábito [aqui] em São Paulo: tinha umas

¹¹¹ Data de nascimento: 10/11/34 – Data da entrevista: 23/05/14 – Local: Juventude Cívica de Osasco (JUCO)

cocheiras no Km 21, [na] divisa com Carapicuíba, [então] eu fui a um leilão [e] comprei meia dúzia de cavalos, eu vinha todo domingo, eu montava. Depois fui comprando mais [e] cheguei a ter doze animais na cocheira, [mas] ficava muito dispendioso, [então] eu arrumei uma área em Ibiúna [e] estou com os animais em Ibiúna. [Eu] reduzi bastante, uns morreram porque a idade média de um cavalo é [de] 25 a 30 anos. Eu tenho cinco animais, quatro equinos e um burro chamado Sereno [que] é filho de jumento pega. Eu fui em Salto de Pirapora um dia, como diz o nordestino, eu estava meio arretado, comprei dez garrotes [e] trouxe para Osasco, para a cocheira dos cavalos, depois não deu certo [e] eu [também] levei para Ibiúna, isso foi em 2003. Eu não sei [se] deu uma praga, [se] envenenaram os bichos, [mas] morreram três vacas só num dia, [então] eu fique só com os cavalos, porque o cavalo é mais resistente, o cavalo come capim, [mas] a vaca come qualquer outra comida, [então] parece que deram veneno porque morreu quase tudo.

Havia espaço para criação de animais até recentemente [em Osasco], porque existia essa área aqui no Km 21, chamada Vila do Sapo, se não me engano são 05 hectares atrás dos quartéis, área federal. Existiu o projeto de colocar a Casa da Moeda lá, depois de colocar uma usina de tratamento de lixo, agora fizeram um projeto de conjunto residencial. As pessoas foram deslocadas, despejaram todos os moradores que eram ocupantes, [porque] área pública não dá usucapião. Segundo eu ouvi falar [existe] uma previsão de fazerem 80 cocheiras lá, porque é uma tradição do primeiro prefeito de Osasco, o doutor Hirant Sanazar, que inclusive [foi quem] criou a Juventude Cívica de Osasco. Ele tinha cavalo, era apaixonado por cavalo [e] tinha uma charrete, eu mesmo andei com ele na charrete pela cidade e até criaram o clube dos cavaleiros que desfilam no dia sete de setembro, eu desfilei a cavalo algumas vezes. Eu não sei se esse ano vai haver desfile porque o pessoal tinha aproximadamente 80 animais nas cocheiras, mas saiu todo mundo, dizem que [eles] foram para São João Novo, em Itapevi, não sei se [isso] vai prejudicar o desfile dos cavaleiros no dia sete de setembro. Segundo consta, existe uma lei aprovada proibindo a criação de animais na zona urbana [e] Osasco não tem mais zona rural. Osasco tem aproximadamente 67 km de área, mas não tem mais zona rural, é tudo urbano, ali nos Três Montanhas ainda tem alguma coisa, [no Jardim] Santa Rita ainda tem alguma vegetação, mas Osasco está urbanizada.

Hoje [uma enorme] concentração de pessoas do campo mora na urbe e não está preparada para isso, daí a violência. Ontem eu falava sobre o problema da escola: nós trabalhamos com adolescentes na faixa de idade entre 16 e 18 anos para inseri-los no mercado de trabalho, mas a gente se preocupa com a cidadania, princípio que consiste [no] pleno exercício de direitos e deveres, civis, políticos, sociais. Hoje nós temos uma clientela de mais de mil adolescentes e eu falo muito sobre o campo para eles: o meu pai era um patriarca, ele reunia os filhos pela manhã, fazia uma prece, tomávamos café juntos [e] não almoçávamos juntos porque todo mundo estava em atividade dentro do campo, mas jantávamos juntos [e] hoje a família desmembrou. Existem movimentos agrários hoje, [mas] isso é utopia, porque ninguém quer voltar para o campo. A cidade precisa passar por [uma] modificação, principalmente a escola, e fazer uma tentativa de ajustar a família à vida da urbe, que é diferente da vida do campo. Ontem eu estava vendo uma revista chamada Educatrix, sobre a indisciplina e a violência, o bullying. O problema chama-se adaptação, mas quem vai fazer essa adaptação? Quem conhece o campo. Eu sou originário do campo e filho de agricultores, praticamente sem estudos, [então] eu falo muito da minha formação como biólogo, advogado e pedagogo. Eu participei de mais de 150 cursos e seminários de capacitação, trabalho com adolescentes, despertando neles a confiança e o sinal de um futuro melhor, pela omissão dos governantes que deixam de fazê-lo. Nós temos o privilégio de receber aqui alunos de todas as comunidades de Osasco, de toda a periferia, [para] trabalhar e modificar.

Se permitir, eu vou fazer um adendo aqui: o governo do estado mantinha 93 escolas estaduais em Osasco. O governo do senhor Mário Covas criou o sistema de municipalização, [então] municipalizaram 40 escolas, [mas] quando municipalizaram as escolas, fecharam o [curso] noturno, tiraram o curso médio [e] ficou só de primeira quarta [série]. Essa aqui é Osasco - a Cidade Trabalho, a Cidade Operária, tem que estudar à noite, [mas] ficaram 40 escolas fechadas à noite, 01 foi transformada na sede da diretoria de ensino [e] já fecharam [outros] 15 [cursos] noturnos. No total foram 56 [escolas]: 40 municipalizadas, 15 que fecharam a noite e 01 que tornaram sede da diretoria de ensino. Tem uma escola central chamada José Liberatti [com] 40 classes, [mas] querem transformá-la [numa] escola de tempo integral, [para isso vão] reduzir para 16 classes, fechar à noite e 24 classes ficarão no espaço. Eu estou mandando um documento para o seu governador do estado mostrando que isso é um absurdo, porque a cidade é operária, cidade de pessoa de baixa renda. Eu tenho aqui uma pesquisa que eu fiz com alunos que entraram agora para um treinamento aqui na Juco, representando famílias [com] 05, 06, [ou] 07 pessoas. Você vai ficar estarelecida com os dados: 29 famílias têm renda de um salário mínimo, 33 famílias têm renda de dois salários mínimos, 61 famílias têm renda de 03 salários mínimos e 38 famílias têm renda em torno de quatro salários mínimos, não podem pagar uma escola particular, têm que estudar na escola à noite, [mas] estão fechando, [então] não há sensibilidade. Osasco tem uma câmara com 21 vereadores, tem 03 deputados por Osasco, [mas] onde estão os políticos?

Ontem um vereador entregou um memorial sobre esse assunto ao governador e disse que vai fazer [uma] audiência pública porque eu levantei a lebre, eu não tenho mais nada a fazer: 80 anos, 50 e poucos anos de magistério, 40 no estado, fui diretor de escola pública estadual, fui diretor regional de ensino, fui secretário municipal de educação, cultura, promoção social, esporte e turismo, em 1989 e 1990, fui presidente da Juventude Cívica de Osasco por 20 anos, de 1989 a 2009, sou o vice-presidente, sou coordenador de curso, aqui eu faço trabalho voluntário. Como advogado atuante por mais de 40 anos na área penal, tenho acompanhado através dos jornais e pela televisão a apresentação de projetos para abaixar a maioria penal de 18 para 16 anos, projeto este que eu não concordo, porque o adolescente [ainda] não [se] desenvolveu física e psicologicamente, [ele] não tem o acompanhamento que deveria ter da família e a escola está falida, porque o professor além de ser mal remunerado, é mal preparado e tem falta de motivação. A minha Pedagogia foi no aprendizado do dia-a-dia, em 40 anos de escola pública, eu aprendi mais do que ensinei. Você vai notar que na faculdade, você aprende bastante, mas [que] continua aprendendo depois na prática. Eu aprendo até hoje.

Mas a sociedade urbana hoje veio do campo e o processo de adaptação é lento. Eu que estou na cidade desde os 20 anos ainda não me acostumei, tem 60 anos. Eu sou ligado em cavalo, quando eu chego na Paraíba, eu me reencontro. Eu não tenho terra aqui, de propriedade eu só tenho a casa onde eu moro, eu não me preocupei porque eu queria voltar para o nordeste, mas fui ficando. [Então nós] mantemos uma fazendinha lá por tradição, [mas] não é só minha, é da família, de seis irmãos, [então] eu tenho 1/6, de maneira que é pouca coisa, mas é um vínculo com a terra. Dizem que quem é do samba, não muda, [então] eu estaria lá amanhã, [mas] a família não pode me acompanhar nessa altura do campeonato. [Então] eu acho que, em 50 anos de São Paulo, já cumpri minha missão, especialmente na prática educacional, [porque] eu não formei só meus filhos, [eu] ajudei a formar várias gerações de pessoas.

ENTREVISTA 18

FRANCISCO ASSIS DE OLIVEIRA – MINEIRO [66 anos]¹¹²

Eu mexo com criação [de] cavalo [e] burro desde a idade de 08 anos, [porque] quando eu era moleque eu já viajava com meus tios. E peguei essa tradição e até agora só mexo com isso. [Eu viajava] para todo canto: Mato Grosso, Goiás, Minas [Gerais]. A gente levava boi, bezerro, cavalo, burro, a gente viajava muito, [uma vez] nós trouxemos uma tropa de Governador Valadares [até] aqui no Socorro, em Santo Amaro, ficamos seis meses e dez dias na estrada. Só que isso [foi] há muitos anos atrás, hoje não dá mais para fazer isso, porque hoje é tudo no caminhão, [mas] naquele tempo era no chão mesmo.

[Eu] nasci em Minas Gerais [e] vim para cá em 1962, eu tinha 17 anos. Quando eu saí da minha terra, eu vim iludido, eu pensava que São Paulo era outra coisa. Eu via meus conterrâneos, às vezes eles eram coitadinhos lá, [mas] vinham para ficar um mês [ou] dois aqui em São Paulo [e] voltavam [com] roupa bonita. Eu falava: “*Ah! São Paulo deve ser uma mãe*”. [Então eu] vim para cá, quando cheguei aqui, eu comecei o mesmo serviço que eu fazia lá. Eu não esqueço uma passagem que a minha mãe falou para mim: “*você está doido para ir para São Paulo, [mas] não pense que lá você vai achar cavalo para andar enganchado em cima que nem aqui.*” E o que eu achei em São Paulo foi isso aqui, até hoje eu mexo com isso.

Primeiro eu vim para a Granja Viana, [em] Cotia, depois para o Rio Pequeno [e] do Rio Pequeno para Osasco. Quando eu vim para Osasco, eu [fiquei] na casa de um conhecido do meu pai da minha terra. Naquele tempo tinha muita olaria [e] os japoneses trabalhavam com burros, então [um] tropeiro da minha terra, que mexia com cavalo e burro, veio aqui no Socorro, em Santo Amaro, para vender. O que aconteceu: era mês de janeiro, [como] chove muito [no] mês de janeiro, as olarias não funcionam; então ele estava com os burros parados e não conseguia vender. Ele veio atrás de mim [e] me achou na casa dos meus amigos. [Ele disse]: “*eu estou apertado com os burros, você sabe mexer com isso, então vamos para lá [comigo]*”.

Eu fiquei 09 dias junto com ele, comecei a conhecer um, comecei a conhecer outro. Quando foi um belo dia, ele saiu [às] 05 horas da manhã. O seu Dudu, [que] me chamava de Assis, falou para mim: “*Assis, cadê o Antônio Gomes?*” Eu falei: “*O Antônio Gomes saiu às 5 horas da manhã, não sei para onde ele foi.*” Quando foi uma hora da tarde, ele chegou. A gente estava conversando [e] o seu Dudu falou: “*Já almoçou Antônio Gomes?*” Ele falou: “*eu não almocei ainda*”, [o seu Dudu] falou, “*então vamos entrar lá dentro de casa e vamos almoçar*”. Ele sentou para almoçar, tirou do bolso a nota dos burros [e] falou: “*você vai ficar com os burros, daqui 60 dias você manda o dinheiro para mim*”. Eu falei para ele: “*como ficar? 12 burros? [Eu] não tenho dinheiro nem para comprar um*”. Ele falou: “*mas lá em Minas [Gerais] eu te vendia*”. Eu falei: “*lá você me vendia uma eguinha, um cavalinho, mas aqui são doze burros*”. Ele falou: “*não, você pode ficar com os burros e daqui 60 dias, você manda o dinheiro para mim, olha aqui a passagem, eu fui na rodoviária comprar a passagem [e] vou viajar [às] nove horas da noite*”. O seu Dudu falou: “*É Assis, você vai ter que ficar com os burros do homem, [porque] ele vai viajar*”.

[Então] eu fiquei com os burros. No outro dia, eu toquei para o curral onde [eu] deixava [os burros] por minha conta [e] arrumei os burros do meu jeito. [Eu] montava [em]

¹¹² Data de nascimento: 28/07/1947 – Data da entrevista: 18/05/14 – Local: residência do depoente.

um, amarrava [outros] dois burros do lado e saía para M'boi Mirim, Embú Guaçú, para aquele mundão. [Quando] chegava naqueles japoneses, [eu] ficava no ouvido [deles] para comprarem burros, [eu] acho que [os] japoneses compravam burros de tanto eu ficar enchendo o saco deles [risos], eu peguei amizade com a japonesada. Eu fazia o seguinte: eu levava três [burros] hoje, às vezes vendia um [ou] dois, [então] amanhã, eu não levava aqueles [burros] que eu tinha levado hoje, eu levava outros.

Quando fez 23 dias que eu tinha comprado os burros, [era] um dia de quarta-feira de tardezinha, [eu] só tinha dois burros. Nós estávamos jantando à noite [e] eu falei para o seu Dudu: “*o que o senhor vai fazer amanhã?*” ele falou: “*nada*”, eu falei: “*dá para o senhor ir comigo em Santo Amaro?*” Era só atravessar a ponte do Socorro para Santo Amaro. Ele falou: “*Dá, por que você precisa ir lá?*” Eu falei: “*eu vou passar o dinheiro para o Antonio Gomes*”. Ele falou: “*você já tem o dinheiro dele?*” Eu falei: “*acho que tenho*”. [Então] eu peguei um embornal, eu não tinha dinheiro graúdo, eu pegava aquele dinheiro miúdo e punha dentro daquele embornal. Eu pus em cima da mesa [e] deu um monte assim de dinheiro porque era só nota miúda. Resultado: [nós] contamos o dinheiro, eu não sei se eram cinco contos [ou] se eram cinco mil réis, [eu] só sei que me sobravam dois burros, [eu] paguei toda a despesa e sobravam dois burros. [Então] ficou: eu mandava dinheiro para ele, ele mandava burro para mim, eu mandava dinheiro...

Depois eu vim para Taboão da Serra [e] comecei a amansar burro com um senhor que está com Deus, que já morreu, Rafael Vazami. Eu bem dizer fui acabado de criar com ele, porque eu fiquei amansando burro e vivia lá com ele. Eu fiquei naquela vida: compra, vende, troca, perde, ganha. E nessa vida eu estou até hoje: comprando, vendendo, trocando. É o que a gente sabe fazer, né? A gente não sabe fazer outra coisa. É como diz o ditado: perde aqui, ganha ali e vai indo. A gente é muito conhecido, você pode perguntar nos quatro cantos de São Paulo de mim e da minha marca, [se] falar da marca coração, todo mundo sabe que é minha [e] todo mundo que mexe com cavalo vem [aqui], se [você] fala Francisco, [eu] acho que nem a minha mulher sabe [quem é], mas [se] falar do Mineiro, até os cachorros informam [risos].

Inclusive, aconteceu um negócio comigo e [com] o seu Roque, um veterinário do [Km] 18. O seu Francisco era carroceiro do ponto de carroceiros de Osasco. Tinha um ponto de carroceiros numa travessa da João Batista, ali no mercado de Osasco, que fazia transporte, cobrança, essas coisas com carroça [e os carroceiros] ficavam todos encostados na guia. Então o seu Francisco tinha [um] cavalo que fazia transporte, [mas] o cavalo dele deu um problema que às vezes acontece: [o] dia de calor judia um pouco do cavalo, o sangue não circula direito [e] o cavalo endurece, dá uma espécie de derrame, aquilo tem que saber curar. Então aconteceu [isso] com o cavalo do seu Francisco. O seu Roque, [que] era veterinário, aplicou uma farmácia de injeção no cavalo, [mas] não resolveu nada, chega a me arrepiar, olha... [aponta para o braço e sorri].

[Então] falaram para o seu Francisco: “*Olha seu Francisco, quem pode curar esse cavalo do senhor é o Mineirão*”. Eu não morava aqui, eu morava ali em cima, [então] veio o seu Roque e o seu Francisco. O seu Francisco falava mansinho, muito boa pessoa. Ele falou: “*vamos ver o cavalo?*” Eu falei: “*vamos*”. Eu tenho [uma] pecinha que [se] chama freme que é [para] sangrar o cavalo, peguei o freme [e] pus no bolso. Eu cheguei lá, olhei o cavalo [que] estava que nem um robô e falei para o seu Roque: “*esse cavalo tem que sangrar nos dois peitos e nas duas veias da perna, para tirar uns três [ou] quatro litros de sangue dele*”. O seu Roque falou para mim: “*Ah! se você acha que precisa fazer isso, pode fazer*”. Eu falei assim: “*está aqui o freme, o senhor é veterinário, [então] o senhor faz*”. Ele falou: “*não, eu nem*

conheço isso, não sei fazer". Eu falei: *"eu não vou fazer não, o senhor é veterinário e eu não sou nada"*. Ele falou: *"mas e se o cavalo fosse seu?"*. Eu falei: *"fazia isso, isso, isso e isso"*. Ele pegou e falou: *"então faz de conta que o cavalo é seu"*.

Eu sangrei o cavalo nos dois lados do peito, sangrei na perna [e] ficaram quatro bicas de sangue saindo, [eu] estanquei o sangue, [então] o seu Roque falou para o seu Francisco: *"põe ele na cocheira"*, [mas] eu falei: *"não, ao contrário, ele tem que ficar solto, não pode por na cocheira porque ele tem que [se] movimentar; o senhor tem onde soltar esse cavalo?"*. Tinha um terreno baldio em frente a casa dele, [então ele] falou: *"tem nesse muro aí que eu posso soltar"*. Eu falei: *"então solte o cavalo, esqueça dele queimar o pêlo [ou] qualquer coisa [assim e] solta a cavalo aí"*. [Porque quando o cavalo] pega o sereno da noite, [depois] vem o sol e queima o pêlo [dele], quer dizer que, se ele é preto, ele fica mais avermelhado, depois tem que por na cocheira para ele voltar ao normal.

O seu Francisco soltou o cavalo [e] começou a dar ração de manhã e de tarde. Depois de uns 15 [ou] 17 dias, o seu Francisco veio em casa [e] falou: *"Mineiro, como é que vou fazer?"*. Eu falei: *"o que foi seu Francisco?"* [eu] até assustei, eu [pensei]: *"será que o cavalo morreu?"* Eu [perguntei]: *"Por que seu Francisco? O que aconteceu?"*. Ele falou: *"o cavalo está em tempo de pular o muro lá, está doido, pulando [e] correndo"*. Eu falei: *"O que o senhor faz? Põe ele na carroça e vai trabalhar, vai ganhar seu pão"*. Ele falou: *"ah! mas já põe?"* Eu falei: *"põe"*. Ele pôs o cavalo na carroça [e] foi para o ponto.

Quando foi na hora do almoço, ele veio com o cavalo na carroça [e] passou no seu Roque. [Quando] o seu Roque viu o cavalo engatado, ele falou: *"você já está com o cavalo na carroça?"*. Ele falou: *"ah! o Mineirão que mandou por na carroça"*. [Então] o seu Roque veio com o seu Francisco em casa. O seu Francisco falou todo contente: *"Mineiro, parece que o cavalo ficou até melhor de carroça"*. Eu falei: *"ah! aliviou o cavalo, né seu Francisco?"* O seu Roque falou para ele: *"Então acerta com o Mineiro o que você tem que acertar da sangria do cavalo"*. O seu Francisco falou para mim: *"quanto é o serviço?"* Eu falei: *"o meu não é nada, seu Francisco, eu fiz pelo senhor e pelo cavalo, eu não fiz para ganhar"*. [Quando] o seu Francisco saiu para as cocheiras lá atrás, o seu Roque falou: *"você é louco? isso é serviço para cobrar mil dele, por camaradagem ainda"*. Vamos supor que fossem mil reais naquela época, podia ser uns três mil reais hoje, [mas] eu falei: *"não seu Roque, eu não fiz isso para ganhar dinheiro não"*.

Depois de uns três meses, eu [estava] passando em frente ao escritório [do seu Roque] que era ali no [km] 18. O escritório dele era mais alto do que a avenida, [então] de dentro [ele] gritou: *"Mineiro! espera que eu preciso falar com você"*. Eu parei a charrete [e] ele veio: *"Mineiro, tudo bem? o negócio é o seguinte: tem um cavalo de um cliente meu que precisa fazer aquele mesmo serviço que você fez, [porque] o cavalo está do mesmo jeito"*. Eu falei: *"eu não vou fazer não, seu Roque, porque o senhor quer que cobre muito caro e eu não sei cobrar caro, então eu não vou fazer não"*. [Ele disse]: *"não, não, você vai lá comigo"*. [Então] eu fui com ele, fiz o mesmo serviço no cavalo, [mas quando] o cara veio me pagar, eu falei: *"acerta com o seu Roque, [porque] eu só fiz o serviço"*.

O homem [para quem] eu amansava burro no Taboão [da Serra], o seu Rafael Vazami, [foi] quem me deu esse freme que eu estava falando: na minha mão, ele [já] tem 38 anos, na mão dele ficou 45 [anos] e ele disse que já era velho quando veio da Itália. Eu não cheguei a ir nesse tempo, [mas] ele levava tijolo [e] telha na Praça da Sé com uma carroça de quatro burros. [Ele] falou para mim que cansou de dormir na Vila Sônia, porque [no] tempo de chuva, a carroça encalhava no barro, às vezes escurecia [e] não dava para tirar a carroça,

[então ele] dormia lá dentro. Isso [foi] há muitos anos, eu não lembro, ele que contava, [porque] quando ele morreu com 95 anos, eu tinha [apenas] 20 anos.

Eu conheci bastante gente no tempo do matadouro, eu ajudava a turma do matadouro. Quando escapava [algum] boi do curral [e] saía correndo nessas beiradas de rio, a gente ia laçar, eles chamavam a gente, a gente montava no cavalo e ia laçar o boi. Eu [também] já fui peão de rodeio, nós fazíamos rodeio no estado de São Paulo inteiro, fazíamos muito no Parque da Água Branca [e] no Parque da Água Funda. Inclusive, deu até uma meia confusão na época, porque eu estava apresentando o Satélite no Parque da Água Branca [e] tinha leilão de cavalos lá, então eles queriam por o Satélite no leilão, [mas] o Hirant [Sanazar] falou: “*não, eu trouxe o cavalo para fazer demonstração, eu não trouxe o cavalo para vender*”.

[Eu] cuidava dos cavalos do Hirant, eu tratava, dava banho, [eu] andava direto com o cavalo e ele gostava. [No] fim de semana quando, às vezes, ele não ia para o escritório, ele chegava na cocheira e falava: “*Mineirão, arreia o Satélite que nós vamos dar uma volta em Osasco*”. [O] Satélite [foi] o cavalo mais bonito que pisou em Osasco, você conheceu o Satélite? É que eu não tenho [uma] foto dele, mas ele era cor de café com leite bem escuro [e] do joelho prá baixo era branquinho, parece que foi pintado, a crina e a calda eram da cor de um copo de leite e desse comprimento assim, o topete batia na ponta do focinho. E outra: ele era enjado, [ele] andava bonito até no normal dele, [mesmo quando] você andava com ele no meio do mato, ele era bonito de qualquer jeito, mas quando ele entrava num movimento, aí ele se enfeitava todo, parecia que ele crescia, eu nunca montei um cavalo mais bonito. [Nós] fizemos [por] muitos anos [o desfile do sete de setembro] [junto] com o Hirant, depois que [o Hirant] faleceu, [nós] fizemos em homenagem a ele.

Eu fui peão, [então se eu] pisava no estribo aqui, o cavalo podia sair pulando para o outro lado que [eu] pegava no arreio, agora o Hirant [gostava] de montar em cavalo manso, se [o cavalo] saísse do lugar, o Hirant não montava mais [risos]. Ele gostava do Satélite, [primeiro] porque o cavalo dele era importante mesmo e segundo porque o cavalo era manso. Então o Satélite era um cavalo de presença, muito bem arrumado, um cavalo que pisava bonito e era calmo: ele esperava o Hirant montar, esperava o Hirant pegar nas rédeas, depois que ele arrumasse tudo arrumadinho, tocava na rédea, aí [o Satélite] saía, ele era muito calmo. [Depois que o Satélite faleceu, o Hirant] comprou outros cavalos, eu mexia com os outros cavalos [dele], mas nunca mais [foi] igual.

ENTREVISTA 19

JOSIAS NASCIMENTO DE JESUS [37 anos]¹¹³

O meu amor pelo animal, exatamente o cavalo, foi pelo fato de eu conviver com uma pessoa que gosta muito, [ele] é chamado professor Daniel Barbosa de Andrade, [ele] é paraibano, [mas] está há muito tempo em São Paulo, em Osasco. Eu trabalhava com ele, então cada vez que ele ia para Paraíba, ele voltava com uma sela nova, com um freio novo para um cavalo e aquilo me deixou apaixonado, foi quando eu comecei a falar: “*nossa! eu quero aprender a andar a cavalo, eu quero aprender a lidar com o cavalo, os cuidados, a colocar o cabresto, a dar o nó*”, porque tem um nó específico para você andar. E ele falou: “*eu vou te ensinar, você vai aprendendo*”.

Ele é diretor da JUCO [Juventude Cívica de Osasco] até hoje, ele me deu sela, ele me deu bota, ele me deu chapéu. Por ter nascido na roça, ele herdou isso do pai. Eu entrei muito novo na instituição, eu tinha 11 [ou] 12 anos, a gente ouvia ele falando o nome dos cavalos nas palestras, [então] eu comecei a entender o que era [uma] égua, o que era [um] cavalo, o que era uma mula, o que era um burro, os cruzamos que não poderiam ser feitos. Eu fui criando esse amor, até que um dia eu comecei a aprender a montaria [e] passeava com ele ali pelo quartel de Quitaúna. Nós fomos para Quitaúna porque era o lugar onde as pessoas tinham as cocheiras, as pessoas começaram a construir suas cocheiras na área atrás do quartel. O professor Daniel tinha três animais lá, ele me deu um de presente, logo quando eu aprendi a andar, ele falou: “*esse é um presente para você*”. E nós começamos a ter o amor, o cuidado, o zelo, enfim, você começa a cuidar como se fosse um neném, porque o custo muitas vezes é alto, a ração, o feno, as vacinas. Por mais que esteja dentro da cidade, o cuidado é [até] maior com a vacinação, com as doenças que um animal pode ter e passar para outros cavalos.

[Os] meus pais são da Bahia, são nordestinos, primeiro veio o meu pai para Osasco, começou a trabalhar aqui, porque [ele] era pedreiro e queria melhorar a situação de vida dos filhos, logo depois veio a minha mãe, tanto que dos 15 irmãos, tem uma parte que nasceu na Bahia e uma parte que nasceu em São Paulo, uns 06 nasceram em Osasco. [Os] meus pais trabalharam [na roça] [e a] minha avó, [que] morreu com 101 anos, contava muita história da roça para nós. Você me fez recordar uma história muito bonita: eu lembro que antes do meu avô morrer, ele deixou uma sela de presente para mim, ele falou que a sela era para o neto mais novo. [Eu] tinha uns oito anos, foi antes de ter conhecido [o professor Daniel]. Mas você vê: tem que ter pessoas que têm a essência para você conviver com aquilo, de repente meu avô me deu [a sela], se eu não tivesse convivido com uma pessoa que gostasse, de repente, eu não gostaria, [mas] como eu fui conviver com uma pessoa que ama cavalo, que tem até hoje... [então] foi pelo amor que eu tenho com o professor Daniel, que é como um pai [para mim].

A minha avó veio para Osasco em 1965 e [ela] gostava muito porque eu fui o único que acabei herdando esse gosto do meu avô pelo cavalo. Eu sou o caçula de 15 irmãos [e] só eu [tenho esse gosto] na família, tanto [é] que [quando] eu chegava em casa, as minhas irmãs falavam: *nossa! você tá com cheiro de cavalo*, eu abria o porta-malas do carro [e] as minhas irmãs falavam: *nossa! que cheiro!* Porque você vai andar a cavalo, você tira a sela, põe num saco e joga no porta-malas, então eu vivia com uma sela no porta-malas do carro, era a sela que o professor Daniel me deu.

¹¹³ Data de nascimento: 17/02/1977 – Data da entrevista: 08/05/14 – Local: Câmara Municipal de Osasco.

Se você tivesse a oportunidade de falar com ele, eu acho que ia ser muito bom para o seu trabalho: ele tem fotos [de] quando começaram os cavalos lá [em] Quitaúna, ele [também] criou boi [e] vaca lá. Eu lembro que uma vez a Dona Cleri [me] deu um casal de ganso e eu levei para soltar no quartel de Quitaúna, porque ela não conseguia [criar], acho que [eles] voavam, a Dona Cleri é uma senhora que até hoje me traz jaca, porque eu gostava muito, então ela [me] manda a jaca, tem vez que a sala está [cheia], na época ela [me] deu um casal de ganso. E o professor Daniel vai te falar detalhes que você vai dar risada: ele vai te contar a história de uma vaca que fugiu na avenida dos Autonomistas, eu que tive que pegar, ele e eu que corremos atrás, e ela deu um trabalho, fugiu [às] 11 horas da manhã [e] nós fomos pegar [às] 7 horas da noite, ela subiu para o lado do quartel. E foi engraçado porque a gente estava levando esses animais para Ibiúna, porque eu ia casar. Eu acho que foi em 2006 [ou] 2007.

Ele [também] teve um cavalo que morreu com laminite, que é o Fidalgo, laminite é aguamento. Sabe quando você tem uma unha que cria um negócio embaixo e fica dolorido? no cavalo se chama aguamento. Ele sofreu, ele cuidou desse cavalo [por] uns seis anos, todo mundo falava: *não presta mais, dá uma injeção letal*. Eu ia com ele, [mas o cavalo] ficou só de puxar na corda porque não podia mais montar nele. Ele tem fotos do Fidalgo, do cavalo que todo mundo falava. Ele tem um burro até hoje que é o animal mais manso que eu já vi na minha vida. O burro pensa 24 horas como ele vai derrubar alguém quando montar nele, o instinto dele já é assim, [mas] ele tem um burro que [até] crianças montam, chama-se Sereno. Ele chama ‘*Sereno, Sereno, Sereno*’ [e] o burro vem na mão dele. Os animais pertenciam a ele, a gente saía correndo para ver o nascimento no quartel de Quitaúna, ficava esperando, a gente que dava o nome, tem o Cigano que é um cavalo que, como a gente mudou muito de lugar, eu falei que ia [se] chamar Cigano, porque a gente levava para uma cocheira, levava para outra, levava para outra. Então foi assim que começou, a gente está falando aqui do carinho.

Eu convivi com o professor Daniel [por] 19 anos, eu fui funcionário da instituição [por] 19 anos, então ficou essa afinidade muito grande dos animais. Os meninos da Juco, hoje na internet, falam assim: “*o professor Daniel conta aquelas histórias do cavalo e o Fidalgo morreu mesmo?*”. Ele dá aula de vários temas, mas ele usava muitos os animais para falar da fidelidade, do amor. Ele sempre falava: “*o cavalo não pede aumento, mas a gente também tem que cuidar bem [deles], tem que dar a ração da melhor qualidade...*”

Depois, [quando] eu cheguei na minha maioridade, não existia mais o desfile dos animais no sete de setembro. Eles começaram a proibir [porque] era um desfile cívico e militar, [mas] as pessoas passavam em cima de um cavalo, alguns sem camisa, outros com garrafa de bebida na mão, etc. [Então] eu falei: por que a gente não organiza esse desfile? Eu fui até a secretaria de educação e pedi que os cavalos voltassem a desfilar no sete de setembro. [Eles] aceitaram a minha proposta, desde que fosse organizado. Eu [me] lembro que eles perguntaram qual [era] o nome do grupo e eu fiquei sem resposta. [Então] eu fui falar com o Vrejhi [para] homenagear o irmão [dele], porque [ele] tinha esse carinho pelos animais na cidade. Ele falou: eu vou ficar muito feliz [com] essa homenagem. [Então] juntou o Reinaldo, o Bahia, o Marcos da Biros [e] o próprio Vrejhi trouxe os cavalos dele do interior para desfilar. Nós criamos as camisetas [com] inscrições para pessoa colocar o nome [dela], o nome do cavalo e fizemos o primeiro desfile em 2010, foi muito bonito. O pessoal ficou encantado e fortaleceu porque todo mundo falava assim: ano que vem eu quero desfilar com vocês [ou] ano que vem nós queremos participar.

Quando os cavalos entraram na avenida, eles contaram a história do Hirant [Sanazar]: “[ele] foi o primeiro prefeito, ele tinha esse objetivo, ele andava a cavalo e hoje o clube dos cavaleiros presta uma homenagem a [ele], criando o Clube dos Cavaleiros Hirant Sanazar”. Nós criamos o Clube dos Cavaleiros para homenagear o Hirant [Sanazar] pela tradição que tinha e ele gostava dessa tradição, porque quando tinham os desfiles do sete de setembro com os cavaleiros, ele levava todos para dentro do quartel [não era nem lá atrás], para fazer os churrascos, os almoços, as festas, porque era tradição, [quando] terminava o desfile, os cavaleiros iam todos para o quartel de Quitaúna aonde tinha o almoço, porque vinha muita gente de fora [para] participar do desfile do sete de setembro.

Naquele [ano] desfilaram uns 180 cavaleiros. No segundo ano nós já fomos convidados, não nos convidamos, [disseram]: “vocês vão vir com os cavalos?”. Depois, no terceiro ano, a gente já foi com carro de som, tocando o hino da independência, as meninas com as bandeiras, a gente com a faixa: “seja bem vindo, nós do clube de cavaleiros respeitamos o Dia da Independência”. [E] contamos uma história na avenida, trouxemos alguns animais representando como era no início, o que acontecia lá atrás, porque muitas pessoas entendem que todo mundo montava o animal lá atrás, mas não [era só isso], era ele que puxava a lenha, era ele que ajudava na plantação, era ele que tirava a água do poço, então a gente tentou mostrar na avenida, de que maneira o animal serviu para as pessoas, que não era só o fato de montaria, mas que tinha uma história.

No ano passado teve novamente, mesmo com essa polêmica que iriam retirar os animais do quartel de Quitaúna. Em 2013, já desfilou o Clube dos Cavaleiros [Hirant Sanzar] mais a ATO [Associação dos Tropeiros de Osasco e Região], que já é uma associação registrada, alguma coisa assim, eu não tive muito contato com eles. Eu falo [apenas] pelo Clube dos Cavaleiros Hirant Sanazar. [Depois da desocupação das cocheiras em Quitaúna] cada dono levou [seus animais] para onde podia. Essa foi uma ação naquela área, mas se você andar em Osasco vai ver alguns lugares que [ainda] têm cocheiras e se você sair aqui vai ver um cavalo passando na rua, entende? Essa semana eu vi duas cocheirinhas no bairro onde eu moro, [elas] são de um senhor que está há muitos anos lá, coisa pequena. [Em] Quitaúna tinha na época [umas] 30 cocheiras e o resto [era] tudo aberto, [depois] tinha 30 cocheiras, mas você tinha 300 [ou] 400 pessoas morando, mais gente do que cavalo, antigamente era mais cavalo do que pessoas.

[Quando] eu fui participar do clube dos cavaleiros, não foi por política, foi por amor, por gostar. E já que eu achava legal, por que não organizar e fazer o desfile? [Antes de organizar], o cara sabia que ia ter o desfile do sete de setembro, [então] ele pegava a charrete dele, que muitas vezes recolhia ferro velho [ou] papelão na rua e vinha, o outro pegava o cavalo dele na cocheira e vinha andando sozinho, se juntava todo mundo e desfilava. Nesse [evento] mesmo do sete de setembro, eu vinha com o professor Daniel, muitas vezes eu não participava da montaria, mas arrumava o cavalo para ele, colocava a sela, ele montava e desfilava. Teve um período de bloqueio, porque teve bagunça: [tinha] cavalo [que] disparava na avenida [e quando] chegava uma égua no cio, dava a maior confusão. Então o clube acabou servindo para organizar o desfile: as mulas vão à frente, depois vem os cavalos, depois os charreteiros, todo mundo com camiseta, com bandeirinha, falava para o cara do som não por o som muito alto, porque podia assustar [os animais], a gente foi organizando.

[Eu também participei do] Revelando São Paulo que é um evento muito bonito no Parque da Água Branca, [em] que a abertura é com os cavalos; eu cheguei a ir em romaria; eu cheguei a ir em Ibiúna levar cavalo para desfilar; cheguei a ir na abertura da festa de rodeio de Cajamar; tinha o rodeio [de Osasco] que a abertura [também era feita] com os cavalos. Não

que eu participasse de muitos desfiles, era mais um hobby que eu tinha, o meu gosto era ir lá, dar banho, por a sela, levar uma criança para andar em volta do quartel. E quem me trouxe todo esse gosto pelo animal foi o professor Daniel, se você quiser conhecer ele, eu te levo, a sala dele é toda montada com chapéu, com sela, com arreio, com bota, ele tem tudo, a sala dele é toda montada com essas ‘traia’, que a gente fala assim, né?

Muitas vezes você vai num rancho de tropeiros, não quer dizer que todos lá façam a montaria: tem gente que põe bota, chapéu [e] cinturão, mas nunca montou num cavalo, já tem aquele que não põe bota [e] cinturão, mas gosta da montaria. Então tem gente que gosta das comidas típicas, da história, das músicas, [mas] é diferente. No desfile de sete de setembro, [por exemplo], a gente ouvia aquelas músicas de romaria mesmo, não eram músicas que a gente vê hoje em festas sertanejas. E você sabe que todos nós já ficamos nas avenidas esperando o pessoal passar com romaria, né? [Quando] falavam [que] estava vindo uma romaria, a gente ia tudo para a rua para ver passando nas avenidas, a gente colocava balde de água para os romeiros pararem só para passar a mão no cavalo. Então, eu acho que o amor ficou pelo cavalo em si, pelo animal neste sentido. Na minha sala eu tenho um cavalo de enfeite, eu poderia ter um carro [ou] uma moto de brinquedo, mas ali, onde estão as coisas que eu mais gosto, tem um cavalo, então é o amor que a gente [tem].

ENTREVISTA 20

MARCOS AURÉLIO LIBANORI [61 anos]¹¹⁴

[A] minha família não é de Osasco, eu moro em São Paulo ainda, [mas] eu montei a minha empresa de malotes em Osasco, porque o meu primeiro sócio era de Osasco. A empresa é de nível nacional, eu atendo o Brasil todo, mas é uma fábrica com pouca venda de varejo, o forte mesmo é o atacado, eu atendo as lojas. Osasco teve seus dias de glória no mundo *country*, [mas] ela vem diminuindo a cada dia. Como selaria de fábrica só havia a nossa, aliás, acho que a única selaria que fabrica selas dentro da Grande São Paulo é a Bridle, têm outras dentro do Jóquei, mas são especializadas em cavalos de corrida. O mercado de Osasco vem diminuindo muito, principalmente agora que acabaram com aquele centro [onde] tinham as cocheiras ao lado do quartel, vinham uns 200 cavalos ali e eu atendia aquele mercado.

Eu não tinha contato com nada rural, [mas] fui me apaixonar pelo campo, principalmente [por] cavalos. Eu comecei a ter conhecimento das pessoas que mantinham cavalos aqui em Osasco, que ainda carregavam essa paixão pelo cavalo. Então eu comprei dois cavalos em 1986 e deixei aqui ao lado do quartel, [onde] tinham umas cocheiras. Eu comecei com dois, [mas] cheguei a ter meia de dúzia de cavalos. Eu nunca tive, [mas] existiam vacas de leite [também], numa questão de 10 anos atrás, o China ainda tirava e vendia leite natural pela cidade, era bem forte ali naquela região [dos quartéis].

Eu comecei a treinar cavalo, conhecer o mundo do cavalo e competir. [Eu] fui competidor em nível nacional [por] muitos anos em rédeas [que] é uma modalidade de apresentação em estilo americano [com] doma perfeita do cavalo, onde ele tem que ser totalmente coordenado e comandado pelo cavaleiro, ele tem que esperar o comando e executar de uma forma pacífica, como um companheiro, como um amigo, e não irritado, nervoso ou bravo; são manobras muito fortes, [então] precisam anos de treino com o cavalo para ele poder fazer.

Naquela época não havia produtos de proteção do cavalo, só [produtos] importados e [eram] muito caros. Como eu sempre fui da confecção pesada, costuras grossas, até hoje fabricamos malotes, produtos de lona e couro, então eu comecei a fabricar alguns produtos de proteção para os meus cavalos. Eu fazia produtos muito rústicos, era um quebra-galho, mas fui me aperfeiçoando, vendendo para alguns amigos e assim surgiu a selaria. Eu comecei com os acessórios, depois eu comecei a fazer selas também. Graças a Deus, eu fui aprimorando e essa é a razão de se ter uma selaria dentro de Osasco [hoje].

Existe uma paixão muito grande aqui em Osasco, ainda é muito forte a vontade do povo de Osasco, de muitas pessoas, de viver esse mundo mais telúrico. Nós temos, [por exemplo], uma rádio que tem programas *country* ou caipira mesmo, é mais caipira, porque tem aquele som antigo de raízes, o Jair Sanches apresenta o programa na Rádio Difusora de Osasco. Eu [também] era um elemento ativo dos eventos, eu estive em muitas queimas do alho, eu participei de muita festividade, mas não foi aí que nasceu o meu gosto. O que eu nunca fiz foram as cavalgadas, porque os meus cavalos eram de competição, então eles não tinham preparo para isso, é a mesma coisa que você querer passear com um carro de corrida, não dá, você tem que ter um carro de rua. Os meus cavalos sempre foram de pista, mas eu

¹¹⁴ Data de nascimento: 22/06/52 – Data da entrevista: 29/05/14 – Local: Selaria Bridle

acompanhava alguns amigos de carro. Eu usei [durante] muito tempo um chapéu de *cowboy*, aqui era mais normal, [mas] em São Paulo eu percebia que chocava mais as pessoas, o que é um preconceito, uma bobagem imensa. Eu creio que nós devíamos usar sempre o chapéu, porque o chapéu é uma indumentária que caiu em desuso, mas o sol continua em uso, nós temos muitos casos de câncer de pele e o chapéu realmente protege. [Então] você quase não vê ninguém com chapéu de *cowboy* em São Paulo, mas você encontra isso em Osasco, vira e mexe, você vê uma pessoa usando normalmente, faz parte da indumentária dela.

[Tudo isso] foi forte aqui em Osasco, embora eu sinto que [algumas] pessoas com uma visão exclusivamente cosmopolita do mundo [têm] uma vontade imensa [de] sufocar isso em Osasco, tanto é que têm leis que proíbem ter cavalo, talvez para apagar esse passado que é lindo, não tem nada de feio. O Rio Grande do Sul, por exemplo, consegue conviver com toda a modernidade e manter toda a sua tradição. Eu estive várias vezes nos Estados Unidos, no Texas, [em] Oklahoma [e] eles têm toda modernidade, mais do que nós, mas não deixaram essa paixão pelo mundo *country*, pela vida rural, ela é muito forte. Eles têm muito orgulho de ser *cowboy* nos Estados Unidos e aqui a gente percebe que isso acabou. Talvez porque houve uma industrialização foi muito forte Osasco e isso acabou sendo marginalizado, achavam que era coisa de caipira, de gente sem estudo, eles associaram a isso e não tem nada a ver.

Hoje em dia você vai para os Estados Unidos, você tem o cara xucro que vive o *country*, mas você [também] tem muitas pessoas que têm faculdade, eles levam a coisa muito a sério, por exemplo, o ferreiro aqui é um cara que ferra o cavalo, mas ele foi aprendendo, nos Estados Unidos o cara faz uma faculdade para ferrar cavalo, eu não estou falando de veterinário, estou falando ferreiro de cavalo, sabe? Não é qualquer um que vai fazer uma sela, o cara precisa estudar muito, precisa se aprimorar, precisa ter o dom de fazer a sela e paixão pelo que faz, então, um seleiro só fica bom depois de 05 anos fazendo sela, com 06 meses você consegue fazer uma pessoa trabalhar no escritório, mas você não faz um seleiro. E eu vejo que isso tudo vem se extinguindo no Brasil: você tinha mestres maravilhosos que faziam tranças de couro, [mas] não existe mais. Osasco não está diferente do resto do Brasil, você tem ainda aqueles nichos no Rio Grande do Sul, Paraná [e] Santa Catarina que mantém a tradição, então você tem pessoas que têm prazer de fazer [e] ensinar os filhos, mas eu não vejo isso aqui em Osasco, eu não estou vendo esta continuidade pela paixão pelo mundo [sertanejo], aqui no Brasil chama-se sertanejo, [mas] *country* é a mesma coisa, é um mundo com mais contato com a terra, com o campo.

Eu convivi com isso na minha infância através das histórias contadas pelos tios. A minha família [é] toda italiana, [eles] vieram para o Brasil e foram para a lavoura: a parte da minha mãe [era] muito pobre, foram colonos, a parte do meu pai [era] rica, foram proprietários, mas perderam tudo. Eu tinha paixão pelas histórias da fazenda, do sítio, da pescaria, da caçada, da onça, da sucuri, [eu] escutava os meus tios contando os casos de quando moravam em Rincão, Jaboticabal, Pederneira no começo do século passado, eu estou falando [sobre] coisas de 1920, 1930, 1940. [Quando] eu era criança na década de 1960, [eu] ficava escutando isso e sonhava. Eles também gostavam muito de assistir filmes de *cowboy*, eu ficava sempre assistindo com eles. [Então] eu tinha um grande sonho, mas era só um sonho que eu nunca imaginei que poderia realizar: era ser fazendeiro. Hoje eu tenho duas fazendas no Mato Grosso, foi um trabalho árduo, foi tudo muito sofrido, mas foi um trabalho honesto [e] eu consegui.

Eu comprei a [primeira] fazenda em 1982, meu cunhado [e eu] fomos sócios [por] muito tempo e [tínhamos] agricultura no Mato Grosso, mas eu sempre [tive] essa paixão pelos cavalos e pelo gado, [então] hoje eu sou pecuarista: eu tenho vacada e sou produtor de

bezerros. A pecuária nacional é dividida em etapas, quando você come uma carne, não pense que uma pessoa fez aquilo, foi um conjunto de pessoas, [porque] essa produção é segmentada. Então você tem criadores que só têm vacas e touros, eles abastecem o mercado de bezerros. A próxima etapa seria a recria [que] é você pegar estes bezerros e criá-los a pasto até se transformarem em bois magros. Depois outras pessoas especializadas vão pegar esse boi magro, engordar e mandar para o frigorífico. Por que essa segmentação do mercado? Porque antigamente você matava um boi com três anos e meio, [mas] ninguém agüenta ficar três anos e meio sem ter renda, então isso ajudou a especializar toda a arte de manejo para vacada, bois magros ou bois gordos.

[Eu] tenho me dedicado muito à fazenda, eu tenho ficado dois meses aqui e um [mês] lá, porque estou ampliando e ela está se tornando mais produtiva. E estou feliz, porque consegui criar meus filhos, [mas] eles são totalmente cosmopolitas, um é engenheiro [e] o outro é formado em computação. Eu acho que eles vão vender tudo na hora [em] que eu for embora dessa vida, [eles] vão ficar ricos [e] eu continuo vivendo igual pobre [risos]. É uma humilde vida, porque tão pouco basta para você viver, não temos necessidade de grandes coisas, muito mais do que o dinheiro é lindo você ver as vacas com os bezerros no pé, um bezerro que acabou de nascer, um bezerro saltitando, brincando, um potrinho correndo, isso é muito mais bonito, não tem dinheiro que pague.

ENTREVISTA 21

NILO BARBOSA DE OLIVEIRA – BRAGANTINO [66 anos]¹¹⁵

Eu toco um pouquinho [de] viola, mas eu gosto [e] me dedico mais ao violão. [Essa história] é longa, o pessoal vai pensar que eu sou pré-histórico de tanto tempo [risos]. Eu tinha 16 anos quando eu comecei [a tocar], [eu] era novinho, [mas] eu tive só três aulas de violão, [porque] o meu professor morreu e eu não fui mais às aulas, [então] continuei sozinho mesmo, fui aprendendo aos pouquinhos, tocando [e] cantando com os amigos.

[Eu] sou de Cândido Mota, interior de São Paulo, [mas] comecei cantando lá em Assis [quando ainda era] molecão. Eu fiz programa numa rádio do interior de 1968 a 1975 [e] tive uma dupla sertaneja chamada Odélio e Zé Branquinho. Em 1970, nós vencemos um festival na TV Coroados de Londrina. Eu era o Odélio, [mas] eu já mudei tanto de nome artístico... o que pegou mesmo foi o Bragantino, já faz um bom tempo que é Bragantino [e] graças a Deus já está conhecido.

Depois eu ingressei na Orquestra de Violeiros junto com o Marino Cafundó, eu comecei aqui na Casa dos Violeiros, em 1977. [Eu] cantei bastante tempo com o Zé da Viola, [a dupla] mudou o nome [para] Ari e Aristeu, depois eu cantei com um rapaz que já faleceu [e] a minha dupla virou Romildo e Reginaldo, foi mudando de nome, foi mudando de nome [risos]. Depois eu comecei a cantar com o Barreiro [que] era lá de Assis, ele trabalhou muito tempo no Bradesco, [foi quando] meu nome mudou para Bragantino e pegou: Barreiro e Bragantino. Nós gravamos um CD, mas o Barreiro [se] aposentou e foi embora para Assis, [então] acabou a dupla de novo. Eu cantei um ano e meio com o Tião Campeiro, de Mairinque, cantei com os canários do Brasil, ‘Bragantino, Valmeri e Batistelli - os canários do Brasil’, nós não chegamos a gravar, mas cantamos juntos bastante tempo. [Eu] comecei com o Ribeiro em 2005, [a dupla] Ribeiro e Bragantino já [tem] 09 anos. Graças a Deus, estamos com o CD gravado [e] divulgando, nós vamos [em] todo lugar: aniversário de avó, velório de sogra, quando a sogra morrer, pode chamar, porque a gente canta em qualquer lugar [risos].

Eu vim embora para Osasco em 1975, eu estava [com] um ano de casado. No Jardim das Flores [tinha] tanta gente de Cândido Mota que eu pensei que ia acabar a cidade. Se um dia você conversar com alguém [por] ali, pode perguntar: “*você vem de Cândido Mota?*” [risos]. [Eu] vim para cá [por uma] necessidade de mudança de vida, porque meus pais tinham sítio [e] eu trabalhava na lavoura, só que eu queria mudar de vida, eu não queria ficar na lavoura a vida toda. [Então] mudei para cá [e] trabalhei 19 anos numa firma [chamada] Santista têxtil, onde é o Carrefour hoje.

Eu já conhecia São Paulo um pouco, [porque] eu já tinha vindo aqui várias vezes, mas nunca [para] morar aqui. Eu acho que uma pessoa que sai do interior hoje e muda para São Paulo deve entrar em pânico, porque é cruel, né? É uma mudança muito radical. E quando eu vim, São Paulo não era nem um terço do que é hoje, naquele tempo ainda era tranquilo, o trânsito era tranquilo. Quando eu cheguei aqui o pessoal ainda pescava no rio Bussocaba, você acredita? Eu lembro que o cara jogou a tarrafa perto do Jardim de Abril e pegou cascudo. Naquela época tinha parquinho na Primitiva Vianco, eu levava o meu filho pequeninho para passear aos domingos, ainda tinha circo por aqui, hoje não tem mais, então

¹¹⁵ Data de nascimento: 26/09/47 – Data da entrevista: 21/05/14 – Local: Casa do Violeiro do Brasil.

tinham coisas para fazer [aqui] que eu lembrava do interior. E muita música sertaneja porque quando eu escutava música sertaneja, eu cantava junto e chorava porque lembrava do interior.

Então é um negócio que a gente sofre aquele impacto, [mas] depois acostuma. Até uns 06 meses que eu estava aqui, eu tinha vontade de ir embora para o interior, depois [foi] passando. Eu falo que o ser humano acostuma com tudo, com o que é bom e com o que é ruim, né? Na primeira vez que eu saí de férias da firma, eu fui visitar meus pais no interior. Na mesma hora [em] que eu estava achando tão ruim aqui, [eu] fui para lá e vi que eu já tinha acostumado com [essa] vida agitada, lá já estava muito pacato para mim. [Então] voltei, trabalhei de novo e acostumei. Hoje eu moro num lugar muito tranquilo aqui em São Paulo, eu falo que eu não vou embora para o interior nem se eu ganhar na mega-sena, de tanto que eu gosto daqui.

[Eu] trabalhava de segunda a sábado [e] folgava só um dia por semana. Eu estava cansado, [porque] o horário que a firma estipulava para trabalhar, você tinha que trabalhar, [então] eu estava fazendo [um] curso de ferramentaria no Senai de dia e trabalhando à noite. [Quando] chegava no final de semana, no único dia de folga, os amigos queriam que a gente fosse cantar, mas [eu] não tinha mais pique, [então] eu falei: *“ah! eu vou parar com isso, não estou tendo retorno, [estou] trabalhando de noite e os horários [são] muito ruins”*, [então] eu dei o meu violão para a minha sobrinha. [Mas] é engraçado, parece que isso é um vício que está no sangue da gente: eu dei o meu violão para minha sobrinha, passei um mês, dois meses, três meses [sem o violão], [mas] foi me dando aquela vontade de cantar, aquela loucura, [então eu] fui na loja [e] comprei outro violão, estou com ele até hoje.

Eu sempre falo que eu cresci ouvindo um trio chamado Zé Fortuna, Pintangueira e Zé do Fole. O Zé do Fole inclusive toca aqui na nossa casa todo mês, ele já está com oitenta e poucos anos, mas toca sanfona [por] 05 horas em pé, [ele] tem um pique fora do sério... Então eu fui criado no interior ouvindo ‘Zé Fortuna, Pintangueira e Zé do Fole - os maracanãs’. O Zé Fortuna era um poeta nato, ele cantava na extinta rádio Piratininga, aqui em São Paulo, [e] na hora [em] que o locutor Edgard de Souza anunciava: *“com vocês os maracanãs”* o Zé Fortuna falava: *“com licença sertão, com licença amados ouvintes dos mais distantes rincões de nossa pátria, vamos entrar em sua casa, não podemos apertar a sua mão porque nos encontramos distantes, mas aceite através desses poderosos microfones o nosso cordial boa noite dos maracanãs”* [e] o Zé do Fole saía tocando a sanfona dele, era a coisa mais linda e eu decorei isso. A música Paineira Velha era o prefixo do programa e tocava todo dia ao vivo, não era gravado igual hoje. Eu falo que a vida mudou muito, [porque] domingo nós fomos gravar uma coletânea, [mas] eu [estava] rouquinho, [então] fizemos playback, hoje tem como fazer isso. Quando ataca a bronquite, sinusite, faringite, rinite... só não tem holerite [risos], [você] ainda tem um recurso, [mas] naquele tempo não tinha, ele chegava na rádio e cantava ao vivo.

Agora imagine eu morando no sítio, [há] 20 km retirado da cidade de Cândido Mota e escutando num rádio a pilha um poeta chegar na rádio desse jeito? Porque naquele tempo ninguém tinha televisão, nem eletrodoméstico, nem energia elétrica tinha. A gente ia para escola de fazenda, [quando] chegava à noite, fazia a lição de casa com uma lamparina, [então] a gente ia dormir [e] no outro dia estava com o nariz cheio de fumaça da querosene, porque tinha que ficar perto da lamparina para poder enxergar, todo mundo [fazia isso], mesmo os fazendeiros. No sítio tudo é mais difícil, não tinham esses recursos que têm hoje, você não tomava água gelada... eu adorava quando o meu pai falava que ia para cidade para ir [junto] tomar sorvete, porque no sítio não tinha sorvete, a gente ia de carroça [no] fim de semana, [então] eu adorava quando o meu pai falava: *“vamos para a cidade que você vai abrir as*

porteiros”. Quando você ouvir [a música] selva de concreto, então você [vai] ver onde eu nasci e fui criado: “*se eu pudesse voltar lá para o meu sertão e novamente viver como no passado, numa casinha simplesinha ao pé da serra, um lugarejo de montanhas rodeado*”.

[Então] imagine eu com 10 [ou] 12 anos, 14 anos no máximo, ouvindo Zé Fortuna, Pitangueira e Zé do Fole, Pedro Bento e Zé da Estrada, Tonico e Tinoco, Zico e Zeca [que] na época eram os astros da música sertaneja. O rádio era com seis pilhas daquelas grandes, uma pilha Eveready desse tamanho, hoje em dia eu nem vejo mais, atrás do rádio tinha um canudo, [você] enfiava [as] seis pilhas ali e fechava, [então] ele falava uns 15 dias. [O] meu pai comprava pilha prá caramba, porque gastava muito, a gente ouvia rádio o dia todo, de manhã, de noite...

Eu era muito fã do Zé Fortuna porque ela era um poeta que fazia o meu gosto [e] eu fui o único que gravei isso na minha mente. [Quando] eu falei [isso] para as filhas do Zé Fortuna, a Marlene falou: “*Bragantino, onde você for, pode falar isso, o meu pai já se foi, ele vai ficar feliz de você falar*”. Ninguém tem isso gravado, nem a TV Cultura onde ele freqüentava, nem a Rádio Nacional, [nem] a Rádio Piratininga, só eu que gravei na memória. Eu cheguei a cantar com o Pitangueira aqui [e] na primeira vez que eu falei disso, ele encheu os olhos de lágrima e falou para mim: “*Bragantino, você não é tão velho assim, como [é] que você decorou isso? Porque isso é velho!*”. Eu falei: “*mas é que eu gostava demais do jeito que o Zé Fortuna chegava na rádio*”. [Em] toda televisão que eu vou, eu tenho o maior prazer de falar isso, então é um negócio que é meu, né?

Eu aprendia [a] ser poeta junto com o Zé Fortuna. Ele fazia uns dramas, levava no circo [e] as pessoas choravam, eu chorava assistindo aquilo e eu [era] adolescente na época, com 17 ou 18 anos no máximo, então ele era muito artista. O Pitangueira era um palhaço de circo, ele fazia cada coisa no trapézio, ele era muito legal. Então eu não me esqueço disso até hoje. Eu falo que quem canta seus males espanta e comunica-se com Deus, porque a música enobrece a alma, alimenta o ego e conforta o coração. Então quando eu estou cantando, se você me pedir uma música de duplo sentido, eu canto ela sem saber do que eu estou falando, eu estou cantando porque eu sei que você gosta [e] porque você pediu, é uma coisa que está na alma da gente.

ENTREVISTA 22

VREJHI SANAZAR [69 anos]¹¹⁶

O meu nome é Vrejhi Sanazar, sou diretor do jornal Diário da Região há 45 anos e, durante esse período, eu vivenciei como protagonista a história da cidade. [Eu] conheço um pouco da história de antes da cidade, alguma parte dessa história [conhecida] como vida rural, [e] vou tentar lembrar alguns fatos históricos que poderiam contribuir com seu trabalho.

Esse nome Osasco é oriundo de um vilarejo chamado Osasco na Itália, cujo fundador de Osasco-Brasil chamava-se Antônio Agú. [Ele] nasceu nesse vilarejo perto da região de Piemonte, quase [na] fronteira [com] os Alpes Suíços e a França. Eu fui quatro vezes à Osasco na Itália, porque Osasco [no Brasil] é co-irmã¹¹⁷ [dessa] cidade, [aliás] não é nem cidade, é um vilarejo, [porque] são [apenas] 900 habitantes. Igualmente com Xuzhou na China, Tsu no Japão, Gyumri na Armênia e uma cidade chamada Viana, na Angola. Essas cidades são co-irmãs de Osasco e eu, como ex-vereador e dono do jornal, participo das delegações oficiais para esses países.

Antônio Agú era muito empreendedor, muito dinâmico, muito produtivo: ele montou uma olaria de tijolos, foi sócio da empresa chamada Cartiera¹¹⁸ que era [a] fábrica de papel e papelão, ele montou uma industrialização do bicho da seda e foi quem doou a estaçãozinha de trem do km 16 para a Estrada de Ferro Sorocabana. Ele e sua família [também] doaram [um terreno] para a Cúria Metropolitana construir a nossa Catedral, Santo Antônio. [Quando] você fica de costas para a estação de trem e olha para frente, tem uma rua chamada Antonio Agú, [que] leva o seu nome [e] sai na Igreja. Então ele pensou até nisso: nesses contra-pólos, vamos chamar assim, um pólo aqui, um pólo lá. Ele era muito empreendedor.

Osasco teve como primeiro bairro surgido, o bairro de Presidente Altino, cuja denominação é uma homenagem ao antigo presidente da Província de São Paulo, Altino Arantes, naquela época chamava-se presidente da província, hoje [chama-se] governador de São Paulo. A Cerâmica Industrial Osasco, [posteriormente] chamada de Hervy, adquiriu as terras do João Pinto e principalmente do Delfino Cerqueira. Essas terras ficavam localizadas entre o Largo de Osasco, [a] Estrada de Ferro Sorocabana [hoje CPTM] [e] o Rio Tietê. [O] filho dessa família [que era] proprietária da Hervy, chamado Dimitri Sensaud de Lavaud, [realizou] um feito histórico em Osasco. Ele era um ‘playboisão’, um garotão que formatou, numa mecânica nos fundos da fábrica do pai, o primeiro avião a sobrevoar terras brasileiras: [ele] voou perto de 8 metros de altura, partindo do museu [municipal] que [hoje] leva o seu nome, descendo pela avenida João Batista até a empresa Cobrasma, ali ele se espatifou todo, mas foi considerado o primeiro vôo na América do Sul.

[Esta] cerâmica precisava que os seus operários tivessem residência, pudessem trabalhar, ganhar e morar, então ela destinou parte das suas terras para a implantação do bairro, contratando engenheiros ingleses que vieram projetar e executar as obras urbanísticas [de] Presidente Altino, tanto é que esse bairro tem ruas [e] avenidas largas. Com isto, propiciou a vinda de numerosas colônias, por exemplo: armênias, iugoslavas, polonesas,

¹¹⁶ Data de nascimento: 1944 – Data da entrevista: 28/04/14 – Local: Diário da Região.

¹¹⁷ A relação de co-irmandade é o entrelaçamento das duas cidades, das suas comunidades que trocam experiências no âmbito social, cultural, esportivo, por exemplo, quando Osasco firmou convênio com Tsu, no Japão, havia interesse daquele país de montar uma indústria eletrônica em Osasco.

¹¹⁸ Adamas do Brasil S/A.

portuguesas, espanholas e assim por diante. Essas colônias de estrangeiros vieram à procura de emprego e foram trabalhar no Frigorífico Wilson, antes chamado de Matadouro Continental, que ficava na parada de trem do km 14 da Estrada de Ferro Sorocabana. Essas famílias adquiriram terrenos e montaram as suas casas neste bairro, porque precisavam morar perto do trabalho.

[Os] meus pais vieram em 1924, fugidos da guerra, quando houve um grande massacre chamado genocídio armênio, perpetrado pelos turcos otomanos anticristãos que queriam dominar o povo armênio, subjugando-o por conquista de terras [e] por questão religiosa. O armênio é essencialmente um povo voltado para a paz, para o trabalho, para a concórdia e o turco é muito guerreiro. [Eu vou] falar um pouquinho da nação armênia: a Armênia foi a primeira nação no mundo a adotar oficialmente o Cristianismo, por força de um rei que havia perseguido muitos cristãos. [Ele] mandou prender o líder desses cristãos, chamado Surb Grigor Lusavorich, que nada mais é do que o São Gregório Iluminador, por doze anos na masmorra da igreja chamada Khor Virap. Esse rei foi acometido de loucura, [ele] começou a pastar no mato comendo grama e a [sua] irmã, que já professava simpatias pelo Cristianismo e que dava todos os dias às escondidas pão e água para esse santo homem não morrer de fome, falou para o irmão: ‘vamos tirar aquele homem da masmorra, ele vai te abençoar e você vai melhorar’. Dito e feito, [então] o rei perguntou: ‘o que o senhor quer?’. Ele disse: ‘para mim nada, eu quero que você decrete como religião oficial do estado, a religião cristã’. [Então] nasceu no mundo essa questão da primeira nação a adotar oficialmente o Cristianismo, a nação armênia. Doze anos depois, Constantino [também] implantou a religião cristã através de decreto em Roma.

Nós chamamos diáspora quando a pessoa é sofrida no seu lugar de vida, foge para outro lugar e monta ali uma colônia. São cinco lugares que possuem o maior número de colônias armênias fora da Armênia: Estados Unidos, Inglaterra, França, Argentina e Brasil. Muitos armênios fugiram em razão de ter havido esse genocídio em 1915. Com isso meus pais vieram para o Brasil, aportaram em Santos e [foram] orientados a procurar a Igreja Armênia de São Paulo [e] o Serviço de Migração no Brás, [onde] orientaram que se eles quisessem trabalhar, teriam emprego fácil nesse Frigorífico Wilson.

Os armênios que vieram trabalhar no Frigorífico Wilson montaram a primeira Igreja Armênia do Brasil, isso por volta de 1934. Em Presidente Altino existe, [portanto], a mais antiga Igreja Católica Apostólica do rito Ortodoxo, que não é subordinada ao papado de Roma, mas que tem um patriarcado próprio. Com a construção da igreja, construiu-se também a escola armênia, lecionando português e armênio. Essas pessoas também lutavam por uma conquista maior do bairro em se tornar urbano e deixar de ser aquela fazenda que era antigamente, [pois] eram terras devolutas, eram terras abandonadas.

O meu pai era comerciante na Armênia, [trabalhou aqui no] Frigorífico Wilson, depois saiu e foi ser mascate junto com meu avô, foram mascatear. O que é mascate? Os árabes, por exemplo, compram mercadoria e vão vender nos sítios, nas fazendas, nas chácaras, como Santana de Parnaíba [e] Carapicuíba, [eles comercializavam] tudo quanto é tipo de armarinhos, [mas] isso estou falando coisa de 80 anos atrás, né?

O meu pai foi industrial, [ele] foi o precursor do plástico chamado galalite, depois ele começou a fabricar aquela chupetinha das bonecas Estrela, fabricava argola para cortinha, pincel de barba, agulha de crochê, agulha de tricô, tudo em Presidente Altino. Não [havia práticas] rurais [na minha família], [mas] em Presidente Altino, na avenida Eulálio de Carvalho, hoje Oswaldo Colino, tinha uma senhora chamada Turca da Sorte, ela lia a mão das pessoas como se fosse uma cartomante e tinha vacas leiteiras. O marido dela ia para São

Paulo levar a coalhada feita desse leite, porque a coalhada armênia é diferente da coalhada de iogurte normal. [Ele] tinha uma clientela fixa na [rua] 25 de março que adquiria essa coalhada feita aqui.

Nós nascemos em Presidente Altino, numa família de 08 filhos, [sendo] um falecido, que é o Hirant [Sanazar] [e] que foi prefeito. Hoje, por orgulho nosso, o meu irmão empresta o seu nome a algumas vias públicas e alguns prédios públicos, como, por exemplo, a avenida Hirant Sanazar, aqui em Osasco, a Fatec Hirant Sanazar, no bairro de Vila dos Remédios, o trevo Hirant Sanazar de Jandira-Itapevi-Aldeia Serra, na Castelo Branco, e a partir de agora, a ponte do Jaguaré sobre o rio Pinheiros vai se chamar Hirant Sanazar.

Deixa eu falar também de outro irmão [Achoute Sanazar]: ele tem 90 anos de idade, vai comemorar agora dia 30 de maio. Ele nasceu em 1924 e foi farmacêutico no bairro de Presidente Altino durante 75 anos, só parou em janeiro do ano passado por causa do avanço da idade, [ele] era um verdadeiro médico do bairro. Naquele tempo, [há] 60 anos atrás, o espectro da penicilina, por exemplo, era muito pequeno, aquele remédio funcionava só durante 02 horas no corpo da criança, [então] aquela injeção tinha que ser ministrada de duas em duas horas para não perder o efeito. Ele saía da sua casa, meia noite, 02 horas da manhã, 04 horas da manhã, 06 horas da manhã, 08 horas da manhã [e] ia até a casa do operário de bicicleta. Muitas vezes, eles deixavam o barraco com a porta aberta para ele poder entrar, [ele] aplicava a injeção na criança, ia embora e muitos pais não sabiam que ele tinha entrado ainda, tamanha era dedicação dele. Achoute Sanazar foi vereador por três vezes, o mais votado, [e também] foi presidente da Câmara.

Agora vamos falar um pouquinho da parte política: Osasco era um bairro abandonado de São Paulo, era o 14º subdistrito da capital, pertencia ao bairro do Butantã. Osasco lutou e conquistou a sua emancipação. Plebiscito é uma consulta popular [em] que o Tribunal Regional Eleitoral, por decisão da Assembléia Legislativa, marcava o dia das eleições para o povo comparecer e dizer: ‘quer se emancipar ou não?’, [ou seja], quer tornar-se município ou quer continuar sendo bairro da capital? Quando houve um plebiscito [em] 1953, o ‘não’ ganhou, [mas] em 1958, o ‘sim’ ganhou. A emancipação, [entretanto], somente foi consolidada em 1962, porque houve sucessivos recursos impetrados pelos prefeitos de São Paulo que não queriam que Osasco se desgarrasse da capital, para não servir até [mesmo] de pretexto para [que] outros sub-distritos como São Miguel Paulista, Santo Amaro, Perus [ou] Pirituba também quisessem se desgarrar, também [quisessem] se emancipar e com isto se perderia a hegemonia da territorialidade da cidade de São Paulo. Então, em 1962, por decisão do Supremo Tribunal Federal, Osasco conquistou e convalidou sua emancipação com a eleição e posse dos seus primeiros governantes. O primeiro governante foi Hirant Sanazar que tornou-se prefeito da cidade com 32 anos de idade, mais o vice-prefeito Marino Pedro Nicoletti e mais 23 vereadores daquela legislatura.

Hirant [Sanazar] sempre foi um entusiasta das coisas cívicas, patrióticas, tanto é que ele fundou a JUCO [Juventude Cívica de Osasco] dois meses depois de ter tomado posse, no dia 26 de abril de 1962. Hirant [Sanazar] foi escoteiro aos 04 anos de idade [e] já era chefe de escotismo aos 18 [anos], cuidando de centenas de escoteiros, aqui no bairro de Presidente Altino. A JUCO nada mais é do que alguma coisa que ele aprendeu dentro deste espírito de patriotismo. O que, aliás, é a menina dos olhos de Osasco: são 1.100 jovens, de 15 a 18 anos [de idade], meninos e meninas que envergam a farda, trabalham no comércio, na indústria, no serviço público, recebem um salário, estudam, comem na JUCO e acabam recebendo ensinamento com ética, decência [e] dignidade, para servirem à nação através de uma prestação de serviço decente, ganhando um bom salário, criando família e assim por diante.

Hirant [Sanazar] tinha por vontade, por determinação dele, como homem cívico [e] patriótico, fazer coisas voltadas para a brasilidade, para a nacionalidade. Dentro deste espírito, ele montou em 1962, por exemplo, JUCO, a Corporação Musical Santo Antônio de Osasco e também o Clube dos Cavaleiros e Charreteiros de Osasco. Esse clube teria hoje [mais de] 50 anos de existência, que nada mais é do que a união de cavaleiros e charreteiros que devotavam amor ao cavalo, o animal nobre, e que normalmente faziam festas como o 07 de setembro: [eles] desfilavam na avenida dos Autonomistas, reunindo centenas de cavaleiros que se regozijavam pela data magna da liberdade, da Independência do Brasil. Eu sempre tive carros de som, há 50 anos do jornal, eu já tinha um serviço de carros de som [para] propaganda. Então, eu era garoto, [mas] eu já participava dos desfiles e fazia a locução dos carros de som que iam à frente anunciando para população. Por exemplo, [eu] me lembro [de] alguma coisa assim: *“Alô amigos, não deixe de sair à porta da sua residência para ver o desfile dos cavaleiros da emancipação de Osasco, estamos rumando para o desfile do sete de setembro...”*.

[O grupo mantinha atividades] sociais, culturais [e] filantrópicas, sempre voltadas para a sociedade, para a comunidade como um todo. A diretoria não recebia dinheiro [ou] salário, nada disso, era vocação para servir ao próximo. [O grupo] era muito grande: 300, 400, 500 cavaleiros, a maioria [de] Osasco, Carapicuíba [e] um pouco [de] Barueri. A última [participação] foi há 11 [ou] 12 anos, antes do meu irmão falecer. Aliás, falecimento este que me emociona muito ao dizer, se deu há dez anos, dentro desse diapasão de falar que ele era patriota, nacionalista [e] cívico. Ele começou a morrer no dia 19 de novembro quando estava discursando no calçadão da rua Antônio Agú sobre o papel da bandeira como símbolo nacional [para] vários segmentos da sociedade¹¹⁹ [que] estavam ali representados na cerimônia do Dia da Bandeira.

[Os] armênios também contribuíram para a criação do Clube dos Cavaleiros de Osasco. Eu me lembro [que] muitos armênios participaram da elaboração dessa associação. Eram pessoas afeiçãoadas ao cavalo que precisavam de um clube, precisavam se unir em torno de uma associação que pudesse lutar pelos interesses da comunidade, voltados para esse segmento [de] cavalo, charrete, de gostar dos animais e assim por diante. O jovem ou o senhor de idade tem amor pelo cavalo e na hora em que ele monta num cavalo, ele parece um rei, porque o cavaleiro em cima de um cavalo se torna rei, ele é o dono do mundo.

[Os animais eram utilizados para] lazer, [para] passeio, por exemplo, [no] dia de Santo Antônio, que é o padroeiro [da cidade], tinha a procissão e também a quermesse, esses cavaleiros sempre participavam. Hoje nós ainda temos em Osasco muitos cavaleiros que participam da solenidade de 07 de setembro e depois fazem um churrasco no fundo do quartel do exército em Quitaúna, como faziam na época do meu irmão.

[Eu] acho que [Hirant Sanazar] já tinha cavalo com 20 anos [de idade], quando ele foi estudar Direito. Ele tinha só um [animal] por vez, porque a profissão dele era advogado, então ele trabalhava como advogado ou como político e o cavalo era para ele [um] lazer, não era nem esporte, porque ele era goleiro de futebol, era corintiano. [Então] ele alugava terrenos, construía uma garagem, um tipo de cocheira, inicialmente em Presidente Altino, [depois] ficou uma época na Vila São José e a maior parte aqui no Bela Vista, [ele] teve por muito tempo também a cocheira do cavalo dele no fundo do quartel de Quitaúna. Mas ele usava o cavalo como lazer, ele não mercantilizava, ele não comprava e vendia cavalos.

¹¹⁹ Integrantes da JUCO, colegiais, Polícia Civil, Polícia Militar, Guarda Municipal, entre outros.

Aliás, por falar em cavalo, quando ele era prefeito, os funcionários da prefeitura fizeram uma cotização, uma vaquinha, cada um deu um pouquinho de dinheiro e acabaram comprando de presente, para o dia do seu aniversário, um cavalo lindo de morrer chamado Satélite. Esse cavalo fez o filme do Mazzaropi de tão bonito que ele era e depois de 40 anos eu comprei um neto desse cavalo e levei para o meu sítio. Há dez anos, nós temos a Ecolândia, é um sítio ecológico [no] município de Araçariguama, [no] km 50 da Castelo Branco, onde vão cerca de 1.000 crianças por dia [para] aprenderem o meio ambiente, a sustentabilidade [e] assim por diante. Nós temos 17 cavalos lá, um mais lindo do que o outro.

Eu gosto [da cultura caipira], eu vou sempre [para] Embú [e] Itú, eu vou na Festa do Divino. O nobre animal cavalo sempre tem evidência nessas festas. Embora minha família seja multirracial em termos de música [por exemplo, a gente adora músicas armênias porque trazem a lembrança dos nossos pais] [dentro da cultura adquirida no Brasil, gostamos de] *country* claro... mais eu e o Hirant, o Asholt nem tanto. Acho que [adquirimos esse gosto] ao longo do tempo, não tem como precisar. Depois da procissão de 13 de junho, por exemplo, normalmente tinha uma quermesse e eu sempre participava dessa quermesse. Eu [também] participava muito da Fogueira de Quitaúna: quando Osasco era um bairro da capital, existia em frente ao Parque dos Paturis um matadouro de bois da prefeitura de São Paulo que fornecia para o Tendal da Lapa. O Tendal [da Lapa] era o entreposto de carnes, [onde] os açougueiros compravam [para] vender nos seus açougues. E isso eu lembro: matava-se esse boi aqui na divisa com Carapicuíba, ali [também] havia uma cocheira dos burros que puxavam os carroções de lixo da prefeitura de São Paulo. [Então] na época junina ou julina, se fazia uma fogueira enorme com toras de madeira e os cavaleiros promoviam esta festa.

ANEXOS

ANEXO A – PROJETO DE LEI Nº 34/62

Considerando o estado de abandono em que se encontra a denominação e a numeração dos prédios nas ruas, avenidas e logradouros públicos do Município;

Considerando a extensão territorial do Município e as implicações nos futuros planos de governo da cidade;

Considerando que a solução desses problemas tem por condição “sine quaa non” conhecer todos os pormenores geo-topográficos do Município;

Considerando que com a autonomia o Município obteve jurisdição administrativa no âmbito de seu território;

Considerando que o desconhecimento da exata extensão territorial da jurisdição administrativa do Município causará confusões de natureza político-administrativa, principalmente de natureza fiscal-tributária, com os Municípios confinantes;

Considerando a calamidade de que reveste a denominação das ruas, avenidas e demais logradouros públicos da cidade, bem como a desordem em que se encontra a numeração dos prédios neles existentes;

Considerando que tais providências, como é óbvio, interessam ao bem comum da coletividade do Município,

A CAMARA MUNICIPAL DE OSASCO DECRETA Projeto de Lei nº 34/62

(Autoriza o Poder Executivo Municipal a elaborar o mapa geográfico de todo o Município de Osasco com o levantamento aerofotogramétrico, se necessário, a fim de dar denominação a todas as ruas, avenidas, praças e logradouros-públicos, atualizando a numeração dos prédios.)

Artigo 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a fazer o levantamento aerofotogramétrico de todo o Município de Osasco, a fim de, a seguir, elaborar a planta física e política do Município;

Artigo 2º - A execução do levantamento aerofotogramétrico, e a elaboração da planta geográfica política e física do Município, serão procedidos e precedidos através de concorrência pública que será aberta pelo Poder executivo Municipal;

Artigo 3º - Elaborada a planta geográfica política e física do Município, o Poder Executivo Municipal, através de seus órgãos executivos competentes, fará a indicação de tôdas as ruas, avenidas, vias de acesso, praças e de mais logradouros públicos, para os quais se deve dar denominação oficial. Deverão ser indicados também os bens públicos existentes no território do Município de Osasco. Pronta tal indicação, o Poder Executivo Municipal a remeterá ao Poder Legislativo acompanhada da planta geográfica política e física, e todos os demais elementos levantados, com relatório circunstanciada, a fim de que o mesmo Poder Legislativo discuta e vote as denominações.

Artigo 4º - Denominadas e oficializadas tôdas as ruas, avenidas, praças e logradouros públicos do Município, o Poder Executivo determinará, através dos órgãos administrativos competentes, a renumeração dos prédios, de maneira a obedecer ordem crescente métrica a partir do centro do Município para a periferia.;

Artigo 5º - Para a fixação das fronteiras do Município de Osasco com os Municípios confinantes, fica o Poder Executivo Municipal autorizado a propor a criação de comissões mistas de técnicos especializados com os demais governos municipais fronteiriços. Destas comissões mistas deverá fazer parte necessariamente um vereador de Osasco, indicado pela Mesa da Câmara Municipal.

Artigo 6º - Para a execução da presente lei fica o Poder Executivo autorizado a liberar uma verba de C\$..... que será contabilizada em conta própria.

§ Único: Não havendo disponibilidade financeira imediata, o Poder Executivo poderá contrair empréstimo do Poder Público federal ou Estadual até o montante fixado neste Artigo.

Artigo 7º - O Poder Executivo Municipal baixará decreto regulamentando a presente Lei de forma a cumpri-la fielmente, tendo em vista os altos interesses da comunidade municipal.

Artigo 8º - A remessa de que trata o Artigo 3º desta Lei deverá ser precedida pelo Poder Executivo Municipal dentro de 18 (dezoito) meses a contar da data da publicação desta Lei.

Artigo 9º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Câmara Municipal de Osasco
Sala das Sessões, 6 de abril de 1962.

AUTORIA DO VEREADOR ANÍSIO NUNES

Registrado no livro de Reg.Geral
1 à fla 32, são nº 224
Secretaria da Câmara Municipal de
Osasco, 9 de 4 de 1962.

ANEXO B – DECRETO 42/62

DISPÕE SOBRE A DELIMITAÇÃO DA ZONA URBANA DO MUNICÍPIO.

Hirante Sanazar, Prefeito do Município de Osasco, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei, e tendo em vista o que estabelece o artigo 116, e seu parágrafo primeiro, da Lei nº 1, de 18 de setembro de 1947 (Lei Orgânica dos Municípios), Decreta:

Art. 1º - Constitui a Zona Urbana do Município a área compreendida pelo seguinte perímetro:

Começa no cruzamento da Estrada do Mutinga com a estrada dos Remédios, segue pela estrada do Mutinga numa distância aproximada de 2.500m, até encontrar a direita um córrego sem nome, próximo do Jardim Baroneza; defletindo à direita, segue pelo córrego sem nome, pela Rua 22, e pelo seu prolongamento Rua a, Numa distância aproximada de 500 metros, até encontrar a Rua 6; defletindo a direita segue por esta uma distância aproximada de 500 metros, até encontrar a Rua 18; defletindo a esquerda segue por esta numa distância aproximada de 200m até encontrar a Rua i ou l; defletindo à direita segue por esta e seu prolongamento, Ruas B, C e D, numa distância total de 650m, até encontrar a Estrada Velha de Parnaíba, defletindo à direita, segue por esta numa distância aproximada de 800m. até encontrar, a esquerda o prolongamento de um córrego sem nome; defletindo à esquerda; segue pelo prolongamento e pelo córrego sem nome, numa distância aproximada de 400m, até encontrar a Rua 9, junto a viela 12, do Bairro Cidade Munhoz; segue pela rua 9, numa distância aproximada de 200m, até encontrar a Rua 13; defletindo a esquerda, segue por esta numa distância aproximada de 50m. até encontrar a Rua 16; defletindo à direita, segue por esta numa distância aproximada de 250m. até encontrar a a viela 24; defletindo à esquerda segue por esta numa distância aproximada de 100 metros até encontrar a Avenida 1, junto a uma praça sem nome; segue pela Avenida 1, numa distância aproximada de 250 metros, até encontrar a Rua 25; defletindo à esquerda, segue por esta e seu prolongamento, numa distância total aproximada de 600 metros, até encontrar a divisa oeste do Jardim Elvira; defletindo, segue pelas divisas oeste e sul do jardim Elvira e Vila Serventina, contornando esses bairros, numa distância aproximada de 1400 metros, até encontrar a Estrada Mutinga; defletindo a direita. Segue por esta numa distância aproximada de 500m, até encontrar, a direita, uma Avenida sem nome; defletindo à direita, segue pela Avenida sem nome, do Jardim Piratininga, numa distância aproxima de 1100 metros, até encontrar uma rua sem nome, próximo ao final da Rua Padre Anchieta; defletindo à esquerda, segue pela rua sem nome uma distância aproximada de 350m, até a Avenida Jorge Pires; defletindo a esquerda, segue por esta numa distância aproximada de 56m, até a Rua Padre Vieira; defletindo a direita, segue por esta e eu prolongamento numa distância aproximada de 1000m, até encontrar as linhas da Estrada de Ferro Sorocaba; defletindo a direita, segue por esta numa distância aproximada de 1400m; até encontrar o Rio Carapicuíba; defletindo à esquerda, segue por este numa distância aproximada de 300m, até encontrar o prolongamento d Avenida 3, de Vila Quintauna; defletindo à esquerda, segue pelo prolongamento da Avenida 3, numa distância aproximada e 20 metros, até a Rua 16; defletindo à direita, segue por esta numa distância aproximada de 450m, até a rua sem nome; defletindo à direita segue por esta numa distância aproximada de 660m, até o prolongamento de outra ua se nome, situada na parte Sul de Vila Quintauna; defletindo a esquerda, segue pelo prolongamento e por esta, fazendo uma curva a esquerda, numa distância aproximada de 750m, até encontrar outra rua sem nome; defletindo a direita, segue por esta última rua sem nome, numa distância aproximada de 20 metros, até encontrar a rua D de vila Quitauna; defletindo à esquerda, segue por esta, numa distância aproximada de 700m, até a Rua René; defletindo à direita, segue em linha reta pelo prolongamento da Rua René, numa distância aproximada de 400m, até a Avenida; defletindo

à direita, segue por esta e por seu prolongamento em linha oblíqua; numa distância aproximada de 1600m, até encontrar um córrego sem nome afluente do Rio Carapicuíba; defletindo à direita, desce por esse córrego numa distância aproximada de 600m, até encontrar, a direita, um outro córrego sem nome; defletindo à esquerda, sobe por este numa distância aproximada de 100m, até encontrar uma rua sem nome; defletindo a direita, segue por esta fazendo inicialmente, uma pequena curva à esquerda, e a seguir uma curva aberta para a direita, numa distância total aproximada de 1150m, até encontrar uma rua sem nome, do prolongamento da rua 11, do Jardim Santo Antonio; defletindo à direita, segue pela rua sem nome, numa distância aproximada de 500 metros, passando pelo Parque São Nicolau, até encontrar a outra rua sem nome; defletindo à esquerda, segue por esta numa distância aproximada de 350m até encontrar a Avenida 1, do Jardim Santo Antonio; defletindo à direita, segue por esta numa distância aproximada de 100m, até a Rua 20; defletindo à direita, segue por esta numa distância aproximada de 350m, até a Rua 25, ou sem nome, situada próxima a um valo; defletindo à esquerda, segue por esta numa distância aproximada de 350m, até a Rua 7, do Jardim Veloso, segue por esta e seu prolongamento em curva também Rua 7, numa distância total de 500m, até a Rua 6, defletindo à esquerda, segue por esta numa distância aproximada de 500m, até uma rua sem nome, situada ao sul do Jardim Sano Antonio; defletindo à direita segue por esta numa distância aproximada de 450m, até encontrar um córrego sem nome; segue por este, até encontrar à direita, numa distância aproximada de 400m, uma rua sem nome, situada a Este do jardim Santo Antonio; segue pela rua sem nome, numa distância aproximada de 200m, até encontrar o prolongamento da Rua 5, d jardim Bela Vista; defletindo à direita, segue pelo prolongamento e pela Rua 5, numa distância aproximada de 400m, até encontrar a Rua Flora, situada a Este do Jardim Bela Vista; defletindo à direita, segue por esta numa distância aproximada de 100m, até encontrar um córrego sem nome; defletindo à esquerda, segue por este córrego, situado na divisa sul e Vila Sindona, numa distância aproximada de 600m, até encontrar o córrego Bussocaba; defletindo à direita sobe por este numa distância aproximada de 500m, até o prolongamento da Estrada de Bussocaba; segue pelo prolongamento e por esta numa distância aproximada de 700m, até a Rua 60 do Jardim D`Abril; defletindo a esquerda, segue por esta numa distância aproximada de 150m, até a Avenida A, no Jardim D`Abril; defletindo à direita segue por esta numa distância aproximada de 250m, até a Rua 25; defletindo à esquerda, segue por esta e seu prolongamento numa distância aproximada e 300m, até encontrar a divisa a Este do Jardim D`Abril situada próximo ao Córrego Espanhol; segue pela divisa Este do Jardim D`Abril, numa distância aproximada de 600m, até encontrar a divisa Sul do jardim Nossa Senhora de Salena Jardim Nossa Senhora da Glória; defletindo a direita, segue pelas divisas Sul e Este do Jardim Nossa Senhora da Glória contornando esse arruamento, numa distância total de 700m, até encontrar a divisa sul do Jardim Oriental; defletindo à direita, segue pela divisa Sul, do Jardim Oriental, numa distância aproximada de 300m, até encontrar o prolongamento de um córrego sem nome, junto a uma praça, defletindo a esquerda segue pelo prolongamento e pelo córrego sem nome, até um ponto sobre o córrego situado aproximadamente, a 600m da Estrada do Bussocaba; defletindo à direita, segue por uma linha reta paralela a Estrada de Bussocaba numa distância aproximada de 500m., até uma pequena praça situada no final da rua Cuerva Torres; defletindo à esquerda segue por esta numa distância aproximada de 100m, até encontrar o prolongamento da divisa este do jardim Umuarama; defletindo à direita, segue pelo prolongamento e pela divisa do Jardim Umurama, numa distância aproximada de 350m, até encontrar a Rua Bussocaba; defletindo a direita segue por esta numa distância aproximada de 700m, até encontrar a Rua da Pedreira; defletindo à esquerda segue por esta numa distância aproximada de 1400m, até encontrar a Rua B; defletindo à direita, segue por esta numa distância aproximada de 100m, até a Rua C; defletindo a esquerda, segue por esta numa distância aproximada de 250m, até a Estrada de Itu; deflete a esquerda seguindo pr esta até a

divisa do Município, e por esta até encontrar a Estrada do Mutinga, princípio desta demarcação.

Parágrafo Único - Incluem-se na Zona Urbana ainda que as áreas sejam exteriores a ela, os imóveis que tenham frente ou lado para as lindes referida neste artigo.

Art. 2º - A área exterior definida no artigo 1º, com a restrição constante do seu parágrafo Único, constitui a Zona Rural.

Art. 3º - O presente decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Osasco, 28 de dezembro de 1962.
Hirant Sanazar Prefeito Municipal

ANEXO C – PLANTA DE USO DO SOLO MAIS ANTIGA DO MUNICÍPIO (1967)

ANEXO D – ESTABELECIMENTO DAS INDÚSTRIAS NA REGIÃO

INDÚSTRIA	PRODUTO
1912 - Cerâmica Industrial Osasco Ltda. – Hervy	cerâmica
1914 - Frigorífico Continental	processamento de carnes
1923 - Cotonifício Beltramo S/A	tecidos
1929 - Cia. Sorocabana de Material Ferroviário - SOMA	material ferroviário
1930 - Fósforos Granada	fósforos
1934 - Frigorífico Wilson do Brasil S/A (ex-Continental)	processamento de carnes
1941 - Eternit do Brasil Cimento e Amianto S/A	fibrocimento
1944 - Cobrasma	material ferroviário
1945 - Indústria Elétrica Brown Boveri S/A	energia
1946 - Cia. Industrial e Mercantil de Artefatos de Ferro - CIMAF	cabos de aço
1950 - Fábrica de Tecidos Tatuapé S/A (Santista Têxtil)	tecidos
1951 - Adamas do Brasil S/A	papelão
1951 - Lonaflex S/A - Guarnição para Freios	guarnição para freios
1951 - Hoeschst do Brasil	química
1951 - Rilsan Brasileira S/A	química
1952 - Benzenex - Cia Brasileira de Inseticidas	inseticidas
1954 - Induselet S/A Indústria de Material Elétrico Charleroi	material elétrico
1954 - Indústria Alves e Reis S/A	fósforos
1955 - Osram	lâmpadas
1957 - Cimento Santa Rita	cimento
1958 - Masul S/A - Madeiras Sul-Americanas	madeiras
1959 - Ford Motor do Brasil S/A	carros
1959 - Braseixos Rockwell S/A	materiais automobilísticos
1960 - S/A White Martins	química
1961 - Resisthal - Aços de Alta Resistência	aço
1961 - Cersa Colas e Resinas S/A	colas e resinas

Fonte: www.camaraosasco.sp.gov.br